

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Clara Calazans Espindola

Falar sobre roupas e falar sobre si:
um estudo sobre o lugar das roupas em narrativas de vida

Florianópolis

2021

Clara Calazans Espindola

Falar sobre roupas e falar sobre si:

um estudo sobre o lugar das roupas em narrativas de vida

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Alexandre Bergamo Idargo.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Espindola, Clara Calazans
Falar sobre roupas e falar sobre si : um estudo sobre o
lugar das roupas em narrativas de vida / Clara Calazans
Espindola ; orientador, Alexandre Bergamo, 2021.
215 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Roupas. 3. Narrativa. 4.
Memória. 5. Narrativa de vida. I. Bergamo, Alexandre. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

Clara Calazans Espindola

Falar sobre roupas e falar sobre si:
um estudo sobre o lugar das roupas em narrativas de vida

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Bacharel em Ciências Sociais” e aprovado em sua forma final pelo
Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 24 de maio de 2021.



Documento assinado digitalmente
Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino
Data: 28/06/2021 06:40:39-0300
CPF: 046.352.526-47
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Alexandre Bergamo Idargo
Data: 26/06/2021 11:26:56-0300
CPF: 102.475.818-44
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Alexandre Bergamo Idargo Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Miriam Pillar Grossi
Data: 23/06/2021 10:19:52-0300
CPF: 365.947.170-49
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Miriam Pillar Grossi Dra.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Leticia Borges Nedel
Data: 25/06/2021 14:48:54-0300
CPF: 641.961.270-53
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Leticia Borges Nedel Dra.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esse trabalho à memória do Vô Pedro, que gostava muito de contar histórias, e me ensinou que a linha entre realidade e fantasia é tênue e nem sempre importa.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não poderia ter sido feito sem a orientação do professor Alexandre Bergamo, que ao longo dos últimos anos me mostrou uma maneira de fazer Sociologia, que é também uma maneira de ver o mundo. Agradeço também às professoras Miriam Pillar Grossi e Letícia Borges Nedel, pelas sugestões, conselhos e reflexões no momento da banca e por aceitarem ler as (por vezes excessivamente longas) páginas dessa pesquisa em seu formato final. Agradeço também ao professor Rodrigo da Rosa Bordignon, pela atenção e pelo diálogo durante e após o meu período de Iniciação Científica.

Agradeço sobretudo aos meus pais, por absolutamente tudo. Ao meu pai, Eudes, agradeço especialmente por sempre esperar o melhor de mim, e por me dar no seu orgulho um motivo pelo qual me esforçar, quando os outros motivos me parecem nublados. À minha mãe, Vani, agradeço por ser a pessoa que me traz paz todos os dias, por ser meu maior modelo de mulher e minha melhor amiga.

A Bruno De Santi eu agradeço por muitas e muitas coisas que não caberiam aqui, mas entre as quais estão a paciência, o poder de me tranquilizar e o fato de ter estado sempre ao meu lado nos últimos cinco anos, me fazendo prestar atenção no presente. A Savio Rodrigo Nardelli, agradeço o companheirismo e as risadas que tornaram o CFH um lugar habitável para mim. A Ana Luísa Schoenell e Helena Valerio, agradeço por terem me ouvido e vivido comigo todas as rupturas, crises e transformações da adolescência e do amadurecimento - e isso não é dizer pouco.

E essa pesquisa jamais poderia ter sido feita, é claro, sem a participação de todas as pessoas que aceitaram me contar sobre suas roupas e me permitiram falar sobre suas histórias.

Beware of all enterprises that require new clothes.
(THOREAU, 1995)

RESUMO

A presente pesquisa busca entender de que modo jovens entre 20 e 29 anos interpretam as transformações nos seus modos de vestir ao longo de suas vidas, com o objetivo de identificar formas compartilhadas de narrar as relações que as pessoas estabelecem com as roupas. A pesquisa foi realizada com base em entrevistas feitas através de mensagens de voz no aplicativo de comunicação WhatsApp com 46 jovens, majoritariamente universitários ou recém-formados pertencentes a camadas médias urbanas. Ao responder à pergunta “você poderia me contar sobre as formas como você se vestiu e se veste, no passado e no presente?”, essas pessoas construíram narrativas sobre a vida (*life stories*) ao redor do tema das roupas, que evidenciam que as vidas são vividas, lembradas e narradas em meio a uma cultura, a partir da qual as experiências ganham significado. Assim, embora cada narrativa seja uma história particular, os entrevistados compartilham formas recorrentes de falar sobre a infância, a adolescência, a vida adulta; sobre o significado, o valor, a função e o poder das roupas e sua relação com a pessoa que as veste; sobre moda, conforto, estilo, pessoa e personalidade. Argumenta-se, por fim, que as pessoas se relacionam com suas roupas a partir de um engajamento corporal, emocional, sensorial, relacional e biográfico. Ao falarem sobre suas roupas, esses jovens estão falando também sobre suas relações com outras pessoas e sobre suas memórias sobre experiências, períodos, lugares, sentimentos e conflitos. O fato de que as roupas e as memórias sobre as roupas condensam em si uma série de relações faz com que falar sobre elas seja um caminho por meio do qual esses jovens podem interpretar retrospectivamente a sua própria vida e o seu lugar no mundo, costurando seu passado, seu presente e suas expectativas sobre o seu futuro.

Palavras-chave: Roupas. Memória. Narrativa. Narrativa de vida.

ABSTRACT

This research aims to understand the way people aged 20 to 29 interpret the transformations in the ways they dressed throughout their lives, in order to identify shared narratives about the relationships that people establish with their clothes. The research was based on interviews conducted through WhatsApp with 46 people, mostly college students and recently graduated young adults from urban middle-classes. In replying to the question “could you tell me about the ways you dress and dressed, in the past and in the present?”, they construct life story narratives around the theme of clothes, and these stories show that lives are lived, remembered, and told amid a culture, from which experiences take on meaning. Thus, although each narrative is a particular story, the interviewees share recurrent ways of talking about childhood, teenagehood, adult life; about the meaning, value, function and power of clothes and the relation between garments and the person that wears them; about fashion, comfort, style, personhood, and personality. It is argued that people develop a corporeal, emotional, sensorial, relational, and biographical engagement with their clothes. In speaking about their clothes, these people are talking about their relationships with other people and their memories about experiences, times, places, feelings, and conflicts. Given that garments and memories about them condense diverse relations, in speaking about them these people can retrospectively interpret their own lives and their place in the world, connecting their past, their present and their expectations about the future.

Keywords: Clothes. Memory. Narrative. Life story.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FAZER PESQUISA ATRAVÉS DO INSTAGRAM E DO WHATSAPP.....	21
2.1. Como eu cheguei até aqui.....	21
2.2. Construindo a pesquisa.....	23
2.3. Os participantes.....	30
2.4. Narrar uma vida em mensagens de voz.....	38
2.5. O trabalho da escrita.....	44
2.6. Falar de dentro e falar de fora.....	45
3. FALAR SOBRE ROUPAS E FALAR SOBRE SI.....	48
4. INFÂNCIA E RUPTURA.....	58
4.1. Roupas genéricas e roupas com significado.....	62
4.2. Pureza e corrupção.....	70
4.3. O domínio dos pais e uma autonomia desejada.....	81
4.4. Independência e dependência.....	86
5. ADOLESCÊNCIA E AMADURECIMENTO.....	91
5.1. Uma personalidade independente das roupas.....	106
5.2. Insegurança sobre o corpo e sobre si.....	113
5.3. Expressar uma personalidade através das roupas.....	120
5.4. Ter ou não ter um estilo.....	131
5.5. Universidade: um espaço de pessoas individuais.....	137
5.6. Negociando a entrada na vida adulta.....	144
5.7. Breve comentário sobre se vestir na quarentena.....	149
6. RELAÇÕES COM E ATRAVÉS DAS ROUPAS.....	152
6.1. Uma relação tensa com as roupas.....	152
6.2. Roupas que nos fazem sentir bem.....	157
6.3. A circulação de roupas.....	165
6.4. Roupas que ficam guardadas na memória.....	178
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
REFERÊNCIAS.....	196
ANEXO A - Modelo do questionário.....	202
ANEXO B - Dados gerais sobre os participantes.....	204
ANEXO C - Dados individuais sobre os participantes.....	208

ANEXO D - Mapa de acesso aos participantes.....	213
ANEXO E - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	214

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o antropólogo Victor Turner (1974), os ritos de passagem performados em diversas sociedades frequentemente exigem que seus participantes estejam nus, vestidos apenas com trapos, ou com roupas idênticas, seja qual for a hierarquia entre eles fora do momento ritual. Esse modo de vesti-los indica sua anonimidade: enquanto seres rituais, que estão passando por esse momento liminal caracterizado pela suspensão de todas as estruturas sociais, eles não têm nome, propriedade, classe, gênero, posição no sistema de parentesco – enfim, nada que os particularize. A fase liminar dos ritos de passagem é frequentemente associada ao estado do bebê no útero, e os ritos de agregação, através dos quais essas pessoas serão novamente inseridas nas estruturas sociais em diferentes posições, são associados a um (re)nascimento: o nascimento da pessoa para uma nova posição dentro da sociedade. Como parte desses ritos, as pessoas conquistarão o direito de vestir-se com novas roupas, que marcam e produzem sua nova posição, diferenciando-as das pessoas ao seu redor.

É bem significativo, então, que entre os Kwakiutl, matar alguém ou apoderar-se de suas vestes e máscaras são dois caminhos para herdar seu nome, seus bens, seus cargos, seus direitos, seus antepassados - em suma, sua pessoa (MAUSS, 1974); e que entre os Inuits, as roupas fazem parte dos objetos pessoais que estão ligados de forma mágico-religiosa ao sujeito, de forma que é impensável emprestá-los, dá-los, trocá-los, sem antes reter um pedaço deles ou lambê-los, pois caso contrário o novo usuário pode exercer sobre o antigo um poder maléfico por intermédio das coisas (MAUSS, 2003b).

Tão ligadas estão as pessoas e as roupas, que ser obrigado a renunciar a elas era um dos rituais iniciais ao confinamento em um campo de concentração nazista. Pensando novamente em Turner (1974), podemos dizer que esse despojamento visava condenar o prisioneiro a um estado perpétuo de anonimidade, uma “liminaridade” infinita cujo objetivo é a destruição da sua humanidade, pois não há perspectiva de reintegração à sociedade através de novas roupas particularizantes, mas apenas a condenação a um vestuário padrão. “Por que os prisioneiros são despojados de suas roupas”, pergunta Peter Stallybrass (2012, p.80), “a não ser para que se despojem de si mesmos?”.

É claro que ao compararmos as formas como as pessoas se relacionam com as roupas em diferentes sociedades e ao longo da história, temos de nos atentar para o fato de que “as ‘coisas’ não podem ser isoladas do contexto que lhes confere significado” (STRATHERN, 2014, p.118). Os materiais que usamos sobre nossos corpos podem ser desde artefatos sagrados a mercadorias, e nesses casos eles não são simplesmente *roupas* em contextos diferentes, mas

coisas completamente distintas. Mas como aponta Daniel Miller (2013, p.38), a qualidade da roupa como algo que é carregado sobre o corpo faz com que ela seja “o principal intermediário entre nossa percepção de nossos corpos e nossa percepção do mundo exterior”, de modo que a forma como as pessoas se relacionam com as roupas em diversos contextos estão particularmente ligadas a concepções compartilhadas sobre a natureza do “eu” e sobre como esse “eu” participa do mundo.

Se a cosmologia ocidental acredita em uma oposição entre sujeitos e objetos (STRATHERN, 2014), as roupas ocupam, mesmo nesse contexto, um lugar ambíguo. Na nossa sociedade, acreditamos que o “eu” está contido em (e delimitado por) um corpo biológico individual, mas o contato cotidiano entre a roupa e a pele faz com que elas se misturem, de certa forma. Assim, roupas usadas e jogadas em um canto formam um território estranho que pode ser tão perturbador quanto pedaços de unhas ou cabelos caídos no chão, justamente ao nos mostrar que as fronteiras do corpo humano não são tão claras assim (WILSON, 2003).

Esse ponto chama atenção para o fato de que as roupas não “representam” pessoas simplesmente; elas verdadeiramente as *constituem* e *constroem* (MILLER, 2013). Talvez esse fato se revele mais nitidamente quando consideramos a construção da pessoa travesti, onde a roupa, assim como as técnicas corporais e os procedimentos cosméticos e cirúrgicos, é um dos elementos que materializam no corpo o gênero que a travesti deseja para si (PELÚCIO, 2009). Mas talvez, o que é mais interessante na performatividade do corpo travesti é a forma como ela evidencia a performatividade (e portanto a construção) inclusive dos corpos que performam heteronormatividade, apesar de os considerarmos cotidianamente de maneira tão naturalizada (BUTLER, 2018).

De fato, ao passearmos por um museu, observando quadros pintados em diferentes períodos e pontos do globo, chegamos a nos perguntar se os seres humanos mudaram de formato ao longo da história. Essa impressão é produzida não só pelas diferenças nas técnicas de pintura, nos estilos de representação e nas dietas, mas também pela maneira como o peso e a textura dos tecidos, a estrutura e o corte das roupas, o caimento e as sobreposições verdadeiramente moldam os corpos de maneiras muito diversas. Assim, as roupas são parte dos processos sociais que constroem homens e mulheres, crianças, adultos e idosos, reis, rainhas e servos, europeus e “selvagens”, “nós” e “eles”.

Isso significa, por sua vez, que as roupas também são parte dos processos que vinculam as pessoas entre si, em relações de semelhança e diferença, de afetividade, sociabilidade e poder. Por exemplo, quando os Incas conquistavam territórios, eles davam aos novos cidadãos roupas para vestir, que eram muito valorizadas. Esse presente não só denotava a mudança no

status dessas pessoas, mas era também uma reiteração simbólica das suas obrigações para com o Estado (STALLYBRASS, 2012). Assim, podemos também perceber que, se as roupas servem para “estabilizar a identidade” (WILSON, 2003), essa “identidade que a roupa afirma é tanto singular quanto partilhada” (HARVEY, 2003, p.23):

As roupas também nos agarram. Estilos de vestir trazem consigo sentimentos e confiança, investimentos, crenças e medos. Estilos exercem uma força social; eles nos levam a entrar em exércitos - exércitos morais, exércitos políticos, exércitos de identidade sexual, exércitos sociais. (HARVEY, 2003, p.25)

É essa força social exercida pelas roupas que nos permite entender a importância enorme que adquiriu a questão da indumentária durante a Revolução Francesa. Para os revolucionários, cada detalhe dos trajes era capaz de sinalizar filiação política. Mas mais do que isso, a roupa era importante pois ela não apenas *expressava* o caráter e o posicionamento de alguém; ela era vista como algo capaz de *moldar* esse caráter: usar um uniforme nacional seria um modo de realmente tornar os cidadãos mais nacionalistas (HUNT, 2007).

Justamente por possuírem essa força social, as roupas são também desejadas e odiadas ardentemente. Philippe Ariès (1986) nos conta que em muitas regiões da Europa, pelo menos até o século XVIII, havia o costume de vestir os meninos pequenos em roupas “femininas”. No diário do médico da família de Luís XIII, ficamos sabendo que o futuro rei ansiava pelo dia em que poderia vestir o gibão e a calça, que constituíam o vestuário masculino de então. Mas depois de finalmente ter conquistado esse direito, os criados o vestiam novamente em roupas femininas como punição às suas malcriações, para o horror de Luís XIII. Na perspectiva de Ariès, essa anedota nos fala da relevância que adquire, para uma criança, a aprendizagem da relação entre o traje e o que ele representa.

Mas há também uma outra aprendizagem ao redor das roupas: trata-se de aprender a usar a roupa em si, a lidar com sua materialidade e com a forma como ela nos permite experienciar nossos corpos. Esse processo fica bastante evidente na discussão de Daniel Miller (2013) sobre o sári. Manter o sári no lugar exige que a mulher se mova de um modo particular, e envolve, portanto, o aprendizado de técnicas corporais específicas. As meninas que usarão o sári pela primeira vez ficarão com medo de não conseguir dominá-lo e passar vergonha na frente dos seus conhecidos, pois a “habilidade das moças para domar e habitar esse fluxo alarmante de pano é tomada como indicador de sua futura aptidão para desempenhar os papéis sociais delas esperados” (MILLER, 2013, p.45). Mas depois de aprenderem a dominá-lo, as mulheres usarão principalmente a ponta solta de tecido (o *pallu*) para esconder ou acentuar seu rosto,

expressando uma variedade de emoções e afirmações sutis, e assim o sári se tornará para elas um instrumento de poder.

Aprender a usar o sári nos lembra da forma como também é necessário *aprender* a usar um salto alto, ou domar a saia esvoaçante de um vestido que ameaça revelar certas regiões indiscretas. E nos mostra, também, que apesar das racionalizações ocidentais sobre a suposta inércia e passividade dos objetos, as roupas em suas relações com as pessoas têm algum tipo de poder: elas podem fazer uma pessoa se sentir autoconfiante ou ridícula; elas nos vestem de maneiras inesperadas, e por isso, podem até mesmo nos trair (WOODWARD, 2005).

Se a nossa forma de vestir pode se tornar um instrumento de poder, como aponta Miller (2013), e trazer consigo “sentimos de confiança, investimentos, crenças e medos”, como coloca Harvey (2003, p.25), é fácil entender por que muitas vezes nos apoiamos nas sensações, no conforto ou nas promessas contidas em uma roupa para enfrentar uma situação difícil. No romance “Middlemarch”, por exemplo, a protagonista Dorothea, justamente no dia em que havia sofrido uma grande decepção, e sabendo que precisaria se conformar com uma vida sem esperanças, decide vestir roupas novas após longos meses trajando apenas o preto do luto:

Ela se encolheu na poltrona, recostando sua cabeça com uma quietude cansada, enquanto Tantripp se retirou se perguntando sobre essa estranha contradição na sua jovem ama - que justamente na manhã em que ela parecia mais do que nunca uma viúva, ela pedira o meio-luto que ela havia anteriormente dispensado. Tantripp jamais conseguiria descobrir a chave desse mistério. Dorothea desejava mostrar que ela não teria uma vida menos ativa adiante porque ela havia enterrado uma alegria secreta; e a tradição segundo a qual roupas novas pertencem a toda iniciação, assombrando sua mente, fez com que ela se agarrasse até mesmo àquela pequena ajuda externa em sua busca por uma resolução tranquila. Porque essa resolução não era fácil. (ELIOT, 1994, tradução livre).¹

Percebemos, assim, o quão complexas e sutis podem ser as relações entre as pessoas e suas roupas. As roupas nos acompanham ao longo de nossa vida através de experiências doces e amargas; nós envelhecemos dentro delas e elas envelhecem sobre nossa pele, e assim elas se tornam permeadas por memórias (STALLYBRASS, 2012). Elas podem ser vestidas cotidianamente, esquecidas no fundo do armário, guardadas como tesouros, e podem ainda passar de mão em mão, conectando, por exemplo, as gerações de uma família. De uma forma

¹ No original: “She folded herself in the large chair, and leaned her head against it in fatigued quiescence, while Tantripp went away wondering at this strange contrariness in her young mistress - that just the morning when she had more of a widow’s face than ever, she should have asked for her lighter mourning which she had waived before. Tantripp would never have found the clue to this mystery. Dorothea wished to acknowledge that she had not the less an active life before her because she had buried a private joy; and the tradition that fresh garments belonged to all initiation, haunting her mind, made her grasp after even that slight outward help towards calm resolve. For the resolve was not easy. (ELIOT, 1994).

ou de outra, as roupas estão sempre conosco, e são uma parte importante da forma como experimentamos o mundo, nos relacionamos com as outras pessoas e com os nossos corpos.

O tema mais geral dessa pesquisa é a forma como as pessoas se relacionam com as roupas. Mas para discutir essa relação, não parti da observação das “práticas concretas” das pessoas com seu vestuário, nem da observação sobre as diferenças entre o que as pessoas *dizem* sobre as suas roupas e o que elas *realmente fazem* com elas, à maneira de Malinowski. Esse trabalho tem como foco as interpretações que as pessoas articulam sobre suas próprias experiências com o vestuário ao longo de sua trajetória, quando são chamadas a refletir sobre isso. Poderíamos dizer, portanto, que a pergunta de pesquisa que orienta esse trabalho é: *de que forma jovens entre 20 e 29 anos interpretam as transformações nos seus modos de vestir ao longo de suas vidas?* A partir daí, o objetivo é identificar formas recorrentes de narrar as relações com as roupas ao longo da vida, e observar as concepções compartilhadas sobre as relações possíveis entre pessoa, roupas e história de vida que são expressas nessas narrativas.

As análises apresentadas nas próximas páginas foram pensadas com base nas respostas de 46 jovens de 20 a 29 anos à pergunta: “você poderia me contar sobre as formas como você se vestiu e se veste, no passado e no presente?”. Essas respostas assumem a forma de narrativas de vida (*life stories*) construídas ao redor do tema da roupa, de forma que compreender as relações entre experiência, memória e narrativa é fundamental para que possamos compreender esses relatos.

Parafraseando Turner (1986), podemos dizer que todas as nossas ações estão impregnadas de significado, e que esse significado emerge quando misturamos os sentidos cristalizados pela cultura e pela linguagem com aquilo que sentimos, desejamos e pensamos sobre o que estamos vivendo². Assim, se a vida é um fluxo mais ou menos caótico, nós vivenciamos esse fluxo através de *experiências*, por meio das quais nossa cultura e nossas vivências passadas contribuem para que percebamos o sentido e a conexão entre os acontecimentos (BRUNER, 1986). Nas nossas experiências presentes com as roupas, portanto, entram em jogo concepções mais ou menos compartilhadas sobre o que é uma roupa, para que ela serve, o que ela comunica, qual é a maneira correta de usá-la, o que significa vestir-se em cada época da vida, assim como nossas experiências passadas com outras roupas e as relações e contradições entre o que fomos ensinados sobre elas e o que de fato vivemos com elas.

² No original: “All human act is impregnated with meaning (...). Meaning arises when we try to put what culture and language have crystallized from the past together with what we feel, wish and think about our present point in life” (TURNER, 1986, p.33).

Porém, assim que uma experiência foi vivida, ela se torna uma experiência potencialmente lembrada. Toda recordação é uma interpretação *a posteriori* sobre os eventos vividos, e a forma como nos lembramos de um acontecimento (ou de uma roupa e da forma como nos sentimos ao usá-la, por exemplo) está sujeita a modificações de acordo com as condições e as exigências do presente e do futuro antecipado (ROSENTHAL, 2014). Dessa forma, o passado se reveste continuamente de uma nova cor e de um novo sentido na reconstrução realizada pela memória.

Mas essa reconstrução não se faz de qualquer modo, é claro. Certas experiências adquirem uma força que as tornam resistentes a reconstruções totais (ROSENTHAL, 2014). O trabalho da memória lida com recordações mais ou menos cristalizadas e tenta estabelecer entre elas coerência e sentido, de modo que, refletindo sobre o que passou, a vida nos parece um percurso orientado, um deslocamento linear, ou até mesmo a realização de um projeto ou de um destino (BOURDIEU, 2008). É por isso que podemos concordar com Michael Pollak (1992, p.204) quando ele diz que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Quando os jovens que entrevistei são chamados a lembrar das suas relações com as roupas ao longo de suas vidas, eles não lembram de meras listas de roupas usadas e dispensadas, fatos desconexos e inconsequentes. O que é lembrado e o que é esquecido, assim como a maneira como as experiências são lembradas e relacionadas entre si, depende da forma como eles reconstróem sua vida de maneira coerente e significativa. Nessa reconstrução, a forma como eles interpretam suas relações *passadas* com as roupas e as transformações nessas relações influenciam a maneira como eles interpretam suas relações *atuais* com as roupas, e assim também, a forma como eles entendem essas relações presentes influencia a maneira como eles lembram do seu passado.

O momento da narrativa, por sua vez, envolve ainda outro processo de reconstrução. Usando os termos analíticos sugeridos por Edward Bruner (1986), podemos dizer que a narrativa é um tipo de “expressão”, ou seja, uma articulação intersubjetiva sobre a experiência e uma unidade socialmente construída de sentido, pois na delimitação do começo, meio e fim de uma história, nós *enquadramos* a experiência e, assim, contribuimos para construí-la. O ato de narrar um evento, uma história, ou uma vida, é sempre interpretativo, pois nem a linguagem, nem a memória, podem englobar a experiência vivida (BRUNER, 1983).

A narrativa é, segundo Donald Polkinghorne (1995), a maneira mais frequente de recapitular as nossas próprias experiências, e é a forma linguística que melhor expressa a necessidade humana de dar significado aos eventos e perceber a conexão entre eles. Para esse autor, a narrativa seria um tipo de discurso em que os eventos são organizados e conectados através de um *enredo*. O enredo configura a narrativa ao delimitar um período de tempo que marca o começo e o fim da história; ao fornecer critérios para a seleção dos eventos que serão incluídos no relato; ao ordená-los temporalmente; e ao tornar explícito o significado que cada evento particular tem para a história como um todo.

Em uma narrativa de vida, esse enredo é a reconstrução do próprio narrador e da forma como ele chegou a ser o que é hoje. Compreendemos, portanto, que contar uma história de vida não é reconstruir objetivamente o que “realmente” ocorreu, mas, sim, construir uma *narrativa* sobre uma vida, onde está expressa a forma como os eventos foram vivenciados, e a forma como eles são lembrados e verbalizados no presente (ROSENTHAL, 2014). Essa narrativa é baseada no trabalho interpretativo e seletivo da memória, mas também nas demandas da situação em que a narrativa é construída. Narrar uma vida envolve sempre uma atividade processual enraizada em uma situação social com pessoas reais em uma cultura particular em um período histórico específico, e por isso a *performance* é constitutiva da própria narrativa³ (BRUNER, 1986). E se narrar uma vida é narrar a si mesmo para alguém, esse processo envolve tanto a imagem que uma pessoa tem sobre si mesma, quanto a imagem que ela gostaria de passar sobre si para o seu interlocutor (POLLAK, 1992).

Por outro lado, Edward Bruner (1986) nos lembra que, se a narrativa enquanto forma de recapitular as experiências é universal, suas estruturas são culturalmente marcadas. As vidas são vividas em meio a uma cultura, a partir da qual os acontecimentos adquirem significado; mas também a maneira como nos lembramos, e depois narramos esses acontecimentos, tem a ver com *formas compartilhadas de lembrar e narrar*. Ao longo da história, as pessoas criam coletivamente narrativas dominantes, ou seja, formas interpretativas mais ou menos padronizadas para organizar e comunicar a experiência. Podemos dizer que há narrativas dominantes sobre a infância, a puberdade, a adolescência e a entrada na vida adulta, por

³ Por isso, é importante dizer desde já, apesar de que vamos falar mais sobre isso no próximo capítulo, que essa pesquisa foi feita através de mensagens de voz no aplicativo de comunicação WhatsApp (o que tem influências sobre a forma como ocorre a comunicação). Todas as pessoas foram entrevistadas por mim: uma mulher que tem mais ou menos a mesma idade que eles e está passando por um momento na vida mais ou menos similar ao deles, e que pertence às camadas médias escolarizadas brasileiras, assim como a maior parte dos entrevistados. Além disso, embora eu só possua intimidade com algumas dessas pessoas, circulei nos mesmos espaços que boa parte delas, e apenas uma minoria é composta de completos desconhecidos. Há que levar em consideração também a situação da entrevista e a perspectiva de ter o seu relato (apesar de que sob um codinome) publicado em um trabalho que será lido por outras pessoas.

exemplo, e que elas também influenciam na forma como nós experienciamos, recordamos e narramos nossa própria vida. Nas palavras de Marianne Gullestad (2005, p.518), uma “história de vida não é modelada apenas pelos fatos materiais da existência social, mas também por noções e expectativas profundamente arraigadas a respeito do que vem a ser uma vida culturalmente normal”.

Um dos objetivos dessa pesquisa foi justamente perceber formas dominantes de narrar a relação que as pessoas estabelecem com as roupas ao longo da vida. Existem formas particulares de narrar a relação com as roupas durante a infância e a adolescência, por exemplo, que se relacionam a narrativas dominantes sobre essas fases da vida e sobre a relação entre roupa e pessoa, e os entrevistados recorrem a elas para dar sentido à sua própria experiência. Mas se narrar uma história envolve sempre um processo interpretativo, percebemos que, ao “usarem” narrativas dominantes na construção do seu relato, eles não estão simplesmente *repetindo* formas culturais que se impõem de maneira coercitiva. Não podemos pensar que as representações “estão lá” e que só depois as pessoas se relacionam com elas, adotando-as ou rejeitando-as. Recorrer a narrativas compartilhadas é apropriar-se delas em um processo criativo. Na verdade, é no ato de contar que essas narrativas dominantes são produzidas, reproduzidas e transformadas. Porque afinal, a cultura está sempre em produção; ela é processual, viva e emergente (BRUNER, 1983; 1986).

Mas e o que é construir uma narrativa de vida ao redor do tema das *roupas*, especificamente? A discussão de Gabriele Rosenthal (2014) sobre os conceitos de Aron Gurwitsch de “tema” e de “campo temático” pode ser útil aqui. Em uma narrativa, o “tema” seria aquilo que ocupa o narrados de maneira mais imediata, e que está no centro de sua atenção. O “campo temático”, por outro lado, seria a totalidade de relações e circunstâncias que são vivenciadas como conectadas materialmente com o tema. A relação entre tema e campo temático é dialética: o tema determina o campo temático, e vice-versa. Poderíamos dizer, portanto, que em uma narrativa de vida construída ao redor do assunto das roupas, as roupas são o *tema*, e que a relação com as roupas será narrada como estando materialmente conectada a uma série de questões, que são o *campo temático*. Mas esse campo temático é mutante. Narrar as relações com as roupas ao longo da vida, é construir um enredo onde as roupas estão conectadas a cada momento com circunstâncias, sentimentos, problemáticas e experiências diferentes - ou seja, a um campo temático diferente.

Construir uma narrativa de vida ao redor do tema da roupa é pensar: como eu me visto hoje, e como eu cheguei até aqui? Como e por que eu comecei a me vestir assim, e parei de me vestir da forma como eu me vestia antes? Por que eu me visto dessa maneira, e não de outra?

O que mudou e o que permaneceu no meu modo de me vestir? É buscar entender, interpretar, estabelecer relações, dar significado - é contar uma história. Enquanto tema, a roupa se conecta a campos temáticos variados, e o objetivo desse trabalho é discutir justamente isso: quando as pessoas estão falando sobre suas relações com as roupas ao longo da vida, elas estão falando sobre *o quê?*

2. FAZER PESQUISA ATRAVÉS DO INSTAGRAM E DO WHATSAPP

Nesse capítulo, discuto a maneira como cheguei à ideia dessa pesquisa, e a forma como ela foi pensada e realizada, assim como os aspectos do projeto original que tiveram que ser repensados no momento de escrita desse trabalho, e alguns dilemas éticos enfrentados durante a experiência de pesquisa.

2.1. Como eu cheguei até aqui

Como era de se esperar, a ideia para essa pesquisa veio de uma série de interesses pessoais e acadêmicos. Eu sempre gostei *muito* de roupas - de prestar atenção no que as pessoas estavam vestindo nos filmes e ao meu redor, de desenhá-las, de pensar sobre elas e de imaginar as roupas que algum dia eu usaria. Na verdade, até o Ensino Médio eu ainda tinha o plano de fazer Moda na graduação. Mas a uma certa altura, comecei a perceber que muitas pessoas a quem eu contava esse plano pareciam achar que querer fazer Moda era, de algum modo, um desejo menos legítimo do que querer fazer outros cursos. Com o tempo, o constrangimento aumentou, e me parecia que esse meu desejo era de alguma forma contraditório em relação ao meu interesse pelas Ciências Humanas e por outros temas, digamos, “mais políticos”. Quando interpreto minha própria vida, esse parece ser um momento significativo, pois a partir daí pude compreender que as relações que mantemos com as roupas e com a moda na nossa sociedade são marcadas pela tensão, pelo conflito, e muitas vezes pela culpa.

Após ter ingressado no curso de Ciências Sociais, não abandonei meu antigo interesse, e as roupas surgiram “naturalmente” como o tema que eu mais gostaria de pesquisar. A princípio, minha ideia era discutir o porquê do gosto pelas roupas e pela moda ser considerado algo fútil na nossa sociedade. Mas ao longo das conversas com meu orientador, fui mergulhando aos poucos no tema da memória e das narrativas de vida, e isso fez com que eu passasse a refletir sobre as roupas desde um outro ângulo. Talvez seja principalmente a partir da leitura do pequeno livro de Peter Stallybrass (2012), “O casaco de Marx: roupas, memória, dor”, que deixei de pensar na Roupa com R maiúsculo, ou seja, como algo abstrato, como uma ideia, que representa algo mais ou menos aprovado pela sociedade, e passei a pensar nas roupas particulares, essas presenças materiais que povoam nosso cotidiano, e em como nós nos relacionamos com elas.

Comecei a prestar mais atenção, então, ao modo como as pessoas ao meu redor falam das *suas* roupas, inclusive daquelas roupas que já não existem mais e que ficam guardadas

apenas na memória. Comecei a pensar na forma como a minha avó me conta sobre as roupas que ela vestia no passado, e sobre como essas roupas eram feitas a partir das fazendas compradas em metro na “Cidade” através do trabalho visível e presente das mulheres. Tive, então, a ideia de pesquisar sobre a forma como diferentes mulheres se relacionavam com as roupas-feitas-em-casa e as roupas-compradas-prontas na época em que a prática de comprar roupas prontas começou a se generalizar, e sobre como elas narram a passagem entre esses dois modos de produção e consumo de vestuário. Seria uma forma de trabalhar a questão das roupas, da memória, das narrativas de vida, e também de tentar conhecer a Florianópolis que ainda vive nas lembranças da minha avó.

Eu já havia me apresentado ao grupo de idosos onde pretendia fazer a pesquisa, para convidar as senhoras a participarem. Algumas ficaram bem animadas e queriam começar a me contar tudo ali mesmo; outras entenderam que eu estava querendo *vender* roupas para elas; outras só queriam saber: “afinal, tu és neta de *quem?*”. Parecia promissor, mas na semana seguinte teve início a pandemia da Covid-19, me impossibilitando de fazer qualquer pesquisa face-a-face, ainda mais com idosos, e me obrigando a repensar a maior parte do trabalho⁴.

Durante a quarentena, qualquer trabalho de campo teria que ser feito através do telefone ou das redes sociais. Baseando-me nas minhas experiências conversando com as minhas avós através de telefonemas e videochamadas, que geram uma comunicação bastante truncada devido à perda de audição e a falta de familiaridade com as tecnologias do *smartphone*, essas não me pareciam boas condições para fazer entrevistas com mulheres idosas. Decidi deixar essa ideia para um momento futuro, e mudar o direcionamento da pesquisa.

Foi assim que decidi fazer trabalho de campo na minha própria faixa etária e no meu próprio meio social, já que esse é o grupo com quem mais tenho contato através das redes sociais. Além disso, considere que pessoas nessa faixa provavelmente estariam passando por experiências de vida semelhantes, como o final da faculdade, a entrada na vida adulta e no mercado de trabalho. Por isso resolvi não entrevistar pessoas mais velhas do que isso, já que considere que, caso o fizesse, teria que lidar com diferenças geracionais, o que estenderia muito a pesquisa. Selecionar pessoas que estivessem em momentos semelhantes em suas trajetórias me permitiria prestar mais atenção nas diferenças *entre* as narrativas sobre experiências

⁴ A primeira versão dessa pesquisa, que seria feita com mulheres idosas, foi submetida para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH – UFSC) em maio de 2020, sob o título “A transição da costura à mão para a confecção industrial: memória e experiência”, sob o número CAAE 31777420.6.0000.0121, e foi aprovada em junho do mesmo ano. A segunda versão da pesquisa, que seria feita com jovens através das redes sociais, foi apresentada ao CEPSH através de adendos ao projeto inicial, e propondo uma segunda população que seria alvo da pesquisa. Essa segunda versão foi submetida ao Comitê em julho de 2020 e aprovada em agosto do mesmo ano, sob o mesmo número CAAE.

similares. Eu sabia que eu queria continuar trabalhando a relação entre roupas, memória e narrativas de vida, ainda que tivesse que recorrer a outro recorte empírico; e foi assim que surgiu a ideia de pesquisar sobre a forma como esses jovens interpretam as transformações nos seus modos de vestir ao longo de suas vidas.

2.2. Construindo a pesquisa

Devido aos imprevistos e confusões no calendário acadêmico ocasionados pela pandemia, a construção dessa pesquisa não seguiu a ordem esperada. O primeiro passo, após a concepção da ideia, foi a realização das entrevistas, e somente depois disso escrevi o projeto de pesquisa e, por fim, o trabalho em si. Ter escrito o projeto *depois* de ter feito as entrevistas com certeza fez com que, na hora de colocar a ideia no papel, eu tivesse uma ideia mais clara sobre o que iria trabalhar de fato, mas não impediu que durante a análise posterior das entrevistas e escrita do trabalho final, a maior parte do projeto inicial tivesse que ser repensada.

Na hora de planejar como a pesquisa seria feita, a primeira questão que estava nítida era o objetivo de trabalhar com *narrativas* sobre as roupas. A vantagem de começar o estudo da cultura através de narrativas, de acordo com Edward Bruner (1986), é que as unidades de análise são estabelecidas pelas próprias pessoas entrevistadas, o que significa privilegiar suas interpretações sobre sua própria conduta. Segundo Polkinghorne (1995), se a entrevistadora não interromper as respostas do entrevistado para limitá-las ao que ela define estritamente como relevante, as respostas provavelmente tomarão a forma de narrativas, pois essa é a maneira mais frequente de recapitular as próprias experiências. Decidi utilizar, portanto, a técnica da entrevista narrativa, segundo a qual “solicitamos aos entrevistados sequências narrativas mais longas e procuramos apoiá-los no processo de narração e recordação” (ROSENTHAL, 2014, p.231).

Cabe lembrar, aqui, que se a performance da narrativa é constitutiva da própria narrativa, como dissemos anteriormente, essa técnica de entrevista não se baseia na ilusão de que conseguirá alcançar qualquer coisa como uma narrativa “pura”, ou seja, sem a influência da presença da pesquisadora. Eu “estou lá” primeiramente através da imposição da pergunta que chama à reflexão sobre o assunto, a qual talvez não teria ocorrido se não fosse pela minha intervenção, como aponta Philippe Lejeune (2008):

Essa busca do “relato de vida em seu estado nascente” engendra fatalmente o mesmo tipo de paradoxo que a busca de uma mítica “sinceridade” na literatura psicológica. A

rigor, o que se busca captar existe apenas em estado virtual e nunca teria assumido a forma de fala sem a intervenção do entrevistador. (LEJEUNE, 2008, p.142)

Na verdade, o que a técnica da entrevista narrativa propõe é fazer uma pergunta mais aberta ao entrevistado, que tenha que ser respondida de modo a contar uma história, oferecer explicações e relações entre eventos; não o interromper desnecessariamente, e trabalhar “pegando o gancho” do que foi dito por ele. Isso permite entender como o próprio entrevistado entende a conexão entre as coisas, ou seja, entre o tema e os campos temáticos possíveis (ROSENTHAL, 2014).

O próximo passo foi decidir qual seria o meio de comunicação utilizado para as entrevistas. Não considerei uma boa ideia trabalhar com mensagens de texto, pois a escrita exige um investimento maior de tempo do que a fala (o que poderia fazer com que menos pessoas aceitassem participar da pesquisa, e também com que elas desenvolvessem menos suas respostas); envolve relações bastante variadas com a escrita (maior ou menor facilidade para escrever, e diferentes maneiras de utilizar a escrita para a articulação da experiência); e envolve uma maior reflexividade na composição do que será transmitido, o que tende a reduzir a espontaneidade e as contradições características da oralidade.

Por outro lado, parecia que fazer as entrevistas através de videochamadas ou chamadas de voz também não era o melhor caminho. Primeiro, porque seria necessário marcar um horário que funcionaria tanto para mim quanto para o entrevistado, e achei que isso poderia fazer com que eu conseguisse entrevistar menos pessoas do que o esperado. Em segundo lugar, porque considerei que falar por telefone ou por vídeo com alguém que eles não conhecem ou com quem não têm intimidade, poderia gerar uma situação constrangedora e limitar demasiadamente o que seria dito, além de fazer com que menos pessoas aceitassem participar da pesquisa.

Foi assim que cheguei à decisão de realizar as entrevistas através de mensagens de voz (também chamadas de “áudios”) no aplicativo de comunicação WhatsApp. Nesse tipo de comunicação, a pessoa permanece apertando um botão na tela do aplicativo enquanto está falando, e o solta quando termina de dizer o que queria. Ao soltar o botão, a mensagem de voz é enviada para o interlocutor, que pode ouvi-la quantas vezes quiser. Só é possível deletar a mensagem enquanto ela estiver sendo gravada, e depois disso, somente se o interlocutor ainda não a escutou. É possível enviar várias mensagens de voz, de qualquer duração. Como a mensagem de voz é enviada como uma unidade, com começo e fim delimitados pela pessoa que a gravou, não é possível interromper ou falar junto com a pessoa que está gravando a mensagem, como ocorre durante uma ligação, pois a mensagem de voz não é uma transmissão ao vivo: o interlocutor só pode escutá-la *depois* de ela ter sido gravada e enviada para ele.

A vantagem das mensagens de voz é que elas mantêm a coloquialidade e espontaneidade características da conversa, mas não exigem a combinação de um horário entre entrevistadora e entrevistado. Além disso, minha hipótese era que elas tornariam a situação da entrevista menos constrangedora, já que não seria necessário lidar com as reações imediatas da entrevistadora ao que seria dito, e também não seria necessário lidar com o potencial embaraço das formalidades de uma conversa (cumprimentar, “jogar conversa fora”, saber quando se despedir, etc.). Além disso, a mensagem de voz também dá uma sensação maior de privacidade e anonimidade, já que a comunicação não é simultânea e não envolve ver o interlocutor.

Tendo estabelecido o recorte empírico, e optado pela entrevista através de mensagens de áudio, faltava decidir que tipo de pergunta seria feita às pessoas. Nessa etapa, convidei quatro pessoas que são próximas a mim para entrevistas de teste. Enviei a elas uma mensagem de áudio pedindo que me contassem a “história do seu guarda-roupa”, falando sobre que tipo de roupas costumavam usar em cada momento de sua vida, como seu gosto mudou e que tipo de coisas vestem hoje em dia. A partir desses testes, formulei a seguinte pergunta: “você poderia me contar sobre as formas como você se vestiu e se veste, no passado e no presente?” Considerei que seria um bom pontapé inicial para a entrevista, já que toca no cerne da questão que é tema desse trabalho, ao mesmo tempo que é bastante aberta.

Outra coisa que percebi nos testes, é que não era muito frutífero fazer várias perguntas após a resposta a essa questão inicial. Como as “regras de etiqueta” do WhatsApp permitem que a pessoa não responda a uma mensagem imediatamente, esperando alguns minutos ou até horas antes de responder, notei que prolongar a interação deixava os entrevistados cansados, e eles tendiam a perder o interesse e dar respostas cada vez mais curtas. As entrevistas finais seguiram, no geral, o seguinte padrão: após ouvir a pergunta inicial, a pessoa gravava uma ou mais mensagens de áudio nas quais desenvolvia uma narrativa mais aprofundada; depois, eu fazia entre duas e três perguntas nas quais pedia à pessoa que desenvolvesse algum ponto do que tinha abordado na sua resposta anterior.

O plano inicial era usar diferentes meios para convidar as pessoas a participarem da pesquisa, como diferentes redes sociais e o Fórum de Graduação da UFSC. Mas para começar,

decidi postar três *stories*⁵ no meu Instagram⁶, compostos por um fundo preto e as seguintes mensagens:

[Primeiro *story*] Se você tem entre 20 e 30 anos e toparia participar da minha pesquisa de TCC (ou conhece alguém que toparia), eu agradeceria muito!!!

[Segundo *story*] A pesquisa é sobre a maneira como as pessoas interpretam o modo como se vestiram ao longo da sua vida. É uma entrevista feita pelo WhatsApp. Eu envio uma pergunta e você responde por áudio, quando for melhor pra você, sem pressa. Na escrita do TCC não será revelado seu nome verdadeiro.

[Terceiro *story*] Se você se interessar ou conhecer alguém que possa se interessar, por favor me avise por aqui :) Quanto mais pessoas participarem, melhor! Não precisa se interessar por roupas nem nada do tipo.

Durante as 24 horas em que esses *stories* ficaram disponíveis para visualização, 60 pessoas responderam se oferecendo para participar da pesquisa. Como considerei que esse número de participantes era o suficiente, já que eu não teria tempo de transcrever mais entrevistas do que isso, resolvi não compartilhar o convite em outras redes sociais. No fim, dessas 60 pessoas, 23 acabaram participando da pesquisa; 14 pessoas foram posteriormente indicadas pelos próprios participantes; e convidei diretamente 5 pessoas para aumentar a representatividade masculina na amostra. Somando com as 4 pessoas que entrevistei inicialmente como teste, realizei, no fim, 46 entrevistas.

Solicitei o e-mail de cada pessoa para o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁷, e após o recebimento da resposta, entrei em contato através do WhatsApp, onde, após agradecer a disposição para participar da pesquisa, enviei a seguinte mensagem de áudio:

Como está escrito no Termo de Consentimento, essa pesquisa é sobre a maneira como as pessoas interpretam as suas relações com as roupas que elas costumaram vestir ao longo das suas vidas. Começa com uma pergunta, que é: *you could tell me about the ways you dressed and wore clothes in the past and present?* Eu vou deixar essa pergunta escrita aqui embaixo, pra você poder ficar vendo. Quanto mais tu puder desenvolver a sua resposta, quanto mais tu puder falar sobre isso, melhor. Não precisa se preocupar sobre se as coisas que tu vai falar têm a ver, ou se são aleatórias, ou se a tua resposta não tá organizada. Qualquer coisa que tu tiver pra falar sobre isso vai ser interessante pra pesquisa. A resposta é para ser através de áudio, e pode mandar mais

⁵ O *story* é um recurso da rede social Instagram. Ele é geralmente composto por uma imagem ou vídeo e uma frase ou texto curto. O *story* pode ser visualizado durante um dia pelos usuários que seguem um perfil, e por ser temporário, geralmente ele é usado para compartilhar avisos, pensamentos, mensagens mais informais em comparação com as fotos que são postadas diretamente no perfil do usuário.

⁶ O Instagram é uma rede social onde os usuários postam fotos ou vídeos acompanhados de legendas. Os outros usuários podem “seguir” outros perfis, “curtir” e comentar nessas fotos, além de conversar através de mensagens privadas. Essa é uma das redes sociais mais utilizadas atualmente por pessoas na faixa etária que eu pesquisei, e é também a rede social onde eu posso alcançar o maior número de pessoas entre as minhas redes sociais: no momento da pesquisa eu tinha por volta de 468 seguidores.

⁷ O TCLE está disponível na parte de Anexos.

de um áudio se tu quiser, e dependendo do que tu responder, talvez eu faça uma ou outra pergunta a mais. E no fim eu vou te enviar um questionário bem rapidinho, sobre informações gerais sobre ti.

Achei que, se eu já começasse me comunicando através de mensagens de áudio, estaria “quebrando o gelo” ao expor minha voz antes que o entrevistado expusesse a dele, contribuindo para criar uma relação de confiança. Seguindo essa ideia, todas as perguntas que fiz, após ouvir a primeira resposta do entrevistado, também foram feitas através de mensagens de voz.

No fim, cada entrevistado respondeu um questionário no Google Forms⁸, onde perguntei sobre a idade; identificação quanto a gênero, raça, e orientação sexual; tipo de escola onde estudou (pública ou particular); nível de escolarização e curso; profissão e escolaridade das figuras parentais; tipo de cidade onde cresceu (pequena, média ou grande); e situação de trabalho. O objetivo desse questionário era obter algumas indicações sobre a posição ocupada pelos entrevistados no espaço social. Optei por não perguntar sobre a renda, porque como eu sabia que alguns conhecidos meus iriam participar da pesquisa, achei que seria constrangedor para eles ter que responder essa questão. A ideia, então, era cruzar a profissão e a escolaridade dos pais, com a situação de trabalho e tipo de escola onde estudou o entrevistado, como indicadores de classe social.

Após ter transcrito as entrevistas, procurei pensar nelas a partir do método que Polkinghorne (1995) chama de “análise de narrativas”, tentando identificar os temas recorrentes e as diferentes formas através das quais eles eram abordados. Pensando no esquema analítico proposto por Gabriele Rosenthal (2014), busquei prestar atenção em que tipo de campo temático o tema da roupa é inserido pelos participantes, e de que forma esse campo temático varia ao longo da narrativa. Também procurei observar as semelhanças estruturais e temáticas entre as narrativas dos diferentes participantes, tentando identificar as narrativas dominantes (BRUNER, 1986) sobre o “vestir-se” em cada fase da vida, e em que medida elas eram mobilizadas pelos entrevistados para interpretar sua própria história.

Assim, o objetivo não foi entender como as pessoas “realmente” se relacionavam com as roupas em cada época da sua vida. Na verdade, o objeto de pesquisa aqui é a própria *narrativa* como articulação feita a partir da memória sobre a experiência vivida. Podemos, assim, entender o trabalho da memória não como uma deformação do passado, mas “como uma forma que será ela própria objeto de conhecimento”, e apreciar a memória como algo vivo, e não como testemunho de algo vivido anteriormente (LEJEUNE, 2008, p.160). Tomando a forma como as

⁸ O modelo do questionário está disponível na parte de Anexos.

peessoas “narram a própria existência” (AUERBACH, 1987, p.120) como objeto de pesquisa, procurei seguir os passos de Erich Auerbach (1987), e entender como uma forma de pensar o mundo e a vida é materializada na própria arquitetura da narrativa.

No projeto de pesquisa, o objetivo geral havia sido formulado da seguinte maneira: “entender as formas através das quais pessoas entre 20 e 30 anos⁹ usam representações concorrentes sobre as roupas e sobre a moda para interpretar sua posição no espaço social e sua trajetória”. O foco era, então, as representações *concorrentes* sobre as roupas e suas relações com diferentes *posições sociais*. Os objetivos específicos eram: 1) identificar maneiras recorrentes de falar sobre as relações que mantemos com as roupas; 2) investigar em que medida essas maneiras de falar sobre as roupas correspondem a discursos estabelecidos e concorrentes sobre o vestuário e sobre a moda na cultura ocidental; 3) entender de que maneira estes discursos são mobilizados por pessoas com origens e trajetórias sociais diversas na construção de narrativa pessoais; 4) investigar se há correspondências entre experiências específicas de gênero, sexualidade, raça, classe, nacionalidade, etc., e maneiras de falar sobre as relações que mantemos com as roupas.

Como foi comentado no início desse subcapítulo, apesar de que esse projeto foi escrito *após* as entrevistas já terem sido realizadas, durante a análise das narrativas fui levada a repensar esses objetivos - tanto o geral quanto os específicos. Em primeiro lugar, o foco inicial em representações *concorrentes* sobre as roupas, bastante orientado pela bibliografia sobre o assunto, teve que ser suavizado, ou talvez, complexificado. A hipótese era que algumas pessoas diriam que a roupa é algo importante, outras que diriam que a roupa é algo fútil, e assim por diante, e que essas opiniões não seriam emitidas pela mesma pessoa - ou seja, que elas estariam *concorrendo* entre si, no sentido que geralmente atribuímos à palavra. No fim, pude realmente perceber diferentes formas de representar as relações com as roupas, mas na verdade essas formas não estão sempre concorrendo; elas podem se sobrepor, e ser usadas pela mesma pessoa para interpretar diferentes aspectos da sua relação com as roupas, ou diferentes momentos na sua trajetória.

Em segundo lugar, nessa formulação do problema havia um uso do termo “representação” que poderia dar a entender que essas representações são “coisas” que são “usadas” pelas pessoas na interpretação de sua própria vida, que tive a chance de repensar no decorrer da pesquisa. Ao longo do texto final, menciono “diferentes representações sobre X”,

⁹ Entre o projeto e o texto final do TCC, há uma variação na exposição da faixa etária. Inicialmente eu havia estabelecido que o recorte empírico seria composto por pessoas entre 20 e 30 anos. Mas como a pessoa mais velha que entrevistei tem 29 anos, no texto final do TCC me refiro à faixa etária como “jovens entre 20 e 29 anos”.

“duas maneiras de representar Y”, etc., mas é necessário deixar claro que esse uso do termo não busca se aproximar da maneira como Durkheim pensa nas representações coletivas, como um mundo simbólico separado do mundo social, e como coisas que existem independentemente dos indivíduos e se impõem a eles. Usei “representação” em um sentido mais próximo ao de Erich Auerbach (1987), como consciência da realidade, como uma maneira de ver, de entender os acontecimentos e narrá-los.

A distinção entre esses dois usos do termo “representação” é bem expressa por Leopoldo Waizbort (2004) em um artigo sobre Auerbach, quando ele diz que há uma diferença entre usar “representação” como um substantivo, por um lado, e como um verbo (*representar* a realidade) e adjetivo (a realidade *representada*), por outro, pois nesse segundo uso, estamos dando a ênfase ao *processo* através do qual uma representação sobre a realidade é construída. Usar “representação” como verbo e como adjetivo nos permite, além disso, pensar nessa “realidade” que não é externa à narrativa, mas que é algo construído na própria narração.

O termo “representação” foi usado, portanto, como sinônimo de “narrativa”, na medida em que *narrar* uma história é *representar* a relação e o significado dos eventos. Quando menciono “tipos de representação”, o objetivo não é passar a ideia de que as representações “estão lá” e só depois as pessoas se relacionam com elas, *usando-as* para interpretar suas vidas. Discuto “tipos” de representações e narrativas para mostrar que há maneiras recorrentes e compartilhadas de narrar uma vida; mas é no ato de contar que essas narrativas ou representações são produzidas, reproduzidas e transformadas. Isso nos mostra, portanto, que o significado é coletivamente produzido, e que ele é histórico, processual e vivo.

Em terceiro lugar, o foco inicial na relação entre narrativas e posições sociais também teve que ser repensado. Como veremos, não consegui entrevistar pessoas de camadas sociais muito diversas, e na verdade, os dados que consegui sobre os entrevistados através do questionário são muito vagos, e permitem localizá-los socialmente apenas em linhas muito gerais. Além disso, embora eu considere que entrevistar 46 pessoas foi o suficiente para uma pesquisa qualitativa que tem como foco narrativas de vida, esse número não é o bastante para estabelecer relações claras entre posições sociais e formas de narrar a relação com as roupas. Algumas relações podem ser traçadas em linhas muito gerais, mas elas podem ser lançadas somente como hipóteses.

Por outro lado, na hora de analisar as entrevistas, tornou-se evidente a importância de uma semelhança estrutural e temática entre as narrativas que, à primeira vista, tinha passado inteiramente despercebida por mim. Trata-se da centralidade das narrativas compartilhadas sobre o significado do “vestir-se” em cada “fase da vida” (infância, adolescência e momento

presente) e durante as transições entre essas fases (ruptura com a infância, amadurecimento e negociação da entrada na vida adulta). Como veremos, a centralidade dessas narrativas compartilhadas sobre as fases da vida fez com que esse tenha sido o eixo escolhido na hora de organizar o texto final da pesquisa.

No fim das contas, indo em uma direção que não havia sido prevista inicialmente, os principais temas abordados nessa pesquisa foram: diferentes narrativas sobre (ou formas de representar) a relação entre pessoa e roupa, e a “noção de pessoa” que está por trás delas; narrativas dominantes sobre o que significa vestir-se nas diferentes fases através da qual nossa cultura organiza o ciclo de vida; a moralidade através da qual as pessoas interpretam suas relações com as roupas; e a complexidade dessas relações no que concerne à maneira como as pessoas *se sentem* com suas roupas, *lidam* com elas e *se lembram* delas. Nas entrelinhas dessas questões, está a atenção ao lugar ocupado pelas roupas em narrativas de vida, tentando responder à pergunta: quando as pessoas falam sobre suas relações com as roupas ao longo de suas vidas, elas estão falando sobre o quê?

Assim, após a análise das entrevistas e a escrita do texto, os objetivos iniciais de pesquisa parecem muito engessados. Se fosse reformulá-los, seria mais adequado dizer que essa pesquisa busca entender a forma como jovens entre 20 e 29 anos interpretam as transformações nos seus modos de vestir ao longo de suas vidas, e o lugar que as roupas ocupam nessas narrativas de vida. Como objetivos específicos, poderíamos dizer que essa pesquisa busca observar a quais campos temáticos o tema da roupa é relacionado pelos entrevistados, e identificar narrativas dominantes sobre as relações estabelecidas com as roupas ao longo da vida.

2.3. Os participantes

O plano inicial era compor uma amostra variada em termos de classe, gênero, raça, e orientação sexual, para investigar se pessoas com diferentes posicionamentos em relação a marcadores sociais de diferença evidenciariam diferentes formas de se relacionar com, e falar sobre, as roupas. Porém, encontrei alguns empecilhos na hora de buscar essa representatividade. As pessoas que me seguem no Instagram, que são as que podiam visualizar meu convite para participar da pesquisa, não são necessariamente pessoas com quem tenho intimidade, nem pessoas que conheço fora do ambiente virtual. Mas quem respondeu o convite, no fim, foram pessoas que em algum momento circularam nos mesmos espaços que eu (escola, universidade, grupos de sociabilidade); e as pessoas que chegaram até mim por indicação de outros

participantes são, por sua vez, pessoas que circulam nos mesmos espaços que aquelas que responderam meu convite.

Considerando a discussão de Pierre Bourdieu (2017, p.225-228) sobre as “afinidades eletivas”, podemos supor que as pessoas que entrevistei têm a probabilidade de ocupar uma posição no espaço social mais ou menos próxima à minha, não somente porque a possibilidade de circular em certos espaços e redes de sociabilidade se relaciona a certas condições sociais e às disposições produzidas pela experiência duradoura dessas condições, mas também porque as próprias relações de amizade ou simpatia entre mim e os entrevistados, e entre os entrevistados e aqueles que eles indicaram a mim, na medida em que passam pelo crivo do “gosto”, também podem ser relacionadas a essas disposições.

Essa questão já havia sido prevista, e por isso o plano era utilizar meios variados para convidar os participantes. Mas como já foi mencionado, 60 pessoas responderam ao meu convite no Instagram, e calculei que não teria tempo de transcrever mais do que 60 entrevistas. Por isso, resolvi assumir o provável *bias* da amostra, mas nunca esquecendo de levá-lo em consideração durante a interpretação dos dados.

Levando isso em conta, é importante dizer que sou filha de dois funcionários públicos que ascenderam aos seus cargos graças a diplomas de ensino superior (minha mãe, Pedagogia; meu pai, Direito), sendo a primeira geração de suas famílias a alcançarem esse nível de escolaridade; que estudei a vida inteira em escola particular e que sou branca, cisgênero e heterossexual. Minha família faz parte, portanto, das camadas médias escolarizadas brasileiras. Além disso, sempre estudei em escolas que se propõem a oferecer uma educação “alternativa” e “crítica”; isso é relevante na medida em que 11 entre os 46 entrevistados estudaram em escolas que eu frequentei.

Confirmando a hipótese sobre o *bias* da amostra, 78% dos entrevistados se identificaram como brancos, 69% estudaram em escola particular durante a vida inteira ou durante a maior parte da vida; todos são ou foram universitários (78,3% estão cursando graduação nesse momento); 60,9% são filhos de mães (ou figura parental 1) e 56,5% são filhos de pais (ou figura parental 2) que possuem pelo menos o diploma de Ensino Superior, e 41,3% dos entrevistados trabalha ou já trabalhou para buscar desenvolvimento profissional ou um dinheiro extra, mas não porque precisava, enquanto que 23,9% não trabalham. As profissões das figuras parentais são variadas, mas como muitas pessoas foram bastante vagas nessa resposta (por exemplo, dizendo que seu pai é “empresário”, mas sem especificar se se trata de um negócio pequeno ou de uma grande empresa, por exemplo), essa questão não foi sempre útil na hora de tentar identificar a origem social dos participantes.

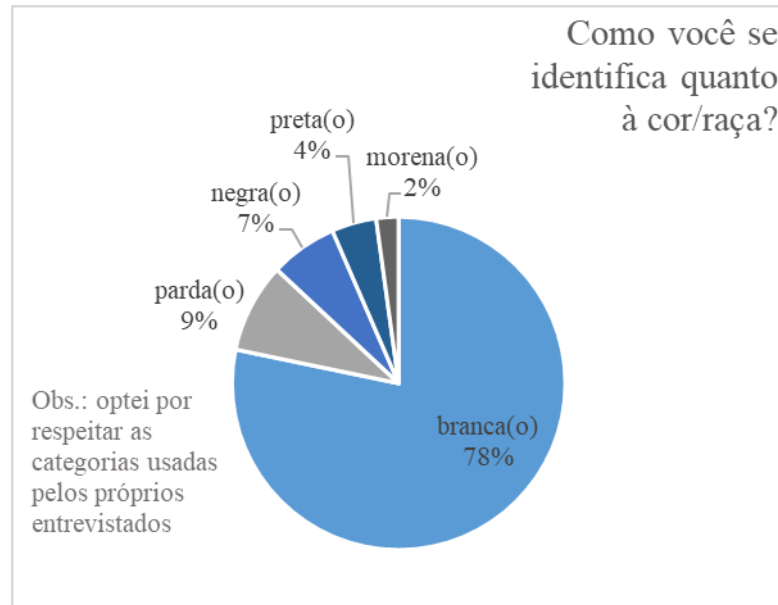
O que fiz, então, foi separar os participantes em três categorias (classe média, classe baixa e indefinido) de acordo com o tipo de escola em que estudou, a escolaridade dos pais e a situação de trabalho da pessoa. Foram reunidas no grupo “classe média” as pessoas que cabiam em alguma dessas categorias: 1) estudou em escola particular a vida toda ou durante a maior parte da vida e um dos pais tem Ensino Superior completo, ou 2) os dois pais têm Ensino Superior completo, ou 3) um dos pais tem Pós-Graduação completa. Na categoria “classe baixa”, foram agrupadas as pessoas que estudaram em escola pública a vida inteira, cujos pais não possuem Ensino Superior, e que disseram que trabalham para se sustentar ou para complementar a renda que seus pais lhes dão. Na categoria “indefinido”, foram agrupadas pessoas que não cabiam claramente nas categorias anteriores. O resultado foi que, dos 46 entrevistados, 34 foram agrupados na categoria “classe média”, 7 na categoria “indefinido” e 5 na categoria “classe baixa”.

Essa classificação com certeza foi feita de um modo grosseiro, com base em apenas alguns dados, e não dá conta da heterogeneidade das condições dos participantes. Mas considerando que 87,4% dos estudantes de Ensino Médio no Brasil e 82% dos alunos de Ensino Fundamental estudam em escolas públicas, e considerando que apenas 17,4% dos brasileiros têm diploma de Ensino Superior¹⁰, podemos notar que a maioria das pessoas que entrevistei tem um capital escolar bastante distintivo em relação à média brasileira. Uma vez que o capital escolar se relaciona ao capital econômico, concluo a partir daí que a maioria dos participantes na minha pesquisa pode ser enquadrada em uma concepção ampla de “camadas médias escolarizadas”.

Além disso, 27 participantes são mulheres, 18 são homens e apenas 1 pessoa se identificou como não-binário. 29 disseram ser heterossexuais, enquanto 14 se identificaram a partir de outras orientações sexuais. A maior parte dos entrevistados (32) tem entre 21 e 24 anos, e 89,1% cresceram em cidades médias ou grandes. Embora os entrevistados tenham feito graduações bastante diversas, a maior parte fez ou faz algum curso relacionado às Ciências Humanas ou Artes. Para que o texto ficasse mais fluido, não expus os dados sobre os participantes enquanto falava sobre eles, mas todos os dados individuais dos entrevistados estão expostos na parte de Anexos, identificados pelo codinome que usei no texto. Os seguintes gráficos foram construídos a partir dos dados gerais dos participantes:

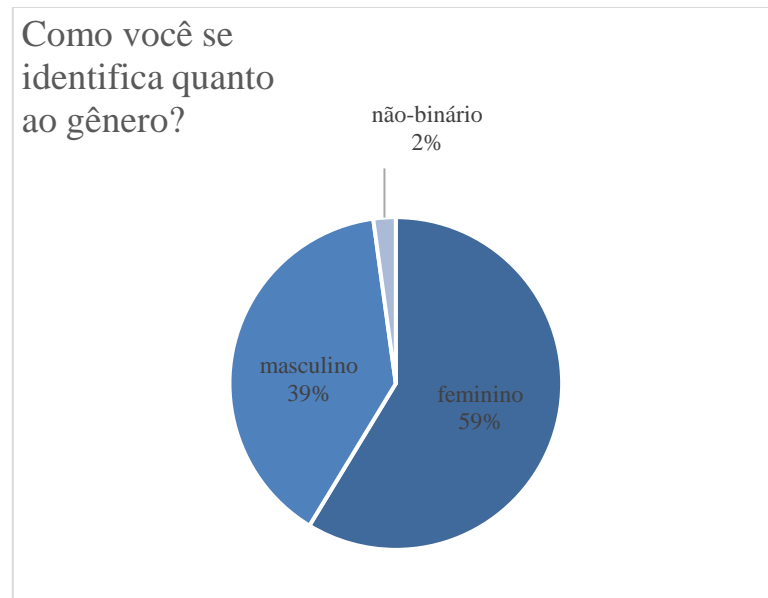
¹⁰ Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em 27/03/2021.

Gráfico 1 – Identificação quanto à cor/raça



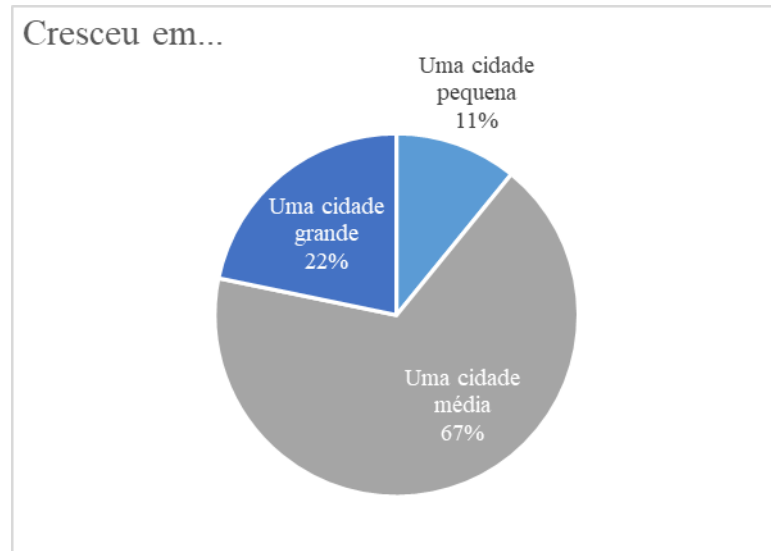
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 2 – Identificação quanto ao gênero



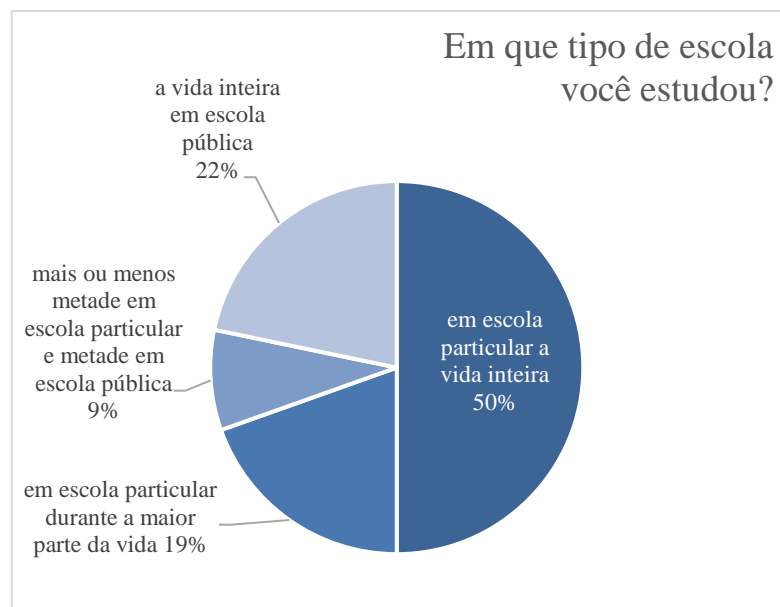
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 3 – Origem dos entrevistados



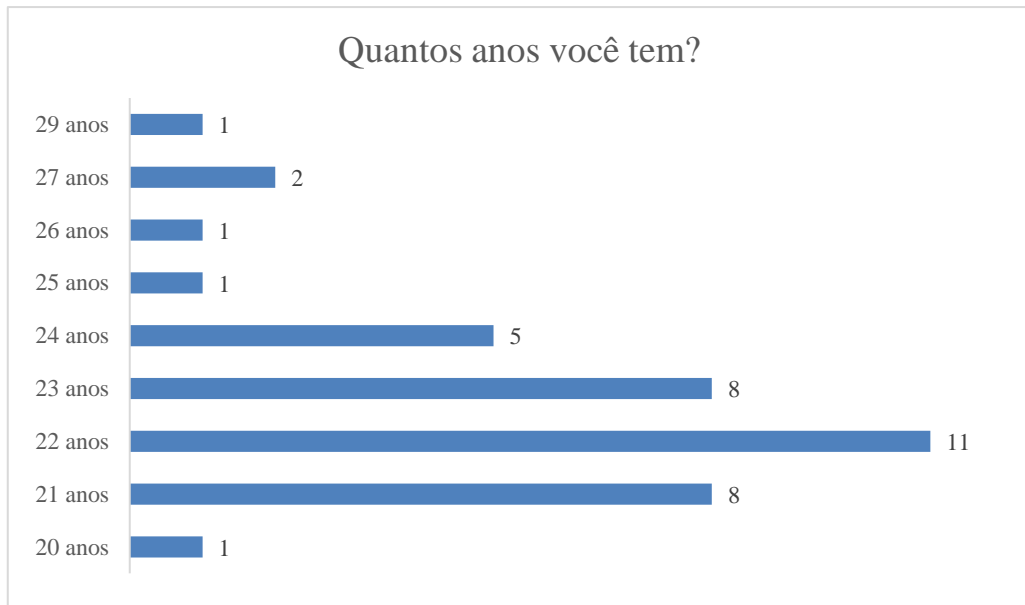
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 4 – Trajetória escolar



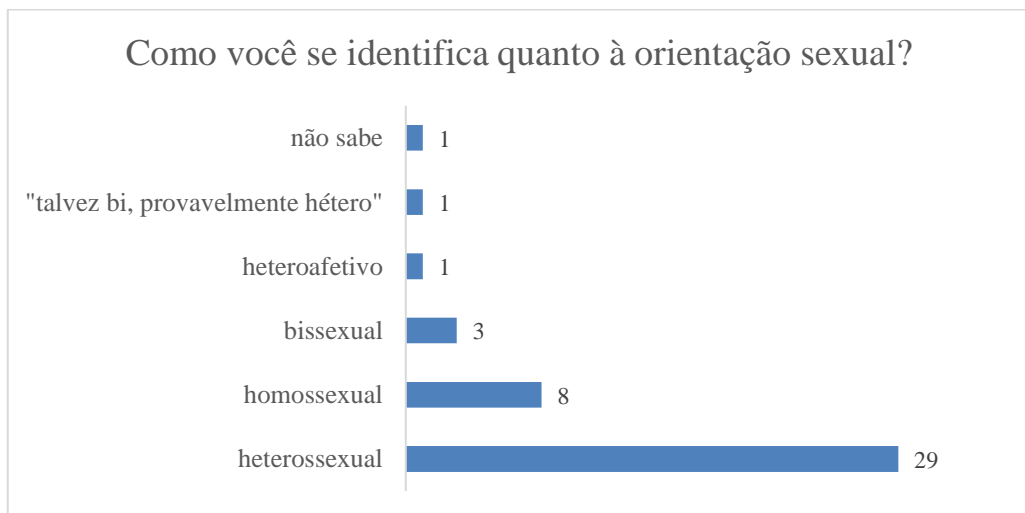
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 5 – Idade dos participantes



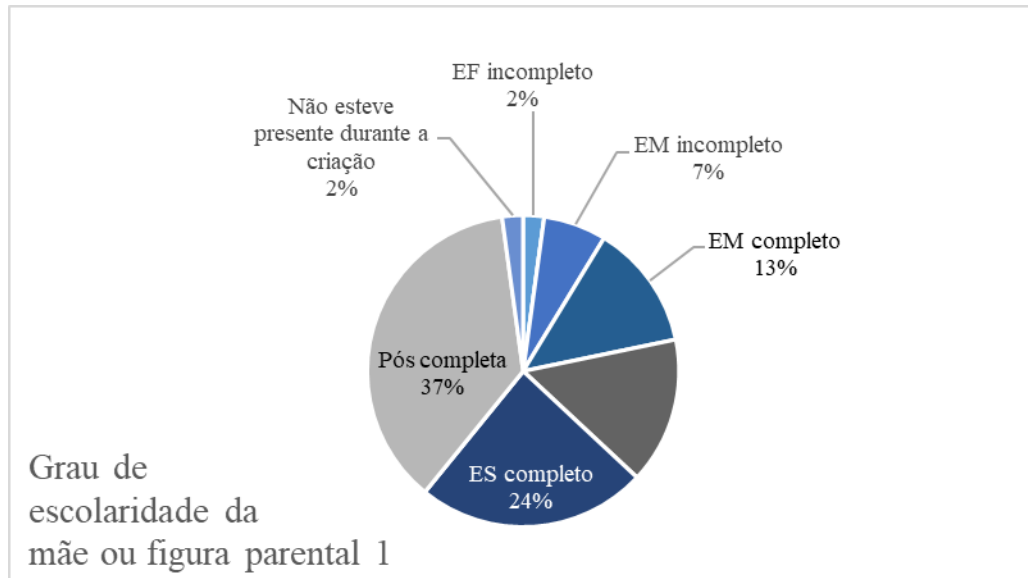
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 6 – Identificação quanto à orientação sexual



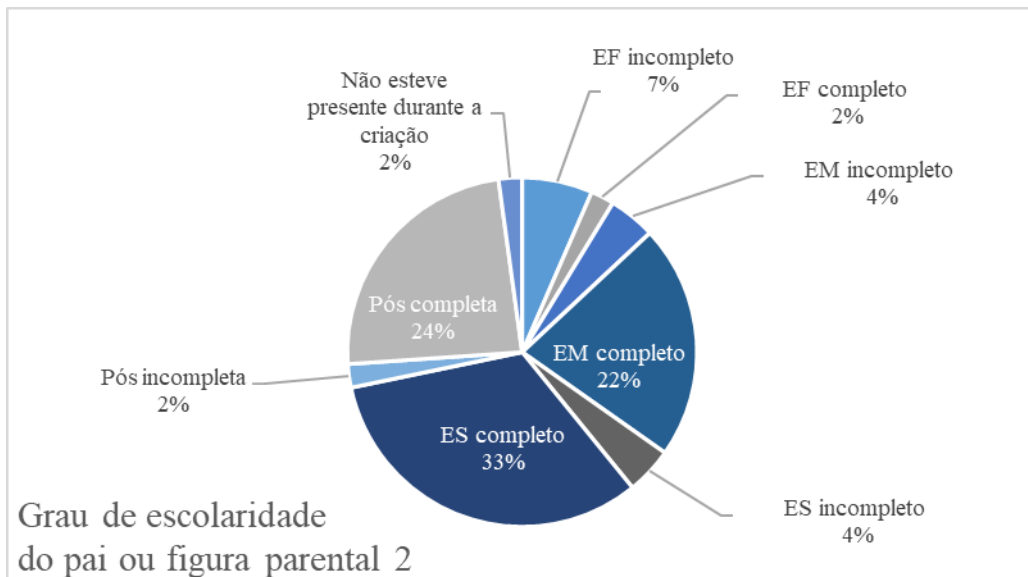
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 7 – Grau de escolaridade da figura parental 1



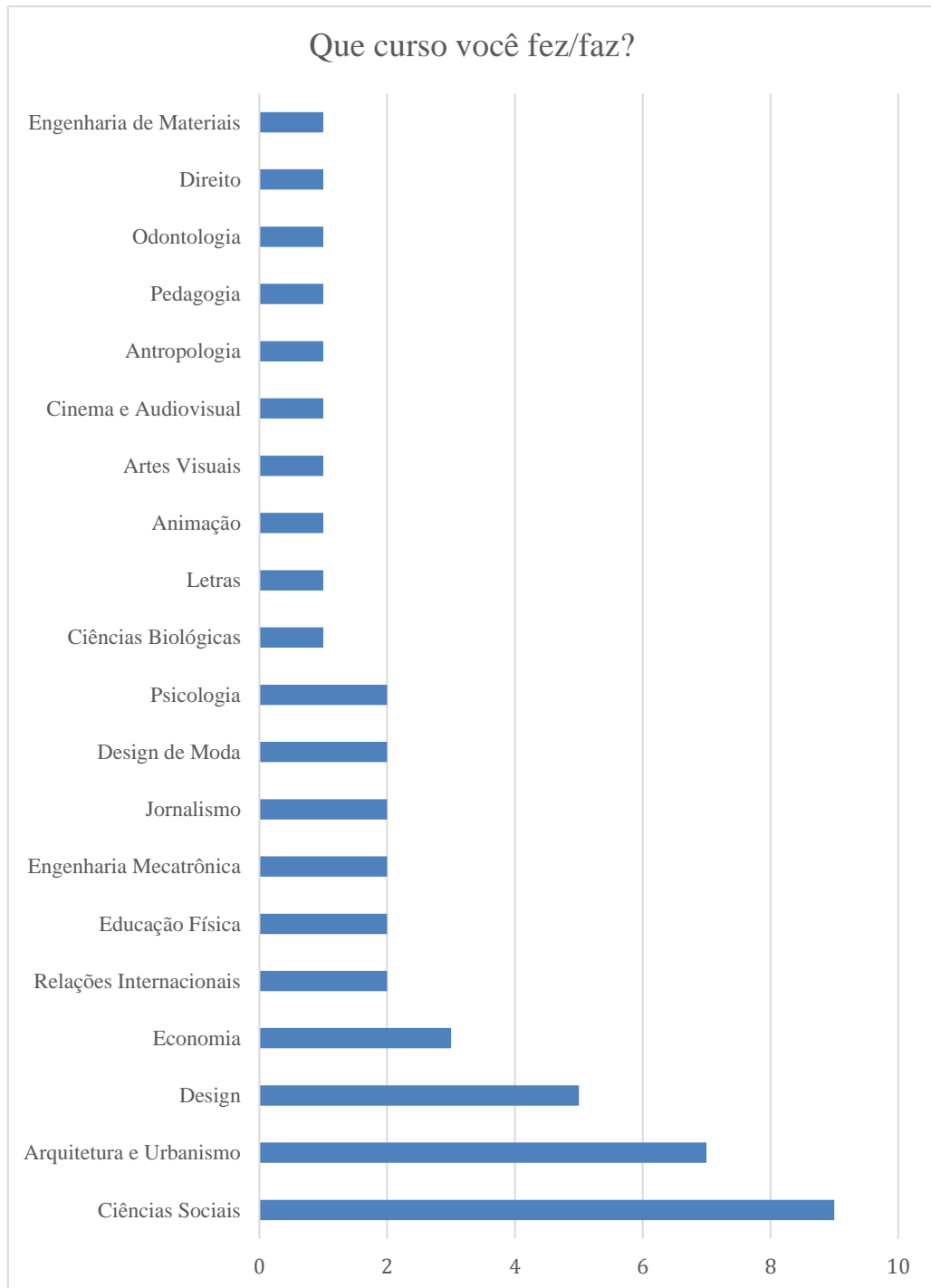
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 8 – Grau de escolaridade da figura parental 2



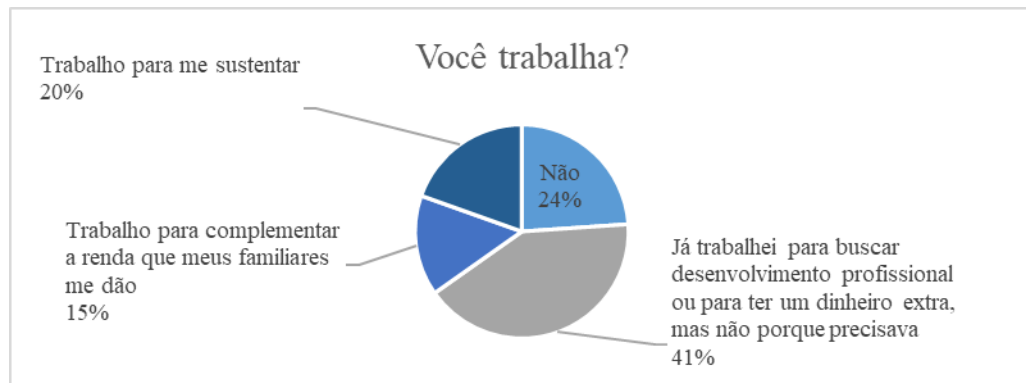
Fonte: Produção da autora.

Gráfico 9 – Curso dos participantes



Fonte: Produção da autora.

Gráfico 10 – Situação de trabalho dos participantes



Fonte: Produção da autora.

Podemos concluir que a maioria dos informantes são pessoas que pertencem às classes médias urbanas, são brancos, cisgênero, heterossexuais, têm entre 21 e 24 anos, fazem cursos relacionados às Ciências Humanas ou Artes e vêm de famílias bastante escolarizadas. Contudo, 10 pessoas não são brancas, 14 não são heterossexuais e 5 foram agrupadas na categoria “classe baixa”, o que quer dizer que as experiências representadas aqui são em certa medida variadas. Como veremos, diferenças em relação à raça, orientação sexual e classe foram sim relevantes nas experiências relatadas pelos participantes, mas não são suficientes para que possamos traçar relações que vão além de hipóteses. A ressalva a se fazer é que *todos* os entrevistados são ou foram universitários, tendo alcançado, assim, o ingresso em um espaço que é atualmente acessível a apenas uma minoria de brasileiros.

Outra questão a se levar em conta é meu nível de intimidade com os entrevistados. Não é fácil classificar as pessoas em níveis de intimidade, mas para oferecer um referencial, podemos dizer grosseiramente que cerca de 14 entrevistados são pessoas com quem tenho relações de familiaridade, 10 são desconhecidos, e que os outros 22 são pessoas que “conheço de vista”, ou conhecidos com quem não tenho muita intimidade.

2.4. Narrar uma vida em mensagens de voz

Fiquei muito surpresa com a quantidade de pessoas que se ofereceram para participar da pesquisa através do Instagram, mesmo se somente uma parte delas concedeu uma entrevista no fim das contas. Frente à pergunta inicial, a reação das pessoas foi variada: algumas disseram que nunca tinham parado para refletir sobre isso, enquanto outras disseram que é algo sobre o qual pensam bastante. Mas senti, de maneira geral, que as pessoas estavam bastante abertas à pesquisa, e que se empenharam bastante em desenvolver suas respostas. Elas se mostraram,

também, muito disponíveis para responder outras perguntas que eu quisesse fazer. Talvez essa disposição possa ser parcialmente atribuída à solidariedade dos universitários em relação aos que estão escrevendo seu TCC, ou à situação da quarentena, que limita os espaços de sociabilidade e faz com que as redes sociais e a comunicação virtual se tornem ainda mais importantes.

Em relação à experiência de utilizar as mensagens de voz como meio de pesquisa, considero que foi bastante proveitosa. Tive a impressão de que o fato de que a mensagem de voz é gravada quando a pessoa está sozinha, sem a presença física da pesquisadora reagindo imediatamente ao que está sendo dito, fez com que as pessoas se sentissem mais confortáveis para falar coisas que teriam sido mais difíceis de falar, ou teriam sido comentadas com menos palavras, caso se tratasse de uma conversa face-a-face.

Apesar disso, é necessário levar em conta que as pessoas se relacionam de maneiras diversas com esse tipo de comunicação. Uma pessoa comentou que não costuma gravar áudios, e que se sentia um pouco envergonhada ao gravá-los. Algumas pessoas gravaram longos áudios, enquanto outras foram bem concisas. Essa variedade não parece estar ligada ao grau de intimidade que a pessoa tem em relação a mim, pois algumas das pessoas que gravaram os maiores áudios na verdade não são próximas a mim. Minha hipótese é que a tendência a se sentir mais ou menos confortável ao gravar áudios, e a gravar mensagens mais ou menos longas, tem mais a ver com a relação entre a pessoa e o meio de comunicação; com o desembaraço da pessoa em relação à situação da entrevista em si; e com o desembaraço para falar sobre o tema e sobre si mesma.

A influência da situação da entrevista se faz sentir em diversos aspectos. Em primeiro lugar, apesar de a pessoa não ter que lidar com a minha reação e com as minhas expressões ao ouvir o que ela está dizendo, eu ainda assim “estou lá” como uma “plateia invisível” (GOFFMAN, 1985), e a pessoa sabe muito bem que ela está contando aquela história *para mim*. A minha presença se torna nítida nas narrativas em vários momentos, como quando a pessoa fala “não sei se tu lembrás disso...” ou “não sei se tu entendes o que eu quero dizer...”, etc. Também aparece na necessidade que a pessoa sente de justificar moralmente certas opiniões suas, ou quando se demonstra insegura sobre o que eu vou pensar sobre o que ela está falando, como quando fala “não sei se isso soa muito errado...” ou “isso é meio vergonhoso...”, ou ainda quando ri, zoa do que está falando, e faz piada sobre si mesma.

A influência da situação de entrevista também é perceptível nos momentos em que fica claro que a pessoa percebe a presença do público leitor dessa pesquisa. Embora seja bem improvável que muitas pessoas lerão esse trabalho, e embora todas as pessoas tenham recebido

codinomes, a construção dessas narrativas continuam sendo representações públicas sobre si, e por isso são ao menos em parte “propagandas de um eu justo”, como diz Jerome Bruner (2014, p.88). A presença do público leitor como plateia invisível se faz sentir de uma maneira engraçada quando, por exemplo, a pessoa deixa claro coisas sobre si mesma que eu, enquanto interlocutora, já sei - como quando uma conhecida de longa data achou necessário dizer “eu tenho dois irmãos...”, quando ela sabia muito bem que eu conheço ambos. Também é perceptível no uso (apesar de irregular) da norma culta do português - por exemplo, pronunciar “estou” ao invés de “tô”.

Não tenho conhecimento de outra pesquisa que tenha sido feita através de mensagens de áudio, e portanto, parte do interesse desse trabalho é sua experimentação em relação à técnica de pesquisa. Os relatos de história de vida que têm sido usados nas Ciências Sociais como objeto de pesquisa geralmente supõem longas entrevistas, que podem inclusive se repetir ao longo de dias, semanas, ou meses, o que é tomado como algo necessário para o desenvolvimento de uma relação de confiança entre entrevistadora e entrevistado, como pondera Lejeune:

Uma vida pode ser contada em uma hora, 10 ou 50. Serão obtidos assim graus de ampliação diferentes. É certo que a quantidade de informação não é proporcional à duração da pesquisa: mas já a qualidade pode mudar. O prolongamento da pesquisa pressupõe, e engendra, uma personalização da relação; da qualidade dessa relação depende em grande parte o interesse da narrativa coletada. (LEJEUNE, 2008, p.153-154)

O que diria Lejeune de uma história de vida contada em 20 minutos - que é mais ou menos o que fazem as pessoas que entrevistei? Está claro que o tipo de narrativas com as quais estou lidando não são do mesmo tipo que os longos relatos com que lidam, por exemplo, Gabriele Rosenthal (2014) ou Michael Pollak (2010). Trata-se de uma diferença que é necessário assumir.

Por outro lado, o fato de que fiz esse trabalho de campo entre pessoas do meu próprio universo social faz com que, mesmo quando estou conversando com entrevistados que não conheço pessoalmente, estejamos partindo de uma relação mais ou menos próxima, e não de um abismo. Percebi isso em vários momentos, por exemplo, quando alguém dizia “aquele colarzinho de prancha que todo mundo usava, não sei se você lembra...”, ou “aquele tênis gordão, acho que você sabe do que eu tô falando...”, e ainda, quando faziam várias referências naturalizadas a bandas, filmes e programas de TV, ou a experiências de vida que são tomadas como tendo sido vivenciadas por “todo mundo” - inclusive por mim. Pude perceber, a partir daí, que os entrevistados me viam como alguém que pertencia em larga medida ao mesmo

universo social que o deles, ou ao menos, como alguém que compartilhou das experiências de uma mesma geração e de uma certa camada de jovens dessa geração.

Também temos que levar em consideração que o WhatsApp impõe uma forma de interação específica, que não é meramente uma conversa um pouco diferente, mas é um outro modo de comunicação inteiramente. O uso das mensagens de voz como meio de comunicação influencia nitidamente a construção das próprias narrativas. Claro que as pessoas se relacionam de maneiras diferentes com esse meio de comunicação e o utilizam de maneiras diversas, mas algumas regularidades podem ser observadas. Por exemplo, aconteceu algumas vezes de a pessoa pedir desculpa por ter enviado um áudio “longo demais” - apesar de ter sido explicitado que quanto mais ela falasse, melhor:

Cara 4 minutos de áudio, qual o meu problema?! Mas não tem problema, né? Tu falou que não tinha problema (risos). Tá, eu acho que eu ainda não falei tudo! (André)

Tipo eu não gosto de usar roupas muito longas, muito soltas, só quando eu tô em casa, assim, que eu acho confortável, mas se for fora, assim... eu não sei por que, mas eu não vejo motivo, eu gosto, meu deus do céu, tá muito grande o áudio. (Gustavo)

Tá, eu vou mandar outro áudio porque esse tá muito longo. (Alice)

Isso não impedia que a pessoa falasse bastante, mas significa que, ao invés de enviar um único áudio de 15 minutos, ela enviaria 5 áudios de 3 minutos, por exemplo. Parece que existem “regras de etiqueta” não verbalizadas sobre a maneira correta de usar mensagens de voz, e parece que várias pessoas consideram que não é educado “obrigar” o interlocutor a ouvir um áudio muito longo - embora não exista um consenso sobre o que é um áudio longo demais. Isso aconteceu durante a interação com várias pessoas, mas também houve algumas que enviaram áudios bem mais longos sem parecerem constrangidas com isso.

Por outro lado, às vezes a preocupação em não enviar áudios muito longos não parecia ter a ver com essas “regras de etiqueta”, e pode se relacionar ao fato de que no WhatsApp, se a pessoa acidentalmente soltar o botão de gravação no meio da fala, o aplicativo entende que a intenção foi de cancelar o áudio, e assim a pessoa perde tudo o que foi dito e tem que começar novamente. Gravar áudios mais curtos, então, parece ser uma estratégia para que caso a pessoa perca o áudio, ela não tenha perdido muita coisa.

Outra forma através da qual esse meio de comunicação influencia na construção da narrativa pode ser observada no fato de que os entrevistados usam os áudios para organizar e estruturar a narrativa. Novamente, as pessoas fazem isso de maneiras diversas. Várias vezes a

pessoa explicita a maneira como ela pretende utilizar o áudio para organizar a narrativa, dizendo, por exemplo: “no próximo áudio eu vou falar sobre isso...”:

[Fim do áudio:] ah... já vou enrolar de novo, mas enfim, fechei esse assunto (risos). Fechei assunto no caso do... de como eu estou me vestindo atualmente em relação a um passado presente. Daí eu vou mandar outro áudio agora falando outra coisa. (André)

[Fim do áudio:] Mas enfim, eu parei na parte de que... eu sou uma gótica suave, eu vou continuar em outro áudio. (Clarice)

[Fim do áudio:] Como eu sempre fui meio pirigótica¹¹, o verão *sempre* foi um problema pra mim. Aguarde o próximo áudio pra saber sobre o verão. (Clarice)

Algumas vezes, a pessoa usa os áudios para organizar a narrativa em temas, de forma explícita ou não. Outras vezes, a pessoa os utiliza para estruturar a narrativa em fases, falando sobre a infância em um áudio, a adolescência em outro, etc.

Outra maneira frequente de usar os áudios para organizar a narrativa é finalizar a gravação quando a pessoa perdeu a linha de raciocínio, quando não sabe mais o que dizer, ou quando quer parar para pensar um pouco mais sobre o que vai falar a seguir:

Então, é... mas basicamente é isso, eu acho que assim... eu... tá meio travado aqui, calma. Eu vou mandar esse áudio pra você e continuo o resto. (Vitor)

Acho que é isso, na real. Vou dar mais uma pensada sobre o que eu falei, sobre o que eu te apresentei, e fazer algumas outras considerações. (Melissa)

Uma vez que a pessoa enviou o áudio, ela pode escutá-lo novamente, pensar sobre o que falou e o que falta ser dito. A possibilidade de ouvir o que ela mesma disse faz com que as pessoas às vezes usem os próximos áudios para voltar ao que foi dito, corrigir, reavaliar ou desenvolver melhor uma ideia.

Como já foi mencionado, todas essas formas de usar as mensagens de voz para organizar a narrativa podem ser explicitadas pela própria pessoa em um retorno reflexivo. Especialmente nesses casos, podemos perceber que na maior parte das vezes a pessoa pensou pelo menos um pouco sobre o que iria dizer, antes de gravar os áudios. Inclusive, os casos em que a pessoa começava a gravar um áudio imediatamente após ouvir a pergunta inicial formam uma minoria. Na maior parte das vezes, a pessoa levava pelo menos cerca de 20 minutos (e até dias, algumas vezes) antes de responder. Assim, geralmente as narrativas eram mais ou menos preparadas pelas pessoas antes da gravação. É interessante notar, também, que algumas pessoas

¹¹ Segundo a própria entrevistada, o termo “pirigótica” é a junção das palavras “piriguite” e “gótica”, e se refere a um estilo um pouco gótico, mas mais sensual.

mencionaram estar usando recursos mnemônicos: pelo menos uma pessoa disse que tinha feito algumas anotações antes de começar a gravar os áudios, e alguns entrevistados disseram estar gravando as mensagens enquanto olhavam para o seu guarda-roupa, para se lembrarem das roupas que têm.

Porém, apesar de que essas narrativas frequentemente são construídas com base em uma reflexão e até mesmo uma organização prévias, fica bastante claro que, no ato de contar, a narrativa toma rumos imprevistos. Muitas vezes, a pessoa acaba não falando sobre o que disse que ia falar no início do áudio. Ou então, ela diz que “se perdeu” no que estava falando. Ou ainda, começa um novo áudio dizendo “ah! Esqueci de falar uma coisa...”. Também há o fato de que na maioria das vezes a narrativa é pontuada por *flashbacks*, anedotas, movimentos de avanço e retorno, e reticências mais ou menos demoradas do tipo “e aí...” que indicam que a pessoa está pensando sobre o que vai falar.

A partir desses apontamentos, podemos perceber que o tipo de comunicação que se estabelece por meio das mensagens de voz do WhatsApp é de um tipo particular. Ela não possibilita a autocorreção, a organização e a reflexividade tanto quanto a escrita, mas o faz mais do que a conversa. Ela também não é tão espontânea quanto a conversa, pois permite a preparação do que será dito, mas dá ao entrevistado uma sensação maior de privacidade, na medida em que ele tem que lidar apenas com uma “plateia invisível”.

Para concluir, acredito que escolher as mensagens de voz como meio de pesquisa foi uma boa decisão. As respostas em áudios tomam naturalmente a forma de narrativas, pois o entrevistado não limita as suas próprias respostas ao estritamente necessário, na expectativa da próxima pergunta vinda da pesquisadora, e a entrevistadora não pode interrompê-lo enquanto ele fala. Parece ter sido o ideal para o tipo de questão abordada aqui. Além disso, tenho a forte impressão de que certas coisas que foram ditas por meio dos áudios não teriam sido verbalizadas em uma interação onde houvesse a troca de olhares - embora eu não possa comprovar isso de nenhuma forma. Em relação à dimensão técnica desse meio de comunicação, o fato de as respostas serem gravadas também foi muito útil na hora de transcrevê-las.

Com certeza, esse meio de pesquisa não é o ideal para todos os casos. A interação face-a-face, devido à maior espontaneidade e à possibilidade de ver a expressão da pessoa, entre outros fatores, traz uma riqueza que é parcialmente perdida nas mensagens de voz. As mensagens de voz também não são ideais na hora de entrevistar grupos que não têm tanta familiaridade com as tecnologias do *smartphone*. Contudo, acredito que elas possuem potencial como meio de pesquisa, sobretudo no atual contexto de pandemia.

2.5. O trabalho da escrita

Como diz Lejeune (2008), se durante a situação da entrevista estamos voltados aos entrevistados e em diálogo com eles, na escrita do texto nos vemos com a responsabilidade de nos voltar ao público leitor e transmitir-lhe o que nos foi dito¹². A pesquisadora tem todas as funções de estruturação, controle e comunicação do texto, e tem a tarefa de “condensar, resumir, eliminar os resíduos, escolher eixos de pertinência, estabelecer uma ordem, uma progressão” (LEJEUNE, 2008, p.119). Ou seja, a partir da memória e das narrativas de *outras* pessoas, eu mesma construo uma outra narrativa. Esse trabalho traz uma série de dilemas éticos, que não podem ser englobados aqui. Mas gostaria de explicitar pelo menos dois pontos: a forma como os relatos foram transcritos, e a forma como estruturei o texto final.

Transcrever uma entrevista não é uma simples operação de cópia; é uma recriação completa, que exige pensar sobre a maneira como a escuta será transmitida em forma de texto (LEJEUNE, 2008). Na transcrição do relato dos entrevistados, a forma como eles falam não foi copiada “fidedignamente”, mas também não foi adaptada inteiramente à norma culta. Essa primeira opção não foi levada a cabo, em primeiro lugar, porque ela é impossível: até mesmo na imposição da pontuação nós estamos dando uma outra forma ao discurso, que é sempre transformado na transposição para a escrita. Em segundo lugar, isso não foi feito porque as variações linguísticas usadas pelos entrevistados não eram muito relevantes para essa pesquisa, e porque esse tipo de transcrição corre o risco de transformar-se em uma operação exotizante¹³ sem justificativa teórica. Mas por outro lado, a fala dos entrevistados não foi adaptada inteiramente à norma culta, pois todo tipo de “correção” é apenas uma das possibilidades de correção, que corre o risco de modificar o sentido do discurso - sem contar o fato de que levaria um bom tempo para fazer esse tipo de trabalho, que afinal, não seria necessário para a compreensão dos relatos.

O que fiz foi chegar a um compromisso intermediário. Sabemos que todos nós utilizamos variações linguísticas que não fazem parte da norma culta, mas que somente algumas delas são estigmatizadas. Guiando-me pelo fato de que a forma como os entrevistados falam é em larga medida a forma como eu mesma falo, modifiquei algumas estruturas, como a

¹² “O pesquisador, ao mudar de lugar no discurso transformado em texto, desloca a direção, o local e o modo de sua mediação. Durante a enquete, ao se dirigir ao modelo, ele representava o público. Agora, está diante do público e se dirige a ele como intérprete do modelo, ou melhor, do casal que formava com este” (LEJEUNE, 2008, p.179)

¹³ Sobre esse tipo de transcrição, Lejeune (2008, p.165) diz que não se trata “de uma escolha científica de ‘fidelidade’, mas antes de uma conduta condescendente destinada a produzir um efeito ‘etnológico’, construindo, no interior de um sistema escrito, a imagem (...) de uma espécie de estado ‘selvagem’ da língua”.

concordância de algumas frases, que considereei serem mais estigmatizadas na forma escrita, mas mantendo a maior parte das marcas da oralidade. O objetivo foi transcrever os relatos de uma forma que os próprios entrevistados pudessem se reconhecer neles.

Quanto à estruturação do texto final. Como é possível observar, o principal eixo que estrutura esse trabalho é a forma como a nossa cultura separa o ciclo de vida. Quando escrevi o projeto, eu não tinha a intenção de organizar o texto desse modo. Mas ao ouvir as entrevistas repetidas vezes, transcrevendo, resumindo e comparando os relatos, tornou-se evidente que a utilização de “fases da vida” para organizar a própria narrativa era de longe o princípio mais recorrente entre os entrevistados.

A infância, a ruptura, a adolescência, o amadurecimento e o momento presente são as fases e processos a partir dos quais a maioria dessas pessoas optou por organizar sua história. Porém, essas fases e processos podem ter sido vivenciados, e são lembrados e narrados, de diferentes formas. Assim, o texto final se assemelha a um mapa, onde cada fase da vida pode ser percorrida por um caminho diferente. É possível identificar diferentes formas de percorrer esse caminho e separá-las em subcapítulos, como os que organizam o presente trabalho, mas na prática, elas costumam se sobrepor em cada narrativa.

Foi devido à recorrência dessa forma de narrar a própria vida, portanto, que optei por segui-la na hora de construir o texto final. Mas isso não significa que todas as pessoas tenham organizado seu relato dessa forma; e no fim, essa é apenas uma das maneiras através das quais essas narrativas poderiam ter sido organizadas.

2.6. Falar de dentro e falar de fora

Há ainda outro dilema ético e metodológico que precisa ser comentado com mais atenção, e que merece seu próprio subcapítulo. Trata-se do fato de que, como já foi comentado, optei por entrevistar pessoas da minha própria faixa etária e que circulam ou circularam nos mesmos espaços que eu, muitas das quais me consideram explicitamente como alguém que faz parte do mesmo universo social que o seu, ou pelo menos, como alguém que compartilha com elas certas experiências características de uma geração. Quando produzo minhas próprias interpretações de segunda mão sobre as interpretações delas, estou falando *de dentro* desse grupo, mas meu lugar como pesquisadora, que exige a postura do estranhamento, faz com que eu fale simultaneamente *de fora* desse grupo, e essa é uma posição que não se reduz nem a um lado, nem a outro.

A necessidade do distanciamento entre o “sujeito” e o “objeto” da pesquisa foi tradicionalmente vista como uma premissa da objetividade científica nas ciências sociais, principalmente para a sua legitimação enquanto ciência. Vêm daí as inseguranças e o desconforto característicos da experiência de pesquisar o seu próprio grupo social. Como nos lembra Gilberto Velho (1999), o fato de estarmos familiarizados com uma paisagem cotidiana e com seus habitantes não garante que conheçamos suas visões de mundo, valores, expectativas e práticas, pois o que está muito perto do ponto de vista físico pode estar muito distante do ponto de vista cultural. Na hora de estudar aqueles com quem estamos familiarizados, corremos o risco de projetar sobre eles nossa própria visão de mundo, e de quebra, dar a ela o carimbo da autoridade científica.

Já em 1904, Max Weber (1991) nos chamou a atenção para a necessidade de uma concepção não inocente de objetividade do conhecimento nas ciências sociais. Para o autor, a realidade empírica se apresenta como “cultura” na medida em que essa realidade se torna *significativa* para nós, e portanto, “todo conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a pontos de vista especificamente particulares” (WEBER, 1991, p.97) que orientam a seleção, a análise e a organização na exposição dos fenômenos culturais enquanto objeto de pesquisa.

Não admitir isso é não somente indesejável do ponto de vista metodológico, mas é também perigoso e desonesto, na medida em que o pesquisador que reivindica o “truque de Deus”, como diz Donna Haraway (1995), ao pretender colocar-se no lugar da neutralidade, mascara o seu ponto de vista e se torna irresponsável pelo conhecimento que produz. Para Haraway, a única objetividade possível é aquela alcançada através de um saber localizado, ou seja, pelo conhecimento responsável construído a partir de um lugar explicitado e reflexivo.

Não se trata de buscar uma identificação total com o “objeto” do conhecimento para falar a partir do *seu* lugar; como Haraway coloca, a “fusão é uma má estratégia de posicionamento” (HARAWAY, 1995, p.25), pois ela não se compromete com a desnaturalização e com a reflexividade. A partir dessa observação, podemos pensar, por exemplo, na escolha de Raymond Williams (2011) do ponto de vista de Leonard Woolf para analisar o círculo de Bloomsbury, ou na escolha de Norbert Elias (2011) do duque de Saint-Simon como “informante” sobre a sociedade de corte. Para esses autores, as memórias desses dois homens são pontos de vista privilegiados a partir dos quais estudar os meios em que eles circularam, pois devido às suas respectivas posições, eles estavam simultaneamente dentro e fora desses grupos (ou melhor, eles estavam dentro, mas às margens), e por isso estavam

particularmente aptos para analisar esses grupos a partir de uma postura crítica e compreensiva ao mesmo tempo.

Eu, enquanto pesquisadora, estou simultaneamente dentro e fora do grupo que pesquiso, embora não possa dizer que estou estruturalmente às margens. Essa posição tem suas vantagens. Por um lado, conheço os referenciais culturais a que se referem os entrevistados, e estou vivendo um momento bastante parecido com o deles, e por isso estou apta a compreender as angústias e inseguranças nas linhas e entrelinhas de suas narrativas. Isso é interessante, na medida em que para compreendermos verdadeiramente a experiência humana temos que lidar não somente com as expressões racionalizadas do “entendimento”, mas também com os sentimentos nem sempre articulados, ou que encontram apenas uma articulação confusa por meio da linguagem (FAVRET-SAADA, 2005). Por outro lado, meu comprometimento com uma objetividade possível faz com que eu tenha o dever e a propensão para o estranhamento e a reflexividade, de forma que certas coisas que são vividas com naturalidade por eles devem ser desnaturalizadas por mim.

Mas essa posição também tem suas desvantagens. Nesse caso, trata-se de levar a familiaridade longe demais, projetar minhas angústias sobre as deles e, talvez principalmente, homogeneizar as experiências relatadas por eles do ponto de vista das camadas médias que é a minha própria localização social, e que apesar de ser também o lugar de onde falam a maioria dessas pessoas, não é a posição de *todas* elas. Corro o risco, portanto, de não perceber a fineza de certas diferenças entre as narrativas. Mas também não quis exagerar e cair no outro extremo, explicando todas as diferenças a partir de posicionamentos diversos em relação a marcadores sociais de diferença. São riscos que devem ser assumidos e explicitados, e que devemos manter em mente.

A análise exposta nas próximas páginas é uma interpretação que procurou refletir sobre as condições de sua própria produção, e nos referindo novamente a Gilberto Velho (1999), podemos dizer que a vantagem de estudar a própria sociedade é que a interpretação da cientista social vai se confrontar e concorrer com outras interpretações, entre as quais estão aquelas feitas pelas próprias pessoas estudadas. Portanto, mesmo que esse trabalho não seja lido por quase ninguém, ainda assim ele se insere em um diálogo, e não em um monólogo. A mim, só resta esperar que as leitoras e leitores dessa pesquisa, e outras pessoas que no futuro se interessem por investigar nessa mesma direção, percebam coisas que eu não fui capaz de perceber.

3. FALAR SOBRE ROUPAS E FALAR SOBRE SI

Quando pedi a essas pessoas que falassem sobre os modos como se vestiram e se vestem, no passado e no presente, as respostas recebidas não foram simplesmente *listas* dos tipos de roupas que elas usaram ao longo de suas vidas. Para responder a essa pergunta, cada pessoa refletiu sobre quem é hoje e quem foi no passado, pensou sobre o que mudou e o que permaneceu no seu modo de se vestir, e tentou identificar as razões por trás dessas transformações, e o que elas significaram para o desenrolar dessa história que culmina no modo como ela se veste hoje em dia.

Falar sobre as transformações no modo como alguém se veste é contar a história de uma *pessoa* que se veste. Frente a novas circunstâncias, novos ambientes, novos amigos (e no caso dessa pesquisa, frente a uma pergunta), esse alguém é levado a contar novamente sua própria história. Esse processo é uma forma de representar a si mesmo (GOFFMAN, 1985), e a pessoa como uma entidade, uma totalização, uma identidade, um destino, é criada através desse ato (BOURDIEU, 2008). É por isso que, para Jerome Bruner (2014, p.75), “a criação do Eu é uma arte narrativa”:

nós construímos e reconstruímos nossos eus constantemente para satisfazer as necessidades das situações com que nos deparamos, e fazemos isso com a orientação de nossas memórias do passado e de nossas esperanças e medos do futuro. Falar de si para si mesmo é como fabricar uma história sobre quem e o que somos, o que aconteceu e por que fazemos o que estamos fazendo. (BRUNER, 2014, p.74)

Então talvez as primeiras coisas que deveríamos nos perguntar ao ouvir uma narrativa que alguém constrói sobre as transformações nos seus modos de vestir são: que tipo de pessoa é a protagonista dessa história? Como ela explica o fato de se vestir de um certo modo em um certo momento? De que maneira ela entende que ocorrem as transformações no seu modo de vestir ao longo do tempo? Para pensar um pouco sobre isso, vamos prestar atenção nessa passagem do relato de Beatriz:

Até vou detalhar um pouquinho mais sobre as duas experiências internacionais que eu tive, por causa que choque cultural é uma coisa bastante *forte*¹⁴ e que influenciou muito o jeito que eu me vestia. Quando eu fui pra Nova Zelândia, eu tinha muito a necessidade de me sentir uma menina da Nova Zelândia. Então eu comprava nas lojas locais, nas lojas que as minhas amigas iam, e (...) eu me moldei, moldei muito o meu estilo de acordo com o objetivo de *me tornar* uma menina da Nova Zelândia, sabe? Nesse sentido. (...) E... então eu me sentia muito nessa necessidade de me tornar uma menina da Nova Zelândia, enquanto que *quando* eu fui pra Alemanha, foi *completamente* o

¹⁴ Usei o itálico para transcrever as palavras que foram ditas com mais ênfase.

contrário, sabe? Foi tipo... eu me *sentia* diferente, eu via que as pessoas me *viam* como uma pessoa diferente, e... eu usei isso como um escudo pra... sabe, pra poder me libertar e falar “tá, eu sou diferente sim! Eu sou uma pessoa muito mais alegre, eu sou uma pessoa muito mais extrovertida, mais divertida e eu vou manifestar isso nas roupas que eu visto”. Então... eu sempre usava muito rosa e as pessoas me reconheciam como a menina que usava rosa, que tinha um casaco de pêlo rosa, que usava maquiagem colorida pra ir pras festas, que usava muito brilho... Então foi um contraste bastante grande, assim, é... talvez até... eu tive um apreço muito grande pela população, pelo pessoal da Nova Zelândia, então talvez por isso que eu quis me parecer um pouco mais com eles, enquanto que com o pessoal da Alemanha, eu não consegui me dar *nem* um pouco bem, eles eram muito diferentes de mim, e... eu não consegui fazer quase nenhum amigo alemão, mesmo, a maioria do pessoal que eu andava, eles eram de outros países, então... nesse caso parece que eu quis me *distanciar*. Eu não queria ser nem um pouco assim, alemã, bem pelo contrário, eu queria ser eu, e queria mostrar pros outros que eu era diferente, sabe?

Vemos que Beatriz atribui as mudanças no seu modo de vestir nesses dois momentos às diferenças entre as formas como ela se sentia em relação aos neozelandeses e aos alemães. O modo de vestir é narrado como algo que surge a partir da interação entre o “eu” e o meio no qual ele circula. A ideia de que o gosto, o estilo ou o modo de vestir¹⁵ é uma “construção” feita a partir dessa interação, é muito frequente nas narrativas:

eu acho que como a gente vive em sociedade, assim, à medida que a gente vai interagindo com as outras pessoas, os nossos gostos vão mudando, vão se ajustando, à medida que o tempo passa né. (Gustavo)

E é engraçado como vai mudando isso aí né. O ambiente que você tá, as pessoas que você convive, as tuas influências, é, literárias, culturais, enfim... elas acabam influenciando o modo como você se veste. (Vitor)

entendo que o gosto é uma construção, que eu fiz. (Isabel)

eu acho que eu sempre fui muito influenciado pela TV, pelos filmes né, pelas séries e pelos meus amigos também. Bastante. E... eu acho que cada momento... reflete isso, assim. (Tomás)

o jeito de vestir tá sempre atrelado às relações... pertinentes com a pessoa no momento né... e se elas mudam, acho que o jeito também muda. (Davi)

O modo de vestir é visto, portanto, como produto de uma *relação*: as roupas, em cada momento da vida, costuram a percepção que a pessoa tem sobre si mesma à sua percepção sobre tudo aquilo que faz parte do “mundo exterior”. Por isso, falar sobre as roupas é falar sobre o “eu”, sobre o seu lugar na sociedade e sua relação com as outras pessoas e com o mundo em geral:

¹⁵ Nesse capítulo, uso “modo de vestir”, “gosto” e “estilo” como sinônimos, para facilitar a argumentação. Mas nessas narrativas, esses três termos nem sempre são usados como sinônimos, e o mesmo termo pode até significar coisas diferentes – como é o caso do termo “estilo”, que será discutido em um subcapítulo mais à frente. De maneira simplificada, poderíamos dizer que o “gosto” é o princípio particular que orienta um modo de vestir, e que o “estilo” é justamente um modo de vestir que é visto como produto de um gosto específico.

Uma narrativa de autoconstrução tem um pouco de equilibrismo. Ela deve, por um lado, criar uma atmosfera de autonomia, persuadir-nos de que alguém tem vontade própria, uma certa liberdade de escolha, um certo grau de possibilidades. Mas também deve relacionar o eu a um mundo repleto de outros: a amigos e família, a instituições, ao passado, a grupos de referência (BRUNER, 2014, p.89).

Esse “equilibrismo” entre o “eu” e os “outros”, porém, não deve ser naturalizado como se fosse a única forma de experimentar a vida e narrá-la. Deve, antes, ser relacionado aos “modelos culturais implícitos, não verbalizados, daquilo que a individualidade deveria ser” (BRUNER, 2014, p.75), ou seja, a uma noção de pessoa (MAUSS, 1974) que é particular ao contexto cultural em meio ao qual uma certa história de vida é vivida, lembrada e narrada.

Desde o célebre ensaio de Marcel Mauss (1974), posteriormente desenvolvido nas pesquisas de Louis Dumont (1985), sabemos que a ideia de “indivíduo”, a partir da qual nossa sociedade pensa o ser humano, não é natural nem evidente, mas sim, produto de uma longa história. De acordo com Mauss, é sobretudo a partir do cristianismo que a pessoa deixa de ser pensada acima de tudo como a portadora de um nome e de um legado que pressupõem um papel dado em uma hierarquia clânica e familiar, e passa a ser vista como uma pessoa *única*, que é ao mesmo tempo igual a todos os outros filhos de Deus, e cuja singularidade se deve a uma dimensão subjetiva ou interior.

Para Viveiros de Castro e Ricardo Benzaquen de Araújo (1977), essa nova perspectiva sobre a existência de uma “dimensão interna” à pessoa estaria na origem da ideia de “personalidade” ou *inner self*: aquilo que é mais “verdadeiro” e singular sobre cada pessoa¹⁶. Assim, uma importante faceta da noção de pessoa ocidental é que entendemos o indivíduo como um “ser psicológico que obedece a linhas de ação independentes das regras que organizam a vida social” (VIVEIROS DE CASTRO; BENZAQUEN DE ARAÚJO, 1977, p.142). Essa percepção traz a ideia de que há toda uma dimensão da pessoa que não está à mostra, e que é relativamente independente do “mundo exterior”. É por isso que Dumont (1985) aponta que, na nossa sociedade, valorizamos a ideia do indivíduo como entidade autônoma, anterior ao (e independente do) laço social.

Usando uma expressão que parece sintetizar muito bem essas ideias, Daniel Miller (2013) coloca que a cultura ocidental trabalha com uma “ontologia da profundidade”: acreditamos que o nosso “eu” é uma essência localizada profundamente dentro de nós em *oposição* ao “mundo exterior”. De maneira retrospectiva, o “eu” é visto como produto de um

¹⁶ Devido à importância dessa perspectiva, os autores defendem que “a ‘personalidade’ parece ser o lugar do *mana* em nossa sociedade” (VIVEIROS DE CASTRO; BENZAQUEN DE ARAÚJO, 1977, p.165).

desenvolvimento linear - como a realização de uma essência que já estava de algum modo inscrita nas suas primeiras experiências. Isso se traduz claramente nos relatos dos entrevistados, no uso frequente de expressões do tipo “eu sempre gostei disso...” e “eu nunca fui assim...”, que indicam que, por trás das variações nos modos de se vestir ao longo da vida, eles consideram que existe um “fio condutor” no modo como se relacionam com as roupas, como fica explícito na fala de João:

[o meu gosto] com certeza mudou bastante, assim. Até porque eu sou uma pessoa que... tive várias referências diferentes, assim, ao longo... da vida. Mas acho que a estrutura, assim, ou pelo menos... o corpo do meu estilo (risos), se manteve o mesmo, com pequenas alterações. (João)

Se a história dos modos como se vestiram ao longo do tempo é narrada pelos entrevistados como a história de uma *pessoa* que se veste, embora essa pessoa passe por diferentes *fases* no seu modo de se vestir, essas fases são explicadas através de relações de causalidade que dão coerência à história e permitem que ela seja entendida como a jornada de um *indivíduo*. Inclusive, essas fases são muitas vezes identificadas de maneira explícita:

Eu acho que eu vou falar sobre a ordem cronológica mesmo. (...) eu não sei muito bem como falar disso (risos), mas... eu tive algumas fases bem... marcadas, assim. De roupa. (Pedro)

E aí eu vejo algumas... fases, assim. Vejo a fase da infância, pré-adolescência, adolescência, e... atual, assim. (Alice)

então *recapitulando*. (...) Vestida pela minha mãe, depois eu passei pela minha fase, (...) [em que] eu adorava usar blusas compridas meio até o joelho assim, com calça legging porque eu me sentia muito livre pra brincar e tal, aí depois eu passei pela minha fase calça jeans e roupas é, de banda, sem corte nenhum me escondendo do mundo, aí depois eu passei pela minha fase, é, gótica suaaave, em que eu comecei a usar umas roupas, é, meio preeetas, (...) e uns vestidos de ossinhos e caveirinhas coisas assim, e daí depois eu fui pra minha fase (...) começando a ficar meio chique assim, com umas roupas meio tipo de estampa preto e branco, listrinha preto e branco e taaaal, e usando calça skinny preeeeta, e não sei o que, aí depois eu passei pra minha fase tudo de uma cor só, meio tipo tons pastéis meio... *chiquetoso* assim, que foi quando eu fui pra Arquitetura, e aí agora a minha nova fase é uma mistura dessa última fase dos tons neutros com alguma ou outra peça que chama atenção. (Clarice)

Frequentemente eles dão títulos a essas fases, como “fase metaleiro”, “fase rebelde” e “fase romântica”, ou estabelecem uma correspondência entre essas fases e aquelas através das quais dividimos a vida na nossa cultura, como faz Alice. As transições entre essas fases são explicadas de maneira bastante similar à de Beatriz no trecho que citamos mais acima: através das mudanças no ambiente que frequentam, nas pessoas com quem se relacionam, no tipo de consumo cultural que realizam, na forma como se relacionam com seus corpos e sua aparência

de modo geral e, também, através daquilo que consideram como transformações na sua personalidade¹⁷. Assim, poderíamos dizer que esses jovens têm uma concepção sobre o “eu” que se veste, que se aproxima bastante do que Stuart Hall (2011, p.11) chama de “sujeito sociológico”:

De acordo com essa visão, (...) a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

As noções de “indivíduo”, “personalidade”, “ontologia da profundidade” e “sujeito sociológico” expressam, de diferentes maneiras, aspectos importantes da noção de pessoa ocidental que é observável nos relatos das pessoas que entrevistei. Em poucas palavras, essa noção entende que: 1) uma pessoa é uma personalidade singular; 2) essa personalidade é vista como algo interior à pessoa; 3) existe uma diferença entre esse “eu interior” e a forma como ele se revela às outras pessoas; 4) essa pessoa se relaciona com o mundo social, que é capaz de transformá-la, mas há uma certa essência que permanece sempre a mesma.

Enquanto a obra de Dumont se preocupa em traçar o desenvolvimento da *ideia* de indivíduo, a de Norbert Elias (1993; 1994; 2011) também busca realizar a sociogênese da noção de pessoa ocidental, mas dá ênfase nas angústias e conflitos sentidos pelas pessoas ao longo desse processo. Nesse sentido, ela é particularmente interessante para tratar de uma série de tensões abordadas nas narrativas desses jovens entrevistados. Elias vê essa noção de pessoa como um dos resultados do “processo civilizador ocidental”¹⁸ - nome dado pelo autor a uma série de transformações na estrutura social das sociedades ocidentais que teriam efeito decisivo na estrutura da personalidade dos indivíduos, ou seja, na forma como eles percebem o seu próprio “eu”.

Segundo Elias, a passagem da chamada “Idade Média” para a dita “Modernidade” foi marcada pela formação dos Estados modernos, o correspondente monopólio sobre o uso legítimo da força, e o aprofundamento das redes de interdependência entre os indivíduos, os grupos e as classes através da divisão do trabalho. Nessa sociedade relativamente pacificada,

¹⁷ Com “transformações na personalidade” quero dizer que os modos de se vestir são frequentemente vistos como expressão de um “estado interno” à pessoa, como timidez e autoconfiança, que são vistos como características da personalidade que mudam ao longo do tempo. Isso será discutido mais profundamente.

¹⁸ É importante observar que, para Elias, o “processo civilizador” não tem a conotação axiomática que geralmente se atribui ao termo “civilização”. Para o autor, cada vida humana dentro de qualquer sociedade é um processo civilizador individual, e assim, cada sociedade possui seu próprio tipo de processo civilizador. Quando ele está falando do “processo civilizador ocidental”, está se referindo à forma como o autocontrole se desenvolve na nossa própria sociedade, o que se deve à história específica dessa sociedade.

torna-se cada vez mais necessário que as pessoas controlem o seu próprio comportamento em frente às outras, tomando cuidado para não dar livre vazão aos sentimentos, e medindo suas ações de acordo com as ações dos outros. O aprendizado dessas regras de comportamento cada vez mais rígidas faz desse tipo de autocontrole uma segunda natureza, de forma que o exercitamos mesmo quando estamos sozinhos.

Para o autor, a internalização desse mecanismo de intenso autocontrole aumenta o autodistanciamento, e assim, o *self* se torna um objeto de reflexão constante: criamos o hábito de estudar e avaliar intensamente nossos sentimentos e nossas vontades. A tensão que em outras épocas era sentida frente às ameaças externas, como a imprevisibilidade da violência, se transforma, então, em uma tensão que cada pessoa experimenta como uma “luta interna” entre seus impulsos e vontades e o seu autocontrole.

Elias vê aí a origem da concepção ocidental sobre a sociedade como uma realidade *externa* ao indivíduo: acreditamos que aqueles sentimentos e vontades que não expressamos estão profundamente *dentro* de nós (nosso “eu interno”), em oposição à superfície, e que eles são mais verdadeiros, honestos e naturais do que o comportamento que ousamos revelar (nosso “eu externo”). Dessa forma, se origina a ideia de que o indivíduo se constitui *contra* a sociedade, que é compreendida como a reificação dessas pressões, convenções e controles que internalizamos. O indivíduo e a sociedade são vistos como duas realidades, que podem *interagir*, mas que são sempre entendidas como coisas distintas e, em certa medida, opostas. Nas palavras do próprio Elias:

Existe hoje uma padronização muito difundida da auto-imagem que induz o indivíduo a se sentir e pensar assim: “Estou aqui, inteiramente só; todos os outros estão lá, fora de mim; e cada um deles segue seu caminho, tal como eu, com um eu interior que é seu verdadeiro, seu puro ‘eu’, e uma roupagem externa¹⁹, suas relações com outras pessoas”. (...) Numa palavra, esse tipo de autoconsciência corresponde à estrutura psicológica estabelecida em certos estágios de um processo civilizador. Ela se caracteriza por uma diferenciação e uma tensão especialmente intensas entre as ordens e proibições sociais inculcadas como autodomínio e os instintos e inclinações não controlados ou recalcados dentro do próprio ser humano. É esse conflito no interior do indivíduo, essa “privatização” ou exclusão de certas esferas de vida da interação social, e a associação delas com o medo socialmente instilado sob a forma de vergonha e embaraço, por exemplo, que levam o indivíduo a achar que, “dentro” de si, ele é algo que existe inteiramente só, sem relacionamento com os outros, e que só “depois” se relaciona com os outros “do lado de fora”. (ELIAS, 1994, p.32).

¹⁹ Interessante notar que o “eu exterior” é mencionado aqui como sinônimo de “roupagem externa”, o que já revela indícios das formas através das quais entendemos a relação entre pessoa e roupa na nossa sociedade. Esse tema surgirá várias vezes nas próximas páginas.

Um adendo é necessário a essa altura. Na formulação que Elias faz sobre essa questão, podemos notar uma oposição entre “instintos” e “autocontrole” que nos soa hoje em dia um tanto antiquada, pois essa ideia de que possuímos instintos que são de alguma forma forças aculturais ou pré-culturais que serão apenas posteriormente reprimidos ou estimulados pelo contexto social é bastante discutível²⁰. Por outro lado, temos que nos lembrar de que Elias está sempre falando sobre a *autopercepção* ou *autoconsciência* das pessoas em meio a uma cultura, e por isso, mesmo se não aceitamos a existência de instintos pré-culturais, isso não muda o fato de que na nossa sociedade as pessoas tendem a pensar nas suas próprias angústias como se fossem uma luta interna entre instintos ou vontades e proibições sociais. Ou seja, mesmo se a maneira como Elias formula o problema carrega as marcas do tipo de autoconsciência que ele mesmo descreve, a força do seu argumento permanece.

Talvez devamos fazer ainda um outro adendo, que é necessário para pensar de maneira crítica todas as relações teóricas estabelecidas até agora, e que serão estabelecidas até o fim desse trabalho. Venho falando sobre uma noção *ocidental* de pessoa, assim como discutirei mais adiante concepções ocidentais sobre infância, adolescência, etc. Essas explicações ganham sentido a partir de um diálogo estabelecido com autores que escreveram a partir de diferentes pontos do globo, e diferentes pontos do tempo, mas que através da interpretação construída aqui, passam a dialogar como se vivessem em um mesmo espaço, em um mesmo presente. Ao longo do curso de Ciências Sociais, aprendemos a dialogar com autores que escrevem a partir de realidades específicas, que são fruto de processos diferentes daqueles que deram origem à sociedade brasileira de hoje, mas que nos parecem interlocutores adequados e igualmente disponíveis. Aprendemos a nos apropriar desses autores, e levar adiante, assim, a memória coletiva da Antropologia e da Sociologia.

Mas se um discurso é um grupo de afirmações nada inocentes que nos oferecem uma linguagem para *falar sobre* algo, que traz sempre a marca de relações de poder (HALL, 2016), devemos ter em mente que a maneira como *eu falo* sobre a forma como os entrevistados falam sobre as suas roupas, traz também as marcas desse diálogo que estabeleço com autores que, muito distantes do ponto de vista físico e temporal, me parecem próximos do ponto de vista intelectual, porque fazem parte da tradição dessas disciplinas. Quer dizer, da mesma forma que a maneira como Elias fala da autopercepção ocidental traz as marcas do próprio ocidente que

²⁰ Assunto discutido por Carole Vance (1995) e Judith Butler (2018), entre outras autoras. É também algo que já podemos entrever, de certa maneira, quando Claude Lévi-Strauss nos diz, já em 1955, que o “homem é um ser biológico *ao mesmo tempo* que um indivíduo social” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p.41, grifo meu), e que portanto “a cultura não pode ser considerada *nem simplesmente justaposta nem simplesmente superposta à vida*” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p.42, grifo meu).

ele descreve, a maneira como eu falo sobre a autopercepção dos entrevistados traz as marcas de um diálogo que se considera *interno* ao ocidente.

Lemos sobre o desenvolvimento das “concepções ocidentais”, e talvez sintamos em relação a elas uma comunhão tomada como evidente. Então, talvez seja necessário não somente darmos um passo para fora da comunhão que sentimos em relação às interpretações dos entrevistados sobre suas próprias vidas, mas também, dar um passo para fora da comunhão que talvez sintamos com explicações que recorram ao “ocidente” como fonte explicativa, e pensar: em que medida faz sentido para nós, universitários brasileiros, falarmos sobre “nossas” concepções ocidentais? E, para explicar a forma como nós interpretamos nossa vida, recorrer a explicações teóricas que se relacionam a processos históricos que ocorreram, aparentemente, bem longe de nós? Essas perguntas não encontram uma resposta fácil, mas nem por isso devem deixar de ser feitas.

Quando traçamos o desenvolvimento das narrativas ocidentais sobre o mundo, às vezes nos remontamos a terras distantes no tempo e no espaço, de modo que Michael Pollak (1989, p.11) se pergunta: “não podemos nós todos dizer que descendemos dos gregos e dos romanos, dos egípcios, em suma, de todas as culturas que, mesmo tendo desaparecido, estão de alguma forma à disposição de todos nós?”. Mas frente a isso, devemos nos perguntar: de que forma essas culturas estão “disponíveis”? Que culturas são essas? E quem é o “nós” dessa frase? Não parece haver muito motivo para que os ingleses, por exemplo, se sintam mais herdeiros da Grécia Antiga do que os brasileiros. Isso nos aponta para o fato de que o ocidente não é um lugar geográfico, mas uma *construção histórica*, como nos diz Stuart Hall (2016). O ocidente é um tipo de discurso que foi construído a partir e durante a expansão mundial europeia, em contato com diversas sociedades que passaram a ser vistas como não-ocidentais, e portanto não se limita aos processos históricos que ocorreram “dentro” da Europa, mas integra uma maneira de ver o mundo inteiro. Esse movimento de expansão mundial foi (e é) caracterizado por uma série de violências mais ou menos explícitas, entre as quais estão a apropriação da memória de diversas culturas sob a forma de textos, monumentos, etc., de forma a criar uma linhagem entre um patrimônio cultural e seus herdeiros²¹, patrimônio este que será considerado o cânone a ser aplicado no desenho do Estado e transmitido através das escolas e demais instituições em todo o mundo que se considere, se queira ou se sonhe como parte do ocidente.

²¹ Penso isso a partir da discussão feita por Christian Jacob (2000) sobre a invenção do espaço simbólico do helenismo através da Biblioteca de Alexandria. É também através de processos como esse que se cria a “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) do ocidente, que ganha realidade na medida em que as pessoas passam a acreditar na sua existência.

O motivo porque nós, estudantes universitários brasileiros, podemos nos ver como “nós”, ocidentais (mas talvez não sejamos considerados *tão ocidentais assim* do ponto de vista de outras populações), é porque essa sociedade que nos possibilita frequentar as escolas e a universidade da forma como as conhecemos, aprender o que aprendemos, assistir os filmes e ler os livros que lemos, e entender as piadas compartilhadas nas redes sociais por pessoas de outros países que também se pensam como parte desse ocidente, é produto desse mesmo movimento de expansão mundial que nos impôs, entre tantas outras coisas, maneiras de falar sobre o mundo, sobre as pessoas, e sobre nós mesmos. Se fazemos parte do ocidente apenas na medida em que ele é uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008), é porque em meio a nossas instituições culturais e nosso cotidiano aprendemos a falar sobre nós mesmos a partir de narrativas ocidentais, tornando-as portanto reais.

Se essa resposta soa simplista, é a melhor que consigo dar para o fato de que a valorização do indivíduo, a noção de pessoa e as concepções sobre o ciclo de vida compartilhadas pelas pessoas que entrevistei parecem fazer sentido como parte de uma cultura que, apesar de toda a sua heterogeneidade, convenciamos chamar de “ocidental”.

Retornando à análise de Norbert Elias, veremos que essa autoconsciência que ele vê como específica à visão de mundo ocidental é marcante nas narrativas dos entrevistados. A história do modo como se vestiram ao longo de suas vidas é narrada como a história de um “eu” ou de uma personalidade que interage com diferentes influências externas, e a partir dessa interação, surge o modo de se vestir e suas variações ao longo do tempo. Essa personalidade pode se transformar, mas há sempre aquele “núcleo” que permanece o mesmo, e que faz da pessoa quem ela é. Além disso, os diferentes modos como a pessoa se vestiu ao longo da vida são frequentemente avaliados de acordo com sua capacidade relativa de expressar o “verdadeiro eu” da pessoa.

É através dessa busca por um modo de vestir que consiga expressar o “verdadeiro eu” que podemos entender o que pareceria à primeira vista um paradoxo na forma como essas pessoas interpretam as transformações nas suas relações com as roupas. Trata-se do fato de que, se eles representam seu modo de vestir, seu estilo ou seu gosto como algo que *se constrói* ao longo da vida, a partir da interação entre o “eu” e o “mundo exterior”, são igualmente frequentes as passagens onde eles dizem que o modo de vestir que expressa o “verdadeiro eu” é algo que *se descobre* ao longo da vida, ou ainda, algo que a pessoa vai *entendendo* cada vez mais.

Bem, se o estilo é *construído*, somos levados a concluir que ele não “estava lá” desde sempre, mas que foi algo que foi sendo montado, produzido ou desenvolvido. Mas se o estilo é algo que *se descobre*, então isso quer dizer que, pelo menos em um estado potencial, ele sempre

“esteve lá”, só esperando para ser encontrado. Como entender o fato de que para os entrevistados, o estilo pode ser as duas coisas ao mesmo tempo?

O objetivo desse capítulo foi mostrar que a forma como esses jovens interpretam as transformações no seu modo de vestir está intimamente relacionada à noção de pessoa na nossa cultura, e à forma como aprendemos a perceber a relação entre pessoas e roupas. Isso é algo que será trabalhado nas próximas páginas. Mas por ora, já podemos dizer que a ambiguidade e aparente contrariedade da forma como eles interpretam o seu modo de se vestir como algo que é simultaneamente *construído* e *descoberto* relaciona-se à ambiguidade da própria noção ocidental de pessoa. Pois nessa perspectiva, a pessoa é *ao mesmo tempo* uma essência, uma singularidade, um *inner self*, uma alma; e uma personalidade que vai se desenvolvendo, crescendo e se transformando no decorrer da vida.

4. INFÂNCIA E RUPTURA

Agora, uma questão interessante é que essas mudanças na interação entre o “eu” e a “sociedade” que, na perspectiva dos entrevistados, produzem diferentes modos de se vestir, são geralmente atreladas por eles mesmos a “fases da vida”, como a infância, a adolescência e a vida adulta, e aos períodos de transição entre elas, como a puberdade e o amadurecimento. Por isso, são fundamentais nessas narrativas tanto essa noção de pessoa sobre a qual falamos, quanto representações compartilhadas sobre o significado dessas “fases da vida”, e sobre o que significa vestir-se em cada uma delas:

A perspectiva que um indivíduo tem de sua própria vida não é unitária: ela se parece menos com a perspectiva da pintura europeia clássica do que com a construção compartimentada da pintura medieval. Cada setor de vida tem sua própria construção, não isomórfica – e não ajustada – à construção dos setores vizinhos. (LEJEUNE, 2008, p.161).

Essa perspectiva lembra bastante a discussão de Arnold Van Gennep (2011), que propõe enxergar a vida, em todas as sociedades, como um conjunto de compartimentos através dos quais a pessoa realiza passagens. Se narrar uma vida é impor ordem e coerência, e juntar as passagens através desses compartimentos em um enredo, o resultado é uma história estruturada por origens, limites, passagens, acontecimentos-chave, e reviravoltas que dão à vida sua estrutura dramática, e o papel do narrador é avaliar a continuidade e a mudança (LEJEUNE, 2008).

Esses compartimentos (a infância, a adolescência, a vida adulta, a velhice, etc.), embora nos pareçam baseados em leis naturais e fisiológicas, na verdade têm a ver com a forma como aprendemos a interpretar a passagem do tempo na nossa cultura, pois nem todas as sociedades dividem o ciclo de vida desse modo. Cada um desses compartimentos possui suas próprias regras que definem o que é, por exemplo, uma infância normal ou uma adolescência comum (as experiências que devem ocorrer, os sentimentos que devem ser sentidos, os comportamentos esperados etc.), e essas regras influenciam na forma como vivenciamos a passagem do tempo, e na maneira como nos lembramos e narramos essa vida.

Essas noções e expectativas compartilhadas sobre o que é uma “vida normal” (GULLESTAD, 2005) nos fornecem, portanto, um enquadramento a partir do qual organizar e articular a narrativa que construímos sobre nossa própria vida, e ficam evidentes na tendência dos entrevistados a criarem “leis gerais” sobre a experiência do vestir-se em cada fase da vida:

Quando eu era menor, desde quando eu me lembro de que... eu *me* vestia, porque chega um período na nossa vida que a gente passa... de os nossos pais comprarem as roupas, whatever que eles *queiram*... comprar, e... eles vão simplesmente colocando na gente, e... sem propósito nenhum (Gustavo)

Acho que na infância a gente meio que não tem nada definido né, é muito mais uma imposição... paterna e materna, em relação ao que a gente vai vestir, do que... própria, assim. Mas acredito que na adolescência é o momento que isso se aflora mais (...). (Henrique)

(...) a vida meio que é separada, pelo menos a vida até onde eu vivi (risos) né, separada de duas formas: até o momento que você veste o que *te dão*, e o que te... sei lá, tem referência com coisas que tu gosta, e depois a partir de um momento, a gente começa a se vestir muito com... pensando no que que a gente quer passar com o nosso corpo, como a gente sente sobre o nosso corpo, e a mensagem que a gente quer passar com ele. (Larissa)

Essa criação de leis gerais é perceptível na variação do sujeito da frase: enquanto na maior parte do tempo o relato é construído usando o “eu” como sujeito, o uso do “a gente” e do “você” indica que, apesar de que cada relato é uma narrativa pessoal, os entrevistados muitas vezes interpretam suas próprias experiências como se fossem exemplos daquilo que foi vivenciado por todo mundo - ou pelo menos, por um grande grupo de pessoas.

Assim, as memórias sobre as relações com as roupas que foram vivenciadas em cada momento são muitas vezes naturalizadas e consideradas universais, apesar de elas não o serem de fato. Por exemplo, em seu relato, Sofia diz que quando “a gente” é criança, “a gente” se veste com muitos frufuzinhos e babados, e por isso as roupas não são muito práticas. Isso não só contrasta com a maioria dos relatos, que considera que as roupas na infância têm como único objetivo o conforto e a utilidade, mas contrasta também com os relatos de Luana e Bárbara, que quando eram crianças, desejavam justamente se vestir com esses frufuzinhos e babados que, por motivos diferentes, não estavam acessíveis a elas.

Um ponto que me chamou a atenção na análise das entrevistas, e que será o tema desse capítulo, foi o fato de que a maioria das pessoas inicia seu relato falando sobre a infância e sobre algum tipo de ruptura com a infância e com o modo de vestir que predominava nessa fase. Isso pode ocorrer mesmo quando a narrativa não segue uma ordem cronológica após esse primeiro momento. Uma possível explicação para isso é que, na nossa cultura, as experiências da infância são vistas como “a causa e a origem do presente”, e são “consideradas como partes profundas e verdadeiras da pessoa, como sendo próprias de cada um, num sentido mais profundo e diferente do que as experiências ulteriores” (GULLESTAD, 2005, p.515). Por isso, as relações com as roupas mantidas nesse momento são frequentemente retratadas como uma “relação original” contra a qual as fases posteriores se contrastam, uma vez que a ruptura com

a infância é inevitável. Essa narrativa sobre a infância e sobre a ruptura com ela é como se fosse, então, o ponto de partida dessa jornada percorrida entre diferentes modos de se vestir.

O fato de que algumas narrativas sobre a ruptura com “a forma como eu me vestia quando eu era criança” selecionam como eventos marcantes certas experiências que a pessoa teve quando tinha, por exemplo, 6 anos, mostram que nesses relatos, a “infância” não é uma fase da vida que possa ser claramente delimitada, mas uma série de características que os entrevistados acreditam que fazem parte do modo como as crianças se relacionam com as roupas. Ou seja, a infância “não é apenas percebida como um estágio ou um *período de tempo* na vida de cada um, mas também como uma manifestação de certas *qualidades de vida*” (GULLESTAD, 2005, p.524). A ruptura, por sua vez, é um rompimento com essas características ou qualidades de vida, e não com o “ser criança” em si²².

De acordo com a exposição clássica de Philippe Ariès (1986), a ideia que temos sobre a infância como um período da vida claramente distinto da vida adulta e caracterizado por qualidades próprias é uma construção cultural ocidental. Ariès nos conta que por muito tempo as crianças eram iniciadas nas atividades dos adultos o mais cedo possível, compartilhando com eles os espaços de trabalho e lazer. Logo que saíam das fraldas, já vestiam as roupas dos homens e mulheres de sua condição social, pois não havia “roupas de criança”. A infância era considerada um período de transição sem importância particular, algo que pode ser avistado quando ficamos sabendo que a arte medieval representava as crianças como homens e mulheres de tamanho reduzido, sem tentar reproduzir as características físicas do corpo infantil, e que também não havia o costume de retratar os membros de uma família quando pequenos:

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança. (ARIÈS, 1986, p.56).

No século XVII, porém, surge entre as classes mais altas o hábito de retratar os seus filhos quando pequenos. Ariès relaciona esse fato a uma cristianização mais profunda dos costumes e à difusão correlata da crença de que as crianças também têm uma alma imortal. Difundiu-se a ideia de que elas continham em si a personalidade de uma pessoa e que, portanto, cada uma era insubstituível. Além disso, a escola enquanto instituição dedicada à educação

²² É importante dizer que a “ruptura com a infância” é um momento estruturante da narrativa, e não corresponde a um momento “real” a partir do qual a pessoa deixou de ser criança. A ruptura pode ser representada como um acontecimento específico ou por um processo gradual, mas ela é identificada como uma ruptura através dessa reflexão retrospectiva sobre a história de vida.

infantil dá origem a uma separação entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, que passam a circular em espaços diferentes. Essas perspectivas sobre a particularidade da infância enquanto fase do desenvolvimento humano, por um lado, e sobre a particularidade de cada criança enquanto ser singular, por outro, teriam dado origem às formas como pensamos na infância atualmente²³.

Essas novas ideias sobre a particularidade da infância são consideradas por Jacques Gélis (1991) como sintomáticas de transformações nas representações sobre a passagem da vida e sobre o lugar do indivíduo na coletividade. Durante séculos, teria predominado na Europa ocidental uma consciência cíclica sobre a vida, onde cada pessoa era valorizada sobretudo como parte de um corpo coletivo que se renova - um elo na continuidade da família. A progressiva predominância da família nuclear, a privatização da educação da criança no seio dessa família, e depois, em instituições específicas, e não mais em meio à comunidade, entre outros fatores, marcam a passagem a uma visão de mundo na qual a vida é entendida como o desenvolvimento linear de uma personalidade singular, e dessa forma cada pessoa é valorizada em si mesma, por sua história particular, e não apenas como uma extensão do corpo da família.

Ou seja, a forma como entendemos a infância (como fase da vida) e a criança (como ser singular) seria um desenvolvimento do mesmo processo que abordamos no último capítulo, que dá origem à ideia do “indivíduo”. Nesse sentido, é interessante observar que, principalmente a partir do século XIX, a infância passa a ser vista como o momento fundante de toda autobiografia, como demonstra a ascensão dos “romances de formação” que descrevem o desenvolvimento de uma personalidade desde as suas primeiras experiências (PERROT, 2009).

Portanto, ao considerarem a infância como um momento fundante em suas narrativas pessoais, que manifesta certas qualidades de vida com as quais se rompe para chegar à adolescência e à vida adulta, as pessoas que entrevistei estão trabalhando com concepções ocidentais sobre o significado da infância. Mas quais qualidades de vida definem a infância para os entrevistados? E o que eles consideram que caracteriza “naturalmente” a forma como as crianças se relacionam com as roupas? De modo geral, posso dizer que a infância foi narrada de três modos principais: 1) como um período em que as roupas simplesmente não importam, pois não se pensa sobre elas; 2) como um período de liberdade, onde prevalece uma relação

²³ É interessante observar que, para Elias, se o processo civilizador ocidental é um processo histórico de transformação da estrutura de personalidade, a vida de cada pessoa é também um processo civilizador individual. Na Modernidade ocidental, cada indivíduo deve internalizar um mecanismo de autocontrole cuja intensidade não tem par, e por isso a distância entre o comportamento e estrutura de afetos do adulto seria efetivamente mais distante do da criança, se comparados aos de outras épocas.

“pura” e “verdadeira” com as roupas; e 3) como um período de domínio dos pais (e principalmente da mãe) mais ou menos desconfortável.

As formas como a ruptura é narrada são mais difíceis de ser identificadas, pois muitos elementos se misturam. A ruptura é um momento a partir do qual as roupas vão adquirindo outros significados, ou até mesmo, adquirem significado quando antes eram “meros objetos sem nenhum sentido”. De maneira geral, essas são as principais representações sobre a ruptura: 1) uma corrupção dessa relação “pura” e “verdadeira” com as roupas; 2) uma vontade de ser autônomo e de mostrar que não é mais uma criança; e 3) uma experiência dolorosa, pois há dificuldade em romper com o domínio das pessoas que escolhiam as roupas, o que é visto como ausência de uma vontade de ser autônomo - vontade essa que é valorizada como sinal de amadurecimento.

Esses modos de narrar a infância e a ruptura são categorias criadas pela pesquisadora a partir da observação da recorrência dessas temáticas nas entrevistas. Na prática, elas são mais nuançadas e às vezes se sobrepõem. Por exemplo, uma pessoa pode dizer que quando era criança, as roupas não importavam, mas falar isso em um tom nostálgico e contrastar com experiências posteriores onde o “se importar” com as roupas é motivo para sofrimento - aí vemos que tanto a noção da pureza da infância quanto a da falta de significado das roupas são mobilizadas. Por causa dessas sobreposições, e também devido ao pequeno número de pessoas entrevistadas, não vou falar sobre *quantas* pessoas mobilizaram certo tipo de narrativa sobre a infância e a ruptura, pois essa divisão seria artificial e não acrescentaria muito ao argumento.

4.1. Roupas genéricas e roupas com significado

A primeira coisa a apontar sobre a infância é que, na maior parte das vezes, ela é narrada pelos entrevistados como um período no qual as roupas são escolhidas pelos pais, e principalmente pela mãe. As crianças “não têm opinião sobre elas” e “não ligam para elas” (André), e as roupas são “genéricas” (Miguel), “simples” (Eduardo), “confortáveis” (Vitor) e “úteis” (Daniel). As crianças “não se importam com moda, nem com o que os outros pensam” (Júlia). Elas “vestem qualquer coisa” (Marina) e não se preocupam se estão sujas ou se sua roupa “não pertence ao lugar que estão no momento” (Maria Clara):

Quando eu era criança, é... eu tenho a percepção de que eu não tinha muito um senso do que era bonito, do que era feio... né, apesar de que é *óbvio* que tinham coisas que eu gostava, coisas que eu não gostava. Só que... eu sinto que no geral as roupas eram... mais confortáveis, eram mais... eram pra ser mais assim... eram pra ser mais *úteis*. (Daniel)

Quando eu era pequena, eu meio que detestava roupas, em geral (risos). Eu achava elas muito desconfortáveis. É... eu realmente (...) não curtia usar roupas e conforme eu fui crescendo eu fui... tendo várias manias, assim. Então tipo, eu não gostava de *gola alta*, e de... laço, de coisa me *apertando*, e de... tecidos, e de costura, e disso e daquilo. Então eu era bem, bem chatinha pra escolher roupa. Ahn... mas eu não sei se eu tinha tanta preocupação estética, assim, quando eu era pequena. (Laura)

Bom, quando eu era criança, na verdade... bom, eu não escolhia nada das minhas roupas. Então... tipo, era aquilo que tinha ali, sabe. (...) Então eu não escolhia nada e era uma criança bem sem... sem senso de estilo nem nada, então tipo eu usava (...) o que botava em mim e era isso aí e foda-se, porque... não era algo que me importava, assim, sabe, questão de “ah como eu pareço pras outras pessoas” e tal. (...) no período de 0 até 10 anos, eu... tinha zero interesse em roupa e... comer terra era mais interessante. (Francisco)

A ruptura com essa relação é o momento em que as roupas passam a se tornar algo sobre o que se pensa²⁴. Elas deixam de ser objetos definidos apenas pelo conforto ou desconforto, e passam a adquirir outros significados:

Não sei, quando eu era criança, acho que eu basicamente usava... roupas que me davam, né? Aquela clássica camiseta que fala "Rugby 1977" e tem um cara surfando de fundo. Umas coisas meio genéricas, assim. (...) Ahn, por volta de uns 10 anos, eu acho, eu lembro que eu... comecei a estranhar. Acho que foi minha madrinha que perguntou o que que dizia a música que eu tava escutando, e eu comecei a estranhar que eu não sabia o significado das músicas (...), porque era em inglês. Aí eu comecei a pesquisar o significado, (...) e nessa época eu lembro que eu também comecei a não gostar de usar... camisas com estampas meio que eu não via muito sentido. E... aí lá por uns 12, 13 anos, eu comecei a escutar mais (...) umas músicas de rock e metal, (...) e aí eu comecei a usar camiseta de banda e coisa assim, e calças jeans, e coturno. Eu lembro que eu virei o clássico metaleirinho. (Miguel)

No relato de Miguel, o momento em que começa a refletir sobre o significado das músicas que tinha começado a ouvir é também o momento em que quer parar de usar roupas nas quais “não via sentido”. Em oposição a essas roupas “genéricas”, ele começa a se vestir de modo a se associar com a estética do *rock*. As roupas se transformam, para ele, em símbolos de um *estilo*, que retrospectivamente é rotulado como o do “clássico metaleirinho”. O estilo permite que a roupa seja identificada “como emblemática de um dado conjunto de atribuições, de um dado universo social onde podem ser identificados ambientes, estilos de vida, gostos específicos, juízos de valores etc.” (BERGAMO, 2007, p.90), ela passa a ser vista como associada a outros tipos de consumo (nesse caso, a música) e permite a demarcação simbólica de fronteiras entre grupos sociais.

²⁴ Lembrando que essa é a forma como essa questão aparece nas narrativas, e não significa que as crianças realmente não pensem sobre suas roupas; inclusive, como veremos, outras pessoas discorrem longamente sobre infâncias onde a roupa era vista como algo muito significativo. O que está em jogo aqui são representações compartilhadas sobre a maneira como as crianças se relacionam com as roupas e de que forma ela contrasta com outros tipos de relação com as roupas.

Bom, seu eu for... analisar o jeito que eu me vestia quando eu era menor, eu não usava as roupas como uma forma de me expressar, era mais... literalmente pra eu... ter algo pra vestir, assim (risos). Eu escolhia as coisas pelas cores, se tinha algum personagem que eu gostava... porque né, eu não comprava minhas próprias roupas, (...) meus pais iam na loja (...) e me botavam várias (...) coisas na minha frente e eu escolhia... nem sei qual era o meu critério. Mas eu escolhia por escolher. Aí conforme eu fui ficando mais velho, eu fui... escolhendo por eu tá começando a desenvolver o meu senso estético... Assim, eu escolhia pelo... pelo estilo, então eu parei de ver como “ah, é a minha cor favorita, meu personagem favorito” e eu comecei a ver como “ah, eu gosto desse estilo de roupa, então eu vou começar... a comprar esse estilo de roupa, ou comprar esse tipo de calçado porque é o que eu tô gostando agora, eu vi em tal lugar”, enfim. Então ali no final do Fundamental que eu comecei a me vestir de uma forma... comecei a *montar* o meu guarda-roupa de uma forma mais... pessoal. (Fábio)

As primeiras roupas que eu comecei a gostar, foram... baseadas em filmes... de super-heróis, basicamente. (...) E eram tipo roupas avulsas, não era como se fosse um *estilo*, assim, sabe? Foi só quando eu tava tipo na sétima série que eu acho que eu devia ter o quê, uns treze anos (...) que eu comecei a tipo... a querer tipo ter um guarda-roupa assim que fizesse *sentido*, sabe? (Tomás)

Em contraste com a infância, quando “nossos pais vão simplesmente colocando as roupas que eles queiram na gente”, “sem propósito nenhum” (Gustavo), e onde as crianças, quando podem escolher, “não têm um critério” (Fábio), e vestem roupas “nada a ver com nada” (Júlia), a ruptura instaura uma relação com as roupas a partir da qual as escolhas são baseadas em um estilo, um senso estético, que é em certa medida coerente e “faz sentido”. É como se a ruptura com a infância fosse o aprendizado dos esquemas de classificação que permitem enxergar as roupas como signos em um sistema de diferenças, no sentido de Bourdieu (2017).

Nesse sentido, é interessante notar que Miguel e Davi falam que as roupas durante a infância eram “genéricas”, e Guilherme e Vitor dizem que quando eram crianças, usavam “roupas normais”, evocando um universo de objetos indiferenciados e incapazes de estabelecer diferenças entre seus portadores. A ruptura é então um momento a partir do qual “a roupa passa a existir como algo significativo”, como diz Davi. As roupas se tornam *particulares*, parte de um universo de possibilidades variadas, exigindo escolhas coerentes.

Além disso, se antes as roupas eram uma imposição, agora elas passam a “exigir escolhas” (Davi) que são “pessoais” (Fábio), e que portanto “refletem nossa personalidade” (Sofia), servindo como “formas de nos expressar” (Fábio). Ou seja, elas passam a ser vistas como capazes de expressar o *gosto* enquanto “propensão e aptidão para a apropriação - material e/ou simbólica - de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes” (BOURDIEU, 2017, p.165).

Outro ponto que se torna significativo é a questão das marcas. Por exemplo, Davi lembra que a primeira vez que começou a “ligar minimamente em escolher uma roupa” foi também o momento em que começou a ter vontade de possuir peças de marcas “de surfista e skatista”:

A primeira coisa que eu lembro assim, pós aquele momento que... sei lá, eu não me importava muito com a roupa, a roupa aparecia porque meu pai e a minha mãe compravam alguma coisa e eu usava, foi... quando eu tinha uns 12 anos. (...) E... comecei a me *ligar*, assim, *minimamente*, em... em sei lá, *escolher* uma roupa, ou pensar um tipo de roupa que eu achava mais bonita, (...) lembro que (risos) era muito associado (...) àquelas coisas meio... skatista surfista, essas marcas estilo... Billabong, Quicksilver... Hurley (...). daí eu lembro, eu lembro *bem* até, especificamente de uma *primeira* camisa que... não que tenha sido literalmente a primeira vez que eu *escolhi* alguma roupa, (...) mas *é* a que figura na minha memória, assim, que era uma camiseta manga curta assim da Quicksilver, verde escura... e que dizia o nome Quicksilver em algum lugar nela (...) eu lembro *muito* bem dessa camiseta. Eu lembro que eu gostava *muito* dela. (...) aí eu lembro de um momento que (...) pelo menos pra mim, né, começou a aparecer tipo a roupa é um... de fato o produto de uma mercadoria, o que exige... dinheiro, né, e essas roupas são mais caras do que as outras, (...) tanto que aí eu tinha tipo, eu tinha *essa* camiseta que era *a* camiseta né, pra mim (...). e eu lembro que... que isso foi acompanhado assim um pouco depois, um pouco na mesma época, (...) que é... os *tênis*, né, essa coisa de *tipos* de tênis, assim. Que... antes, antes eu usava sempre aqueles tênis mais... que é bem prático pra criança, mesmo, né, aqueles tênis mais de estilo esportivo, assim, Mizuno, Olympikus, ou coisas genéricas desse tipo assim. Não que todos são genéricos, mas esse estilo de tênis meio... entre aspas, esportivo né, que pra criança é só um tênis. E... eu usava mais esses, também nunca me importava muito... com isso... e aí mesma coisa, o tênis também passa a ser (...) uma coisa... interessante, é quando eu descubro o quão caro essas coisas podem ser, e especialmente nesses termos de variação assim, ah tipo, o tênis que eu usava antes era muito mais barato e esse tênis aqui que eu quero agora, ele é muito mais caro. Minha mãe ficava tipo “o que que aconteceu?”, sei lá, eu ficava “não sei, só comecei a achar interessante”. (Davi)

A percepção sobre as diferenças entre as marcas, por sua vez, está relacionada ao fato de que essas lojas vendem não apenas uma roupa, “mas a possibilidade que ela tem de simbolizar a pertença a um certo universo social, a um certo conjunto de atribuições ou a um estilo” (BERGAMO, 2007, p.90). Inclusive, nem é necessário realizar na prática as atividades sugeridas por um estilo: enquanto Miguel realmente escuta rock, Davi, na verdade, não se interessa pelo *skate*:

Nunca andei de skate também, nunca nem... nem tentei, na verdade, (...) nem sou muito... por *dentro* da coisa do skate de qualquer jeito, assim... só nesse estilo, que na época era, pelo menos, de... de *roupa*, né? (...) eu não me sentia *atrelado* ao skate ou tentando atrelar ao skate, é só que literalmente aquele era o estilo legal de roupa, né. Tanto que ele flutuava entre não só o skate, mas essas marcas são de skatista e de surfista né. Eu tinha uma consciência de que tinha a ver com isso, mas não... acho que não chegava ao ponto de... sei lá né, de usar isso porque era atrelado, né? (Davi)

O motivo pelo qual Davi achava “legais” essas roupas de skatista não era porque ele mesmo era um skatista e queria mostrar isso, mas porque, como ele mesmo explica, aquele era

o estilo considerado “legal” no círculo de amigos dele. Percebemos, com isso, que a ruptura com a relação original com as roupas é o momento em que o vestuário passa a ser significativo *em relação às outras pessoas*.

Se as crianças não ligam para o que os “outros” pensam e não se importam com a forma como aparecem para os “outros”, como dizem tantos informantes, a ruptura com a infância marca o início de um período em que a relação com as roupas é perpassada por uma tensão entre o “eu” e os “outros”, em que as roupas são usadas ora para se associar, ora para se diferenciar de outras pessoas. Por exemplo, na narrativa de Rafaela, o momento em que compara, pela primeira vez, as suas roupas com a de outras crianças, serve como um divisor de águas entre a época em que era vestida pela mãe e pela avó, e a época em que quer se vestir como os amigos; ou seja, marca a instauração de um novo modo de se relacionar com o vestuário:

Aí eu lembro... da primeira vez que eu *comparei*... a roupa de uma criança com a minha... que foi pra acessórios, eu lembro que eu queria acessórios das outras crianças. Que era uma touquinha, (...) de crochê, assim, vazada, tipo um quepezinho. E eu queria *muito*, eu fiz minha avó fazer (risos), eu lembro que *não ficou* igual o da outra menina, eu fiquei chateada. (Rafaela)

O vestuário que se torna significativo em relação às outras pessoas também se torna significativo em relação a expectativas sobre o modo apropriado de se vestir para certos lugares e eventos:

Quando eu era bem nova, eu não me preocupava com nada, né, porque realmente quem te veste é sua mãe, seus pais, e... eu lembro da primeira vez que eu tive tipo, noção do que eu estava me vestindo, foi que eu era uma criança *muito*... é, tipo... brincalhona, não tinha problema com nada, me sujava pra caramba (...). E eu lembro dessa... memória específica: eu tava no sítio dos meus avós, (...) e eu lembro da minha mãe perguntando se eu queria ir pro Centro e eu falei “vamo”. Daí ela assim: “cê quer trocar de roupa?”. Daí eu falei: “não”. E foi a primeira vez que eu percebi tipo, nossa, eu tava toda *acabada*, e a primeira vez que eu percebi... que a minha roupa (risos) não... não pertencia ao lugar em que eu tava no momento. (Maria Clara)

Além disso, a ruptura com a relação com as roupas característica da infância também marca o início de uma percepção acentuada sobre a atratividade da própria aparência (ou falta dela) e uma autoconsciência sobre o corpo, que envolvem, é claro, o aprendizado de padrões de beleza socialmente instituídos. Tanto os meninos quanto as meninas falaram sobre começarem a se achar feios, gordos ou magricelas nessa época:

[Quando eu era criança] tinha roupas que eu não gostava, que eu usava porque a minha mãe... me botava pra usar, mas é porque ela não era confortável, não porque ela era bonita ou feia. E... daí depois da adolescência que eu comecei a me importar mais... se eu ficava bonita com aquilo. (...) Eu lembro na pré-adolescência, quando... os hormônios começam a vir né (risos), e comecei a ter pelo na perna... e a crescer o peito... só que (...) as minhas amigas (...) começaram a ter peito antes de mim. (...) eu comecei a ficar com vergonha de usar a regata da escola porque ela era colada no corpo. E dava pra ver... o formato do meu peito que na verdade... não tinha formato (risos). E também parei de usar... short e saia, porque dava pra ver que eu tinha pelo na perna, então eu comecei a usar... legging, só que a legging não cobria até o final da perna, e daí depois de um tempo eu comecei a usar calça. E aí eu comecei a cobrir cada vez mais o meu corpo, porque eu tinha vergonha dele. (Larissa)

Como vemos na fala de Larissa, a ruptura com a infância desperta vários sentimentos de insegurança em relação às roupas, que podem servir para acentuar ou esconder as características indesejadas do corpo. A percepção sobre a própria beleza e o papel das roupas na criação dessa atratividade também se relaciona ao olhar dos outros, na vontade de ser desejável:

É aquela coisa que começa a ter em moleque em uma certa idade que é querer tá arrumadinho pra... festa ou coisa assim, onde... quer perder o BV²⁵ (risos), (...) com garota e coisa e tal... começa a época dessas paradas né? A sexualidade vai despertando. (Davi)

Bastante relacionado à vontade de ser atraente e à autoconsciência sobre o corpo e sobre como as roupas o vestem é a “crise do nascer peitinhos” (Rafaela). Várias meninas falaram sobre começar a perceber que as colegas já “tinham peito” enquanto elas ainda não estavam muito “desenvolvidas” (Luísa). Larissa, na frase que citei acima, assim como Luísa, Flora, Maitê, Rafaela e Marina falam sobre se sentir inseguras devido à ausência das curvas tão desejadas:

Eu lembro da crise do nascer peitinhos, né (risos). As meninas tavam no... quarto ano, acho, 10 anos começa? Não lembro. E eu lembro que as minhas amigas já tinham, assim, sutiã, tals, e eu fui meio atrasada, assim. Eu queria sutiã mesmo não tendo nada de peito. Lembro dessa crise, assim (risos), em relação à roupa. Aí minha mãe comprava aqueles sutiãzinhos molinhos, sabe, só pra... falar que tava usando (risos). (Rafaela)

Aquela coisa da escola, né, as meninas que têm o peito maior, que chamam mais atenção e tal, e daí eu queria ter o peito maior. Eu lembro até de me comparar com meninas de séries... mais novas, assim né, e tipo “meu deus, elas têm mais corpo que eu”, e tal. E eu sempre usava o sutiã de bojo, pra parecer que tinha mais peito. (Flora)

Mas aí... começou a fase tipo sétimo ano que o meu peito começou a crescer, e... bem

²⁵ “BV” significa “boca virgem”. Se uma pessoa “perdeu o BV” isso significa que ela já beijou alguém na boca. Perder o BV é considerado um sinal de amadurecimento, e também significa que a pessoa é desejável já que alguém quis beijá-la. Por isso, quando muitas pessoas da turma já perderam o BV, é vergonhoso não ter perdido ainda.

pouquinho, tipo, só aquele carocinho sabe. Mas que... tinha outras meninas que já tinham peito. E o meu problema não era que o meu peito tava crescendo, não era essa vergonha que dava de aparecer, o meu problema era que eu *não* tinha peito naquela época, porque tinha meninas que já tinham. Então eu comecei a usar muito moletom, muito casaco, pra esconder. (...) [Depois, quando mudou de escola] Porque era tipo assim, se você não usa sutiã, e você começa a usar aquele sutiã de *pano*, e você quer passar pro sutiã de *bojo*... (risos) se eu continuasse no [escola particular tradicional], *todo* mundo ia perceber que eu coloquei sutiã de bojo, sabe? E aí era tipo uma transição muito difícil pra mim. Mas eu lembro que tipo no primeiro dia do [escola particular alternativa] eu tava *muito* feliz, porque eu podia colocar o sutiã de bojo, e ninguém ia saber que eu não tinha peito antes, sabe? (risos). Tipo eu continuava com o mesmo peito, mas agora eu já podia usar sutiã de bojo, e foi no *primeiro* dia do [escola particular alternativa] que eu realmente comecei a usar sutiã de bojo. (Marina)

Quer dizer, “ter peito” significa “ser mocinha” e também ser bonita, e por isso as meninas desejam essas curvas, já que na nossa cultura elas são parte da performance bem-sucedida de feminilidade que produz o “ser mulher” (BUTLER, 2018). E aqui, o sutiã é tanto o objeto de desejo quanto as curvas em si, pois ele simboliza o “ser mocinha” e o “direito” de usá-lo, além de ser capaz de *produzir* o corpo ao produzir os seios, com a ajuda de tecido, arame e enchimento. Por isso, o sutiã pode começar a ser usado antes mesmo de a menina ter qualquer coisa para colocar “dentro” dele.

O desejo de “ser mocinha” através do uso do sutiã revela que a ruptura com a infância é marcada também pela percepção de que as roupas podem significar uma maturidade desejável. Inclusive, várias pessoas falaram sobre começar a querer parecer mais velhas, ao perceber que existiam “roupas de criança” e “roupas de adulto”:

Eu comecei a perceber, assim, que as pessoas adultas não se vestiam que nem a gente se vestia, sabe? (...) E aí também, é muito da época de ah, passar da *pré-adolescência* pra *adolescência*, assim, sabe. Criança, assim, pra adolescente. Então tinha que fazer... acho que *mostrar*, que a gente tava crescendo, sabe? É que eu imaginava assim, que roupas coloriiidas, que roupas que eu gostava antes, eram coisa *de criança*, sabe? Então... pra eu me tornar uma adulta (...) eu tinha que começar a mudar o meu modo de me vestir né. (Júlia)

Uma outra questão que deve ser comentada, e que já aparece no desejo das meninas pelas curvas e pelo sutiã, é em relação ao gênero. Algumas pessoas comentaram que suas primeiras lembranças sobre roupas se relacionam à percepção de que existiam “roupas de menino” e “roupas de menina”:

Eu sou filha de um casal lésbico (...), e elas nunca foram apegadas a vestimentas nos papéis de gênero (...). E o que elas faziam é que elas não nos vestiam como... meninas... desse formato estético que a gente entende: rosa, e chiquinhas e coisas do tipo. Então a minha vestimenta, durante a infância, e até certo momento, eram roupas muito neeeeutras de gêeeenero... às vezes até mais masculinas, nesse sentido, do que femininas... o que eu e a minha irmã não gostávamos muito (risos), pra ser bem sincera.

(...) eu *percebia* essa diferença, de que as outras meninas usavam enfeitezinhas no cabelo, e frufus... e eu e a minha irmã (risos) a gente usava jeans, um sapato assim que (risos) não dava pra distinguir o que que era, e o cabelo cortado chanel com franja, e pronto, assim, não tinha enfeites. Eu acho que eu não gostava, uma porque eu *percebia* essa diferença... quanto às outras crianças. (Luana)

Mas eu lembro também da época que a minha mãe me vestia, eu nunca fui muito chata sabe, aceitava qualquer coisa que ela comprava pra mim... e tipo, nunca nem pensei se eu gostava ou não gostava, só vestia sabe? Mas tinha uma coisa que eu lembro que eu não gostava, que era uma sandália que eu achava que era sandália de menino. (Marina)

Ahn... logo que eu soube como é essa pergunta, já me vem uma história, assim, na minha cabeça. Que a minha infância, a minha pré-adolescência sempre foi *muito* humilde, então eu ganhava roupas usadas. Minha roupa íntima também. E... a maioria era dos meus parentes, então eu tinha primo homem (risos), então era roupa... mais masculina, né, não era aquela coisa que... as meninas da minha idade usavam. Não era... *colorido*, não tinha *brilho* (...). Então... nunca *gostei* daquelas roupas (...). E conforme foi... economicamente falando, *melhor* pros meus pais, a gente começou... a poder *comprar*, roupas, roupa íntima... eu podia *escolher* se era feminina (risos) a roupa, o estilo da roupa, né, pra parecer mais com as minhas colegas de classe... com as meninas da minha idade. (Bárbara)

Essas primeiras lembranças marcantes sobre as roupas indicam que, na memória e na narrativa dos entrevistados, o processo de “despertar” para as roupas, de começar a enxergá-las como símbolos e começar a se importar com elas, que constitui uma ruptura com uma suposta “relação original” com as roupas onde elas eram meros objetos “genéricos”, é um processo de aprendizado de “normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2018, p.43). Aprendendo a olhar para si mesmos e para os outros através dessas normas, aprendem o que são “roupas de menino” e “roupas de menina”, “roupas de criança”, “roupas de mocinha” e “roupas de adulto”, “roupas legais” e “roupas não-legais”, roupas românticas, de roqueiro, de surfista, de emo²⁶ etc. Aprendem, portanto, que as roupas demarcam fronteiras entre grupos de que eles mesmos participam, mas que a conquista e manutenção do seu lugar nesses grupos exige uma performance repetida (BUTLER, 2018, p.242), que exige, entre outras coisas, vestir sempre as “roupas certas”.

Essa oposição estabelecida pelos entrevistados entre uma infância onde a roupa não é objeto de reflexão, onde o “olhar do outro” não importa e onde não se entende a roupa como símbolo, e um momento posterior, marcado pelo aprendizado dessas normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas, lembra aquela oposição entre natureza e cultura que é característica do pensamento ocidental. É como se as crianças fossem mais próximas à natureza do que os adultos, e como se o desenvolvimento humano fosse uma jornada de ingresso na cultura, a partir da qual a roupa se torna um objeto significativo. De fato, desde Platão, passando

²⁶ “Emo” é uma subcultura baseada em um estilo musical cujo modo de vestir lembra o estilo gótico e punk: roupas pretas, cabelos coloridos, piercing, tachinhas etc.

por Santo Agostinho, Descartes e Rousseau, as crianças têm sido pensadas como estando mais próximas a um estado de natureza, e portanto, como seres sociais incompletos (GRUMICHÉ, 2012).

A ideia de que o ser humano é um animal incompleto, que precisa aprender uma cultura para sobreviver, de modo que “todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma” (GEERTZ, 2008, p. 57), é central para a Antropologia, é claro. Mas daí não decorre que a forma como nós entendemos a natureza, a oposição entre natureza e cultura e a correspondência da infância à primeira seja universal e auto-evidente. Nas palavras de Judith Butler (2018, p.75), a “análise que supõe ser a natureza singular e pré-discursiva não pode se perguntar: o que se caracteriza como ‘natureza’ num dado contexto cultural, e com que propósito?”. Portanto, ao narrarem a ruptura com a infância como uma entrada na cultura, as pessoas que entrevistei estão atualizando representações específicas sobre a oposição entre a infância e as outras fases da vida, e entre natureza e cultura, que acredito que ficarão mais claras na discussão realizada no próximo subcapítulo.

Nesse subcapítulo, procurei fazer alguns apontamentos sobre as características mais gerais das representações sobre a infância e a ruptura. Como vimos, os entrevistados caracterizam as relações que as crianças mantêm com as roupas a partir de uma série de elementos que contrastam com os tipos de relações que vão manter com o vestuário no resto de suas vidas. A ruptura é um processo de rompimento com essas características, a partir do qual a roupa se insere em um conjunto de significados sobre corpo, beleza, sexualidade, gênero, estilos e grupos, marcas, puberdade e amadurecimento, que são marcados por uma tensão entre o “eu” e o “outro”. Todos esses elementos serão centrais para as representações sobre a adolescência.

Mas antes de falar sobre isso, pretendo abordar duas outras narrativas sobre a infância que podem ou não estar combinadas a essa noção mais geral sobre a falta de significado das roupas durante a infância: a infância como lugar de uma relação “pura” com as roupas, e a infância como período de imposição opressiva por parte dos pais.

4.2. Pureza e corrupção

A tendência que percorre o pensamento ocidental a considerar a criança como mais próxima à natureza e como um ser incompleto, foi acompanhada também por uma visão negativa sobre a infância como “um mal necessário, que deve ser ultrapassado, vencido,

domesticado a fim de elucidar a névoa que paira sob o irracionalismo que lhe é inerente” (GRUMICHÉ, 2012, p.22). A crença de que os seres humanos nascem corrompidos em decorrência do Pecado Original também contribui para que a infância fosse, por muito tempo, pensada como um período potencialmente maléfico (REYNOLDS, 2014).

Em oposição a isso, vai se desenvolvendo desde o século XIII uma iconografia religiosa sobre a infância dos santos, que culmina no século XVII em uma verdadeira devoção à infância de Cristo em sua associação à inocência e à doçura, e que se seculariza pouco a pouco (ARIÈS, 1986; GÉLIS, 1991). Esse processo expressa o desenvolvimento do “sentimento de infância” que conhecemos hoje, e a obra de Jean-Jacques Rousseau é frequentemente citada como tendo um papel bastante significativo nesse processo (GRUMICHÉ, 2012; REYNOLDS, 2014).

Em uma de suas citações mais famosas, Rousseau diz que “o homem nasceu livre e por toda parte ele está agrilhoado” (1996, p.9). O estabelecimento da sociedade seria, portanto, a corrupção de um estado de natureza idealizado e caracterizado pela virtude. Rousseau leva adiante a ideia de que as crianças estão mais próximas à natureza do que os adultos, mas em sua visão isso significa que elas são dotadas de uma inocência inata que só é corrompida através da experiência mundana. Nesse sentido, Rousseau expressa uma nova visão que se fortalece ao longo do século XVIII, segundo a qual a infância é associada a uma série de atributos positivos, como inocência, liberdade, criatividade, emoção e espontaneidade. Esse novo sentimento teria influenciado o Romantismo e dado origem a um verdadeiro “culto à infância” no século XIX (REYNOLDS, 2014).

Podemos perceber que essa visão ainda nos influencia, na medida em que as experiências da infância são “consideradas como partes profundas e verdadeiras da pessoa, como sendo próprias de cada um, num sentido mais profundo e diferente do que as experiências posteriores”, e assim as memórias relativas a esse período são percebidas como mais “íntimas”, “naturais”, e “autênticas” (GULLESTAD, 2005, p.515). Embora o processo de crescimento e amadurecimento envolva aprendizados lentos e graduais, a visão sobre a infância como um conjunto de “qualidades de vida” faz com que em narrativas de vida a ruptura com a infância seja frequentemente apresentada como um momento *definitivo*, e certos acontecimentos específicos são frequentemente tidos como emblemáticos dessa ruptura (GULLESTAD, 2005). Esses acontecimentos variam de acordo com o contexto no qual uma vida é vivida e narrada, mas Marianne Gullestad (2005, p.525) dá alguns exemplos de que tipo de evento costuma cumprir essa função:

perda da inocência em geral; perda da inocência sexual; perda da associação dos sentidos que costumam ser considerados como um privilégio da infância; perda da confiança nos adultos; perda da segurança, às vezes ligada à morte dos pais ou responsáveis, e/ou a guerras ou outros acontecimentos políticos; experiência da morte, geralmente a dos avós; consecução de relações de poder mais simétricas com os pais e outros adultos; assumir novas responsabilidades; começar a cumprir tarefas de adultos; deixar a família; casamento.

Em comparação com essa visão idealizada sobre a infância, a ruptura com ela é muitas vezes narrada com um sentido de perda verdadeiramente rousseauiano, na medida em que esses acontecimentos podem ser vistos como elementos de corrupção das “qualidades de vida” que definem o “ser criança”.

Nas entrevistas em que se baseia o presente trabalho, pude perceber que, embora na maioria dos relatos a infância seja retratada como um período em que as roupas não importam, alguns desses relatos adquirem um tom particularmente nostálgico. A ideia central nessas narrativas é que as crianças não se importam com (ou não pensam sobre) o que os *outros* acham de suas roupas e sua aparência. Uma vez que o olhar do “outro” não interfere no modo como as crianças se vestem, isso faz com que elas tenham uma relação “pura”, “verdadeira” e “honesta” com as roupas, na perspectiva dos entrevistados.

Essa experiência é contrastada sobretudo com a adolescência que, como veremos, é tida como o período em que o olhar do “outro” mais importa, o que é visto como razão para sofrimento, baixa autoestima, insegurança, conflitos, “falta de honestidade para consigo mesmo” e tentativas de “fingir ser quem não é”. E muitas vezes, o momento presente é narrado em contraste com a adolescência, como resultado de um processo de amadurecimento, onde o olhar do “outro” importa menos, apesar de que essa relação nunca pode ser igual à liberdade plena experimentada na infância. Ou seja, o olhar do “outro” e todas as questões que passam a contar a partir dele, sobre as quais falei no último subcapítulo (beleza, atratividade, correspondência a padrões de feminilidade e masculinidade, marcas, valor das roupas...) é narrado como sendo o maior elemento corruptor dessa relação com as roupas característica da infância.

Vou falar de dois relatos onde essa narrativa sobre a infância e a ruptura corresponde ao contraste entre pureza e corrupção de uma forma particularmente clara. Tomemos, para começar, a entrevista de Júlia:

Eu vejo tipo, no passado, quando eu era uma criança, eu me vestia muito... livremente, sabe, tipo ah, a minha mãe (...) *sempre* deixou a gente se vestir do jeito que a gente queria, sabe, tipo ah, o *nosso* estilo, assim. Aí, a maioria das minhas roupas eram totalmente tipo coloridas, (...) uns casacos nada a ver com nada, assim... umas cores muito muito fortes, assim, sabe. Aí eu amava muito o amarelo, (...) tinha até uma

bolsa amarela que eu, cara, assim, eu andava por tudo com ela, tipo, não soltava ela nenhum segundo. Então as roupas eram muito mais tipo... o que eu gostava, assim, e tipo o que... deixa eu pensar. **Não, eu não me importava com o que as outras pessoas pensavam, sabe?** Tipo, (...) a minha irmã, ela ria e ficava tipo “ahhh, todo mundo tem o seu estilo, a Júlia tem todos”, porque era *completamente* tipo... nada a ver com nada, assim. (...) E o que eu vejo é tipo, (...) agora na quarentena, a gente pegou umas fitas antigas, pra ver, assim, os vídeos, e cara, **eu lembro de todas as roupas, sabe? (...)** **todas elas significavam muito pra mim, sabe?** Tipo, eu ficava “caaaaa!”, e toda hora que a gente via um vídeo, uma roupa específica, a gente ficava falando “mano! Essa roupa! Nossa, esse casaco! Eu adoraava esse casaco!”. Então acho que antigamente, assim, eu tinha um *apreço muito, muito* grande pelas roupas, sabe? E eram completamente diferentes, assim, uma das outras, e tinha uma coisa de tipo... “**essa é minha roupa**”, sabe, tipo não tinha... acho que antigamente, pra mim pelo menos, não tinha essa visão de... roupa... tipo igual à outra sabe, das outras pessoas, assim, ah, modelo igual e tal.

Ela também diz que lembra de ver as roupas que a mãe vestia, que eram escuras, simples e de texturas diferentes que as que ela mesma usava, e pensar que *já* gostaria daquilo. Mas falando sobre o presente, Júlia diz que o que mais mudou é que hoje, justamente, ela só veste roupas escuras:

E eu vejo também que as roupas hoje (...) é algo que eu vou, por exemplo, daqui a *dez anos*, ou talvez até menos, (...) quando eu não use mais elas, tipo quando eu doe elas, ou jogue fora, sei lá, **eu vejo que eu não vou reconhecer as roupas, sabe?** (...) Então acho que... no passado, as roupas... tu vê que tipo, já passou uns quinze anos das roupas do vídeo que eu vi essa semana, e ainda eu me olhava exatamente com aquela roupa, sabe? Ficava tipo “nossa! Essa roupa! Eu adorava! Nossa!”. Ah! E também, (...) quando a gente ia doar ou jogar fora quando eu era pequena né, (...) eu ficava *surtando* assim, porque eu gostava *muito*, eu tinha *muito* apreço, muito... como é que é? *Carinho*, (...) assim, pelas roupas. Eu ficava “nooooo não queeero não queeero jogar foooda, não sei o quêeee”. Ai, nossa, tem um vestidinho (...). Era um vestido *rosa*, muito diferente, assim, muito... *criancinha*, assim, sabe? E nossa, eu adorava adorava adorava. Aí quando a gente jogou fora eu fiquei, nossa, fiquei *muito* triste (...) eu fiquei com o sentimento que cara, acho que até assim, quando eu tiver *muito* idosa, assim, eu vou lembrar daquele vestido, sabe? Exatamente como ele é, assim. Eu acredito que a *memória* que eu tenho das minhas roupas quando eu era pequena, são *muito* maiores do que as memórias das roupas que eu tenho hoje, sabe? E hoje também, eu acredito que **as roupas que eu uso, assim... são muito, tipo... sem significado, assim, não são algo que eu olhe (...) pelo como eu vou tá vestindo ela, ou por ela... em si, assim, mas sim... como eu vou tá vestindo ela, o que que as outras pessoas vão ver**, quando me verem usando aquela roupa, e tal. Então acho que são roupas muito... que tipo, passam batido entre as outras, sabe? Acho que é isso a palavra. É. Que passam... (...) **que não ficam na memória guardada, sabe?**

Além disso, ela diz que quando era criança, comprava uma roupa porque a achava legal e bonita, não importando qual era a loja, enquanto hoje só compra produtos de certas marcas. Ela fala, então, sobre o momento que marcaria essa ruptura com a infância:

Eu lembrei de algo agora, muito relevante que eu lembrava da minha infância, que era... teve uma época, que era aquela... banda, aquele grupo lá, Restart, sabe? E aí eles tinham aquelas calças coladas, com cores *muito* chamativas (...). Aí nossa, tem uma foto da gente num show, eu e a minha irmã, *exatamente* igual, tipo só mudando a cor

da calça (...). E aí eu fiquei pensando que acho que foi *nessa* época que a gente começou a ver, assim... Porque nessa época, tipo, pras crianças, pré-adolescente, ali, tava na moda né, roupa do Restart e tal. Então acho que foi essa época, a primeira roupa que eu comprei, assim, porque tava na moda, sabe? Então, aí desde lá também, ah, tinha coisa na moda, a gente comprava, sabe? Tipo, **acho que antigamente, no passado, assim, como a gente era criança, talvez a gente não se importasse com isso né (...).** Então acho que a partir dessa época ali, eu comecei a ver... a comprar as roupas *muito* pela moda, assim.

Ela relaciona essa mudança à passagem da infância para a adolescência, quando percebe que as crianças não se vestem como os adultos e, como ela queria mostrar que estava crescendo, também quis parar de se vestir com roupas “de criança”, assim como os amigos à sua volta. Além disso, as roupas passam a ser realmente um objeto de reflexão:

E também, **acho que foi na época em que eu comecei a pensar realmente tipo, no que eu vestia**, sabe. (...) Acho que como eu era uma criança, eu pensava mais tipo no que que eu ia gostar na hora, e que que era mais colorido e mais alegre. Então acho que depois, a partir dessa época, assim, eu comecei a mais pensar no que *realmente* eu iria vestir, e o *que* eu ia... **como eu ia aparecer pras outras pessoas**, sabe. Tipo essa época que eu comecei a pensar realmente tipo, em que que eu ia compraaar, o *estilo* que eu ia ter. É, acho que isso: **o estilo que eu ia começar a passar dali**.

Vemos que Júlia fala de uma série de contrastes entre o vestir-se na infância e no resto da vida. No subcapítulo anterior, falei sobre o fato de que muitas pessoas falam sobre a ruptura com a infância como o momento a partir do qual a roupa *adquire* significado. Para Júlia, ao contrário, a *infância* era o momento em que as roupas tinham significado. Mas o sentido que ela atribui ao termo “significado” é bastante particular. Ela fala sobre como a ruptura com a infância fez com que a roupa adquirisse sentido em relação a marcas e tendências da moda, e também como símbolo de amadurecimento. Mas quando ela fala do significado que as roupas tinham quando ela era criança, ela está falando sobre o *valor sentimental* das roupas e o *apego afetivo* a elas. E é interessante que Júlia menciona várias roupas específicas de que ela gostava muito, além da bolsa amarela e do vestido rosa que ela menciona nesses trechos. Ela fala dos detalhes de cada peça, das cores, da textura e de como se sentia ao usá-las. Em contraste, ela não fala de nenhuma roupa que possui hoje - apenas comenta em termos gerais que usa peças escuras e sem estampas. Ou seja, na narrativa de Júlia, as roupas da infância são objetos particulares com histórias e memórias específicas, enquanto as roupas de hoje são retratadas de forma abstrata e generalizante.

Esse “significado” que as roupas possuíam na infância também se relaciona ao fato de Júlia dizer que antigamente gostava das roupas “em si”, enquanto hoje ela pensa sobre o “como vai parecer para as outras pessoas” e “o estilo que vai passar” com essas peças. Quer dizer,

enquanto a infância é o lugar onde ela se relacionava de forma “pura” com as roupas, vistas como objetos particulares, objetos amados e lugares de memória, o período posterior é o lugar onde o olhar do “outro” se torna mediador entre Júlia e suas roupas, e sua relação com elas já não é pura, pois as roupas já não são roupas “em si”, mas *meios* para passar uma imagem de si mesma para os outros.

O momento de ruptura com a infância para Júlia é justamente o momento onde passa a se importar com as roupas que estão “na moda”, e como veremos ao longo desse trabalho, a preocupação com o que está na moda é o elemento mais citado como símbolo de uma relação corrupta com as roupas, e por isso frequentemente os entrevistados buscam se afastar dessa relação, seja no tempo (“*antigamente* eu tentava seguir a moda, *hoje* já não me importo com isso”), seja de forma geral (“eu *nunca* liguei para o que estava na moda”).

Vejamos, agora, o relato de Luísa:

Tipo ali pelos 6 anos, 7, é o que eu lembro, assim, de *eu* começar a escolher minhas roupas. (...) eu ficava muito feliz de escolher minhas roupas, sabe? Tipo eu ia sempre pra escola tipo... arrumada... arrumada nível criança, né? (...) E... não sei, pra mim tipo era um *grande* evento, sabe, tipo “ah eu vou pra aula, e daí eu vou escolher as roupas bonitas”, (...) era um momento bem legal, bem gostoso, eu lembro disso com muito carinho assim, que eu adorava fazer isso. E também, tipo, eu acho que era muito **uma forma assim de tipo, eu me expressar, né? Tipo uma forma *minha* mesmo, verdadeira assim, sabe, do que tipo *eu* gostava de usar.** E... também eu lembro que às vezes eu combinava com as minhas amigas de a gente ir meio igual, sabe? Tipo eu lembro que eu passava horas no telefone com uma amiga, tipo conversando “ah, as duas vão de saia jeans, as duas vão de tênis”, sabe? Tipo... era meio que (risos) sei lá, ir meio junto, fazer meio que parte do mesmo grupo, sei lá, alguma coisa assim, sabe? E... eu lembro que era bem... bem legal, assim. (...) eu lembro que eu *adorava* tipo combinar cores, sabe, eu me achava tipo... revolucionando o mundo da moda usando tipo, laranja e rosa junto, sabe? Tipo eu lembro de uns looks assim bem específicos que eu... que eu adorei, assim sabe, eu usava várias vezes (...). Aí... tipo ali um pouquinho quando eu era mais velha, na pré-adolescência, (...) eu sempre me desenvolvi um pouco mais tarde, assim. Tipo eu menstruei mais tarde, eu tive tipo, corpo mais tarde do que as outras minhas amigas. As minhas amigas tipo sei lá, com 12, 13 anos já tavam tipo... já eram mulheres, sabe, e eu tipo, ainda... eu era bem... não tinha muito *corpo*, (...) então tipo... **eu tive uma dificuldade ali naquele tempo de achar roupas que eu gostasse, sabe? Acho que eu tinha um pouco de *vergonha*,** assim. Tipo na época eu acho que eu não sabia que era isso né, mas hoje em dia vendo eu acho que era tipo um pouco de vergonha. Daí eu usava tipo... roupas tipo mais colaaaadas, eu comecei a usar tipo aquele sutiã de bojo, sabe? (...) Eu quase só usava tipo calça jeans... e camisetas coladas, assim, que tipo meio que mostrassem meu corpo, digamos assim, que eu tipo meio que não tinha né, mas enfim, na minha cabeça... aquilo ali valorizava o meu corpo. E All Star. Tipo assim, era só o que eu usava, sabe? (...) Mas tipo, **era quase uma roupa pra passar despercebido,** assim, sabe?

Podemos notar que Luísa retrata a sua relação com as roupas na infância em um tom bastante nostálgico. Deixa claro o quanto gostava de se arrumar, escolher suas roupas e

combinar o *look*²⁷ com o das amigas, e considera que essa era uma forma “verdadeira” de se expressar. Em contraste, a entrada na pré-adolescência marca um momento em que começa a comparar seu corpo com o das outras meninas e a se sentir insegura sobre ele. Aquela relação “pura” e feliz com as roupas é corrompida; ela já não encontra roupas que a façam sentir bem e tenta usar peças que valorizem seu corpo, criando as curvas que ela na verdade não tinha. Mas, no fim, eram roupas “para passar despercebida”.

Essa ruptura dá início a uma série de modos de se vestir que não são capazes de resgatar aquela relação feliz que ela tinha com as roupas durante a infância. Primeiro, ela se torna modelo e tem o seu vestuário, penteado e maquiagem orientados pela agência:

meio que a agência de modelo te cobra que tu seja de tal jeito, sabe? Tipo eu lembro que eu tinha que usar tipo sempre preto, sempre, (...) usar coisas sempre mais juuustas, que mostrem teu cooorpo, (...) uma maquiagenzinha básica, com o cabelo tipo ajeitado, sabe. Tipo essas coisas, e isso acabou se incorporando... no meu dia a dia, né? (...) E... tipo, **eu gostava, mas não era uma coisa que meio que eu que criei, sabe? Tipo meio que... que foi colocado**, assim.

Depois, no último ano do Ensino Médio, ela deixa de ser modelo e sua forma de se vestir muda:

eu tive uma fase... meio Farm²⁸, assim (risos), que eu era tipo... só usava coisa colorida, e coisa de praia, e não sei o quê, que tipo **não tem muito a ver comigo**, hoje em dia eu vejo né, mas enfim. Mas foi sei lá, **acho que era meio que moda**, assim sabe?

Podemos notar que o modo como se vestia tanto na sua “fase modelo” quanto na sua “fase Farm” são narrados como não tendo realmente “a ver” com ela, ou seja, não são capazes de ser uma “forma de expressão verdadeira”, como eram suas roupas na infância. Na “fase modelo”, embora ela gostasse das roupas que usava, elas não eram produto de um estilo criado por *ela* mesma, mas algo que lhe foi *colocado*. Na “fase Farm”, Luísa acha que vestia roupas que não tinham a ver com ela porque eram “moda” na época.

É no cursinho que as coisas começam a mudar. Ela começa dizendo que sempre gostou de se acordar cedo para ter tempo de sobra para se arrumar:

Então tipo na época do cursinho eu *também* fazia isso, mesmo se eu só ia ficar lá o dia inteiro estudando. Tipo... se eu ia tipo... meio desarrumada... meio que eu não me sentia bem, não pelo que os *outros* iam achar, mas tipo aí, meio que **eu comecei a criar**

²⁷ “Look” é um empréstimo do inglês e significa “visual”, geralmente se referindo a uma combinação específica de roupas que a pessoa escolheu para usar no dia.

²⁸ Farm é uma marca de roupas carioca conhecida por suas peças coloridas e estampadas com temas tropicais e relativos à praia e ao verão.

o meu estilo, sabe? Ali no cursinho. Tipo eu lembro que **eu me arrumava muito pra mim**, porque tipo... pô, tu vai no cursinho estudar, sabe? Tu não vai se arrumar pros outros, sabe? Tipo tu nem *encontrava* outras pessoas, tipo era eu e eu mesma ali, sabe? Naquele modulozinho de estudo. Então tipo, eu comecei a realmente acho que me arrumar pra mim, sabe? Meio que **conhecer o meu estilo**, que é o de hoje em dia, né. (...) e eu acho que hoje em dia tipo **a minha roupa é muito, tipo uma forma de quem eu sou**, sabe? É muito... tipo eu olho pro meu armário, assim, e cara, as peças que tem aqui são peças tipo que eu uso, sabe? (...) E eu... eu fico muito feliz com isso, tipo... porque eu meio que **entendi que meu estilo é uma forma de expressão**, sabe? E tipo, se eu gosto de usar tal estilo, é o meu estilo e pronto, sabe?

Na sua narrativa, o cursinho é o momento em que começa a se arrumar “para si mesma” (ou melhor, *volta* a se arrumar para si mesma), em vez de “para os outros”, e é aí que começa a “criar”, “conhecer” e “entender” o seu estilo. Ou seja, o presente é o momento em que volta a experimentar aquela relação feliz com as roupas que tinha na infância, mas que havia sido perdida. O seu modo de se vestir volta a ser uma “expressão verdadeira” sua, da mesma forma que quando era criança - “uma forma de quem eu sou”, nas suas palavras. Assim como no relato de Júlia, o olhar do “outro” é visto como o elemento corruptor, e para que Luísa entenda seu modo atual de se vestir como um verdadeiro “modo de expressão”, é necessário afastar-se desse olhar.

Mas é impossível neutralizar completamente o “olhar do outro”. Segundo Luísa, o seu estilo é mais “arrumado”, e isso às vezes faz ela se sentir desconfortável:

Eu faço Arquitetura (...) e eu já me senti desconfortável na UFSC por tipo meio que *estar arrumada*, sabe? Porque... na Arq tem um pouco disso de tipo, ai, ser meio *largado*, assim, sabe. E... enfim, pode ser o estilo da pessoa né, mas eu sinto que eles... eu me sinto às vezes *julgada* por estar tipo, um pouco mais arrumada, sabe? (...) Sei lá, **às vezes eu não me sinto confortável de estar com a roupa que eu tô, tipo pelos outros**, sabe? Na faculdade. Mas... eu meio que aprendi a meio que ligar o foda-se, sabe? Tipo eu sentia isso mais no começo da faculdade, e eu liguei o foda-se, porque é o jeito que eu me sinto bem, sabe.

Por mais que ela diga que se sentia assim mais no início do curso (afastando a importância do olhar do “outro” no tempo), ela também diz que “às vezes não se sente confortável”, o que indica que ainda é um sentimento recorrente, embora ela tente afastá-lo. Quer dizer, se a infância é caracterizada por uma relação “pura” e feliz com as roupas, onde o olhar do “outro” não importa, e o presente é um movimento de retorno a isso, ele nunca pode ser um retorno completo; a infância, uma vez perdida, não pode ser retomada.

Se voltarmos para o relato de Júlia, veremos que essa representação sobre o presente também aparece. Logo depois de falar sobre aquela ruptura simbolizada pela ida ao *show* do Restart, quando começa a comprar roupas “muito pela moda”, ela diz:

Então acho que a partir dessa época ali, eu comecei a ver... a comprar as roupas *muito* pela moda, assim. Muito mesmo, assim. E aí depois de um tempo, acho que ali no Ensino Méeeedio, (...) é que **eu larguei de mão**, sabe, e na faculdade também, eu não tipo... não olho mais a moda, assim. Até... não, mentira. Algumas coisas assim, tipo umas calças, (...) eu gosto *muito* de calça, de um estilo de calça, só que **eu não compro** (...), **eu não vou ir atrás, porque realmente, o pessoal acha muito feio**, sabe? *Eu* acho bonito (risos), mas muita gente acha feio, e (...) não é algo, digamos assim, *aceitável* pela moda, sabe?

Vemos que ela interpreta o momento presente como resultado de um processo ao longo do qual ela deixa de se preocupar tanto com seguir o que está na moda, mas essa preocupação nunca desaparece de verdade. Romper com a infância é um caminho sem volta.

Nessas últimas páginas, comentei os relatos de Júlia e Luísa por serem exemplares de narrativas que representam a infância e a ruptura através da relação entre pureza e corrupção. Outras pessoas também mobilizam esse tipo de narrativa para interpretar sua própria trajetória, e embora os dois relatos que selecionei sejam de meninas, a tendência a construir esse tipo de narrativa não parece estar relacionada a gênero (ao menos entre as pessoas que entrevistei), já que meninos também o fizeram.

Essa representação sobre a infância-ruptura como pureza-corrupção pode ser interpretada como uma narrativa essencialmente romântica. O Romantismo enquanto movimento artístico e intelectual tem uma localização histórica particular, é claro, embora ela seja difícil de ser identificada devido à diversidade e abrangência desse movimento (CAMPBELL, 2001). Quando digo que essa narrativa sobre pureza e corrupção tem caráter romântico, não estou me referindo ao Romantismo dos séculos XVIII e XIX, mas a uma “experiência romântica” mais geral, no sentido dado a ela por Elias (2001). De acordo com esse autor, é possível observar tendências românticas em diferentes períodos históricos e sociedades, e “o que liga essas tendências entre si são as situações estruturalmente similares de certas camadas sociais” (ELIAS, 2001, p. 221). Essa situação estruturalmente similar seria a experiência da internalização do mecanismo de intenso autocontrole que é característico da estrutura de personalidade ocidental, sobre o qual já falamos anteriormente:

Trata-se de camadas superiores que estão submetidas a coerções da interdependência e a autoerções de origem cultural mais fortes do que as de formações anteriores. Em virtude disso, os representantes dos estágios de desenvolvimento anteriores tornam-se, a seus olhos, símbolos de uma vida mais livre, independente, simples, natural ou, em todo caso, melhor. Tornam-se os representantes de ideais nostalgicamente admirados, os quais, no entanto, não são mais concretizáveis na vida social do presente ou do futuro. (...) Em outras palavras, faz parte dos traços essenciais das mentalidades e ideais românticos o fato de que seus representantes veem o presente como uma degradação à luz do passado, e o futuro - se chegam a ter em vista um futuro - apenas como uma restauração do passado idealizado, melhor e mais puro (ELIAS, 2001, p.226)

Como já discutimos, Elias defende que a internalização desse mecanismo de autocontrole produz um autodistanciamento e a crença na existência de um “eu interno” que existe em oposição à sociedade, que é a reificação das normas sociais já interiorizadas pelo próprio indivíduo. Esse sentimento estaria na origem de uma permanente angústia, o “conflito fundamental da experiência romântica” (ELIAS, 2001, p.226): a pessoa sente que o seu “verdadeiro eu” está acorrentado, e sente um anseio pela libertação dessas coerções²⁹, mas esse anseio é um sonho irrealizável, já que o autocontrole é uma segunda natureza para o indivíduo, “uma parte integrante do ‘eu’ e do autorrespeito” (ELIAS, 2001, p.227). Na verdade, eles não podem destruir as coerções sob as quais vivem sem destruir “aquilo que dá sentido e valor às suas vidas do seu próprio ponto de vista - sem destruir a si próprios” (ELIAS, 2001, p.227). Esse conflito dá origem à

projeção de anseios irrealizáveis de libertação das profundas coerções das interdependências (...) na imagem dos grupos humanos pertencentes a um estágio de desenvolvimento social anterior, mais simples, menos diferenciado, [que] faz com que esses outros grupos humanos apareçam como a personificação de valores elevados que no presente se tornaram inatingíveis (ELIAS, 2001, p.228)

Nesses trechos, Elias está se referindo à maneira como os cortesãos franceses se sentiam em relação aos camponeses, que representavam para eles a nostalgia em relação ao seu próprio passado feudal em comparação com o presente opressivo na corte. A idealização da “vida simples no campo” era também acompanhada pela idealização da natureza campestre. Os guerreiros medievais viviam em meio ao campo, e portanto não vivenciavam a natureza como *paisagem*, ou seja, a partir de um distanciamento estetizante. É só a partir do processo de urbanização e da vinda à corte que “os campos e aldeias, planícies e montanhas tornaram-se, por contraste, um espetáculo que se desenrola à distância” (ELIAS, 2001, p.233).

Agora, se acompanharmos Elias (2011) em sua observação de que cada vida é um processo civilizador individual, no decorrer do qual cada pessoa internaliza essa “courage” de autocontrole e a experiência de autopercepção a partir de uma tensão entre o ego e a sociedade, entendemos que as *crianças*, tanto quanto a vida no campo e a natureza, podem ser objeto dessa

²⁹ E a semelhança com a já citada frase de Rousseau não é mera coincidência, já que podemos interpretá-la como uma expressão da economia de afetos do seu tempo. Também segundo Campbell (2001, p.248), adjacente ao Romantismo dos séculos XVIII e XIX estava um “raciocínio que só conserva a associação entre a suscetibilidade emotiva e a bondade à custa de tomar as normas e a etiqueta fontes de tudo o que é indesejável, levando, conseqüentemente, a contrastar o ‘ego’ e a ‘sociedade’, definindo-se a pessoa de verdadeira sensibilidade como alguém que se destina a ser um ‘intruso’. (...) Esse desenvolvimento pode também ser visto nos romances mais conhecidos da época, que retratam, caracteristicamente, jovens senhoras que são obrigadas a ‘sofrer’ pela ‘sociedade’.”

idealização nostálgica de um passado mais livre, simples e espontâneo, que aqui não está projetado nem em outra camada social, nem na paisagem, mas em uma fase passada da história de vida da própria pessoa. Inclusive, a nostalgia em relação à infância é reconhecida como uma característica importante do próprio Romantismo³⁰:

Quase todos os principais escritores do período compartilhavam uma grandiosa concepção sobre o ciclo de vida, na qual a idade é sentida sobretudo como um “desbotar”. A Natureza é Luz, é Deus, e a criança vive sem autoconsciência/constrangimento, próxima da fonte de toda alegria, em relação a qual adultos, cada vez mais convencionais, imitões e sobrecarregados/oprimidos, vão se afastando. (STROUP, 2005, p.2, tradução livre)³¹

Nessa narrativa sobre infância e ruptura, o olhar do “outro” é a materialização das convenções sociais que a pessoa internaliza como parte de seu próprio “eu”. Embora essas convenções sejam motivo para frustração e sofrimento, é impossível libertar-se delas, pois elas fazem parte da visão de mundo do próprio indivíduo. Se a infância é tida como o momento em que o olhar do “outro” não importava, isso significa que ela é idealizada como o momento em que o “eu verdadeiro” podia se expressar livremente, uma vez que a sociedade supostamente não estava lá para impedi-lo. Dessa forma, assim como a natureza e a vida no campo para os cortesãos franceses, a infância se torna, para as pessoas que eu entrevistei, “um espetáculo que se desenrola à distância” (ELIAS, 2001, p.233).

Podemos perceber, também, que por trás dessa oposição entre infância-ruptura, pureza-corrupção e ego-sociedade, há também uma oposição entre verdade-falsidade e natureza-artificialidade. Segundo Elias (2001), outro efeito do processo civilizador é justamente a emergência ou aprofundamento da preocupação em distinguir a “realidade” da “ilusão”. Se o “eu interior” é diferente da forma como ele se apresenta aos outros, ou seja, se há toda uma dimensão de si que as pessoas não estão sempre deixando à mostra, há sempre a angustiante possibilidade de que as pessoas estejam fingindo ser coisas que não são realmente³². E mais: há sempre a angústia em saber se *nós* estamos realmente mostrando a “verdade” sobre nós mesmos.

³⁰ Ver, por exemplo, Reynolds (2014), Austin (2003) e Stroup (2004).

³¹ No original: “nearly all the major writers of the period participated in such a grand conception of the life cycle, in which age, for the most part, is felt as a “fading”. Nature is Light is God, and the infant lives unself-consciously near the source of all joy, from which increasingly conventional, imitative, burdened adults travel away.” (STROUP, 2005, p.2).

³² Essa angústia foi relatada detalhadamente por Erving Goffman (1985). Sua obra está repleta de exemplos de como as pessoas podem saber ou não que estão representando, podem se sentir aflitas por não saberem se acreditam na própria representação, podem tentar identificar se as outras pessoas estão ou não estão sendo honestas, etc., que podem ser lidos como exemplos da experiência ocidental de autopercepção de que fala Elias.

Para as pessoas que entrevistei, isso aparece sob a forma de reflexões do tipo: será que eu me visto para *mim* ou para os *outros*? Será que eu *realmente* gosto do que eu visto, ou será que estou só seguindo a moda? Será que o meu jeito de me vestir realmente expressa meu verdadeiro eu? Será que a forma como eu me vestia no passado realmente tinha a ver comigo, ou eu só estava me preocupando com a opinião dos outros? Em oposição a isso, a infância é idealizada como o período em que essa angústia não existe, pois o olhar do “outro” não está à espreita. Na infância há somente o “verdadeiro eu” aproveitando sua plena liberdade de expressão.

Expressar seu “verdadeiro eu” e “ser você mesmo” são ideais muito valorizados por esses jovens. Como já discutimos, o pensamento ocidental trabalha com a ideia do indivíduo como um ser autônomo. Georg Simmel (1998) observa, contudo, que esse individualismo acaba por percorrer diferentes caminhos ao longo da história. Para o Iluminismo, o indivíduo é aquilo que encontramos após despir as pessoas de suas particularidades históricas: é uma essência abstrata e universal; aquilo que é igual em todas as pessoas. Já para o Romantismo, o indivíduo é justamente o oposto: é aquela essência singular que distingue uma pessoa de todas as outras, e a “busca do indivíduo por si mesmo” e a expressão dessa singularidade tornam-se, nessa tradição, obrigações éticas³³.

Para Simmel, essas duas perspectivas sobre o indivíduo se fazem presentes na cultura moderna, nas mais variadas esferas. Nas narrativas dos jovens entrevistados, o individualismo romântico aparece na idealização da infância como lugar da plena expressão do “eu verdadeiro”; na busca contínua pela certeza de estar se vestindo de uma forma que expresse esse “eu”, e na tendência dos entrevistados a avaliarem os diferentes modos como se vestiram ao longo de sua vida em termos da sua capacidade relativa de expressar esse “eu”. Além disso, o individualismo romântico também aparece em uma outra narrativa sobre a ruptura com a infância, que a representa como a busca por autonomia frente aos pais. Essa narrativa será o tema do próximo subcapítulo.

4.3. O domínio dos pais e uma autonomia desejada

Tanto Luísa quanto Júlia falaram sobre como gostavam de escolher as próprias roupas quando eram crianças. Mas se elas acreditam que tinham esse poder de escolha, elas representam uma minoria entre os entrevistados. Como já foi comentado, a característica mais

³³ É por isso que podemos dizer, como o fizeram Viveiros de Castro e Benzaquen de Araújo (1977), que a personalidade é o lugar do *mana* na nossa sociedade.

consensual sobre a infância entre os informantes é o fato de que quem escolhe as roupas para as crianças são os pais, e principalmente a mãe. Nesse sentido, uma narrativa frequente sobre a infância é aquela que enfatiza o *poder de imposição* possuído pelos pais, e a ausência de *poder de escolha* do lado das crianças.

Na maior parte das vezes essa falta de voz é narrada como passividade: as crianças não têm poder de escolha, mas também não se importam em escolher as suas roupas, e vestem qualquer coisa que “apareça” no seu armário. Outras vezes, porém, o “domínio dos pais” é narrado como tendo sido vivenciado como um desconforto, pelo menos a partir de um certo momento:

Tipo quando eu era criança, meu pai me vestia, e meu pai é muito velho, ele tem 72 anos e eu tenho 22, então ele me vestia que nem uma criança... do Jockey Clube, assim. (...) E daí eu sentia muita vergonha, (...) porque... eu tava sempre com cabelo lambido, com gel, assim porque... sei lá era essa a estética que o meu pai... achava bonito (risos), sei lá, pra uma criança. E daí eu comecei a ficar muito desconfortável na escola, porque eu tava com cabelo lambido, e essas roupinhas engomadinhas, e daí eu já comecei a meio que me vestir por conta. (...) Tipo eu perguntava pros meus amigos onde que eles compravam roupa e eu ia comprar. (Artur)

Quando eu era criança, eu lembro que tinha uma calça laranja... que eu sempre usava ela porque a minha mãe me obrigava. Eu odiava ela, toda vez que a minha mãe me fazia usar ela, eu tinha *vergonha* dessa calça, tipo, não queria me vestir desse jeito. Mas a minha mãe... queria que eu me vestisse. (Ana)

Olha, eu lembro que com... uns 9, 10 anos, eu comecei a me preocupar um pouco mais com... com roupa, com aparência, com vestimenta, com coisas assim. Mas... eu ainda era muito novo pra decidir o que eu queria usar né. (...) E... bom, usava o que a minha mãe comprava pra mim, e... às vezes eu falava o que eu gostava, mas... ela não gostava muito, daí ela acabava me vestindo como ela queria. E durante um tempo foi assim mesmo. Acho que eu virei *independente*, digamos, só com uns... 14, 15 anos. (João)

Nessas narrativas, a criança não gosta das roupas escolhidas pelos pais, e quer começar a escolher as próprias roupas, mas pode ser que seus pais não queiram lhe conceder esse poder de escolha. Nesses casos, a ruptura com a infância é frequentemente retratada como uma busca deliberada por autonomia e independência, ou como um processo ao longo do qual a pessoa começa a “entender” a si mesma e “entender o seu estilo”, o que é narrado como sendo sinal de amadurecimento e de um “tornar-se independente”:

Primeiro, elas [as roupas] eram escolhidas pela minha mãe, então ela comprava pra eu usar aquilo que *ela julgava ser bonito, ou adequado, apropriado, enfim, e depois eu acabei meio que seguindo a influência da minha irmã*. Que é mais velha. No caso eu... me vestia mais assim parecido com ela, só que nesse período (...) eu fui colocando coisas que *eu* gostava nessas roupas, por exemplo, ela gostava muito de usar... decote, eu já não gostaaaava, então eu usava uma blusa parecida, mas sem um decote. A minha irmã ela sempre gostou de coisa muito coloriiida, e eu sempre fui mais de gostar de coisa neutra, quando **eu fui percebendo que eu poderia escolher as coisas né, eu**

entendia que eu gostava de coisas mais neutras e tal, porque nós temos muitas diferenças físicas, de tipo, tipo de corpo, tanto quanto a cor da pele, e eu... naquele momento não entendia que qualquer cor ficaria boa pra minha pele, né? (...) Aí adaptei dessa forma, fui colocando coisas que eu gostava, e **quando eu vi eu só usava coisas que eu gostava**, eu já não usava mais as coisas que *ela* gostava. (...) E quando eu comecei a usar as coisas que eu gostava, eu percebi que era *completamente* diferente, porque eu tava sempre tentando adaptar... a partir já de uma percepção de se vestir né, que era a *dela*. E aí eu percebi que é completamente diferente, a maneira como eu me visto hoje em dia é o jeito que eu gostaria de me vestir, sabe? (...) **uso as roupas que quero, que me interessam, independente do formato do meu corpo, ou da cor da minha pele** (...). Eu uso tudo o que quero usar, porque acho que fico bonita com absolutamente tudo. E é isso. (Isabel)

Nessa passagem, Isabel fala de uma ruptura gradual com o domínio da mãe, primeiro, e depois com o domínio da irmã. Essa ruptura é vista como um processo ao longo do qual ela vai “entendendo” o que ela gosta e o que fica bem nela, e é também uma transição onde o seu modo de se vestir deixa de ser *externamente referido* (suas referências eram sua mãe e sua irmã) e passa a ser *internamente referido* (sua única referência é ela mesma)³⁴. O desfecho da narrativa é o momento presente, onde ela diz com orgulho que veste as roupas que ela gosta, independente do formato do seu corpo e da cor da sua pele. Ou seja, é uma narrativa onde o descolar-se dos “outros” como modelos é retratado como uma tomada de independência.

Além disso, chama atenção o tom que Isabel usa ao falar da época em que sua mãe escolhia suas roupas: sua mãe não somente escolhia o que ela gostava e achava bonito, mas o que considerava “adequado” e “apropriado”, o que parece trazer à tona normas e convenções sociais sobre que tipo de pessoa deve usar certo tipo de roupa. Entendi o motivo para isso depois, quando perguntei a ela se lembrava de ter tido alguma roupa preferida quando era criança:

Quando eu era pequena, a única roupa que a minha mãe escolheu que não era, digamos assim... **ela tentava sempre me colocar no padrão mais... feminino, né, muitas aspás, no padrão mais feminino possível**, então ela comprava tudo *rosa* pra mim (risos), e eu lembro que uma vez ela comprou uma calça, uma calça dessas de... de pescador, que a gente fala, e ela... era preta. E (risos) foi uma calça que eu *amei*, eu amava. E fora essa calça, a única coisa que eu gostava de usar *mesmo*, sem ser o que a minha mãe escolhia pra mim, era o uniforme da escola, porque era um bermudão grande, assim, largo, e camiseta e All Star. Era isso.

³⁴ Já percebemos que os entrevistados valorizam muito esse *modo de vestir internamente referido*, ou seja, vestir só o que a pessoa gosta, sem se importar com a opinião dos outros, exercendo seu “verdadeiro estilo” etc. Apesar de sabermos que nossos gostos, desejos e projetos dependem da nossa cultura e da nossa posição na sociedade, entre outros fatores, *não* sendo, portanto, expressões de uma “essência do eu” passível de ser isolada, essa valorização de um modo de vestir internamente referido é significativa na medida em que expressa representações compartilhadas em nossa cultura sobre pessoa, sobre relações interpessoais e sobre o significado das roupas.

Ou seja, o domínio da mãe é narrado não só como a imposição de roupas de que ela não gostava, justamente porque essa era também uma tentativa de impor padrões de feminilidade com os quais ela não se sentia (ou não se sente hoje, olhando para o passado) confortável. E realmente, o que observei é que nas narrativas que retratam a infância e a ruptura através do discurso sobre o domínio dos pais e uma autonomia desejada, frequentemente esse domínio pode ser representado como a tentativa de impor padrões de feminilidade ou masculinidade vistos como opressivos, ou como a persistência em impor “roupas infantis” quando a pessoa quer mostrar que está crescendo e que já não é mais uma criança:

Eu tenho lembranças de quando eu era bem pequeno, que minha mãe (...) comprava as roupas que eu ia usar (...). Então gradativamente eu ia... cada vez mais *opinando* no que eu queria, digamos assim, mas desde aquela época, pelo menos as lembranças que eu tinha eram roupas já... assim, que eu gostava, mas não era o... o que eu realmente queria, o ideal que eu queria né. Porque... pelas minhas lembranças, geralmente **eram roupas meio *infantis*, assim, e eu sempre queria roupas tipo mais de adulto, pra... me sentir sei lá, mais... mais velho**, digamos. (Vinícius)

É, a minha infância... eu lembro que tinha muito uma relação com... com **querer ser mais adulta**, assim, e com a recusa das roupas que a minha mãe queria que eu vestisse. Acho que mais ou menos ali por uns... 6 anos, o momento que eu queria escolher mais as minhas roupas e não só vestir as roupas que a minha mãe escolhia pra mim, e... **a minha mãe gostava muito que eu vestisse coisas feminiiiiinas**, (...) coisas apertadas, enfim né, bem femininas, e eu sempre... não gostava nenhum pouco disso, eu não gostava de usar brilho, eu não gostava de usar rosa, de usar coisa com pelinho, e... **acho que isso era uma... tentativa de dizer assim, que eu não era mais... criança**, sabe? Apesar de obviamente eu era uma criança né, então era como eu me sentia na época. (Alice)

Enquanto Vinícius fala sobre o desconforto em usar as roupas infantis que sua mãe escolhia para ele, no relato de Alice a recusa das “roupas de criança” é misturada à recusa das “roupas femininas”. A ruptura com a infância é vista, portanto, como o desenvolvimento de uma imagem de si mesmo que “não bate” com aquela imposta pelos pais, o que gera tentativas de impor sua própria autodefinição através das roupas³⁵. Além disso, essa vontade de ser mais velho, de ser adulto ou de ser adolescente foi mencionada por várias pessoas como um sentimento normal e esperado para crianças nessa “fase de transição”:

Eu comecei a perceber, assim, que as pessoas adultas não se vestiam que nem a gente se vestia, sabe? (...) E aí também, é muito da época de ah, passar da *pré-adolescência* pra *adolescência*, assim, sabe. **Criança, assim, pra adolescente. Então tinha que fazer... acho que mostrar, que a gente tava crescendo**, sabe? É que eu imaginava assim, que roupas coloriiiiidas, que roupas que eu gostava antes, eram coisa *de criança*, sabe? Então... pra eu me tornar uma adulta (...) eu tinha que começar a mudar o meu modo de me vestir né. (Júlia)

³⁵ Sempre mantendo em mente que esses são significados atribuídos *a posteriori* às experiências passadas.

Quando eu era criança, (...) eu não tinha muito um senso do que era bonito, do que era feio (...). Aí eu sinto que teve uma fase, de transição, é... eu lembro que (...) eu senti “pô, **agora eu tô entrando na pré-adolescência, agora eu posso me vestir bem**, eu vou me vestir tipo, como... os meus colegas”. (Daniel)

Ou seja, há uma concepção de que as crianças *querem* ser adolescentes, querem mostrar que são “grandinhas”, e que para isso é necessário mostrar que já não são mais dependentes dos pais. Como vemos na fala de Júlia, acima, e na de Pedro, abaixo, esse sentimento pode ser formulado em termos de uma “lei geral”, como uma experiência universal de ingresso na adolescência:

Quando a gente é criança, a gente acaba vestindo tudo que... nossos pais querem, quase, até uns... certa idade a gente não tem muito uma... como optar por roupa, né. Aí depois de um tempo, (...) acho que foi junto dessa fase de rebeldia, assim, eu comecei a escutar muita música... tipo de rock (...). E aí eu comecei a adotar esse estilo mais do punk (...). Eu acho que (...) **quando... eu mudei de criança pra adolescente rebelde, acho que é meio normal em todo mundo**, né, a gente acaba se agarrando a alguma coisa que a gente acha legal, porque a gente sempre quer ser legal, e aí... porque **você tem que construir uma identidade**, né, quando a gente sai dessa questão de tá... entre aspas né, sob o domínio dos pais (risos), depois a gente quer se ver *livre* desse domínio, então **a gente tem que trazer uma identidade que às vezes é muito oposta à identidade dos pais e das pessoas que a gente tem em nossa volta**. Então, acho que essa primeira quebra de estilo foi por esse motivo, sabe, de construir uma identidade mais rebelde, mais oposta, assim. (Pedro)

O objetivo desse subcapítulo foi mostrar que a infância pode ser representada como um período opressivo de imposição de roupas por parte dos pais. Frente a isso, há uma ideia de que as crianças *querem* se libertar do domínio familiar, impondo o seu próprio gosto e sua própria autoimagem. Isso muitas vezes se associa a ideia de que as crianças desejam ser mais velhas e querem mostrar que estão crescendo. Por isso, nessas narrativas a transição entre a infância e a adolescência pode ser narrada inclusive como sendo um processo autoconsciente: a pessoa sabia que estava “entrando” na adolescência, e isso significava querer ou poder usar roupas que expressassem essa nova “identidade”. Essa experiência de transição pode ser articulada como se fosse uma lei geral, uma forma “normal” de vivenciar a passagem entre essas “fases da vida”. E essa vontade de se libertar do domínio dos pais é valorizada, pois é vista como sinônimo de um desejo de tornar-se independente e, portanto, como sinal de amadurecimento.

Mas apesar de que essa ideia sobre o *valor* da vontade de ser independente é bastante compartilhada, nem todas as pessoas falaram que realmente sentiam vontade de se libertar desse domínio. A tensão entre a percepção sobre o valor da vontade de ser independente e o próprio sentimento de *não querer* ser independente pode ser, então, sentida como uma falha pessoal e ser motivo para frustração e insegurança, como veremos no próximo subcapítulo.

4.4. Independência e dependência

Em contraste com essa representação sobre a ruptura com o domínio dos pais como um processo de conquista de uma autonomia *desejada*, algumas pessoas falaram dessa ruptura como um processo difícil. Nessas narrativas, a criança não queria (ou tinha dificuldade de) sair dessa relação de passividade frente às escolhas dos pais, embora os próprios pais pudessem pressioná-la para começar a ser independente:

Quando eu era criança, minha mãe costumava me vestir, sempre, e... eu lembro que eu tive uma... uma tipo **transição difícil quando eu comecei a escolher as minhas próprias roupas, que eu não queria fazer isso**, tipo minha irmã foi bem mais tranquila pra isso, e pra mim tipo eu sempre ficava pedindo ajuda pra minha mãe, e ela chegou um ponto que **ela meio que tava me obrigando a escolher sozinha** sabe? Porque né, tava na hora (risos). (Marina)

Quando eu era menor, no passado, até os meus 13 anos, a minha mãe ela arrumava roupa pra mim (...). Eu tomava banho, saía do banho e ela já tinha separado a roupa em cima da minha cama (...) e eu nunca me incomodei, porque (...) era uma coisa que... que eu não precisava me preocupar, que eu sempre gostava das combinações que a minha mãe fazia, então... **eu não tinha muita... muita vontade de realmente escolher as roupas**. Só que daí a minha mãe começou a ficar com preguiça mesmo, ela ficou “Ai Beatriz, você já tem 13, 14 anos, você que escolhe tuas roupas”. Daí eu comecei a escolher as roupas, muito no estilo assim que a minha mãe escolhia pra mim, no início. (...) eu tive total autonomia assim das roupas que eu escolhia, e que eu comprava mesmo, quando eu fui pro intercâmbio, em 2014, então eu já tinha 16 anos. Até então eu sempre comprava as coisas *com* a minha mãe, nunca comprava as coisas sozinha, e daí como eu tava sozinha lá, (...) eu comecei a comprar as coisas... por conta própria. (...) **mas eu sempre me preocupei bastante com o que a minha mãe achava das minhas roupas**, então eu mandava foto pra ela, eu falava “ah, o que que cê acha, mãe? Acha que tá legal?”. E... então ela sempre fez muito *parte* assim, dessa... do meu gosto por roupa, por moda, e eu sempre tentava... agradar ela, assim, as roupas que eu escolhia. Mas eu não deixava de escolher alguma coisa que eu gostava também, né. Se ela achava que era uma coisa que não ficava tão legal, mas eu gostava muito, eu comprava mesmo assim. E... depois que eu voltei do intercâmbio, meus pais se separaram, então eu moro com o meu pai, e a minha mãe ela mora em outra cidade, então **isso acabou fazendo com que... eu tivesse que tomar as rédeas assim, sobre a minha personalidade e as roupas que eu uso**. (Beatriz)

Podemos notar no relato de Marina que, embora ela diga que na época ela não queria começar a escolher suas próprias roupas, ela reconhece o valor da vontade de ser independente, e por isso dá razão à mãe ao obrigá-la a escolher suas roupas - afinal, “tava na hora”. Na narrativa de Beatriz, o processo de ruptura com o domínio da mãe é bastante longo, e foi preciso que ela se mudasse para outro país, e depois morar em outra casa, para que ela começasse a realmente escolher suas roupas sem a referência constante à mãe. É interessante observar que na narrativa de Beatriz, “tomar as rédeas” sobre as roupas que ela veste significa também “tomar as rédeas” sobre a sua *personalidade*. Isso lembra o relato de Isabel, no último subcapítulo, e

sua narrativa sobre a passagem de um modo de vestir externamente referido para um internamente referido como uma conquista pessoal. Nessa ótica, para ser “sua própria pessoa”, alguém independente, é necessário escolher suas próprias roupas, e não deixar que outras pessoas o façam ou escolher roupas pensando sempre no que essas outras pessoas vão achar.

Quando eu era mais nova, a minha mãe que escolhia as minhas roupas, assim (risos). E aí eu lembro que teve um período na adolescência, assim, pré-adolescência, ali, que eu tava (risos) meio na **crise existencial da moda, porque... eu precisava muito da opinião da minha mãe**, pra comprar minhas roupas, mas às vezes eu comprava uma coisa meio porque ela tinha achado muito bonito, e no fundo eu não tinha... gostado muito, né. E... mas aí como eu não tinha muita certeza, muita convicção de dizer assim, “não gostei”, sabe, de saber se eu gostei ou não gostei, eu acabava comprando e daí ficava rolando no armário, né. Aí com o tempo eu fui percebendo, assim. Uma coisa que eu fiz bastante na adolescência e que foi me ajudando a descobrir, assim, o meu estilo, foi acompanhar blogueiras de moda, ficar vendo assim, referências, e tentando imitar com as peças que eu tinha... Aí eu acho que foi meio num processo de acerto e erro, assim, até eu entender as coisas que eu gostava, né. **E acho que tem até relação com um processo de amadurecimento... tipo, da adolescência mesmo assim. De a gente ir se entendendo (risos), e entendendo os nossos gostos.** (Flora)

Na fala de Flora, a tentativa de imitar blogueiras de moda é vista como um estágio no desenvolvimento da independência em relação à mãe, graças ao qual ela vai “entendendo” os seus gostos, o que é visto como um processo de amadurecimento. Como notamos nesse e em outros relatos, falar do gosto ou estilo pessoal como algo que vamos “entendendo” ou “descobrimo” ao longo da vida é algo bastante recorrente. Da mesma forma que para Beatriz, escolher suas próprias roupas significa “tomar as rédeas” da sua personalidade, Flora considera que “entender” seus gostos significa “entender” a si mesma e amadurecer. Está expressa aqui, novamente, aquela noção romântica de que o gosto é uma expressão da singularidade de cada indivíduo; que o autoconhecimento (i.e., o estudo atento daqueles sentimentos que habitam nossa “interioridade”, na ótica dessa ontologia da profundidade) é o caminho através do qual podemos dar vazão a essa singularidade, e que as convenções e pressões sociais, materializadas no olhar do “outro” (no caso, a dependência em relação à opinião da mãe), são obstáculos à sua verdadeira expressão (CAMPBELL, 2001).

Entender o seu gosto ou o seu estilo, ter um gosto próprio e expressá-lo através das roupas significa, portanto, conhecer a si mesmo. Pelo contrário, não ter certeza sobre quais são seus próprios gostos e não ter certeza de que a independência frente aos pais foi “completa” pode ser motivo para insegurança:

A minha mãe sempre escolhia as minhas roupas, né, mesmo até tipo, meus 18 anos, (...) então tipo, vir pro Japão sozinha sem meus pais, sem especialmente a minha mãe, foi um baque muito grande na minha vida porque eu não *sabia* comprar roupa. Não sabia

escolher, **eu não tinha um gosto próprio**, minha mãe ia, olhava e dizia: “esse tá bonito, experimenta”, e eu gostava. Então tipo, eu não ia atrás de pesquisaaaaa, ou sabeeeer e tals, enfim. Então tipo, **hoje eu compro roupas baseadas acho que no meu gosto próprio, eu ainda tenho dificuldade de comprar roupa**, porque... sei lá, é difícil eu encontrar roupas que me agradem *muito*, né. E... não tem minha mãe pra ficar filtrando, então... ainda é um tanto quanto difícil pra mim, mas **acho que eu... tô aprendendo devagarzinho os meus próprios gostos**, e o que que eu gosto de usar, e tals. (Ágata)

Agora, um ponto interessante é que somente meninas falaram sobre essa dificuldade em querer e conseguir autonomia, e que a relação de dependência é sempre com a mãe. A partir da literatura sobre as relações entre gênero e moda, podemos lançar várias hipóteses para explicar esse fato.

Uma possível explicação para essa questão seria aquela distinção entre a estética da indumentária feminina e a masculina que remonta ao século XIX, e que já foi observada por vários autores (MELLO E SOUZA, 1987; DAVIS, 1992; LIPOVETSKY, 2009). Esse século assistiu a uma profunda separação entre o espaço doméstico e o espaço público, e entre o mundo feminino e o mundo masculino (HALL, 2009). A ascensão do *ethos* burguês, com sua valorização do trabalho, da sobriedade e da seriedade fez com que o homem renunciasse aos enfeites, cores e brilhos que faziam parte da indumentária masculina nos séculos anteriores. No mundo do trabalho e da política, o traje masculino deveria ser um pano de fundo discreto para que não ofuscasse o brilho das verdadeiras qualidades desejadas em um homem: personalidade, caráter, talento. Enquanto isso, a moda foi relegada como um assunto puramente feminino, e à mulher cabia demonstrar o status do marido através do luxo de suas roupas (MELLO E SOUZA, 1987). Consequentemente, por muito tempo o vestuário masculino seria caracterizado por um “código restrito” em contraste com o “código elaborado” do vestuário feminino (DAVIS, 1992, p.39).

Várias transformações que ocorreram sobretudo após os anos 1960, como a valorização da juventude e das subculturas como inspirações para a indústria da moda, o desenvolvimento do *sportswear* e a entrada da mulher no mercado de trabalho fizeram com que as fronteiras entre os padrões de vestuário feminino e masculino se tornassem menos nítidas: enquanto um lado se tornou mais discreto e prático, o outro adotou mais cores e variedade (LIPOVETSKY, 2009). Porém, não podemos negar que ainda existe uma fronteira entre os dois códigos: basta entrar em uma loja de departamento para perceber que a oferta de roupas segue um padrão binário e que às mulheres estão disponíveis uma gama muito maior de cores, estampas, cortes, texturas, e modelos.

Pensando nisso, podemos levantar a hipótese de que a ruptura com o domínio dos pais em matéria de roupa, e o processo de tornar-se independente ao escolhê-las, é um aprendizado

potencialmente mais enervante às meninas do que aos meninos, na medida em que nós aprendemos a dominar um código vestimentar mais elaborado do que eles.

Além disso, apesar de alguns meninos que entrevistei terem falado sobre se sentir inseguros sobre sua aparência e suas roupas, Thompson e Haytko (1997), entre outros autores, defendem que a socialização das meninas inculca uma conexão mais forte e direta entre roupas, beleza física e autoconfiança, o que também pode tornar o vestir-se um motivo maior de ansiedade para nós. Enquanto a preocupação com a aparência é o tempo todo reforçada como uma preocupação legítima para as mulheres, o mesmo não pode ser dito em relação aos homens: se uma mulher se preocupa “em excesso” com suas roupas, isso pode ser interpretado como um sinal de sua superficialidade e mesmo de uma feminilidade “exagerada”, ao passo que uma preocupação “excessiva” com as roupas por parte de um homem pode ser vista como uma ameaça a sua masculinidade.

Nos apoiando em Simmel e Gilda de Mello e Souza, podemos também levantar a hipótese de que parte da importância da moda para as mulheres vem do fato de que no século XIX, as roupas se tornam um dos poucos meios abertos à expressão “apropriada” da individualidade e criatividade femininas, e portanto vestir-se bem, do ponto de vista *delas*, era antes uma questão de valorizar a si mesmas do que de anunciar o status do marido. Se ainda hoje as roupas continuam sendo meios de expressão de individualidade mais importantes para as meninas do que para os meninos, talvez essa dificuldade em fazer com que essas escolhas em matéria de vestuário sejam fruto de uma decisão *individual* represente para nós uma falha maior no processo de amadurecimento e independência, enquanto que entre os meninos, talvez exista uma tendência em considerar o recebimento de opiniões de outras pessoas na hora de escolher roupas como um não-problema.

Existe ainda uma outra questão referente a esse assunto. Como veremos mais à frente, enquanto os meninos falam sobre receber roupas de parentes e amigos como doação ou presente, é sobretudo as meninas falam sobre *compartilhar* as roupas que ainda usam com irmãs, mãe, tia, avó e amigas³⁶, fazer saídas para comprar roupas *junto* com as amigas, ou se encontrar na casa de uma amiga para se arrumarem *juntas* para ir em algum evento. Me parece que as roupas, entre as meninas, talvez sejam posses potencialmente mais coletivas, e que a própria experiência de comprar, escolher e vestir roupas pode envolver uma sociabilidade mais

³⁶ Para ser justa, Davi disse que pega cachecóis emprestados da namorada, mas foi o único menino que falou de compartilhar roupas com alguém. O mesmo menino falou também de um casaco que comprou junto com a namorada, do qual percebeu depois que não tinha gostado, e descreveu esse momento como um período em que se vestiu “pra fora”, ou seja, um modo de vestir externamente referido.

intensa entre nós. Talvez por isso, também, a opinião do “outro” esteja mais presente, e o “libertar-se” dessa opinião nos pareça um processo mais difícil e autoconsciente³⁷.

A mãe enquanto principal sujeito em relação ao qual se sente essa dependência, por sua vez, pode ser atribuído não só ao fato de que na nossa sociedade cuidar das crianças é uma atividade historicamente feminina, mas também ao fato de que a própria compra, interesse e cuidado das roupas é uma atividade historicamente atribuída às mulheres (MALERONKA, 2007).

E é claro que, se a performance da narrativa é constitutiva da própria narrativa (BRUNER, 1986), temos de levar em conta que eu sou uma mulher entrevistando mulheres e homens, e que talvez elas sentissem uma relação maior de cumplicidade comigo, o que facilitaria a abordagem de certos assuntos que revelam suas inseguranças. Apesar disso, ressalto que os homens também falaram sobre vários tipos de insegurança, mas *especificamente* essa dificuldade em se libertar do domínio dos pais não foi abordada por eles.

Nesse subcapítulo, meu objetivo foi mostrar que, apesar de muitas pessoas acharem que o desejo de se libertar do domínio dos pais em matéria de escolha de roupas é uma experiência comum de ruptura com a infância, nem todo mundo acredita ter sentido essa *vontade*. A ruptura com o domínio dos pais pode ser um processo difícil, motivo para sofrimento e frustração. Essa forma de narrar a ruptura ocorre não somente devido à lembrança da pressão dos pais para que a criança se vestisse sozinha, mas também devido ao reconhecimento do *valor* da vontade de ser independente. Há uma noção bastante compartilhada de que o gosto é uma expressão da singularidade e que conhecê-lo significa conhecer a si mesmo, e portanto, querer expressá-lo através da escolha das roupas é sinal de amadurecimento e independência, que são ideais almejados e valorizados. Por isso, demorar para conhecer seu próprio gosto e querer expressá-lo sem referência constante a outras pessoas pode ser vivenciado, lembrado e narrado como uma falha pessoal.

³⁷ Quero deixar claro que eu não acredito que seja possível “libertar-se” totalmente da opinião dos outros, na medida em que somos seres sociais e internalizamos convenções culturais ao longo da nossa vida, tendo nossos gostos e desejos conformados nesse contexto. Mas o “libertar-se da opinião dos outros” é um discurso muito presente nas narrativas que estudei, e deve ser entendido levando em conta a ideologia individualista característica da nossa sociedade – é portanto um discurso que as pessoas utilizam para dar sentido às suas próprias experiências.

5. ADOLESCÊNCIA E AMADURECIMENTO

Como vimos no último capítulo, quando os entrevistados falam sobre a forma como se vestiam quando eram crianças, eles mobilizam uma série de concepções sobre quais seriam as “qualidades de vida” que caracterizam a infância e que a contrastam com as fases posteriores de sua história de vida. Enquanto algumas pessoas dizem que quando eram crianças não se importavam e não pensavam sobre suas roupas, outras dizem que na verdade gostavam muito de certas roupas e do momento de vestir-se. O ponto em comum entre esses diferentes discursos é a concepção largamente compartilhada de que as crianças não se importam com o que as *outras pessoas* pensam de suas roupas. Assim, a relação da criança com o vestuário é vista como uma relação “pura”, no sentido de que supostamente não é mediada pelas convenções sociais, que nessa perspectiva, são simbolizadas pelo “olhar do outro”.

Nós já discutimos que a ruptura com essa “relação original” com as roupas que caracteriza a infância não equivale *sempre* a uma ruptura com o “ser criança” em si, do ponto de vista dos participantes. A ruptura é o processo ou o momento a partir do qual a roupa passa a se inserir em um conjunto de significados e normas compartilhadas, e nas narrativas, ela pode ser localizada em diferentes momentos da vida. Mas muitas vezes (na verdade, na maior parte das vezes) essa ruptura é narrada como sendo *parte* da transição para essa outra fase da vida, a adolescência. Ou seja, perceber que a roupa sinaliza filiação simbólica a certos grupos, que algumas roupas e marcas são mais valorizadas do que outras, que o vestuário molda o corpo tornando-o mais ou menos atraente, entre outros fatores que já mencionamos, é frequentemente entendido como *parte* do processo de tornar-se adolescente, como aponta o comentário de Henrique, que já foi citado anteriormente:

Acho que na infância a gente meio que não tem nada definido né, é muito mais uma imposição... paterna e materna, em relação ao que a gente vai vestir, do que... própria, assim. Mas acredito que na adolescência é o momento que isso se aflora mais (...).
(Henrique)

Por isso, se os participantes criam “leis gerais” sobre o que significa vestir-se na infância, eles também o fazem em relação à adolescência, e uma série de características são citadas de maneira recorrente como sendo “normais” para essa fase da vida. De modo geral, a adolescência é narrada como um período marcado pela insegurança, conflito e sofrimento. A razão para isso seria uma sensibilidade ao “olhar do outro” que é particularmente acentuada, se comparada a outros momentos da vida:

eu acho que, assim, conforme a gente vai crescendo, a gente tem um pouco mais de tempo pra pensar em como a gente vai se relacionar com as outras pessoas e... ou como que a gente quer se mostrar pra elas. (Gustavo)

na adolescência, assim, é... a nossa preocupação com a opinião dos outros é ainda mais forte, né. A gente quer tipo se sentir *parte*, assim. (Flora)

Ao mesmo tempo, a adolescência é tida como um período muito importante, pois se considera que vários dilemas identitários vão emergir e exigir tentativas de solução. Assim, nessas narrativas de vida, a adolescência é vista como uma fase essencial na autodefinição da pessoa frente às outras. É frequente a percepção de que esse é um período de “construção da identidade”, onde a pessoa está “tentando se encontrar” e “conhecer a si mesma”, como demonstra a frase de Flora que também já foi citada:

Aí eu acho que foi meio num processo de acerto e erro, assim, até eu entender as coisas que eu gostava, né. E acho que tem até relação com um **processo de amadurecimento... tipo, da adolescência mesmo, assim. De a gente ir se entendendo** (risos), e entendendo os nossos gostos. (Flora)

Frente a essas formas de narrar a adolescência, é necessário fazer o mesmo que fizemos quando falamos sobre a infância, e dar um passo para fora dessa comunhão que sentimos em relação a essa forma de entender a vida, que é, afinal, a forma como nós vemos a vida na sociedade em que vivemos. Longe de serem óbvias, essas formas de narrar a adolescência falam sobre o contexto cultural em que essas vidas são vividas, lembradas e narradas. Temos de manter em mente, em primeiro lugar, que a juventude e a adolescência são categorias culturais e históricas (VELHO, 1990), algo que se torna evidente quando percebemos que diferentes sociedades têm diferentes concepções sobre a existência, o significado e a delimitação da adolescência, que não têm necessariamente a ver com a puberdade fisiológica que para o senso comum é o que geralmente marca o início desse período no nosso próprio contexto (VAN GENNEP, 2011).

Na verdade, essa forma tão naturalizada a partir da qual aprendemos a interpretar a adolescência é relativamente nova. De acordo com Ariès (1986), até o século XVIII ainda não existia entre as sociedades ocidentais a ideia da adolescência como a conhecemos hoje; ela era confundida com a infância, e geralmente se utilizava a mesma palavra para designar ambas. Ao longo do século XIX, certas transformações sociais (entre as quais está a difusão do sistema de ensino em alguns países europeus, que como já dissemos, separa o mundo das crianças e dos adolescentes do mundo dos adultos) contribuem para que a adolescência vá sendo delimitada

como um período específico do desenvolvimento humano, que se estendia, então, da primeira comunhão ao bacharelado, para os meninos, e até o casamento, para as meninas. No decorrer desse processo, a adolescência passa também a ser considerada como um “momento crítico” do ciclo de vida, que pode trazer riscos para a própria pessoa e para a sociedade como um todo. Mas é somente em 1904 que a adolescência é “inaugurada” enquanto termo médico pelo psicólogo americano Stanley Hall, que a enxergava como um período de emotividade, turbulência e estresse aumentados. Uma vez que para ele a adolescência tinha bases puramente biológicas, esse período passou a ser visto como intrinsecamente patológico (SCHOEN-FERREIRA; SILVARES, 2010).

Portanto, a ideia de que é normal e esperado que a adolescência seja um período de conflito vai se difundindo aos poucos, e para ela contribuem, além da Medicina e da Psicologia, a própria Sociologia, como nos diz Helena Abramo (1997, p.29):

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. (...) Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social.

É interessante notar que nas pesquisas entre jovens de camadas médias urbanas cariocas realizadas por Silvia Fiuza (1990) e Claudia Barcellos Rezende (1990), a ideia de que a adolescência é um período pontuado por crises e conflitos é mobilizada pelos próprios jovens na hora de falar sobre suas experiências. Entre os jovens de 13 a 17 anos com os quais Rezende realizou sua investigação, foi marcante a concepção de que “a juventude é um período em que se sofre principalmente mudanças psicológicas” (REZENDE, 1990, p.10), e portanto, a “ênfase não é dada às transformações fisiológicas ou à progressiva atribuição de papéis sociais mas sim ao que se passa em suas ‘cabeças’” (REZENDE, 1990, p.10). Rezende atribui esse fato parcialmente a um processo de “psicologização” das camadas médias cariocas: a difusão das “ciências Psi” no senso comum teria feito com que a juventude fosse considerada “uma fase de crises e conflitos associados à formação de uma identidade singular” (REZENDE, 1990, p.10).

Mais de 30 anos depois das pesquisas de Rezende (1990) e Fiuza (1990), percebi que essas noções ainda fazem sentido para as pessoas que entrevistei. Essa observação sobre a “psicologização” da forma como as camadas médias urbanas interpretam sua experiência no

mundo, também abordada por Gilberto Velho (1999)³⁸, é especialmente útil para entendermos a forma como esses jovens recordam e narram a adolescência tanto como um período de conflitos, insegurança e sofrimento, quanto como um período de “construção de identidade”, pois ambas se relacionam a essa percepção mais ampla sobre a centralidade das tentativas de autodefinição frente às outras pessoas, que seriam características dessa fase da vida.

Outro aspecto sobre o desenvolvimento da concepção ocidental sobre a adolescência que poderíamos ressaltar, é que é essa própria percepção sobre a turbulência dessa fase da vida que faz com que ela seja considerada também como uma fonte positiva de renovação para a sociedade. Para Ariès (1986), a juventude se torna um fenômeno geral após a Primeira Guerra Mundial, quando os jovens soldados retornam da frente de batalha e se opõem às convenções e expectativas das velhas gerações. Nos anos 50, 60 e 70, essa “consciência etária” vai se desenvolvendo e dando origem à diferentes subculturas jovens e à própria valorização da juventude (ABRAMO, 1997; SCHOEN-FERREIRA; SILVARES, 2010), de modo que é possível dizer que a adolescência vai “colonizando” as outras etapas da vida, empurrando a infância para trás e a vida adulta para frente (ARIÈS, 1986).

Mas se a turbulência “natural” da juventude fez com que ela fosse vista como fonte de renovação, ela também fez com que a adolescência fosse retratada a partir da projeção do que há de *pior* na contemporaneidade, simbolizando os dilemas que enfrentamos em cada época. Essa ansiedade vem do fato de que os adolescentes são a geração que substituirá a atual, e por isso, devem ser vigiados atentamente para que saibamos o que será da sociedade do futuro (ABRAMO, 1997). Helena Abramo (1997), escrevendo no final dos anos 90, fala sobre como a adolescência vinha sendo vista, desde os anos 80, como o antro do individualismo, consumismo, hedonismo e até mesmo como indício de uma “dissolução do social”. Veremos nas próximas páginas que, mais de 20 anos depois do artigo de Abramo, esse comentário continua válido, na medida em que para as pessoas que entrevistei, a adolescência é o momento da vida onde as pessoas estão particularmente propensas a se relacionar com as roupas de formas censuráveis.

Se a infância é definida por seu contraste em relação às outras fases da vida, o mesmo pode ser dito sobre a adolescência. As pessoas que entrevistei enfatizam aqueles aspectos que *particularizam* esse período, marcando sua diferença tanto em relação à infância, quanto em relação ao momento presente. Pois embora ainda sejam jovens, elas certamente não se

³⁸ Mas já ressaltada por Norbert Elias (1993; 2001; 2011), de uma maneira um pouco diferente, como uma característica da autopercepção ocidental, como discutimos no capítulo “Falar sobre roupas e falar sobre si”.

consideram mais adolescentes. Como já foi dito, os entrevistados têm entre 20 e 29 anos, e observei que, embora não seja comum que elas digam explicitamente que são *adultas*, elas se referem à adolescência no passado (“quando eu *era* adolescente...”). Além disso, como vamos discutir mais à frente, é comum que elas falem sobre uma tentativa ou vontade recente de vestir-se de um modo que elas definem como sendo mais “adulto” e/ou “profissional”.

Parece, então, que para a maioria desses jovens a adolescência é uma fase *passada* na sua narrativa pessoal, mas é um passado *recente*. Por isso, não seria tão correto falarmos aqui em uma transição da adolescência para a vida adulta, mas, sim, de uma transição da adolescência para o momento *presente*, o “hoje em dia”, onde o “sentir-se adulto” ainda é algo que está sendo negociado por muitas dessas pessoas.

Chamei essa transição para o momento presente de *amadurecimento*, justamente porque um ponto em comum entre a maioria dessas narrativas é a caracterização do modo de vestir atual como resultado de uma “evolução pessoal” a partir da adolescência, que denota maturidade. Isso já é perceptível naquela discussão que fizemos algumas páginas atrás, sobre a narrativa da infância-ruptura como a conquista de uma autonomia desejada.

Assim, se a adolescência é retratada como um período de insegurança, conflito e preocupação com a opinião dos outros, hoje em dia a pessoa já “se conhece” melhor, sabe mais sobre quem é e sobre o que gosta, e supostamente já não se preocupa tanto com o “olhar do outro” - apesar de que ele nunca mais será completamente irrelevante, como era na infância. Em relação às roupas, esse processo de amadurecimento significa que a pessoa está cada vez mais “entendendo” ou “descobrimo” o seu estilo, de forma que, para essas pessoas, o modo de vestir atual é sempre uma expressão mais honesta e adequada do seu “eu” ou da sua “personalidade”, quando comparado aos modos de vestir da adolescência.

Nesse capítulo nós vamos abordar, então, o que caracteriza o modo de vestir na adolescência e de que forma o momento presente é entendido como resultado de um processo de amadurecimento em relação à adolescência, do ponto de vista dos entrevistados. Para isso, vamos tomar alguns relatos e observar os pontos onde eles coincidem e diferem.

Para começar, tomemos o relato de Daniel³⁹. Nessa narrativa, a experiência da adolescência e a busca por um estilo pessoal são inseparáveis do desconforto frente às normas de gênero e os conflitos daí decorrentes. Ele começa dizendo que, depois da época em que os seus pais escolhiam suas roupas, ele teve um “período de transição”, em que pensou:

³⁹ Daniel é a única pessoa que eu entrevistei que se identificou como não-binário, mas ele disse que posso chamá-lo de “ele”.

“pô, agora eu tô *entrando* na pré-adolescência, agora eu posso me vestir bem, eu vou me vestir tipo, como... é... os meus colegas”

A ruptura com o domínio dos pais que caracteriza a infância equivale, portanto, à entrada na adolescência ou pré-adolescência, que é o momento a partir do qual as roupas passam a ser escolhidas por ele mesmo. Esse período de transição é localizado também na mudança para uma escola onde estudavam pessoas que tinham mais dinheiro:

E aí eu lembro, que quando eu entrei lá na quinta série, eu não tinha roupas de marca, eu não sabia direito o que era Adidas, coisa do tipo. É... e justamente... eu levei um choque porque eu vi que *todo mundo* tinha *alguma* coisa da Adidas, sabe. (...) eu lembro que essa foi a minha transição, lá pela quinta série ou uns doze anos, é... que eu fui numa loja aqui da minha cidade com a minha mãe, e comprei, né, o meu primeiro tênis da Adidas, que... era tipo unissex, mas eu lembro que eu via mais meninas usando, eu **fiquei com medo de ser zoado**, assim, sabe. Porque ah, as meninas na época... geralmente os meninos eram mais bregas que as meninas. Tipo os meninos se vestiam mais... chuteira e umas coisas feias assim. **As meninas eram mais... pareciam que tinham um senso de estilo mais... próprio**, assim, mais bonito, no geral né. (...) Aí, eu sinto que... quando eu comprei esse meu *primeiro* tênis da Adidas, essa primeira roupa de marca, (...) acredito que tenha sido esse momento de transição, em que “meu, agora posso me vestir *bem*”, digamos assim. Só que (...) eu acho que eu continuava usando roupas assim um pouquinho mais confortáaaaaveis, mais esportiiiiiiivas, mais, assim, **adequadas de acordo com o que se espera de um menino numa cidade pequena**. Sabe. Aí com os meus catorze, quinze anos né, começou minha adolescência mesmo... que tinha, meu, tinha Restart, tava na moda sim, tinham várias moooooodas assim, vários... coisas de jovem, tipo ah fazer chapiiiiinha, usar calças coloriiiiiidadas, calças bem apertaaaaadas, tênis Vans... escuuuuuros, eu sinto tipo que a *noção* de estilo, é... pra *mim*, (...) pras minhas *amigas*, porque eu só tinha amigas meninas, era uma coisa. Tipo, ao mesmo tempo que os meninos (...) continuaram se vestindo assim... meio *largados*, (...) eu sinto que *eu* e algumas amigas, a gente tava mais ligado às tendências... da moda jovem, assim, adolescente, né. Então eu fazia chapinha, eu usava roupas coloridas (...) e aí eu fui muito julgado né, sofri muito bullying nessa época por causa disso, tipo... só que aí que tá o ponto né. Eu sinto que teve uma certa idade, em que... eu me *permiti*, assim, quando eu te contei sobre o meu primeiro tênis, (...) era uma abertura bem *pequena* que eu sentia assim, **era como se eu tivesse começando (...) a descobrir o que eu gostava de vestir, o que eu queria vestir. Entende? Mas foi uma coisa que levou anos pra eu pegar e me identificar**, tipo “ah, agora eu tenho um estilo próprio, agora eu estou me vestindo exatamente como eu queria”. Começou com um tenzinho da Adidas, de marca, né, isso é uma coisa interessante assim, eu sinto que a *marca*, a questão da... de você usar algo de marca, é uma porta de entrada, foi pra mim, pelo menos, **uma porta de entrada, pra eu... ter um estilo... pra eu ter um estilo legítimo**. Sabe? Ao passo que tempos depois né, anos depois, até os dias de hoje, (...) isso já não é (...) algo que faça sentido pra mim, sabe. É que eu sinto que com o passar dos anos **eu fui me... desapegando um pouco dessa questão de marcas**, assim.

Quando os pais de Daniel o vestiam, as roupas escolhidas tinham o propósito de ser úteis e confortáveis, e equivaliam ao que “se considera apropriado para um menino numa cidade pequena”. Mas assim que Daniel começa a *escolher* suas roupas, momento que é simbolizado pela compra do tênis da Adidas, embora ele o faça com o objetivo de se enturmar com o pessoal da escola nova, imediatamente o desconforto frente às normas de gênero entra em ação. Apesar

de estar comprando um tênis da mesma marca que os colegas, o fato de ser um modelo unissex o deixa com medo de ser zoado. Começar a escolher significa também começar a pensar sobre o significado da escolha, e a narrativa de Daniel sobre esse primeiro momento da adolescência traz à tona o conflito que sentia entre, por um lado, estar “ligado” nas tendências da moda jovem e querer ter um estilo mais bonito, diferente do jeito “largado” dos outros meninos, e por outro, o medo de ser zoado e a preocupação em “não dar pinta que era gay” - frase que ele utiliza mais à frente.

Daniel também vai apontando pontos de contraste entre a forma como se relacionava com as roupas durante a adolescência e a forma como se relaciona com elas hoje em dia. No trecho que acabamos de observar, ele fala sobre ter se desapegado da preocupação com as marcas. Além disso, ele também sente que foi se desapegando da vontade de “seguir um estilo à risca”:

Acho que eu me inspirava mais também em figuras... da música, assim, cantoras e cantores e bandas, e **eu tentava seguir isso mais à risca**. Ao passo que hoje, quando eu vejo (...) alguma figura assim famosa, num filme ou na indústria musical, usando um look que eu usaria, **eu não penso em seguir esse look cegamente**, sabe? Tipo “ah eu quero *reproduzir* isso”, tipo nãaaao, eu vejo “ah, olha que legal a calça dele... tava a fim de comprar uma calça dessa também”. Não é mais aquela coisa tipo “noooooossa que pessoa incrível, que look incrível, vou querer a calça, vou procurar a camisa e eu *também* vou fazer meu cabelo igual o dele” (risos). Sabe?

Após esse momento em que “segue cegamente” esse estilo Restart e que quer comprar roupas de marca, ele fala sobre as mudanças no modo de vestir associadas à entrada no Ensino Médio:

No Ensino Fundamental, (...) que é a época que eu comprei o meu tênis da Adidas, e tal, e **queria parecer mais com essas pessoas, é... esse bando de filhinho de papai da escola que eu estudava**, é... eu sofria muito bullying. (...) Eu me sentia tão *coagido*, assim, no sentido de “**nossa, eu não posso dar pinta de que eu sou gay**”. Também meu, eu era um bebê sabe, eu tinha doze, treze anos. Nessa época eu era muito ingênuo, assim. Então eu me sentia *acuado*. (...) Então quando, a partir do momento que eu *saí* da oitava série, e fui para... o Ensino Médio, **eu me senti totalmente livre**, sabe? Até porque a escola que eu fui no Ensino Médio tinha de *todo* tipo de pessoas. (...) eu me sentia assim “meu, agora eu sou livre pra mostrar quem eu sou” (...). Eu me sentia... ahn... **como se eu quisesse mostrar a minha personalidade, através das minhas roupas**. Eu sentia essa *necessidade* de que as pessoas ficassem instigadas a me conhecer. Sabe? Como era essa pessoa... que eu queria *passar* pra elas. Sabe? Essa pessoa mais *militante*, essa pessoa *diferente*, que ai, é de cidade pequena mas é muito mente aberta, pa pa pa, pa pa pa, estilosa... é... gay, não sei quê não sei quê. E também queria me diferenciar dos... outros gays que tinham na minha escola. Que (...) eram *muito*... não sei, muito... *iguais* a todos os gays, eu queria me diferenciar, entendeu? Eu *queria* mostrar minha personalidade através *dessa* diferenciação. Eu não sentia muito espaço pra eu mostrar quem eu era... também porque **eu era uma pessoa tímida**, (...) **eu não sentia outra oportunidade pras pessoas me conhecerem e me ouvirem e me enxergarem que não fosse através dessa... dessa via**.

Ele diz, então, que nessa época passou a usar um vestuário extravagante e “diferentão”:

Porque assim, é... acho que qualquer adolescente, assim, LGBT, ahn... ele vai sentir essa necessidade de... claro, tem alguns que se fecham totalmente, e... tentam agir o *máximo* de acordo com como se vestem as pessoas hétero (...). Mas eu não. **Eu tinha essa vontade, essa necessidade de tipo, ser o mais autêntico possível comigo mesmo**, e... eu gostava de... de ter uma aparência mais excêntrica, sabe.

Só que aí hoje, a questão da sexualidade pra mim, já tá tão bem resolvida, que eu não sinto mais essa... não só da sexualidade, né? Várias questões pessoais. É, **eu não sinto mais essa... necessidade de me... manifestar através das minhas roupas, e de me diferenciar**. É como se hoje eu tivesse *de boa*, eu não sinto muita necessidade de me vestir diferente de *ninguém*.

É, hoje em dia, assim, eu sinto como se... né, eu quero me vestir bem, eu quero ser bonito, eu quero que as pessoas me *notem*, mas não *tanto*. Eu não quero ser *tão* notado. Eu sinto que o meu estilo é... ahn... essa pessoa que é bonitinha, que (...) *quer* passar essa imagem de alguém que sabe se vestir, que tem referenciais de moda, mas também **não quer passar a imagem de alguém que é muito ligado às marcas ou ao capitalismo**, tuto pom gurias? (tom de brincadeira, risos) E uma pessoa que não quer ser muito ligada a essa imagem de “noooossa, ele quer ser o diferentão, ele tá usando um creeper”, sabe? (...) Antes eu tinha mais essa *necessidade*.

Eu gosto de *não* ser notado, (...) justamente porque eu quero que *quando* alguém me note... e alguém conserve comigo... e “alguém” principalmente falando de *boys* né, tuto pom? (tom de brincadeira, risos). Seja... **por quem eu sou**. Pela minha conversa, pelo meu sorriso, pela minha voz, pela minha... aparência física, *não*... pelas minhas *roupas*. **Eu não quero que as minhas roupas tomem um papel central na minha personalidade**. Entendeu?

Se durante o Ensino Fundamental ele se sentia acuado e com medo de que notassem que ele era gay, no Ensino Médio ele se sentia livre, e sentia necessidade de se diferenciar, mostrar que era gay, militante e diferente do que se espera de uma pessoa de cidade pequena. Mas ao mesmo tempo, ele fala sobre como era tímido, e como as roupas eram o único meio de expressão viável. Hoje em dia, ele diz que a questão da sexualidade, entre outras questões, já estão tão bem resolvidas, que ele já não sente essa necessidade de se expressar através das roupas. Dessa forma, apesar de dizer que se sentia “livre” no Ensino Médio, essa liberdade é o que é apenas em comparação com a tensão que sentia no Ensino Fundamental. O Ensino Médio é marcado por seu próprio conjunto de conflitos que não são abertamente mencionados, mas que serão resolvidos nesse processo de amadurecimento que leva ao momento presente.

Mas se hoje em dia ele não quer que as roupas “ocupem lugar central na sua personalidade”, pois quer chamar atenção “pelo que ele é”, e não por seu vestuário, ele também diz o seguinte:

eu sinto assim, a minha percepção realmente, é de que a cada ano que passou, eu fui... me *encontrando* mais. **Eu fui me conhecendo mais a ponto de eu me vestir**, não melhor, mas me vestir **mais de acordo com... é... um estilo próprio**, que eu teria. Sabe. Não que quando eu era mais jovem eu não tivesse um estilo próprio, sabe? Só que é como se as coisas a cada ano fossem fazendo mais sentido, sabe? **Eu fui percebendo que eu não precisava seguir um estilo específico**, tipo “ah agora eu vou usar roupas coloridas porque, ai, é o que tá na moda, é Restart”, “ah, agora vou usar roupas pretas, porque...”, não, hoje em dia (...) eu penso mais no conceito de *moda*, e de *tendências* que existem na moda, **não como um estilo que você vai seguir (...). Mas sim, algo que você vai se inspirar... pra fazer tua própria**, teu próprio processo criativo de como você quer se vestir, sabe.

Vemos que Daniel, assim como Luísa, Isabel e Flora, entende a história dos seus modos de vestir como uma *evolução* em direção a um *estilo próprio*. O começo da adolescência é um momento em que ele tenta “se encaixar”, comprando o tênis de marca, e seguir a moda e um estilo específico, enquanto sofre sob pressões heteronormativas. A entrada no Ensino Médio é o momento de assumir a diferença e querer enfatizá-la através de um vestuário excêntrico, pois sentia muita necessidade de “expressar a personalidade” através das roupas. Hoje em dia, por outro lado, os conflitos que marcaram a adolescência estão tão bem resolvidos, do seu ponto de vista, que ele já não sente essa necessidade. Quer se vestir de um modo discreto, e não “diferentão”, pois não quer que as roupas “ocupem lugar central na sua personalidade” - ele quer ser notado por “quem ele é”, e não por suas roupas.

A oposição entre a adolescência e o momento presente corresponde a uma série de oposições: se importar com marcas *versus* não se importar com marcas, seguir a moda *versus* ter seu próprio processo criativo, seguir um estilo específico *versus* criar um estilo próprio, precisar se diferenciar e se expressar através das roupas *versus* se expressar através da conversa, do sorriso, da voz. Nessas oposições, o segundo termo é visto como uma relação mais madura com as roupas, e como uma evolução em relação ao primeiro, e esse processo de amadurecimento é entendido como resultado de uma resolução dos conflitos que marcavam a adolescência, sobretudo a sexualidade, que corresponde a um maior autoconhecimento.

Talvez à primeira vista a sua declaração de que encontrou um “estilo próprio” pareça contraditória em comparação à afirmação de que não quer que as roupas ocupem um lugar central na sua personalidade. Retomando aquela representação sobre o “eu” que o divide entre um “eu interno” e um “eu externo”, um “estilo próprio” parece ser um modo de vestir muito pessoal e internamente referido, que seria capaz de expressar eficientemente o “eu interno” através do “eu externo” (e por isso a posse de um “estilo próprio” é vista como sinal de independência, autoconhecimento e amadurecimento, como já vimos). Por outro lado, a segunda afirmação indica que ele não acha que as roupas sejam *tão* capazes de expressar “quem ele realmente é” quanto a sua voz, a sua conversa e o seu sorriso, como ele mesmo disse.

O que temos aí são duas formas diferentes de entender a relação entre o “eu interno” e o “eu externo”, ou entre a personalidade e o modo como ela se apresenta em termos de vestuário. Na primeira, o “eu externo” (roupas) pode ser um reflexo, uma expressão bem-sucedida do “eu interno” (personalidade). Na segunda, o “eu externo” nunca poderá coincidir perfeitamente com o “eu interno”, de forma que outros meios menos “superficiais” (a voz, a conversa, o sorriso)⁴⁰ são mais capazes de expressá-lo. Na primeira, a roupa é importante porque é um meio de expressão pessoal; já na segunda, a roupa não é tão importante porque ela não manifesta a “verdade” sobre o “eu”. Mas as duas perspectivas têm em comum essa noção de pessoa que chamamos aqui de “ontologia da profundidade” (MILLER, 2013) e a valorização do indivíduo como um ser autônomo.

Se retomarmos a discussão de Simmel (1998) sobre o individualismo romântico e o individualismo iluminista, e sobre como ambos são forças igualmente marcantes na cultura ocidental moderna, acredito que poderemos entender melhor como esses dois modos de entender a relação entre o “eu” e as roupas podem surgir no mesmo discurso sem que a pessoa sinta estar contradizendo a si mesma.

Para o Iluminismo, a essência do indivíduo é aquilo que se encontra após despi-lo de todas as suas particularidades históricas, ou seja, de toda a “superfície” ou “roupagem externa”. Essa perspectiva parece levar a uma desvalorização das roupas como mera superfície oposta à interioridade. Nesse sentido, ela leva adiante uma longa tradição que remonta à Grécia Antiga e que é marcante na história do cristianismo, que condena o consumo de “bens supérfluos” e advoga pela renúncia aos bens mundanos, ao corpo e à dimensão material da vida em favor da vida espiritual (BARBOSA & CAMPBELL, 2006). Se lembrarmos da discussão de Gilda de Mello e Souza (1987) sobre o vestuário masculino no século XIX, podemos entendê-lo como uma atualização dessa concepção, já que, como já comentamos, o terno preto deveria ser um pano de fundo discreto que não ofuscasse aquilo que realmente importava em um homem: personalidade, talento e caráter.

É fácil ver como o desejo de Daniel de que as roupas “não ocupem um lugar central na sua personalidade” se relaciona a esse tipo de perspectiva. É assim que ele interpreta sua vontade de usar roupas discretas ao invés das “diferentonas”, porque quer que sua *personalidade* seja aquilo que chame atenção das outras pessoas, e não suas *roupas*. Ele entende

⁴⁰ É interessante observar que, além da conversa, do sorriso e da voz, Daniel fala da aparência física como algo que ele prefere que chame atenção das outras pessoas, ao invés das suas roupas. Através de frases como “não julgue o livro pela capa” e “ela é bonita por dentro”, sabemos que geralmente a aparência física é vista como parte do “eu externo” e não do “eu interno”. Mas para Daniel, a aparência do seu corpo é mais parte de quem ele é do que as roupas.

essa vontade como um amadurecimento em relação ao desejo que tinha no Ensino Médio de expressar sua personalidade *através* das suas roupas. Naquela época, ele era tímido, um tanto inseguro, e as roupas eram o que “sobrava” como meio de expressão. Mas agora ele já está “tão bem resolvido”, que não precisa mais recorrer a elas desse modo.

Ao mesmo tempo, quando afirma que a cada ano foi “se entendendo” melhor a ponto de desenvolver um “estilo próprio”, ele está mobilizando noções românticas sobre o gosto como expressão da singularidade do indivíduo. O “estilo próprio” em oposição ao “estilo específico”, que é o modo de vestir estereotipado de um grupo, expressa a “busca por si mesmo” a que cada pessoa deve se dedicar como uma obrigação ética, do ponto de vista do individualismo romântico. É por isso que Colin Campbell (2001) localiza no Romantismo a origem da legitimação do consumo como meio de autoconhecimento. Fazendo novamente referência à obra de Gilda de Mello e Souza (1987), lembraremos que às mulheres de camadas médias e altas do século XIX, às quais o mundo da política, da ciência e dos negócios estava fechado, as roupas se tornavam um importante meio de expressão de individualidade.

Contudo, essas duas concepções sobre a relação entre a personalidade e as roupas são igualmente capazes de sustentar uma série de valores expressos na narrativa de Daniel, como a concepção segundo a qual se importar com marcas, seguir a moda, imitar o modo de vestir de outra pessoa (no caso, o estilo dos ídolos) e seguir um estilo estereotipado são formas mais desonestas, imaturas ou fúteis de se relacionar com as roupas. As razões para que elas sejam consideradas fúteis em nossa cultura são várias. Como colocam Livia Barbosa e Colin Campbell (2006), Sócrates e Platão já condenavam o consumo de “bens supérfluos”, e com o cristianismo o consumo é até mesmo associado ao pecado. Além disso, a moda foi frequentemente compreendida como um tipo de irracionalidade coletiva (BLUMER, 1969)⁴¹. Essa tendência se atualiza com a crescente preocupação com os problemas ambientais e com o consumismo, com o pânico frente à ameaça de homogeneização totalitária proveniente da cultura de massa (LIPOVETSKY, 2009), e poderíamos acrescentar, com a consciência sobre a desigualdade social, de modo que o consumo é muitas vezes compreendido como imoral, assim como a indústria da moda:

⁴¹ Também já foi bastante comentado que essa perspectiva segundo a qual a moda é algo fútil e irracional agiu como uma barreira para que fosse estudada enquanto fenômeno social: “Esfera ontológica e socialmente inferior, não merece investigação problemática; questão superficial, desencoraja a abordagem conceitual; a moda suscita o reflexo crítico antes do estudo objetivo, é evocada principalmente para ser fustigada, para marcar sua distância, para deplorar o embotamento dos homens e o vício dos negócios: a moda é sempre os outros” (LIPOVETSKY, 2009, p.9).

O desenvolvimento do padrão da moda ocidental (...) tem sido interpretado frequentemente como uma importante base para a ideologia do consumo que estimula as chamadas economias capitalistas “pós-fordistas”, “avançadas” ou “tardias” (...). Dessa perspectiva crítica, os discursos da moda doutrina os consumidores nessa ideologia do consumo (...). Esses críticos argumentam, ainda, que esse processo ideológico submerge as autoimagens dos consumidores em significados culturais e ideais sociais que produzem perspectivas vazias e materialistas, e um estado de perpétua insatisfação sobre o próprio estilo de vida e aparência física” (THOMPSON & HAYTKO, 1997, p.16, tradução livre)⁴².

Mas não nos esqueçamos de que se ainda hoje a moda é entendida como algo que interessa mais às mulheres do que aos homens (é só prestar atenção nas revistas direcionadas ao público feminino para constatar isso), por um bom tempo ela foi considerada estritamente “coisa de mulher”⁴³, o que significa que não podemos entender o porquê de ela ser considerada fútil sem prestarmos atenção na dimensão do gênero. Para Ellen Rosenman (2002), se observarmos que a moda foi, historicamente, um espaço importante de sociabilidade entre as mulheres, há razões para crer que “por trás da trivialização da moda existe uma ansiedade em relação ao que as mulheres estão realmente fazendo nos espaços sociais designados para a sua marginalização, deixadas perigosamente sem a supervisão dos homens”⁴⁴ (ROSENMAN, 2002, p.12, tradução livre). A condenação do gosto pela moda como vaidade e superficialidade pode ser, ao menos em parte, o legado do medo do prazer que as mulheres podem retirar de sua relação com sua própria imagem, com seu corpo e com outras mulheres, que segundo Rosenman (2002) ameaça suplantar os prazeres heterossexuais e as próprias normas de gênero.

Além de todos esses fatores, seguir a moda e/ou o estilo estereotipado de um grupo (ao invés de seguir um estilo pessoal), se preocupar com as marcas (ao invés de prestar atenção à roupa em si e se “realmente” gostamos dela ou não) e se preocupar com a opinião dos outros, na medida em que representam maneiras censuráveis de se relacionar com as roupas que aparecem *em conjunto* nas mais diversas narrativas, indicam que talvez o maior fundamento para que elas sejam detestáveis seja aquilo que elas têm em comum: um modo de vestir *externamente* referido ao invés de *internamente* referido, que contraria a ideia do indivíduo

⁴² No original: “The development of the Western fashion pattern (...) has often been interpreted as an important basis of the ideology of consumption that energizes the variously termed “post-Fordist”, “advanced”, or “late” capitalist economies (...). From this critical perspective, fashion discourses indoctrinate consumers in this ideology of consumption (...). These critics further argue that this ideological process immerses consumers’ self-conceptions in cultural meanings and social ideals that foster depthless, materialistic outlooks, and a perpetual state of dissatisfaction over one’s current lifestyle and physical appearance.” (THOMPSON & HAYTKO, 1997, p.16).

⁴³ Recorrendo à Davis (1992), Wilson (2003) e Lipovetsky (2009), podemos dizer que é no século XIX que a diferenciação entre as roupas masculinas e femininas, assim como entre as formas masculina e feminina de se relacionar com a moda, alcançou maior profundidade, algo que já comentamos no capítulo passado, e que a rigidez dessa separação dura até os anos 1960.

⁴⁴ No original: “Behind the trivialization of fashion lie anxieties about what women are actually doing in the social zones designated for their marginalization, left dangerously unpoliced by men” (ROSENMAN, 2002, p.12).

anterior ao (e independente do) laço social que está na base do individualismo, seja ele de caráter romântico ou iluminista. Quer dizer, esses modos de se relacionar com as roupas são desprezíveis porque, entre outros motivos, indicam que o indivíduo não é verdadeiramente autônomo em seu modo de vestir. Se amadurecer é tornar-se autônomo, tornar-se um indivíduo em posse de si mesmo, faz todo sentido que um estilo internamente referido que supostamente rejeita o laço social seja símbolo de maturidade.

Essa digressão foi para mostrar que, embora Daniel mobilize duas formas diferentes de representar a relação entre a personalidade e as roupas, que ao longo da história foram inclusive marcantes dos discursos e práticas de grupos sociais diferentes, ambas são contraditórias apenas no nível teórico, mas não no nível prático. Ou seja, Daniel pode usar as duas representações para interpretar diferentes facetas da sua trajetória, e no fim ambas mantêm a valorização individualista de um estilo internamente referido. Essa possibilidade nos remete ao alerta que faz Bourdieu sobre o fato de que não devemos confundir a visão teórica sobre a prática com a relação prática com a prática e “colocar no princípio da prática o modelo que se deve construir para explicá-la” (BOURDIEU, 2013, p.134).

Isso me surpreendeu porque, com base na bibliografia sobre o assunto e na minha própria experiência, eu já havia observado a recorrência desses dois modos de representar a relação entre as roupas e a personalidade, mas minha hipótese era que eles apareceriam nos relatos de pessoas diferentes, e não no mesmo relato, justamente porque são aparentemente contraditórios a nível lógico. Compreender que ambos “fazem sentido” porque são igualmente parte de uma cultura individualista e baseada em uma ontologia da profundidade me permitiu compreender que eu mesma utilizo os dois discursos para interpretar meus próprios pensamentos e ações, por exemplo, ao ter passado tantos anos querendo cursar Moda mas ao mesmo tempo me sentindo insegura sobre a legitimidade desse desejo, e gostando tanto de ter roupas novas mas me sentindo culpada ao sentir que comprá-las é de alguma forma mais fútil do que comprar livros.

O relato de Daniel é particularmente interessante porque ele *combina* a visão segundo a qual o amadurecimento é uma evolução em direção a um estilo próprio, com a visão segundo a qual o amadurecimento é um processo em que as roupas se tornam de alguma forma menos importantes. Ele não foi o único a combinar essas duas representações na mesma narrativa, como podemos observar a partir do relato de Pedro:

quando a gente é criança, a gente acaba vestindo tudo que... nossos pais querem, quase, até uns... certa idade a gente não tem muito uma... como optar por roupa, né. Aí depois de um tempo, quando eu entrei... acho que foi junto dessa **fase de rebeldia**, assim, eu

comecei a escutar muita música... tipo de rock mais underground (...). E aí eu comecei a adotar esse estilo mais do punk (...). E eu acabei me vestindo mais dessa forma por causa do... desse estilo meio rock dos anos 60 que eu tava gostando né, que eu escutava, consumia e (...) **eu acabava tendo esses ídolos né, e acabava tentando imitar eles.** (...) usava roupas laaargas, calças jeans rasgaadas, casacos rasgaados, desbotaaados, essas coisas. E aí até corrente... suspensório. Eu gostava muito do Kurt Cobain, (...) e eu acabava imitando muito o estilo dele, até no corte de cabelo (...). Entre mais ou menos os meus... 12, 15 anos de idade, assim. E aí depois disso, eu acabei... rompendo mais ou menos com esse estilo, mas ainda muito tipo... jovem revoltado, assim. Então eu comecei a (...) modificar minhas próprias roupas, fazer furo na... nos casacos pra poder colocar o dedo sabe, na manga... eu usava calça rasgada ainda, mas tipo, eu subia uma das barras da calça até o joelho e usava a outra barra pra baixo do joelho, tipo um negócio *muito* bizarro (risos). (...). Eu adotava esse estilo, assim, nessa fase agora nova né, não mudou muito, assim, mas eu comecei a modificar mais as roupas. (...) **daí eu comecei a namorar, e nessa época (...) eu mudei o meu estilo.** Acho que foi bem drástico, assim. Eu cortei o cabelo né, que eu usava o cabelo grandão, (...) e comecei a usar roupas mais OK assim, não usava mais roupa rasgada nem nada. Mas eu nunca gostei muito de cor, então quando eu parei de usar roupa rasgada e meio desbotada, essas coisas, eu comecei a usar só calça preta, (...) e camisa preta. (...) E... as pessoas falavam “nossa, só usa roupa preta, etc. etc. e tal”, e aí eu acabava **por essa necessidade de me enturmar** e tudo mais, eu comecei a comprar roupas mais coloridas... eu não gostava, realmente não gostava. (...) aí **quando eu... entrei na faculdade e acabei terminando esse namoro e tudo mais, eu (...) rompi com esse estilo totalmente, e voltei a usar só preto. Que eu realmente gosto bastante de preto.** (...) e aí eu comecei a desenvolver uma filosofia mais... minimalista, assim, (...) tipo de você não perder muito tempo escolhendo as suas roupas e tudo mais, assim, serem roupas mais simples que não sejam... muito chamativas, então eu comecei a eliminar também estampas, desenhos... **qualquer coisa que fosse chamar mais atenção do que o simples fato de ser um pano, que me veste... comecei a eliminar esse tipo de mensagem das roupas,** né. E aí agora, que eu tô dentro dessa filosofia mais... minimalista.

Depois, ele explica melhor as razões por trás das mudanças em cada fase:

eu acho que a primeira vez, quando... eu mudei de criança pra adolescente rebelde, acho que é meio normal em todo mundo, né, a gente acaba se agarrando a alguma coisa que a gente acha legal, porque a gente sempre quer ser legal, e aí... porque **você tem que construir uma identidade,** né, quando a gente sai dessa questão de tá... entre aspas né, sob o domínio dos pais (risos), depois a gente quer se ver *livre* desse domínio, então a gente tem que trazer uma identidade que às vezes é muito oposta à identidade dos pais e das pessoas que a gente tem, em nossa volta. Então, acho que essa primeira quebra de estilo foi por esse motivo, sabe, de construir uma identidade mais rebelde, mais oposta, assim. E eu acabei adotando aquilo que eu conhecia né, que era o punk da década de 60. *Aí,* depois **quando eu comecei a namorar, eu acho que eu senti... uma necessidade de ser mais normal** né, entre aspas, (...) que eu pudesse... não ser tão julgado, assim. E até porque, mais por questão de vaidade né, porque eu sabia que não era *muito* bonito aquilo, né, era um pouco estraaaanho, e as coisas que geralmente são estranhas não são belas, né? E aí... eu acabei adotando essa segunda quebra quando eu comecei a namorar, (...) pra um vestuário mais... normal, né, calça jeans OK, sem rasgo, sem nada, camisa OK, e até a mudança pra questão de cores mais vivas, assim, acho que essas duas mudanças, assim, foram pra tentar... me adequar mais ao normal, assim, e... começar a exercitar uma questão de vaidade minha, (...) e como eu tava, sei lá, tendo mais amigos e namorando, e saindo mais, e vivendo mais assim uma vida mais *social*, eu acho que **eu acabei sentindo a necessidade de me sentir mais atraente e mais igual às outras pessoas** né (...). assim, essa quebra né, que eu falei de tentar me adequar mais ao normal, **não era muito minha identidade,** eu nunca fui de usar cor e essas coisas (...). Então acho que quando eu... **entrei na universidade, eu conheci muita gente... igual a mim,** né, que pensa as mesmas coisas que eu, que tem o mesmo interesse que eu, e que são muito diferentes também, na forma de se vestir, na forma de

se portar. Na Arquitetura tem muita galera diferente, né. E aí eu acabei... **me sentindo mais livre, eu acho, pra adotar um estilo próprio** né, e aí como eu... já tinha essa questão, esse gosto pelo preto e as coisas assim, um pouquinho mais diferentes, eu acabei acho que fundindo as duas coisas né, tendo um... um estilo mais OK, normal, só que ainda meio peculiar né, só roupas preeetas, enfim, (...) é um estilo... um pouco normal, mas ainda é um pouco diferente, né. (...) eu acho que essa última quebra foi mais por eu encontrar bastante gente diferente, mas que se aceitava por isso né, na Arquitetura. E aí também... teve essa questão de que **eu não precisava mais, é... me sentir parte de alguma coisa**, porque eu já tava fazendo parte de alguma coisa, então acho que o ponto em questão era... ao mesmo tempo que eu era parte daquela coisa, é... diferente, essa questão individual assim. Então acho que o último motivo foi mais pela questão de eu já ter esse círculo social formado, já ter pessoas que são... parecidas comigo mas que têm estilos próprios muito... individuais, e eu acabei adotando “ok, eu também posso me vestir num estilo individual e tá... nesse meio, me sentir mais aceito” pelo diferente, por ter tanta gente diferente junta e... se aceitando.

A narrativa de Pedro, assim como a de Daniel, é uma evolução em direção a um estilo próprio, que é “individual” e “peculiar”, mas esse estilo é composto justamente de roupas “minimalistas”, das quais ele procura “eliminar as mensagens”, com o objetivo de que elas não chamem a atenção para além de serem “simples panos que o vestem”. O momento presente também é visto como resultado da resolução dos conflitos que marcaram a adolescência: ele já não precisa mais “se sentir parte de algo”, pois já tem um círculo social formado onde todos são ao mesmo tempo iguais e individuais e se aceitam por isso.

A ruptura com o “domínio dos pais” que marca o início da adolescência é, para Pedro, um momento de “construção de identidade”, e a partir daí todos os modos de vestir serão avaliados de acordo com sua capacidade relativa de expressar essa identidade. No Ensino Médio, quando estava namorando e tentou se vestir de um jeito mais “normal” para se enturmar, seu jeito de vestir não era a “identidade dele” - era um estilo externamente referido, que tinha a ver com a namorada, e por isso terminar com ela é um acontecimento marcante dessa transição de um estilo externamente referido para um internamente referido. É no momento presente que seu modo de vestir realmente se torna uma expressão bem-sucedida dessa individualidade, mas paradoxalmente esse modo de vestir é composto por roupas “sem mensagens” - meros “panos”. Novamente, vemos em ação aqui tanto a representação sobre o amadurecimento como uma evolução em direção a um estilo próprio, quanto a representação sobre o amadurecimento como um processo ao longo do qual as roupas se tornam menos importantes.

Além disso, vemos que, apesar de Pedro ser hétero e não ter passado pelas mesmas tensões mencionadas por Daniel, ainda assim a adolescência é caracterizada como um período de conflito proveniente das tentativas inseguras de estabelecer uma autodefinição frente às outras pessoas.

Assim como Daniel e Pedro, outros entrevistados também combinam essas duas formas de representar o processo de amadurecimento e a maneira como ele se expressa na relação que a pessoa mantém com as roupas, enquanto outras pessoas puxam mais para um lado ou para o outro. O ponto em comum entre as narrativas é que, na maior parte das vezes, a adolescência é narrada como um período de insegurança e conflito, que pode ter a ver com várias questões: insegurança sobre o próprio corpo, timidez, desejo de “se encaixar” ou de se diferenciar de certos grupos, desconforto ou tentativas de adequação em relação a normas de gênero, despertar da sexualidade, movimentos de independência ou dependência em relação a outras pessoas (namorada/o, amigos, família), entre outras. Do ponto de vista dos entrevistados, essas inseguranças e conflitos se traduzem em suas relações com as roupas sob a forma de uma sensibilidade particularmente acentuada em relação ao olhar do outro, e uma susceptibilidade a formas de se relacionar com as roupas tidas como censuráveis, como tentar seguir a moda, seguir um estilo estereotipado, imitar o vestuário de ídolos e querer comprar peças de marca. A transição da adolescência para o momento presente é, na maior parte das vezes, narrada como um processo de amadurecimento caracterizado pela passagem de um estilo externamente referido para um internamente referido.

Assim, fazendo referência a Elias, se a “experiência romântica” típica despreza o *presente* como sinônimo de corrupção, idealiza o *passado* como lugar de virtude, e sonha com o *futuro* como um retorno a esse passado, podemos dizer que, de uma maneira um tanto distinta, essas narrativas sobre a história dos modos de vestir tendem a ser marcadas pela idealização da *infância* como lugar de uma relação *pura* com as roupas, pelo desprezo em relação à *adolescência* como lugar de uma relação *corrupta* com as roupas, e pela tendência a entender o *momento presente* como lugar de uma relação *madura* com as roupas, que, embora seja caracterizada como mais honesta e tranquila, nunca será realmente a restauração do modo de vestir completamente alheio ao olhar do outro, que caracterizava a infância. A razão para isso parece ser que essa autoconfiança característica do presente é como se fosse fruto de um processo de autodefinição que já está “completo”, enquanto na adolescência ele ainda estava em construção, e na infância ele era um não-problema, pois essa tentativa de autodefinição só se inicia realmente a partir da ruptura com a infância.

5.1. Uma personalidade independente das roupas

Como já foi observado, Pedro e Daniel combinam em seus relatos a concepção segundo a qual amadurecer é um processo em que as roupas se tornam menos importantes, com a

representação sobre o amadurecimento como uma evolução em direção a um estilo próprio, mas outras pessoas puxam mais para uma dessas duas narrativas. Nesse subcapítulo, vamos direcionar nossa atenção às narrativas onde amadurecer equivale a uma perda de importância relativa da roupa enquanto meio de expressão da personalidade.

Vejamos os relatos de Guilherme, Artur e Lucas:

E daí depois dessa época que o meu pai me vestia, eu comecei a... usar **roupa de surfista e de skatista**, por influência... talvez da TV aberta né, (...) e... das outras crianças e pré-adolescentes da minha idade. (...) E daí nesse momento, assim, de que eu comecei a... escolher minhas roupas e optar por um *estilo* (risos), que era de skatista, eu comecei já a ser influenciado por questão de tipo... como eu posso dizer... não sei explicar, tipo aquela influência de **adolescente de coisa idiota, assim, de se importar com marca e com... com o que tá vestindo**, assim, isso foi aumentando. (...) Chegou um ponto... eu devia ter uns 13 anos (...) eu comecei a me importar tipo “ai, tô usando roupa da Mormaii, da Billabong”, essas marcas de surfista e skatista. Tipo eu usava sempre as mesmas marcas, assim. Hurley, Hang Loose... (...). E nesse momento **eu me importava muito com o que os outros pensavam** e era meio que... aquela **coisa de adolescente... tentando se encaixar**, ou ser visto? Não sei, coisa de **adolescente fútil**. E depois de um tempo eu comecei a achar isso feio, esse tipo de roupa, tipo **de interesse eu cresci**. (...) Daí no ensino médio foi tipo mais de usar moletom e... **roupas confortáveis, mas que eu achava bonita**, assim, sem me preocupar com marca. (...) até porque a gente tá num momento, né... também pode ser da minha bolha né, de que a gente se preocupa muito com as coisas né, tipo (...) **não se preocupa tanto com marca e se preocupa mais com o meio ambiente**, essas coisas. (Artur)

Então, a minha relação com a... com a forma como eu me vestia, (...) no início, assim, até os meus 15 anos, foi muito desleixada, (...) ficava muito a cargo dela [mãe] escolher o que eu vestia. (...) Eu sempre pensei em outras coisas, assim. Eu sempre... gostei de jogar bola, sei lá, **eu não fui um cara muito ligado pra minha aparência**, pelo menos por um bom tempo, né. Aí... essa fase meio que passou quando eu mudei de colégio. Que eu era de escola pública, bem largadão, aqueles caras que jogava bola descalço, ficava todo sujo e voltada pra casa sujo. Então... por um bom tempo eu não liguei pra minha aparência, mas depois eu fui de um colégio público pra um particular, onde o padrão... tanto de sei lá, de estudo, de aparência, tudo era mais chique, digamos assim, e aí eu comecei a realmente ver que todo mundo se vestia melhoor, e eu pra tentar me encaixar no meio eu comecei a ligar mais pra minha aparência, tanto de vestimenta quanto de aparência física, né. Questão de peso, tudo isso. E... sei lá, sobancelha, aquela coisa toda que o cara quer ficar bonito e tal. (...) essa fase eu... **acho que condicionado por esse pensamento, eu pensava em comprar roupa de marca, essa coisa toda assim, de querer se encaixar e ver o que tá mais na moda e vestir**. Nunca fui um cara muito de modinha, assim. Teve várias modinhas enquanto eu tava no colégio público, aquela coisa de relógio, óculos Ray Ban, essas coisas assim, eu fiquei bem por fora. Mas nessa época eu tava querendo participar disso, entendeu? Pelo meio social mesmo. E aí, depois de alguns anos assim, meio que sofrendo, porque **de certa forma é um sofrimento**, que a gente tenta se encaixar mas... a nossa mente sempre dá um jeito de botar a gente numa posição que... não é suficiente, né, parece que sempre falta alguma coisa. Então... **eu comecei a cada vez ficar mais desanimado em tentar me encaixar, e eu agora tô numa linha mais tipo básico**, assim, que é o que eu mais me sinto à vontade. Eu gosto de (...) sair sem pensar no que eu tô usando, que era uma coisa que veio lá de trás, né, que eu *não* gosto de ficar... fritando muito a cabeça no que que eu vou usar. Eu gosto de me sentir bem, com certeza, isso é um ponto importante, mas (...) eu gosto de pegar sei lá, uma bermuda... branca ou mais clara, uma camiseta básica preta, botar um colar e já era, tá ligado? (...) **E eu acho que no fundo essa foi a minha ciência desde o início**, né, que veio lá do... lá do começo, quando eu não ligava muito pra roupa e pra esse tipo de coisa. É... **eu consegui me encontrar**, assim, mas eu diria que nesses 21 anos né, que eu tenho de vida, essas foram as três principais fases

que eu passei. (...) [Depois ele explica mais sobre como se sentia nessa nova escola:] é que quando a gente tá no início assim dessa coisa de querer se ajustar... tudo parece mais promissor, não sei exatamente explicar como era o sentimento, mas tipo, tu tá quase até que animado de fazer esse tipo de coisa, esse ajuste, assim, no look, na aparência. Mas aí depois tu vê que tipo... essa energia gasta, né, tanto de escolher, de ficar pensando o que comprar, ou **ficar até pensando o que que as outras pessoas vão pensar sobre... sobre como tu tá vestido, isso é cansativo e de certa forma essa energia ela é inútil. Sendo que quando tu tá... simplesmente confortável e vestido na forma como tu se sente bem, não existe isso**, entendeu. Então foi uma coisa, (...) que eu não sei especificar exatamente quando aconteceu, mas foi um processo gradual, pra mim, assim. Eu sempre gostei de usar roupa básica, mas **eu tinha essa pressão externa**, né, do meio, dos meus amigos e tal, mas aí eu comecei a *perceber*, né, com o tempo, que... o melhor jeito e **a melhor forma era vestir como eu me sentia melhor**, e largar, aí eu comecei realmente a largar o que eu pensava antes, que era essa coisa de querer tá na moda, ou ver o que as pessoas gostam e... aí começar a agir dessa forma, no sentido de... de aparência. (Lucas)

quando eu era *criança*, (...) acho que eu vestia o que meus pais compravam pra mim... eu não lembro muito bem, não era nada de extraordinário, assim, roupa normal (risos). Quando eu entrei na adolescência, acho que foi uma fase em que... eu era muito... **comecei a sentir muita insegurança, acho que é normal durante a adolescência, então eu me vestia... de forma que eu achava que eu ia ser aceito pelos outros...** eu me preocupava muito em sabe, tipo, se encaixar e fazer parte dos grupos. Então eu lembro que foi uma época em que eu comprava, tentava comprar roupa de *marca*, assim, roupa onde tinha **o logo da marca bem visível** pra... meio que mostrar “ah, eu compro roupa da sei lá, da Nike, da Puma, então eu sou uma pessoa legal”, tipo eu queria tentar *mostrar* que eu era uma pessoa legal através da minha roupa, sabe, então... acho que eu usava (...) o que tava **na moda** sabe, pelo menos o que eu achava que tava na moda (...) e... eu não sei dizer *quando* que isso começou a mudar, acho que foi uma mudança gradual, que eu fui lentamente percebendo que... isso não importa tanto, (...) percebi que... **esse negócio de ficar querendo se expressar através das coisas que você tem, é uma coisa meio idiota** (risos). (...) daí eu comecei a me preocupar assim, porque eu... **eu não me vestia de acordo com nenhuma tribo**, digamos assim, tem aqueles estereótipos na sala: os emos se vestem de certo jeito... os (risos) sei lá, as patricinhas se vestem de certo jeito, os fãs de música country se vestem de certo jeito. Eu percebi que tipo... a minha roupa não *expressava* muito o que que eu era. Só que daí eu percebi que acho que... sei lá, acho que não é uma filosofia legal de se viver, **acho que é uma coisa meio consumista isso, ficar achando que eu tenho que expressar através das roupas que eu consumo**, sabe. Então (...) óbvio que eu não sou perfeito nisso, mas eu considero que **hoje eu não ligo tanto pro que as pessoas vão achar da minha roupa**. É... e se eu vou ser aceito, ou... se as pessoas vão achar que eu sou mais legal, então hoje em dia eu... **tento me vestir de acordo com o que eu acho que é bonito**, mesmo. (...) Acho que eu não sou totalmente *livre*, assim, de... dos padrões de beleza da sociedade né, (...) não sei se eu sou corajoso o suficiente pra por exemplo, andar de saia por aí (risos), eu não desafio *tanto* assim os estereótipos de gênero, mas... eu diria que hoje eu me preocupo bem menos com isso do que... do que eu me preocupava antes. [Depois, explicando melhor como se sentia no Ensino Médio:] Por exemplo, eu percebi que muitas pessoas... as roupas delas expressavam de certa forma a personalidade delas, eu não sei se isso era intencional ou não, mas tipo... por exemplo, se a pessoa se vestia de certo jeito você olhava e sabia “ah, aquela pessoa... é de tal jeito, gosta de tal coisa”, por exemplo. E eu percebi que as minhas roupas eram bem tipo, *neutras*, sabe? Bem padrão, tipo você não conseguia *assumir* muita coisa sobre mim, pelas minhas roupas. E depois eu percebi que isso era meio bobagem, **acho que eu não preciso... expressar a minha personalidade através das minhas roupas**, sabe. Tipo eu expressei minha personalidade... **as pessoas conhecem minha personalidade quando elas conversarem comigo sabe, ou me conhecerem melhor**. (Guilherme)

É fácil notar a repetição de alguns elementos. A adolescência é considerada um período em que a pessoa se sente insegura, o que é “normal dessa idade”, segundo Guilherme. A preocupação com a opinião dos outros, o desejo de ser aceito e se encaixar é marcante, e a vontade de comprar roupas de marca, seguir a moda ou se vestir de maneira a se associar a um grupo é entendida como uma manifestação disso. Como diz Artur, essas são “coisas de adolescente fútil”, e amadurecer é um processo gradual ao longo do qual muitas inseguranças vão sendo deixadas para trás, e com isso, essas maneiras censuráveis de se relacionar com as roupas vão sendo abandonadas. Hoje, eles se vestem apenas com o que acham bonito e com o que os deixa confortáveis: “de interesse, eu cresci”, como diz Artur.

Aqui, temos de fazer a ressalva de que o “confortável” não é oposto à estética; não é simplesmente a qualidade do que oferece conforto físico, mas é aquilo que faz a pessoa se *sentir bem*. Roupas confortáveis são aquelas nas quais a pessoa se sente tranquila em seu próprio corpo, ao contrário daquelas que a fazem sentir autoconsciente e um pouco como uma farsa, incapaz de acreditar na sua própria representação, como diria Goffman (1985). Ainda vamos discutir essa questão mais a fundo, daqui a algumas páginas.

Assim, quando as pessoas retratam o amadurecimento como um processo ao longo do qual as roupas vão se tornando (supostamente) menos importantes, isso não significa que elas se tornam desimportantes em termos absolutos, mas que elas não têm mais o *tipo* de importância que eles acreditam que elas tinham durante a adolescência. Nessa perspectiva, a importância que a roupa tinha durante a adolescência está relacionada à pressão social, ao passo que hoje em dia, quando eles se vestem com roupas que acham bonitas e confortáveis, as roupas já não são tão importantes justamente porque elas não exigem toda aquela preocupação que agora pode ser lida como fonte de sofrimento, como faz Lucas. Dessa forma, dizer não precisar se expressar através das roupas ou não gostar de ficar se preocupando com o que está vestindo também são formas de representar o amadurecimento como a transformação de um modo de vestir externamente referido para um internamente referido.

O fato de que Daniel não quer parecer uma pessoa muito ligada “às marcas ou ao capitalismo”, de que Felipe relaciona a perda de importância das roupas de marca ao aumento da preocupação com o meio ambiente na sua “bolha”, e de que Guilherme acha que se expressar através das roupas é uma “coisa meio consumista” nos permite concluir, também, que se tratam de pessoas que veem o capitalismo e o consumismo como coisas ruins e que se preocupam com o meio ambiente, pensamentos esses que não são compartilhados por qualquer pessoa. Podemos nos perguntar, então, se considerar essas maneiras de se relacionar com as roupas como algo fútil não seria um discurso mais frequente entre um certo grupo social, como faz Davi:

Porque sei lá, no começo da adolescência lá tem uma coisa do tipo você saber as marcas e se apropriar daquilo, hoje cria uma coisa meio... que talvez seja mais um recorte... pessoas de esquerda com tantos anos, especialmente classe média e coisa assim, que é muito de CFH né... que é uma coisa meio *evitar* querer usar, não querer evitar coisa de marca no sentido da marca famosa, mas... sabe, é estranho usar um treco que tenha... vamos supor, um treco da Adidas aqui no peito, sabe? mesmo se for camisa toda preta e só um trequinho da Adidas. Sabe. É... eu acho que... no fundo tem um pouco dessa vontade de evitar essa demarcação, de... vamos supor, nesse caso aí seria de classe, né. (Davi)

Realmente teria sido bastante interessante investigar se essas pessoas se identificam com pautas de esquerda, mas infelizmente esse tipo de pergunta não foi incluído no questionário. Mas considerando que conheço pessoalmente várias delas, que muitas estudaram na mesma escola particular alternativa que eu, que a maior parte delas faz cursos relacionados às Humanas e às Artes e que vários são amigos de amigos meus, tenho boas razões para supor que há sim uma tendência para esse lado. E na verdade, boa parte dessas pessoas comentou declaradamente que tenta realizar um consumo sustentável e consciente, o que demonstra, se não um alinhamento com pautas de esquerda, pelo menos um alinhamento com pautas ambientalistas.

Outra questão que podemos levantar é sobre se a narrativa segundo a qual amadurecer é um processo em que as roupas se tornam menos importantes é mais frequente entre os homens. Como já discutimos, a moda foi historicamente considerada algo que interessa mais às mulheres, e isso é parte do porquê de ela ser considerada fútil; então teríamos fundamento para supor que a resposta para essa questão seria afirmativa. Novamente é Davi quem comenta sobre isso:

a vestimenta masculina é tida como se fosse isso né, “não, quem se importa... roupa não é... o homem só vai lá e veste o que tem que vestir...” e continua estranho né, acho que mais pra homens falarem nesse sentido... que fica muito atrelado a essa ideia de que é algo feito com naturalidade, e falar sobre isso pode mostrar que a naturalidade não é *tão* natural assim né, tão... óbvia. (Davi)

Os relatos de Guilherme, Artur e Lucas são de fato os que manifestam essa perspectiva de maneira mais declarada, emitindo julgamentos mais severos sobre o “importar-se com as roupas”. Mas na verdade, esse tipo de perspectiva também apareceu nos relatos de várias meninas, apesar de geralmente o tom usado por elas ser menos incisivo. Até porque, como vimos, considerar como algo censurável a preocupação com a moda, com as marcas e com a opinião dos outros não significa exatamente crer que a atenção às roupas é censurável em si, mas que *uma certa maneira* de se preocupar com as roupas é censurável.

quando eu era menor, minha mãe que escolhia né, não tinha muita opção, mas eu lembro assim de... algumas coisas eu não gostar, (...) *mas...* não me importar tanto, sabe? (...) E aí depois **quando eu... fiquei adolescente, eu tinha muita preocupação em... não sei muito bem como explicar, mas meio que ter o meu estilo**, não sei. Porque eu não tinha muitas ideias muito diferentes, sabe? Que as pessoas tinham isso assim, aí, de ser estilooooosa, e na minha cabeça eu não era muito. E aí eu lembro que eu ficava querendo... ir atrás assim, acho que era Fotolog na época né, que tinha algumas pessoas que tinham uns perfis assim, de rooooooupa, (...) e eu lembro muito que eu ficava mandando mensagem pra uma menina... (risos) pra ela me ajudar, assim, né, e ela falava algumas coisas pra eu usar que ia ficar estiloso, tal. Mas eu lembro que eu tinha muita dificuldade de... fazer isso... por conta, assim, e de gostar, sabe? Porque... ao mesmo tempo que eu me *preocupava*, eu acabava não indo muito atrás pra comprar esse tipo de roupa, e... não me sentia muito bem... sabe? É... **era mais assim, uma pressão, eu acho, pra ser estilosa, sabe, mas que eu naturalmente não tinha isso**, e aí eu ficava me cobrando muito, indo muito atrás, de ver se eu conseguia... *ter* isso, né, criar isso em mim, mas que... era bem difícil, na época. E aí hoje eu já vejo de forma diferente, assim, **não tenho mais essa preocupação de aí, ser estilosa, né?** Tipo... vou atrás do que eu... **do que eu gosto, assim, do que eu me sinto bem, do que eu me sinto bonita** (...). **Sem pensar muito assim “ah isso aqui tá na moda, isso aqui não tá, isso aqui tá em alta essa estação”** (risos), sei lá. (...) Vou mais pelo que eu me sinto confortável, pelo que eu acho que veste bem, e... pelo que no momento eu acho bonito, assim, né? Sem pensar muito se ah, as pessoas tão usando também (...). **E eu acho que é muito de maturidade**, assim, né, de **não me deixar afetar tanto pelo... que as pessoas esperam que eu esteja vestindo**, assim, né. Sem muita pressão mesmo. (Mariana)

Mariana não diz que se preocupar com as roupas é algo fútil ou consumista, nem diz que não liga para sua aparência. Mas assim como Artur, Guilherme e Lucas, ela considera que deixar de se preocupar em ser estilosa e seguir a moda, e deixar de ligar para a opinião dos outros, são processos de amadurecimento. Agora, vejamos o relato de Alice:

na minha **pré-adolescência**... ali até uns... 13, 14, eu acho que **foi uma época assim de conflito**, da minha identidade. Foi... a época que eu mais *tentei*... **seguir a moda**. Porque é o momento que a gente tá... se descobriiiiiindo, **é o momento em que a gente vai beijar na boca pela primeira vez**, então eu sinto que esse foi o momento em que **eu mais me vesti de forma feminina**, (...) que eu queria me arrumar mais, que eu fazia chapinha, que eu tentava usar mais as coisinhas da moda, e... e tal. E era um conflito porque **isso não era assim... eu mesma**, digamos assim. Porque eu... nunca gostei dessas coisas muito femininas, sabe, eu sinto que esse era um momento mesmo de eu... *tentar*... tentar talvez chamar atenção, talvez seguir a moda, sabe, então era um momento que eu me vestia mais... arrumadinha, sabe?

E pra mim assim, a parte mais... marcante, é, da minha vida em relação às roupas, né, com relação à *construção* realmente de uma identidaaaade, né, acho que foi na minha **adolescência**, ali a partir de uns 14, 15 anos, que foi o momento em que **eu percebi que eu gostava de meninas**. Não era um momento ainda que eu... me identificasse como sapatão, mas era um grupo ao qual eu queria pertencer, de certa forma, sabe. Eu nunca tive um confliiiiito com relação a isso, mas isso influenciou muito nas minhas roupas na fase da adolescência. E acho que na adolescência teve duas coisas que me influenciaram. É, o fato de eu ter me descoberto... sapatão, lésbica, bi, enfim, e o fato de eu ter começado a dançar hip hop. (...) E a roupa é uma expressão *muito* forte do hip hop (...). E também porque são roupas que já faziam eu me sentir confortável... **eram roupas que escondiam, de certa forma, o meu corpo, né, que era algo com o qual eu não me sentia bem**, e na adolescência ali mais ou menos nessa idade foi tipo o *auge* do meu transtorno alimentar. (...) E outro era **pra tentar fazer parte de um grupo né... existe um estereótipo sapatão**, sabe? Existe um estereótipo sobre as *roupas* que essas

peessoas usam. Pelo menos *na época*, **eu achava que eu precisava... me vestir desse jeito pra me encaixar e ser identificada como alguém desse grupo.** (...) *E*, é um estilo não só porque eu queria fazer parte de um grupo, mas é um estilo que eu realmente gosto, assim, que... eu... realmente me sentia bem, me sentia confortável, e sinto que *nesse momento...* foi... que **eu comecei a criar e expressar minha identidade através das roupas, assim, é, sendo quem eu realmente era.**

E aí depois que eu entrei na faculdade... esse estilo começou a mudar de novo, um pouco assim. É... isso foi... a partir ali de uns 18, 19 anos. Que foi um momento em que... primeiro, **eu comecei a me sentir melhor, com o meu corpo** (...). E... isso fez com que eu começasse a usar roupas, que eram às vezes um pouco mais juuuustas e tal. É, eu nunca *deixei* de usar roupas largas, eu ainda me sinto muito confortável usando moletom, camiseta e tal, até porque... eu sigo sendo influenciada até hoje pela cultura hip hop, é assim, acho que é a minha maior *influência*... pra eu me vestir, mas eu comecei a não ter medo de usar algumas roupas coladas, sabe. (...) *E*, mais ou menos ali... da *metade* da faculdade pra cá, (...) **eu venho desconstruindo aquele estereótipo de... sapatão**, sabe? (...) Eu fui percebendo que... **eu não precisava tá sempre usando aquelas roupas pra... pra me auto... autodeclarar**, assim né. Porque antes eu tinha muito uma parada assim, de que eu queria que a pessoa me olhasse e ela soubesse que eu sou sapatão pelas minhas roupas. Mas eu sempre tive um gosto muito eclético, sabe? Eu *também* gosto de algumas roupas femininas, em alguns momentos. (...) Mas eu não usava antes, porque **eu... queria ser fiel a um estilo, a uma identidade**, e o que vem mudando de uns dois anos pra cá, é que... eu venho desconstruindo isso, sabe, então... *hoje*, eu continuo me vestindo... a maior parte do tempo, assim, é, com influência do hip hop, (...) mas eu também uso, em alguns momentos, é... uma regatinha mais floriiiida, ou... uma blusa roooosa, com decooote, é, uma saia, um vestido, assim, de vez em quando, sabe, porque eu percebi que eu... **eu não preciso ter uma... uma identidade de roupa fixa, sabe? Eu percebi que... eu sou eu independente da roupa que eu uso**, e que eu posso usar outros tipos de roupa, e que isso... não vai influenciar na minha identidade.

antes, porque eu me apegava a um estilo, eu não ia por exemplo, sei lá, com um tênis de academia pra faculdade. Tipo eu sempre deixava tudo na mochila, me vestia naquele estilo que eu queria me vestir, que eu achava bonito, e aí só enfim, trocava de roupa na hora da atividade né. E eu senti que... no ano passado isso mudou bastante, porque... eu acho que um pouco eu desapeguei, e um pouco eu... comecei a querer ser mais prática, sabe? Então eu já usava tipo *legging* com tênis de corrida pra ir pra faculdade, que era uma coisa que antes eu nunca usava, às vezes usava até tipo... toda a roupa que eu iria pra academia depois, e ia com essa roupa pra faculdade. Eu acho que eu também... perdi um pouco, assim, a... a paciência de ficar... me trocando o tempo todo, e carregando um monte de roupa na mochila, só porque tipo eu não queria aparecer na faculdade com a roupa de treino, sabe? **Eu acho que eu desapeguei um pouco de tentar manter sempre... aquela roupa, aquela postura e aquele... e aquele estilo**, sabe?

A declaração de Alice de que “eu sou ‘eu’ independente da roupa que eu uso” remete a essa narrativa de que estamos falando, segundo a qual a roupa vai se tornando menos importante porque não é necessariamente uma expressão do “eu”. Mas ao mesmo tempo, ela diz que durante a pré-adolescência ela se vestia de um modo que “não era ela mesma”, e que em comparação a isso, a adolescência foi um período importante de “construção de identidade”. Nisso, esse relato lembra bastante o de Daniel. Da mesma forma que durante o Ensino Médio, Daniel sentia a necessidade de se expressar e se diferenciar através das roupas, Alice também diz que sentia necessidade de “ser fiel a um estilo, uma identidade”, que é uma forma coerente

e fechada de se vestir, um “estereótipo sapatão” ou relacionado ao *hip hop*. Mas depois, quando já se sente mais segura, tanto em relação ao corpo quanto a quem ela é, ela já não sente a necessidade de se impedir de vestir roupas mais femininas e roupas de academia que “não combinavam” com essas “identidades fixas de roupa”. Novamente, as roupas não se tornam irrelevantes em termos absolutos, mas elas se tornam menos importantes enquanto meios de autodefinição e autodeclaração, porque é como se a autodefinição já estivesse completa.

5.2. Insegurança sobre o corpo e sobre si

Já observamos que a adolescência é caracterizada como um período de inseguranças e conflitos diversos. A narrativa de Alice, que acabamos de ver, toca em certos assuntos como a insegurança sobre o próprio corpo, o despertar da sexualidade e a vontade de ser atraente, que também vão ser muito marcantes da adolescência para outras pessoas. Esses três temas frequentemente aparecem nas narrativas de maneira conjunta, e a insegurança sobre a atratividade do próprio corpo parece ser a mais consensual entre os entrevistados. Devido a sua centralidade, vamos falar um pouco mais sobre ela antes de abordar aquela outra representação sobre o amadurecimento como um processo ao longo do qual as roupas se tornam mais importantes enquanto meios de expressão da personalidade.

Vejamos o relato de Flora:

Quando eu era adolescente, (...) eu lembro de ter muita vergonha de... de ir pra praia, assim. Tipo eu chegava na praia com biquíni e a saidinha por cima, e daí eu super enrolava até tirar a saída de praia. Eu lembro de sentar na cadeira e a minha mãe falar: “tu não vai tirar? Vai ficar com a marca”. E daí eu começava tipo, tirando a parte e ciiiiima, e depois eu ia tirando a de baixo depois de um teeeempo, e os meus biquínis eram maiorzinhos, também, tipo a calcinha... não era tipo entaladinha, assim. Tudo porque eu tinha muita vergonha. Mas... aí **conforme eu fui crescendo eu fui perdendo um pouco essa vergonha, e... o meu biquíni foi diminuindo** um pouco (risos), também. Tipo a calcinha, por exemplo, ela era uma coisa que sempre ficava entalando, e daí eu sempre ficava muito preocupada em tipo, ficar desentalando, pras pessoas não verem que eu tô desentalando e não sei quê. Aí chegou um momento, assim, e isso faz sei lá, um ou dois anos, que eu falei “ai, quer saber? Vou comprar logo entalado porque daí não fico me incomodando com isso sabe (risos). Já é entalado e deu”. E... (risos) acho que também **foi um processo meio de amadurecimento, assim, de... perder um pouco da vergonha de mostrar o corpo, assim. Apesar de eu ainda ter um pouco de vergonha, nem se compara com como era na minha adolescência.** (...) Quando eu era adolescente, eu também... assim, eu não saía de casa sem um sutiã de bojo, né, porque **eu achava o meu peito muito pequeeeeno, e daí eu tinha vergooooonha. Aquela coisa da escola, né, as meninas que têm o peito maiooor, que chamam mais atenção** e tal, e daí eu queria ter o peito maior. Eu lembro até de me comparar com meninas de séries... mais novas, assim né, e tipo “meu deus, elas têm mais corpo que eu”, e tal. E eu sempre usava o sutiã de bojo, pra parecer que tinha mais peito. E aí... tipo, depois de um tempo eu comecei a... *bastante* tempo, assim né (risos), já mais adultinha assim, a usar só sutiã sem bojo, e isso foi tipo totalmente relacionado a minha

aceitação do meu corpo, né. Tipo, aceitei que o meu peito era pequeno (risos) e eu gosto dele assim, do jeito que ele é. E... aí eu comecei a usar só sutiã sem bojo. Tipo, não... não conseguia mais usar sutiã com bojo. Achava artificial, achava desconfortável. (Flora)

Na fala de Flora, assim como na de Alice, a adolescência é marcada por uma insegurança acentuada sobre o próprio corpo. Entre as meninas, geralmente é citada a vergonha sobre ser gorda, magricela ou não ter “corpo de mulher”. No capítulo sobre a infância e a ruptura já falamos sobre a “crise do nascer peitinhos” e sobre o sutiã de bojo como objeto de desejo. Vimos que as transformações associadas à puberdade, especialmente o crescimento dos seios, são narradas pelas meninas como grande fonte de insegurança, pois elas estabelecem diferenças entre as meninas que “têm peito” e as que “não têm”, e o “ter peito” significa ser mocinha, ser mulher e ser atraente - ou “chamar mais atenção na sala”, como diz Flora. Aceitar o próprio corpo, começar a gostar dele e usar as roupas desejadas independentemente do que outras pessoas possam achar sobre a maneira como elas envolvem o corpo são vistos como parte de um processo de amadurecimento, o que também acontece nos seguintes relatos, alguns dos quais já foram citados:

uso as roupas que *quero*, que me interessam, independente do formato do meu corpo, ou da cor da minha pele, **isso não interfere hoje em dia. Eu uso tudo o que quero usar**, porque acho que fico bonita com absolutamente tudo. (Isabel)

[Quando era criança] Tinha roupas que eu não gostava, que eu usava porque a minha mãe... me botava pra usar, mas é porque ela não era confortável, não porque ela era bonita ou feia. E... **daí depois da adolescência que eu comecei... a me importar mais... se eu ficava bonita com aquilo.** (...) Eu lembro na pré-adolescência, quando... os hormônios começam a vir né (risos), e comecei a ter pelo na perna... e... a crescer o peito... só que... por exemplo, as minhas amigas (...) começaram a ter peito antes de mim. Então... eu lembro que (...) eu comecei a ficar com vergonha de usar a regata da escola porque ela era colada no corpo. E dava pra ver... o formato do meu peito que na verdade... não tinha formato (risos). E também parei de usar... short e saia, porque dava pra ver que eu tinha pêlo na perna, então eu comecei a usar... leggings, só que a leggings não cobria até o final da perna, e daí depois de um tempo eu comecei a usar calça. **E aí eu comecei a cobrir cada vez mais o meu corpo, porque eu tinha vergonha dele.** (...) Aí depois disso, eu comecei a querer ter mais *curvas*, mostrar mais curvas, então... comecei a usar mais roupa apertada, (...) isso até a época da faculdade né. Aí... eu fiz intercâmbio, e eu comecei a... me soltar um pouco mais, **eu comecei a gostar um pouco mais do meu corpo, então comecei a... mostrar um pouco mais o meu corpo.** (Larissa)

Bom, **eu sempre fui uma criança muito tímida, muito, (...) e... eu sinto que isso também tinha muita relação com meu guarda-roupa.** Teve uma época que eu gostava *muito* muito muito de usar preto, odiava rosa, é... e eu acho que isso também tem relação à timidez, tipo, de querer ficar mais apagada, de querer ficar mais no meu canto. (...) Desde essa época eu sempre, eu sempre gostei muito de moda (...) Sempre pensava que ahhhh **quando eu crescesse, eu ia andar super estilosa**, super glamourosa. E aí, eu fui crescendo, e... teve uma época que eu fiquei muito gordinha. Aí, acho que sei lá, **como toda boa gordinha a gente gosta de disfarçar**, e seeeempre acha que uma

boa opção, além do preto, é usar... blusa larga e calça legging. (...) Mas *daí*, eu fui crescendo, crescendo, dei uma emagrecida, e... aí mudou. Aí eu falei que eu odiava rosa né, gostava só de preto. Aí teve um época que inclusive hoje, eu estou gostando muito de rosa. (...) Aí... **eu fui mudando... o meu estilo, fui mudando os meus gostos e fui mudando o meu corpo. Esses três fizeram eu mudar o meu guarda-roupa.** Aí por exemplo antes eu tinha só peças pretas, hoje em dia... eu já tenho peças mais coloriiidas, peças mais divertiiiidas, peças com... com estampa, que antes eu já não gostava muito, é... eu fui, eu ainda sou uma pessoa tímida, mas **eu sou muito menos tímida do que eu era antes, e isso também eu sinto que impacta nas minhas roupas**, porque... aí, eu já... mudei, sabe. (...) Quando eu era criança, eu era muito difícil, todo mundo falava que eu era muito difícil de dar presente porque eu era muito *chata*, não gostava de nada, (...) hoje isso já mudou muito, (...) porque eu não sou tão chata quanto eu era antes sabe, tão fresca que aí, nunca gostava de nada, **hoje eu já sou mais aberta**, é... sei lá, a novas estampas, novas cores, brilho eu não gostava, já gosto de brilho... já gosto dessas coisas diferentes. (Gabriela)

Na narrativa de Gabriela, a insegurança sobre o próprio corpo se soma à timidez, e ela atribui a vontade que tinha de usar roupas apagadas e o fato de “ser chata” com roupas a esses fatores. Embora gostasse de moda, suas inseguranças a impediam de “ser estilosa”, de forma que ela sonhava com um momento futuro em que poderia colocar esse gosto em prática. Começar a gostar do próprio corpo e se tornar menos tímida são transformações que, de maneira conjunta, fazem parte do processo de amadurecimento que a torna mais aberta a “coisas diferentes” em matéria de vestuário.

Assim como Gabriela, outras pessoas comentaram sobre ter vergonha do próprio corpo e usar as roupas para escondê-lo como motivos para terem se vestido de uma maneira “apagada” durante a adolescência. Esses trechos das entrevistas de Luísa e Clarice exemplificam isso:

eu sempre me desenvolvi um pouco mais tarde, assim. Tipo eu menstruei mais tarde, eu tive tipo, *corpo* mais tarde do que as outras minhas amigas. As minhas amigas tipo sei lá, com 12, 13 anos já tavam tipo... já eram mulheres, sabe, e eu tipo, ainda... eu era bem... não tinha muito *corpo*, eu era bem mais *alta* que as outras pessoas, então tipo... eu meio que... não sei, tipo **eu tive uma dificuldade ali naquele tempo de achar roupas que eu gostasse, sabe? Acho que eu tinha um pouco de vergonha**, assim. Tipo na época eu acho que eu não sabia que era isso né, mas hoje em dia vendo eu acho que era tipo um pouco de vergonha. Daí eu usava tipo... roupas tipo mais colaaaadas, eu comecei a usar tipo aquele sutiã de bojo, sabe? (...) Eu quase só usava tipo calça jeans... e camisetas coladas, assim, que tipo meio que mostrassem meu corpo, digamos assim, que eu tipo meio que não tinha né, mas enfim, na minha cabeça... aquilo ali valorizava o meu corpo. E All Star. Tipo assim, era só o que eu usava, sabe? (...) Mas tipo, **era quase uma roupa pra passar despercebido**, assim, sabe? (Luísa)

Tipo, a ideia era que eu parecesse, tipo assim, o mais “*ai, eu não ligo pro que eu visto*”, sabe, tipo, eu visto umas roupas meio... desleixadas, assim. E tipo, era realmente isso, assim. Tipo... umas camisas largas, e era também a época em que **eu tava me sentindo mal com o meu corpo, então eu não queria me mostrar pro mundo**, assim, eu usava as roupas mais tipo, “não eu” possível, assim. Hoje, no caso. (Clarice)

Enquanto Luísa se vestia para “passar despercebida”, Clarice se vestia de modo a “não se mostrar pro mundo”, e isso fazia com que ela quisesse, inclusive, parecer alguém que não se importava com suas roupas. Essa maneira de se relacionar com o vestuário contrasta com aquelas outras formas tidas como características da adolescência que discutimos no último subcapítulo, como a vontade de seguir a moda, se vestir de acordo com algum grupo e se importar com as marcas. Como vimos, Guilherme, Artur e Lucas falam sobre a adolescência como um período em que as pessoas se importam com as roupas de maneira excessiva e de um jeito moralmente errado, e por isso deixar de se importar com elas nesse sentido é visto como amadurecimento. Não sentir mais necessidade de se expressar através das roupas e de se vestir de acordo com um “estilo específico”, “tribo”, “estereótipo” ou “identidade fixa de roupa” foi mencionado por Daniel, Guilherme e Alice como sinal de uma relação madura e tranquila com as roupas que caracteriza o momento presente. Mas nesses outros relatos onde a oposição a esses modos censuráveis de se relacionar com as roupas (através da escolha de roupas apagadas que têm como objetivo esconder o corpo) é visto como produto da *vergonha* sobre o próprio corpo, essa oposição não é vista como sinal de amadurecimento, mas, sim, de insegurança. Isso fica bastante nítido na narrativa de Matheus:

Eu tenho vários pensamentos sobre a forma como eu me relatei com as minhas roupas ao longo do tempo, é... e eu creio que isso tenha mudado bastante, mas as minhas roupas *em si* não mudaram muito. Eu acho que hoje em dia eu me visto de um jeito parecido (risos) com o que eu me vestia quando eu tinha... 10 anos (risos). E isso é... eu sempre gostei de usar roupas básicas... eu creio que chamam camisetas básicas aquelas que não têm estampa. Mas não exclusivamente, se tivesse uma estampa... eu preferia que fosse **algo não chamativo, ou que não tivesse algum... significado**. Eu... sempre gostei muito de certas roupas que... principalmente pelo motivo de elas serem confortáveis, (...) sempre usei, gostei de cores escuras e... **mudas**, assim talvez, se fosse claro teria que ser um bege, um cinza... normalmente azul escuro, marrom escuro. (...) Então, eu sempre quis que as minhas roupas não fossem chamativas, e **eu nunca tive o interesse de... expressar alguma coisa através das minhas roupas, eu acho que ao contrário, eu tinha o interesse de... ahn, não contar nada pras pessoas através das minhas roupas** (risos). É... que talvez isso por si só conte alguma coisa, não sei. Certamente que eu acho que isso... ahn, vinha junto com o sentimento que eu tinha desde... muito pequeno, que eu era feio, especialmente porque eu era *gordo*. Ahn... e **eu sentia bastante vergonha... disso, e eu gostava de usar roupas que... nas quais eu me sentisse menos gordo**. E isso... pra mim tá claro hoje em dia que não são necessariamente as roupas que... faziam as *outras* pessoas me perceber como menos gordo, eu gostava de usar roupas *largas*, e eu acho que isso não ajuda muito na percepção dos outros sobre mim, mas na época eu tinha a impressão de que isso iria... fazer eu parecer menos gordo e, pra mim, dentro das minhas roupas e do jeito que eu sentia elas no meu corpo, eu... me sentia menos gordo, com roupas largas. Além disso, roupas escuras, elas escondem o jeito que... a roupa se... envolve o seu corpo (...). **Já no final da minha adolescência, eu... emagreci um pouco, comecei a gostar mais do meu corpo, e... o jeito como eu me vestia não mudou muito depois disso**. Eu acho que eu parei de usar roupas tão *largas*, mas... de resto elas continuaram bastante parecidas. Aconteceu que, quando alguém me dava uma roupa de presente, eu me sentia mais feliz, antes era sempre um desapontamento, porque eu sabia que... provavelmente eu não ia gostar e não ia me sentir confortável nelas. **Eu percebi que eu comecei a me**

sentir confortável em muito mais roupas e de muito mais tamanhos, porque eu acho que a percepção negativa sobre o meu corpo é... me oprimia muito no sentido de que eu precisava de uma roupa... absolutamente *ideal* no jeito que eu... que eu sentia ela no meu corpo, não tanto no jeito que eu me via no espelho. Era mais uma preocupação no jeito que eu sentia ela no meu corpo. (...) Até hoje eu não gosto muito de sair e comprar roupa, e eu creio que... o motivo que eu continuo não gostando de comprar roupas e que... eu não mudei muito o jeito que eu me visto, é que eu, **mesmo depois de... dos motivos negativos e de... odiar o meu corpo (risos) que eu tinha quando eu era mais jovem... mesmo depois que isso foi embora, eu não cultivei um gosto por roupas, ou uma... vontade de me expressar através das minhas roupas**. Então eu realmente não... mudei nesse aspecto. (...) Ahn, mas duas considerações: certamente que eu me preocupava *muito* com as minhas roupas, quando eu era... criança e adolescente, mas eu... **queria que as pessoas me percebessem como alguém que não se preocupava com as roupas**, então eu tinha esse motivo dual em que... eu tava preocupado com elas serem confortáveis ou que eu não me sentisse gordo nelas, e eu também queria parecer que eu era alguém que vestia qualquer coisa, exatamente porque eu sabia que eu não era bonito nas minhas roupas e as minhas roupas não eram bonitas. (...) [Eu pedi para ele me falar mais sobre a preferência por roupas que não comuniquem nada, que ele comentou no início do relato:] Então, a vontade de... usar roupas que não comunicam nada é uma coisa certamente que vem mais da minha infância, pré-adolescência, não é algo que... eu penso muito *hoje*, ahn, eu acredito que... **venha da ideia certamente que hoje eu acho incorreta, que pessoas que usam roupas chamativas ou da moda são superficiais, né. Acho que eu me achava feio, e... com isso eu queria acreditar que o valor de uma pessoa vinha de outros lugares** e que... beleza não era importante, e uma consequência da minha crença de que beleza não era importante é que quem buscava beleza, ou buscava estética, né, era... *pior* do que eu (risos). Certamente é algo que... eu não acho justo de se dizer hoje em dia. Exatamente quais roupas seriam essas eu acho que é difícil dizer porque, ahn... sei lá, seriam especialmente **roupas que você poderia considerar como da moda**, (...) ou talvez roupas que tivessem ahn... características que não fossem... não fossem pra aumentar conforto ou funcionalidade né, então... não sei dizer, é difícil dizer. Mas, ahn... é, e além disso no geral roupas chamativas, roupas que têm desenhos muito marcados, **que tentam... te associar com alguém** ou... a alguma coisa, uma banda, um... alguma ideia, **que... sejam características de algum... (risos) uma subcultura, um estereótipo**, é... é isso. (Matheus)

Podemos notar que Matheus faz referência àquela opinião da qual tratamos no subcapítulo passado, segundo a qual se importar com a aparência, com as roupas e com a moda, e tentar associar-se a um grupo através das roupas, são comportamentos fúteis. Mas enquanto boa parte das pessoas reivindica essa opinião *hoje* para falar sobre a forma como se relacionava com as roupas no *passado*, considerando essa perspectiva como sinal de amadurecimento, Guilherme vai na direção contrária. Ele diz que quando era adolescente, queria se vestir de forma a parecer que não se importava com suas roupas; mas isso não era porque ele era um menino muito maduro, mas, sim, porque ele se sentia inseguro sobre a própria aparência. Como ele mesmo diz, ele tinha um “motivo dual”: ele se preocupava *muito* com suas roupas, especialmente com sua capacidade de esconder o corpo que não o agradava, mas queria parecer que *não* se importava justamente porque queria acreditar que a beleza não era importante, e que as pessoas que ligavam muito para isso eram de alguma forma piores do que ele.

Na narrativa de Matheus, amadurecer não significa nem que as roupas se tornam *mais* importantes como meio de expressão, nem que elas se tornam *menos* importantes. Mas ainda assim, o momento presente é caracterizado por uma relação mais madura e tranquila com o vestuário, apesar de que as roupas *em si* não mudam muito desde que ele tinha 10 anos de idade. Ele se sente bonito e confortável com muito mais roupas, e esse sentimento é entendido como fruto da resolução da insegurança que sentia na adolescência sobre o seu próprio corpo.

Em certos aspectos, a narrativa de Matheus lembra a de Marina:

no [escola particular tradicional] eu lembro que... quando eu tava no sexto ano assim eu comecei a me importar maaaaais [com a aparência]. (...) duas coisas muito importantes aconteceram no [escola particular tradicional] nessa época. A primeira, era que lá, eu... a gente não podia usar *short*, né. (...) E aí a gente tinha que usar bermuda se a gente não quisesse ir de calça, tipo, no verão. E eu *sempre odiei* bermuda que vai até o joelho, sempre, sempre. Então tipo foi tipo muito difícil pra mim, ter que ir de bermuda sabe, porque eu me achava um menino, e eu tava passando por aquela fase super difícil do meu cabelo, que o cabeleireiro lá cortou *curtíssimo*, e tava super encaracolado agora... e eu tava começando a ficar com espinha, então foi uma fase difícil na minha vida, aquela (risos). (...) [E a segunda coisa importante que aconteceu nessa escola foi] que o meu peito começou a crescer, e... bem pouquinho, tipo, só aquele carocinho sabe. Mas que... tinha outras meninas que já tinham peito. **E o meu problema não era que o meu peito tava crescendo, não era essa vergonha que dava de aparecer, o meu problema era que eu não tinha peito naquela época, porque tinha meninas que já tinham. Então eu comecei a usar muito moletom, muito casaco, pra esconder.** E eu passei praticamente o sétimo ano *inteiro*, até no verão, usando casaco. E moletom. Foi horrível, todo mundo ficava pedindo pra tirar, e eu tinha que ficar fazendo desculpa, “ah não, não quero não quero”, mas na verdade era por causa do meu peito. E teve uma aula específica da... de Educação Física, (...) que a professora tava falando que tipo ah, porque ela sabe que nessa fase, começa a nascer peeeeeeito, e não sei quê, e... *sei lá*, ela tava fazendo um papo assim, sabe? Que as meninas não deviam sentir vergonha, e taaaals, mas daí quando ela falou do casaco ela olhou *exatamente* pra mim, sabe? (risos) Foi tipo, fiquei muito constrangida. (...) Mas no [escola particular tradicional] também, começando a ficar um pouquinho mais velha, eu comecei a me importar mais com a minha aparência. E eu tava passando por aquela fase *bem* foda de espinha. **E... mas tipo... eu me importava... mas ao mesmo tempo eu não me importava taaaanto... porque... eu simplesmente me achava meio feia sabe? Sabe quando você se acha feia que você tipo nem liga mais?** (risos) Era tipo meio assim. Eu fazia o que eu podia... eu já usava maquiagem, eu comecei a usar maquiagem no sétimo ano (...). Mas era tipo isso, sabe. Mas é... tipo eu lembro muito do sétimo ano assim, (...) tipo... *roupa* não era uma parte da minha vida sabe, uma coisa que eu passava tempo pensando. (...) *Aí*, no primeiro ano do ensino médio, eu tive a minha transformação, né? Que eu alisei meu cabelo... eu tirei o aparelho... e eu tinha tomado Roacutan, tava sem espinha. **Aí eu acho que foi a partir desse momento mais, que eu comecei tipo a gostar da minha aparência, e aí tipo realmente me importar com isso, sabe? Querendo encontrar um estilo próprio**, alguma coisa assim. (Marina)

Marina, assim como Matheus, fala de um “sentimento duplo”: por um lado, ela se sentia muito insegura sobre sua aparência e se importava muito com isso, mas por outro lado, as roupas acabavam não sendo muito relevantes para ela justamente pela crença de que era feia demais para que sua aparência pudesse ser valorizada ou melhorada através do vestuário. Mas se Matheus acredita que suas roupas não mudaram, mesmo depois de ter começado a gostar do

próprio corpo, e que o fato de não sentir vontade de se expressar através das roupas é uma herança da maneira como se relacionava com elas até a adolescência, Marina acredita que é a partir do momento em que começa a gostar de seu próprio corpo que ela começa a dar uma importância maior às roupas.

Nos exemplos que observamos até agora, vimos que a adolescência é narrada como um período marcado pela insegurança e pelo conflito, o que condiciona a forma como os jovens se relacionam com suas roupas, seu corpo e sua imagem. Mas que tipo de inseguranças são essas, é algo que varia entre as narrativas. Nesse subcapítulo, abordamos de maneira mais aprofundada a insegurança sobre o próprio corpo e as formas de se relacionar com as roupas que são vistas como fruto dessa insegurança. Vimos que a vergonha sobre o corpo faz com que o vestir-se seja motivo para sofrimento e frustração. Isso pode fazer com que a pessoa queira vestir-se de forma apagada e de maneira a esconder seu corpo. Isso também pode fazer com que ela queira que os outros achem que ela não se importa com suas roupas, mas essa não é realmente aquela forma de se vestir internamente referida que é vista como sinal de maturidade, pois na verdade a pessoa se importa *sim* com a maneira como os outros a veem, e essa preocupação aparece sob a forma de vergonha e sofrimento. Por fim, aceitar o próprio corpo, começar a gostar dele e vestir qualquer roupa sem medo do que as outras pessoas vão pensar, são vistos como sinais de uma relação mais madura e tranquila com as roupas.

Se retomarmos os outros exemplos que têm sido tratados nesse capítulo, veremos que a vergonha sobre o próprio corpo é apenas uma, apesar de ser a mais recorrente, entre várias formas através das quais a insegurança se revela durante a adolescência. Lucas, por exemplo, interpreta sua insegurança principalmente em termos de classe, enxergando-a como fruto da mudança do ambiente de uma escola pública para o de uma escola particular, um novo “meio” que o “influenciou” a se importar mais com a sua aparência, nas suas próprias palavras. Daniel também se muda para uma escola de nível socioeconômico mais elevado, e comprar um tênis de marca é interpretado por ele como uma tentativa de se encaixar no grupo de “filhinhos de pai” do colégio. Mas quando ele fala sobre se sentir excluído, é principalmente em termos de gênero e sexualidade que ocorre essa exclusão, e não em termos de classe. Depois, no Ensino Médio, quando ele quer assumir a diferença e enfatizá-la através das roupas, a imagem de si que ele quer projetar não tem somente a ver com ser gay, mas também com ser militante e politizado. Já Alice interpreta sua insegurança como algo que tem a ver com o despertar da sexualidade e com a insatisfação com o próprio corpo, mas também fala da pressão que sentia para manter uma “identidade fixa de roupa” (o estereótipo de sapatão) como uma coisa da qual ela teve de se libertar. Nesse sentido, esse conflito lembra também o de Daniel, quando fala da

necessidade que sentia em “seguir um estilo específico”, e o de Guilherme, quando fala sobre se preocupar com o fato de que não se vestia de acordo com nenhuma “tribo”. Na narrativa de Gabriela, a insegurança é algo que tem a ver tanto com a insatisfação com o próprio corpo, quanto com a sua timidez.

Ou seja, os conflitos e inseguranças característicos da adolescência são sobretudo relativos a tentativas de estabelecer uma definição sobre si mesmo frente às outras pessoas, tanto em termos de classe, beleza, gênero, temperamento, orientação política, sexualidade, estilos de vida, raça, entre outros, e muitas vezes esses fatores não podem ser claramente separados uns dos outros. Frequentemente se sobrepondo, esses fatores compõem a imagem mais geral da adolescência como um período de conflito justamente porque acredita-se que é aí que as tentativas de autodefinição da pessoa frente às outras serão mais importantes e consequentes.

5.3. Expressar uma personalidade através das roupas

Como venho dizendo ao longo desse capítulo, o processo de amadurecimento que leva ao modo de vestir característico do momento presente é narrado de duas formas principais. Algumas páginas atrás, falamos sobre a representação segundo a qual amadurecer é um movimento ao longo do qual as roupas se tornam menos importantes enquanto meios de expressão, o que geralmente é acompanhado pela narrativa da descoberta de que a pessoa é “ela mesma” independente de suas roupas. Nesse subcapítulo, vamos falar sobre a narrativa sobre o amadurecimento como um processo ao longo do qual as roupas se tornam *mais* importantes enquanto meios de expressão. Vamos começar com o relato de Felipe:

depois desse momento de infância e começo da **adolescência eu acho que... algo que define muito a forma como eu me vestia, era a música que eu escutava**, então tipo (...), o gênero que eu estava escutando na época, definia muito como eu me vestia (...), então acho que ali, pro final do ensino fundamental, começo do ensino médio, foi uma parte muito de transição, assim, onde eu acho que... acho que principalmente o **elemento racial** assim eu acho que pegou bastante (...). Acho que foi o momento que eu comecei a parar de ouvir um pouco das coisas que eu escutava... na rua, principalmente, assim, que seria a coisa mais voltada pro pagode, e... coisas do gênero, e eu comecei a gostar um pouco mais de rock e... principalmente um rock nacional, e daí eu acho que a minha forma de vestir eu acho que dá uma mudada, assim. Acho que eu começo a me *preocupar* com o que eu tô me vestindo, e... e o que que essa forma de me vestir ela também fala sobre mim, assim. Então acho que foi onde eu realmente comecei a pensar que... **se vestir também é um ato político, se vestir também é uma forma de... de se expressar e de construir uma personalidade.**

Acho que também dentro desse momento que eu começo a perceber como... me vestir fala muito sobre mim, ou constrói sobre... as coisas que eu quero passar e tudo mais,

acho que também teve um... uma **resposta de autopreservação dentro de uma sociedade racista**, assim. Acho que... foi o momento onde eu... acho que **comecei a tomar consciência mais de... quais são os estereótipos de pessoas que são marginalizadas** e... sofrem de violências diversas, e eu comecei a... não sei se completamente consciente disso, mas hoje eu acho que teve um grande peso, então **eu começo a... me arrumar de uma forma com que eu não me arrumava antes**, assim. Então acho que as minhas roupas ficaram menos largas, eu acho que em determinado momento eu comecei a usar um pouco mais de camisa social e essas coisas assim que... me dava um conforto ou uma segurança de que... eu fosse menos visado andando na rua por estar tipo, bem-vestido dentro de várias aspas. E em **padrões bem embranquecidos**, assim, talvez. (...) Por mais que eu construí gostos e tudo mais, acho que esse foi um fator que... me despertou essa visão de... o poder de me arrumar, ou de me vestir, acho melhor falando assim.

trazendo mais pro presente, a música ainda continua influenciando *muito* da forma como eu me visto (...). Mas acho que eu... eu consigo construir um pouco melhor a forma com que eu me visto e como eu gosto de me vestir, assim. Então hoje já é algo que eu me preocupo, acho que é uma coisa que eu tenho um pouco mais de consciência dentro de... como eu quero me vestir e... como eu quero *estar* em determinados espaços, e... **uma coisa que me agrada e uma coisa que eu gosto de dedicar um certo tempo pensando nessas coisas**.

Então acho que mesmo todo esse processo assim, inicial de... de ver a forma de vestir como autopreservação, no meio desse caminho eu comecei... a gostar de me vestir, assim. Então acho que tem muita influência da minha irmã que... uma época da vida assim fez um curso de Moda, (...) então... **não necessariamente eu tipo... eu goste e consuma a ideia de moda, assim. Eu não sou muito ligado nessas coisas de tendências e tudo mais, mas ao mesmo tempo... eu gosto de... eu gosto de me vestir**, eu gosto de... de ver coisas que eu acho interessante e tentar replicar de alguma forma e tudo mais, então é um pouco... hoje é um pouco mais por mim mesmo, assim. E eu acho até que... **é uma forma de combate, assim, a essa ideia de racismo, porque eu acho que... é também uma forma de empoderamento**, assim, uma forma de me sentir bem consigo mesmo, e tudo mais, então acho que hoje... **hoje tem muito do elemento racial mas é muito mais um elemento... positivo pra mim**, assim, então é uma coisa que... me engrandece, de alguma forma. (Felipe)

Na narrativa de Felipe, uma maior atenção aos estilos musicais e às estéticas relacionadas a eles faz com que ele comece a prestar mais atenção ao significado das roupas, assim como no relato de Miguel, que vimos lá no começo desse trabalho. Mas junto com esse fato, entra em jogo também o “elemento racial”. Ao tornar-se mais consciente em relação aos estereótipos sobre as pessoas negras, ele passa a prestar muito mais atenção nas suas roupas e a se vestir de acordo com “padrões embranquecidos”. Amadurecer, nessa narrativa, é fazer da diferença um ponto positivo, uma fonte de empoderamento, é começar a se vestir “para si mesmo” e gostar de fazer isso. Ele gosta de pensar sobre o que veste porque considera que é algo que o engrandece, e que é inclusive uma forma de combate ao racismo.

Ou seja, aqui, o processo de amadurecimento também é uma passagem de um estilo externamente referido (padrões embranquecidos) para um internamente referido (se vestir “para si mesmo”), mas o tom já é bem diferente daquele usado nos relatos de Guilherme, Artur e Lucas. As roupas não se tornam *menos* importantes; elas continuam sendo muito importantes,

mas a sua importância agora tem caráter positivo; tem a ver com empoderamento, com posicionamento político, e não com insegurança e pressão social. Assim, o relato de Felipe se aproxima muito mais daquela narrativa segundo a qual o amadurecimento é uma evolução em direção a um estilo próprio, entendido como uma importante forma de expressão pessoal. Nisso, ele se aproxima bastante do relato de Fábio:

quando eu era menor, eu não usava as roupas como uma forma de me expressar, era mais... literalmente pra eu... ter algo pra vestir, assim (risos). (...) Aí conforme eu fui ficando mais velho, eu fui... escolhendo por eu tá **começando a desenvolver o meu senso estético**... Assim, eu escolhia pelo... pelo estilo, então eu parei de ver como “ah, é a minha cor favorita, meu personagem favorito” e eu comecei a ver como “ah, eu gosto desse estilo de roupa, então eu vou começar... a comprar esse estilo de roupa” (...). Então ali no final do Fundamental que eu comecei a me vestir de uma forma... comecei a *montar* o meu guarda-roupa de uma forma mais... pessoal (...). Eu comecei a escolher mais, ser mais criterioso nas coisas. Mas... ainda assim nada que fosse... tão intenso quanto hoje em dia. Aí conforme eu fui entrando no Ensino Médio, aí começou a mudar. **Eu comecei a usar as roupas como uma forma de me expressar**, então... tinha dias que eu tava um pouco mais pra baixo, e eu não usava coisas tão chamativas, ou tinha dias que eu tava a fim de ser... mais básico, e eu usava coisas mais básicas. **E aí depois que eu saí do Ensino Médio... que foi a mudança drástica assim da minha... da minha imagem, porque... tudo o que eu não fazia por alguma insegurança no colégio**, porque né, entrando em termos raciais, eu estudei num colégio em que eu só tinha uma amiga negra. Então eu meio que **pra me encaixar, eu... muitas vezes seguia padrões de roupa**, enfim... mas aí depois que eu saí do ensino médio e que eu entrei na faculdade, e tive muitos outros colegas que também são negros, eu comecei a *ver* todo mundo... um diferente do outro, ainda mais no Ceart, né. E... **eu comecei a ver que ali eu tava livre, no sentido de eu não ia ter ninguém me julgando**, eu não ia ter medo de nada... até porque (...) cada um na faculdade é uma pessoa individual, ninguém segue padrões assim, à risca, no caso. Então tudo o que eu tinha receio de fazer, eu me senti livre pra escolher, então eu... por exemplo, eu descobri que eu gostava muito de rosa, então eu comecei a usar rosa, eu comecei... eu queria usar brinco, mas eu não coloquei mais cedo não sei por quê. (...) hoje eu tenho dois brincos. Eu... deixei meu cabelo crescer... era difícil deixar meu cabelo crescer, eu geralmente raspava depois de um tempo. (...) eu comecei a comprar as coisas de uma forma assim: “o Fábio usaria isso”, e não muito assim “ai eu gosto dessa calça”. Porque o meu estilo é um pouco mais flamboyant. (...) **Então hoje eu uso... eu uso o que eu quero, assim porque... é uma forma de eu mostrar... de expressar que que eu tô sentindo, quem eu sou**... quem eu *não* sou mais, no caso, né. Então... é, hoje eu me sinto mais livre pra usar as coisas e não ligar pro que os outros tão pensando, ligar só pro que eu quero fazer, o que eu quero vestir, o que eu quero... como eu quero me portar hoje, como eu quero me portar amanhã... **Então desde o início, finalizando, desde o início da minha infância até agora, eu meio que me libertei de alguns estigmas... e eu abracei minha negritude**, e hoje eu sou... assim, né, eu recebo elogios pelo meu estilo, então eu meio que... é um **estilo autêntico**, no sentido de é autêntico pra mim, sabe. **A minha personalidade eu mostro por meio das minhas roupas** e das coisas que eu uso e... enfim.

E outro detalhe que eu também queria adicionar, é que hoje em dia eu não ponho gênero nas coisas. Eu só vejo o senso estético. Então... quando eu tava no colégio... por influência dos meus amigos, eu às vezes tinha uma cabeça um pouco mais fechada no sentido de o que é masculino, o que é feminino. Hoje eu só vejo como moda, como... roupas. Então eu... eu penso, se eu gostei, eu penso: eu usaria? **O critério não é se isso é moda masculina e isso é moda feminina, é mais assim: isso é meu estilo?** (...) Mas hoje eu... eu tenho a mente muito mais aberta pra moda, e isso me fez... mais feliz do que antes, sabe, hoje eu... eu tô mais tranquilo sobre isso do que antes.

E geralmente eu escolho coisas mais chamativas do que... do que antes, quando eu era mais novo. (...) E também coisas que... que são típicas na cultura black, assim. Ou seja, por exemplo eu tenho uma bota Timberland que eu comprei há muitos anos, tenho camisas da Black Panther, não o filme, o movimento, no caso. Tenho... eu uso roupas mais largas, eu... uso meu cabelo afro. Antes eu não gostava do meu cabelo, eu sempre raspava. Teve uma vez que eu não queria sair na rua porque eu tava com cabelo solto quando eu era menor. Hoje eu tô nem aí. Sabe, hoje eu... escuto músicas... que são clássicos assim, da música black. E é isso assim, eu abraçar minha negritude foi no sentido de... eu não ter vergonha de quem eu sou. Não muito assim: “ah eu era mais ou menos, hoje sou muito mais”. Não, era... eu comecei a aceitar minha individualidade, porque **quando eu era menor eu não tinha... eu tinha a minha individualidade, só que era forçada, assim, e eu me sentia um pouco excluído**. E hoje eu não ligo muito pra isso, porque né, quem... eu vou ser eu, vou me portar do jeito que eu quiser... porque eu me sinto bem assim, me sinto melhor do que antes... escolhendo usar o que eu quero porque eu gosto, porque... eu me vejo usando algo. Se eu quiser usar uma bota de plataforma eu vou usar, se eu quiser usar uma Melissa que é modelo feminino eu vou usar... É assim sabe. O meu lado feminino... tá equilibrado com o lado masculino, assim. E... os meus amigos de colégio, eles têm talvez uma personalidade mais pro lado tóxico, assim, que **eles são bem mais padraozinho do que eu... e eu não me adaptei a isso**, sabe? Eu não consegui ficar sempre... querendo me pagar de... hétero top e essas coisas. Eu sou eu. Se alguém, por exemplo... o jeito que... não sei se isso é relevante, né, mas o jeito que eu me visto, eu já recebi muito mais cantadas, e já... eu tive que educadamente recusar muitas pessoas homossexuais (...). E eu vejo isso como um elogio, até porque... as pessoas que tão no espectro LGBTQ+ se vestem muito bem, (...) eles se preocupam muito com a parte do senso estético, **eles têm muito mais influência no mundo da moda**, e eu vejo isso como um... **se eu tô chamando atenção desse público, no caso, eu tô fazendo algo correto, no sentido de... eu tô me portando de uma forma autêntica**. (Fábio)

Para Fábio, amadurecer foi encontrar um “estilo autêntico”, afirmar a negritude através das roupas, se libertar de estigmas relacionados tanto a gênero quanto a raça, e as roupas se tornam cada vez mais importantes como meios de expressão pessoal. Assim como Guilherme e Lucas, ele diz que não liga para a opinião dos outros, advogando por um estilo internamente referido, mas ao contrário deles, ele não considera o gosto pela moda e pelas roupas como algo *ruim*, pois ele o relaciona à quebra dos padrões e normas “tóxicas” às quais se apegam aqueles velhos colegas de escola que queriam “se pagar de hétero top”.

Agora, um adendo: se voltarmos ao relato de Felipe, veremos que embora ele compartilhe várias coisas em comum com o de Fábio, Felipe usa a palavra “moda” com outro sentido. É interessante como esse termo pode aparecer como algo negativo ou positivo dependendo dos elementos aos quais está relacionado. Felipe fala das roupas e da estética como fontes de empoderamento, e vê aí a influência da irmã que cursou Moda. Mas faz uma ressalva dizendo que não consome a “ideia de moda”, e que “não é muito ligado nas tendências”. Aí, ele evoca a ideia de moda no sentido da “ditadura da moda” e das tendências como algo que certas pessoas seguem porque é o que “está na moda”, e não porque realmente gostam - o que é uma forma de se relacionar com as roupas considerada censurável, como já vimos, porque remete a um estilo externamente referido. Já na fala de Fábio, ocorre justamente o contrário. “Moda”,

para ele, tem a ver com desafiar as normas e usar a estética como fonte de autenticidade, e por isso ele considera um elogio receber cantadas de pessoas LGBTQ+, que considera um público mais ligado à moda e à estética. A moda, portanto, é uma coisa *boa* quando serve para afirmar a individualidade e se reveste de teor político e transgressor.

Essa ambiguidade é considerada por Fred Davis (1992) como algo que faz parte do próprio fenômeno da moda. Se a moda é muitas vezes entendida como a imposição de padrões, ligar muito para ela é algo considerado “brega” até pelos próprios estilistas, como atesta a declaração de Calvin Klein de que “people who look like they’re too interested in fashion are not in tune with the times”⁴⁵ (DAVIS, 1992, p.161). A “antimoda” através da qual as contraculturas e os movimentos feminista, negro e LGBTQ+, entre outros, desafiam o *mainstream* e o *status quo* é muitas vezes tomada como fonte de inspiração pelos próprios estilistas. A moda e a antimoda são fenômenos que se desenvolvem em referência um ao outro, de forma que muitas vezes é difícil separá-los. Essa ambiguidade se traduz nas narrativas das pessoas que entrevistei, na medida em que a moda pode ser tanto algo *ruim*, quando tem a ver com padrões, homogeneização e um estilo externamente referido, quanto algo *bom*, quando tem a ver com transgressão, autenticidade e um estilo internamente referido.

Pensando na forma como Fábio e Felipe advogam pela importância das roupas enquanto meios de expressão, e a relacionam à estética enquanto meio de valorização da negritude e empoderamento, e comparando com as opiniões de Artur, Guilherme e Lucas, que advogam pela irrelevância relativa das roupas, poderíamos ainda nos perguntar: quem pode se dar ao luxo de negar a importância das roupas? Felipe diz que começou a prestar mais atenção no que vestia por medo de ser encaixado em estereótipos sobre pessoas negras, o que poderia até mesmo colocar sua vida em risco. Como dizer para alguém que corre riscos desse tipo se usar roupas muito largas, que o vestuário não importa?

Contudo, não podemos estabelecer uma relação determinista entre a experiência de marginalidade, que é vivenciada, por exemplo, por negros e gays, e a crença na importância das roupas enquanto meios de expressão. Por exemplo, Lucas, que é a pessoa que afirma de maneira mais explícita que não gosta de pensar muito sobre o que veste, se identifica como negro. Embora ele fale sobre se sentir excluído na escola onde estudava, de forma que podemos imaginar se isso não teria a ver com racismo em uma escola particular que poderíamos supor predominantemente branca, ele mesmo interpreta seu sentimento de exclusão em termos de classe, e não de raça. Na verdade, o tema da raça não aparece em nenhum momento na sua

⁴⁵ “As pessoas que parecem que estão muito interessadas em moda não estão em sintonia com os tempos [no sentido de “novos tempos”]” (DAVIS, 1992, p.161, tradução livre).

narrativa. O relato de Artur também é um dos mais incisivos na consideração sobre a superficialidade da maneira como os adolescentes se relacionam com as roupas, e apesar de se identificar como homossexual, em nenhum momento ele fala sobre querer afirmar sua orientação sexual através das roupas, como fazem Alice e Daniel. Assim, a relação entre diferentes experiências de gênero, orientação sexual e raça e o posicionamento em relação a essas duas narrativas principais sobre o amadurecimento não parece suportar uma relação determinística. Se quiséssemos investigar a relação entre marcadores sociais da diferença e perspectivas sobre a importância das roupas, nós precisaríamos, pelo menos, de um número bem maior de entrevistados.

Inclusive, a narrativa segundo a qual o amadurecimento equivale a um aumento da importância das roupas enquanto meios de expressão pode ser observada mesmo no relato de homens brancos e heterossexuais, como André:

a minha visão sobre roupa tem mudado bastante ultimamente, principalmente porque no passado... num passado presente, assim, as minhas únicas roupas eram... pretas (risos) e azul escuro, sabe, esses tons mais escuros. (...) E também tipo ah, sei lá, bermuda, camiseta **normal, sabe, algo bem padrão** assim, eu não saía muito disso. E... eu acho que eu fui começando a entender mais ultimamente, porque assim, eu faço Design Gráfico né, e... eu (...) gosto muito de fazer personagens, né, e o que que a gente leva em consideração na hora de você fazer o personagem, é que **tudo aquilo que o personagem vai... transmitir através da personalidade, a gente leva em conta nas características físicas dele, (...) principalmente na vestimenta** né, nas cores da vestimenta, no estilo que ele se veste, então eu fui começando a entender isso aos poucos. E também como eu faço Design, meio que *eu* sou a minha própria marca, né. Então... **e eu tava me vestindo de preto e de azul escuro, e isso não fazia nenhum sentido com a minha identidade**, sabe? Porque... eu não sei, quem me conhece fala que ah, eu sou uma pessoa mais pra cima? Não sei (risos). Talvez engraçada, não sei. (...) ou seja, eu tava me vestindo completamente... ao contrário da minha identidade, ou tava tipo, meio sem graça, e ultimamente eu venho tentando... sair disso, sabe? Sair dessa zona de conforto que eu tava por muito tempo. (...) eu gosto dessa ideia e tenho comprado mais roupas coloridas, e... e roupas que eu assim, *gosto* bastante, sabe? Não é qualquer roupa, assim, que “ah, vou comprar essa roupa aqui só pra ter mais roupa”.

Eu conversei com a minha professora, e ela... é professora de Desenho (...), e ela tava explicando que (...) eles [os londrinos com quem a professora entrou em contato ao fazer pós-graduação no Reino Unido] **não se preocupavam com (...) como que as pessoas iam julgar, sabe. Porque... eles se vestiam totalmente no estilo, na identidade deles**, e ela achava isso demais, sabe. E ela falou que... ela viu uma guria (...) falando que todas as roupas que ela usa, são as roupas favoritas dela, então... quando ela compra uma roupa, ela pensa “cara, eu quero que essa roupa seja a minha roupa favorita”. E... daí assim, todo dia quando ela acorda de manhã e ela coloca aquela roupa, ela fala “cara, tô indo hoje trabalhar com a minha roupa favorita”, sabe? Meio que isso tem um impacto. E quando essa minha professora falou isso pra mim, eu fiquei cara, isso é muito bom né. **Porque tipo eu tenho várias roupas ali que simplesmente... tipo é tanto faz, sabe?** É só uma roupa escura qualquer (risos), e que também talvez **não representa a minha identidade, ou o que eu quero expressar**, sabe? E daí eu comecei a refletir mais sobre isso e... quero começar a exercer mais isso, sabe? É... tratar a roupa como algo mais... tipo, também sair desse lado consumista. **Eu nunca fui tão consumista**, na verdade. Mas... quando eu comprar roupas, lembrar

disso, né? Será que essa roupa vai ser minha favorita? Será que quando eu usar ela eu vou me sentir bem?

É que assim, no meu passado, (...) eu não tinha muita opinião sobre roupas (...). É que eu nunca vi como algo totalmente relevante, sabe? E... hoje em dia eu já vejo como algo... (...) a **forma como eu me vestir expressar o que eu tô sentindo, ou expressar quem eu sou**, então... que as pessoas tenham uma primeira impressão de mim de acordo com o que eu me visto, **não sei se isso não soa tão errado** (risos). É basicamente isso que eu procuro hoje, assim, sabe? Que **antes realmente eu achava meio fútil**, pra falar a verdade. Antes eu ficava meio ah, tanta gente aí morrendo de fome e tudo mais, e eu vou querer me preocupar com a roupa que eu visto? Eu pensava assim, antigamente, mas eu vejo que (...) tem a sua importância, sabe? Que **não é uma questão de futilidade ou não, mas talvez de você se expressar**. É uma forma de expressão, assim como há tantas outras formas de expressão. (André)

André também fala de um processo de amadurecimento que é uma evolução em direção a um estilo próprio, uma tentativa autoconsciente de fazer com que suas roupas expressem a sua “identidade”. Ele defende o valor da roupa como forma de expressão, e compartilha da admiração de sua professora em relação aos londrinos, que se vestem completamente de acordo com o “estilo” e a “identidade” deles, sem se preocupar se serão julgados pelas outras pessoas. Ele fala que está tentando prestar mais atenção às suas roupas e fazer com que cada peça seja sua preferida, ou seja, algo que o faça se sentir bem e que tenha “tudo a ver” com quem ele é.

Mas ao mesmo tempo, André sente necessidade de se defender de opiniões como as de Guilherme, Artur e Lucas, que consideram a preocupação com as roupas como algo fútil e consumista. Isso demonstra que a representação sobre as roupas como um meio importante de expressão do “eu” e a representação sobre as roupas como coisas que são (ou deveriam ser) irrelevantes porque *não* expressam verdadeiramente o “eu” circulam nos mesmos espaços, de forma que a mesma pessoa pode compartilhar de ambas as opiniões, o que muitas vezes exige tentativas de negociar o próprio posicionamento e justificar suas vontades, pensamentos e ações não somente para as outras pessoas, mas também para si mesma.

Nesse subcapítulo, vimos que o amadurecimento pode ser representado como um processo ao longo do qual as roupas se tornam mais importantes enquanto meios de expressão pessoal. Nós já observamos que o modo de vestir é frequentemente relacionado aos temas do estilo, da identidade e da personalidade. As pessoas falam tanto em “construir” um estilo e uma personalidade, quanto em “descobrir” um estilo e uma personalidade. Isso é muito interessante, pois revela a perspectiva de que o “eu” e a forma de vestir são coisas que uma pessoa simultaneamente desenvolve e descobre ao longo da vida. A jornada de construção de uma personalidade é ao mesmo tempo a jornada de descoberta de quem é aquela pessoa, e a forma de vestir (o estilo) é algo que faz parte tanto da construção quanto da descoberta. Descobrir o

seu gosto e o seu estilo e manifestá-lo através da escolha de roupas independente da opinião das outras pessoas é, desse ponto de vista, um sinal de maturidade e autoconhecimento:

aí, meio que eu comecei a criar o meu estilo, sabe? Ali no cursinho. Tipo eu lembro que **eu me arrumava muito pra mim**, porque tipo... pô, tu vai no cursinho estudar, sabe? **Tu não vai se arrumar pros outros**, sabe? Tipo tu nem *encontrava* outras pessoas, tipo era eu e eu mesma ali, sabe? Naquele modulozinho de estudo. Então tipo, eu comecei a realmente acho que me arrumar pra mim, sabe? Meio que conhecer o meu estilo, que é o de hoje em dia, né. (...) eu acho que **hoje em dia tipo a minha roupa é muito, tipo uma forma de quem eu sou**, sabe? É muito... tipo eu olho pro meu armário, assim, e cara, as peças que tem aqui são peças tipo que eu uso, sabe? (...) E eu... eu fico muito feliz com isso, tipo... porque **eu meio que entendi que meu estilo é uma forma de expressão**, sabe? E tipo, se eu gosto de usar tal estilo, **é o meu estilo e pronto**, sabe? (...) Eu gosto de usar cores mais neutras, tipo... não sei, acho que é uma coisa que **combina um pouco com a minha personalidade**, meu gosto... estético, mesmo, né? Tipo... enfim, é uma coisa muito pessoal. E... acho que é isso. **Mas acho que a maior evolução foi tipo meio que... ainda é, né, evolução de tipo eu mesma gostar do que eu visto**, sabe? Tipo os outros... sei lá, sabe? Cara, se eu não me sinto bem, sei lá, de moletom, eu não preciso usar moletom na rua, sabe? Tipo, alguma coisa assim, de meio que aceitar o meu estilo como ele é, sabe? Tipo às vezes se eu coloco uma roupa que tipo não é muito o meu estilo, *eu* não me sinto bem comigo mesma, sabe? **Eu me olho no espelho e... sei lá, parece só que não sou eu**, sabe? E... enfim, cada um tem o seu estilo, né? (Luísa)

Deixa eu pensar agora, em relação a hoje em dia... eu gosto muito bastante de qualquer expressão estética, né? (...) Inclusive né, pra mim, a moda é uma forma de arte, né, **a roupa é uma forma de expressão pessoal muito importante. Então eu penso bastante, hoje em dia, nas coisas que eu uso e... na mensagem talvez que eu passe com isso.** (...) Eu não tenho esse problema que algumas pessoas têm, né, que tem *vergonha* de usar certas coisas, porque acha que vai chamar atenção. Tipo, **eu sou aquela pessoa que se eu achei bonito, eu vou usar, entendeu, se chamar atenção, eu tô nem aí**, entendeu, contanto que eu esteja me sentido bem comigo mesma, entendeu? Eu sou assim. (...) Eu falei que eu não gosto muito de roupas assim românticas e tals, porque... porque eu não acho que eu sou muito assim, sabe? **Eu acho que eu tento me vestir meio que... de acordo com aquilo que eu entendo quem eu sou**, sabe? E... normalmente eu ligo, né, tipo assim, é uma coisa meio da nossa... acho que a gente foi ensinado também a isso (risos), mas eu ligo a roupa romãaaantica e tals, com uma pessoa mais assim: fofa, né, que gosta dessas coisas. Eu não sou assim. Sabe, eu sou... essa pessoa meio assim: escrachada, eu sou... informal, eu gosto de coisas divertidas, **então eu gosto de botar minhas roupas junto com essas coisas que eu acho que me definem melhor**, sabe. (...) Outras coisas que eu não gosto também, são... uma roupa mais formal, sabe assim? (...) Não curto muito porque eu me acho uma pessoa muito informal, sabe? Muito informal, tanto que pra ir pra festa, por exemplo, festa de casamento, 15 anos, pra mim assim é uma luta, porque... eu normalmente não gosto dos vestidos, das roupas, né, que tem de festa e tals, porque eu me sinto estranha nelas. **Parece que eu não tô sendo eu**, sabe? (...) **E a maior razão pela qual eu não uso essas coisas é porque eu não me identifico.** Eu me sinto estranha assim, usando, porque eu não sou, né, eu não sou uma pessoa formal, nem muito chique, assim. (Maitê)

Quando essas pessoas recorrem a expressões do tipo “expressar a personalidade através das roupas”, “expressar a identidade”, “expressar o ‘eu’” etc., não se trata “apenas” de vocabulário ou de fórmulas batidas e esvaziadas de sentido. Essa maneira de falar sobre as roupas expressam noções compartilhadas de pessoa e concepções sobre as relações possíveis

entre pessoa e roupa. Porém, devo mencionar, ainda, que embora eles utilizem regularmente essas expressões nas suas narrativas, eles acham muito mais difícil falar sobre *que personalidade é essa* que eles querem expressar, ou *o que* exatamente eles querem passar através das roupas. Nas poucas vezes que perguntei a alguém o que ele queria passar através das roupas, a reação é de confusão e a explicação costuma dar a volta em si mesma, como nesses trechos do relato de André:

(...) verde é a minha cor favorita. Depende da estação (risos), que eu mudo assim de tons de verde. (...) Então, (risos) olha, eu não sei, eu não sei, **eu compro porque eu acho bom, assim, não sei explicar se eu fico pensando assim “ah o que eu quero passar com isso”, exatamente**, tipo... sabe? Mas eu fico pensando “vou me sentir bem com isso, eu acho”, sabe? Não é tipo ah... *É* um pouco dos dois, na real. Eu quero *passar...* é, que as pessoas vejam... “cara, esse verde é legal”, mas *eu* quero me sentir bem, tipo cara eu tô com uma blusa que é exatamente a cor que eu tô mais gostando agora, nesse momento. Entende? Então é basicamente isso. E daí... *nisso* traz a minha personalidade, entendeu? Porque eu amo verde, e... quero que as pessoas saibam que eu gosto de verde, entendeu?

Ahn... **o que eu queria expressar através das roupas? É basicamente eu**, assim sabe. Como eu falei, ah, que eu gosto de verde (risos), que... eu não sei minha *personalidade* (tom de brincadeira). É que é meio estranho me descrever, entendeu? Talvez tu já me conheceu um pouco pelos áudios, eu sou todo atrapalhado (risos), e... Não sei, é que eu gosto... eu sou assim... eu gosto de *rir* (risos). Tá, é... gosto de sei lá, sou uma pessoa bem aberta, assim, sabe? Pras pessoas, pessoas novas, assim sabe, gosto de *conhecer* pessoas novas, gosto de fazer amizade, é... então, quero passar isso, talvez. Não sei, nunca cheguei a pensar profundamente. Sempre falo isso... “sempre falo isso” não, né, sempre fico refletindo sobre isso, sobre as minhas roupas, mas nunca fiquei refletindo realmente o que que eu quero *passar* com as minhas roupas. É... acho que eu quero passar quem eu *sou*. **E talvez... eu não saiba explicar, mas as minhas roupas expressam isso por mim, entendeu?** Tipo eu não tenho as palavras corretas, pra falar tipo ah da minha personalidade, tipo “porque eu sou isso e aquilo”, mas as roupas fazem esse papel. Entendeu? Talvez seja algo na semiótica ou algo subjetivo que eu não tenho como explicar... talvez um terceiro ou tu ou outra pessoa, que vê de fora possa explicar, tipo possa definir minha personalidade através das roupas, mas pra *mim*, é um pouco difícil falar isso, porque eu tô *dentro*, sabe? Eu sou *eu mesmo* (risos). Talvez eu não consigo me olhar assim de fora e observar. Mas eu tenho essa ciência, sabe? Cara, eu dei um nó aqui, mas eu acho que tu entendeu, né? (risos) A essência. (André)

É interessante, porque como já discutimos, André foi justamente uma das pessoas cuja narrativa mais recorreu à ideia das roupas como meio de expressão de personalidade, e como um meio de realmente *passar* algo às outras pessoas; mas ele acha muito difícil explicar o que é esse “algo”, e que aspecto sobre ele mesmo ele gostaria de passar exatamente.

Se voltarmos ao relato de Fábio, outra pessoa que diz explicitamente que usa as roupas como meio de expressão da personalidade, poderíamos ficar confusos quando ele diz, mais para o final da sua narrativa, o seguinte:

Uma outra coisa que eu esqueci de inteirar ali nos meus áudios, é que **a minha personalidade ela... é o oposto do meu estilo**. Porque eu sou uma pessoa muito mais

fechada e na minha, eu sou mais introvertido, do que... a maioria dos meus amigos. Tanto que eu tenho uma fama de parecer que eu tô bravo o tempo inteiro. Eu tô sempre quieto... enfim, mas o jeito que eu me visto é o oposto, sabe. Então tem esse contraste que quando eu era menor, eu realmente... me vestia da mesma forma que eu me sentia, assim. Eu... eu parecia que eu era uma pessoa introvertida, sabe, e hoje não. Se eu... sei lá, tiver num dia bom, no sentido de que eu tô rindo, tô feliz e tudo mais, eu vou parecer que eu sou uma pessoa extrovertida porque o jeito que eu tô me portando é o mesmo que... eu tô me vestindo assim, com cores vivas e tudo mais. Só que nos dias que eu tô... mais pra baixo, é um contraste. (Fábio)

Como é possível que ele entenda que as roupas *expressam* sua personalidade, mas que elas são ao mesmo tempo o *oposto* da sua personalidade? E como é possível que André fale tanto sobre as roupas como meios de expressão, mas ache tão difícil pôr em palavras o que exatamente ele quer expressar? É porque as pessoas têm uma *adesão prática* a essas representações sobre a relação entre pessoa e roupa, que não passa necessariamente por uma relação intelectualizada. Dizer que as roupas expressam a personalidade, mas que elas são ao mesmo tempo o oposto dessa personalidade, pode não ser “racional”, mas é sim razoável, porque “faz sentido” (BOURDIEU, 2013). Vestir uma roupa e sentir que ela expressa perfeitamente o seu “eu” não envolve necessariamente uma reflexividade intelectualizada, mas um engajamento prático e afetivo com a roupa, que vamos discutir mais a fundo no subcapítulo sobre as “Roupas que nos fazem sentir bem”. Por isso, frente a uma pergunta que é um chamado à reflexão que não necessariamente ocorreu antes da situação da entrevista, colocar esse engajamento em palavras pode ser bastante difícil.

Resumindo o ponto central desse capítulo, podemos afirmar que enquanto a adolescência é representada como um período de inseguranças e conflitos, que fazem com que a pessoa se importe muito com a opinião dos outros sobre suas roupas, seu corpo e sua aparência, o processo de amadurecimento que leva ao momento presente pode ser representado tanto como um processo em que as roupas vão *perdendo* a importância enquanto meios de expressão, quanto como um processo onde as roupas vão *ganhando* importância enquanto meios de expressão, e nessa última perspectiva amadurecer é uma evolução em direção a um estilo próprio. Esses dois tipos de narrativa, embora pareçam incoerentes no nível teórico, podem ser mobilizados de maneira conjunta na prática, e ambos compartilham a representação do amadurecimento como a passagem de um estilo externamente referido para um internamente referido, onde “não se importar com a opinião dos outros” e “ser fiel a si mesmo” são sempre os ideais mais valorizados.

Se costurarmos o que abordamos nesse capítulo com o que discutimos em relação às narrativas sobre a infância e a ruptura, veremos que a infância é um período de ausência de poder de escolha e passividade frente às roupas selecionadas pelos pais; a ruptura é o momento

a partir do qual a pessoa passa a fazer suas próprias escolhas, o que exige um retorno reflexivo sobre as roupas e o que elas significam sobre a pessoa vestida; a adolescência é o período onde a busca por estabelecer uma autodefinição é central, o que desperta ansiedade em relação a uma série de fatores; e o amadurecimento é entendido como um processo de autoconhecimento que leva a uma autodefinição mais estável, confiante e tranquila. Em relação às roupas, a adolescência é um período tenso pois envolve (pelo menos no nível da narrativa dos entrevistados) uma tomada de consciência sobre as roupas enquanto signos em um sistema de classificação em meio ao qual é inevitável que a pessoa se posicione, ao passo que o momento presente é encarado com maior tranquilidade pois a pessoa já se sentiria mais segura sobre seu posicionamento. Isso é bastante notável na fala de Vinícius:

Eu tenho lembranças de quando eu era bem pequeno, que minha mãe que... não vou dizer que as lembranças são de ela me arrumando pra sair, assim. Sempre é uma boa lembrança que ela comprava as roupas que eu ia usar, isso sim. Então gradativamente eu ia... cada vez mais *opinando* no que eu queria, digamos assim, mas desde aquela época, pelo menos as lembranças que eu tinha eram roupas já... assim, que eu gostava, mas não era o... o que eu realmente queria, o ideal que eu queria né. Porque... pelas minhas lembranças, geralmente **eram roupas meio infantis, assim, e eu sempre queria roupas tipo mais de adulto, pra... me sentir sei lá, mais... mais velho**, digamos. Então isso... putz, imagino que foi ali pelos... 8, 10 anos, eu acho. (...) É... daí depois eu lembro ali pelos... 14, já, eu comecei a entrar numa... numa vibe muito de... **roupa de praia, assim, de surfe**. Eu sou de Blumenau né, então... querendo ou não eu **nunca surfei**, naquela época, mas eu gostava muito, do esporte e toda a... **tudo o que tinha em torno do esporte** né, essa vibe do esporte do surfe. Então... eu queria, eu entrei muito nesse estilo meio “maneiro” digamos assim (...) E até camisa, às vezes, social também, de marcas de surfe. Então fui muito nessa pegada assim, mas acho que tinha o mesmo intuito... do “eu” mais novo lá, de... de **parecer mais velho, porque eu olhava aqueles surfistas... profissionais, e queria ser alguma coisa parecida com eles**. Isso lá pelos 15 anos. Depois, acho que a outra fase seria quando eu fui pra faculdade... aí as roupas já tavam meio mescladas entre essas roupas meio de surfe, que predominantemente eu usava mais no verão, e... umas **roupas mais... sérias**, assim, que eu usava às vezes pra... pra algum estágio, ou algum evento um pouco mais social. “Sérias” que eu digo... eram roupas mais neutras, assim, sabe, mais... padrão, assim: cinza, preto, branco, sem tanta estampa. É... ao longo do tempo, depois dessa fase, eu vi que **foi formando meio que o meu estilo. Que daí eu digo “o meu estilo” porque eu não visava mais comprar as roupas pra me parecer com alguém especificamente, mas mais porque eu gostava de... de já estar formando uma certa personalidade, não de parecer mais velho**. (...) Então acho que eu tô meio que nessa fase... mais minimalista, predominantemente com roupas que eu consigo combinar facilmente, que eu consigo usar em várias ocasiões, e com algumas peças mais chaves, com mais estampa, mais cor, pra dar mais personalidade. (...) Eu vejo que... provavelmente... esse estilo deve se manter, porque eu não... **não tenho mais essas escolhas... como eu te falei, pra me tornar alguém sei lá, mais velho ou mais sério, é mais porque eu gosto**, eu vejo que encaixa muito bem com a minha vida, meu estilo de vida né. (...) eu acho que **hoje eu tô naquela fase que desde criancinha eu queria chegar, de realmente parecer mais velho**. Acho que hoje eu tô nesse momento (risos), querendo ou não, sabe. (...) Eu acho que hoje, como eu te falei, que eu doe todas essas roupas velhas e que eu não gostava mais, (...) eu escolhi realmente o que eu gosto, o que eu me sinto bem, então... **eu me sinto bem completo, em termos de guarda-roupa**, sabe.

Se durante a adolescência, ele olhava para os surfistas e queria ser “alguma coisa parecida com eles”, e se vestia para parecer mais velho, hoje ele finalmente chegou naquele momento que desejava desde a infância. Ele já desenvolveu uma “personalidade” e um “estilo”, e por isso não precisa se vestir para se parecer com alguém ou para parecer mais velho. Ele se veste com o que gosta, e acha inclusive que o seu estilo não vai mudar: ele se sente “completo” em termos de guarda-roupa. Enquanto a adolescência é marcada por tentativas de autodefinição, é como se o amadurecimento levasse a um estado de coisas onde a autodefinição já está *completa*.

5.4. Ter ou não ter um estilo

Um ponto interessante a partir do qual podemos observar certos aspectos das narrativas sobre as relações mantidas com as roupas na adolescência e no momento presente é o tema do “estilo”. Já foi observado anteriormente que o significado desse termo é bastante complexo. Em sua pesquisa sobre o campo da moda, Alexandre Bergamo (2007, p.82) observa que o “estilo” pode ser utilizado “como sinônimo de estilo de vida, cuja ênfase está na indissociação entre um indivíduo e uma dada posição na estrutura social”. Nesse sentido, o “estilo” remete à possibilidade e à disposição a realizar certos consumos e circular em certos espaços, o que demarca a fronteira simbólica entre os grupos e permite que o indivíduo seja identificado como parte de um deles. O “estilo” seria, portanto, sinal de distinção *social*.

Por outro lado, o “estilo” também pode ser usado como sinal de distinção *pessoal*. Nesse sentido ele não expressa a filiação simbólica a um certo grupo, mas enfatiza “traços de personalidade ou qualidades de caráter individual: sensualidade, coragem, rebeldia, masculinidade, feminilidade, força, romantismo, ingenuidade, timidez, beleza etc.” (BERGAMO, 2007, p.133). Aí ele não é sinônimo de estilo de vida, mas, sim, de uma marca pessoal que singulariza a pessoa.

O significado do termo “estilo” depende, assim, do contexto e de quem fala, e revela a forma como “o indivíduo pensa a si próprio e sua inserção no tecido social” (BERGAMO, 2004, p.109). Nas entrevistas que realizei, também observei essa flexibilidade do sentido do termo, ao abarcar tanto um sinal de distinção social quanto de distinção pessoal. A mesma pessoa pode usar “estilo” nos dois sentidos, para se referir a maneiras de se relacionar com as roupas que seriam características de momentos diferentes de sua história de vida. Nesse subcapítulo, vamos ver como isso ocorre.

Como já discutimos no início desse trabalho, a ruptura com a infância é muitas vezes

entendida como o momento a partir do qual as roupas começam a ser escolhidas pelo estilo:

As primeiras roupas que eu comecei a gostar, foram... baseadas em filmes... de super-heróis, basicamente. (...) **E eram tipo roupas avulsas, não era como se fosse um estilo**, assim, sabe? Foi só quando eu tava tipo na sétima série que eu acho que eu devia ter o quê, uns treze anos (...) que eu comecei a tipo... a **querer tipo ter um guarda-roupa assim que fizesse sentido**, sabe? (Tomás)

quando eu era menor, eu não usava as roupas como uma forma de me expressar, era mais... literalmente pra eu... ter algo pra vestir, assim (risos). (...) Aí conforme eu fui ficando mais velho, eu fui... escolhendo por eu tá começando a desenvolver o meu senso estético... Assim, **eu escolhia pelo... pelo estilo**, então eu parei de ver como “ah, é a minha cor favorita, meu personagem favorito” e eu comecei a ver como “ah, eu gosto desse estilo de roupa, então eu vou começar... a comprar esse estilo de roupa” (...). Então ali no final do fundamental que eu comecei a me vestir de uma forma... comecei a *montar* o meu guarda-roupa de uma forma mais... pessoal (...). Eu comecei a escolher mais, ser mais criterioso nas coisas. (Fábio)

Assim, a primeira coisa que podemos notar sobre o uso do termo “estilo” é que ele denota uma maneira coerente de se vestir, que faz sentido e que tem um certo princípio ou critério - seja ele qual for. Agora vejamos essas falas:

em relação ao estilo, eu não me vejo assim com um único estilo, eu acho que varia muito do dia, da ocasião. Tipo às vezes eu quero sair com uma jaqueta de couro... aí outro dia que quero colocar um vestidinho, não sei explicar. Mas eu acho que **um estilo assim, que eu possa falar sei lá, sou estilo rockeirinha, sou estilo romântica, sou estilo boho, acho que eu não tenho um estilo único**. (Gabriela)

Eu lembro que [quando era adolescente] eu me baseava bastante naquela revista (risos) Capricho, tinha Atrevida, né? Atrevidinha, e a Capricho. **E eu me considerava um estilo romântico**, então... eu tentava fazer meus looks... baseados nesse estilo (...).[Comparando com o momento presente:] Então eu diria que eu sou bem... sou bem eclética, **eu não tenho um estilo definido**, hoje em dia, depende muito da ocasião, do humor, do... de tudo. Mas eu me considero uma pessoa assim, pra roupa né, **com um certo estilo**. Porque... eu não gosto de sair muito... comunzona. (Rafaela)

Ah e de uns tempos pra cá, eu descobri... a alma hippie que há em mim (tom de brincadeira, risos). Comecei a usar umas coisas tipo saias compridas, assim... umas coisas mais hippies... *mas*, ao mesmo tempo eu... **não acho que eu tenho um estilo definido**, sabe? Acho que depende muito do dia. Algumas pessoas já disseram pra mim que eu tenho um **estilo próprio**, assim, eu gosto muito de misturar estampa, por exemplo... eu gosto de usar roupa mais... homenzinho bem entre aspas (risos). (...) Quando eu digo que eu não tenho um estilo específico, é o **estereótipo de estilo**, tipo ah, emo. Hippie. Rockeira. Entendeu? O meu estilo é específico *meu*. É misturado. Então, **eu não gostaria de ter um estilo desse estilo (risos). Eu gosto de ter o meu próprio estilo**. Apesar de que muita gente acha que eu me visto de uma forma esquisita, muitas vezes. Não aprova o jeito que eu me visto. Mas eu prefiro ser assim do que ser... tipo ah, se veste como rockeira, se veste como hippie, **eu gosto de ser original**, digamos assim. (Larissa)

Gabriela, Rafaela e Larissa, quando dizem que não têm um “estilo definido”, não estão dizendo que não há critérios ou princípios que orientem suas escolhas - pelo contrário, elas

continuam seus relatos falando sobre o que gostam e o que não gostam e são bastante específicas sobre isso. Não ter um estilo definido, nessas falas, significa não ter um estilo *estereotipado*, como fala Larissa, como um “estilo romântico”, “emo” ou “rockeira”, que já vêm “prontos” e não deixam espaço para a ação individual. Fica mais claro na fala de Larissa que ter um estilo no sentido de um “estereótipo de estilo” é uma maneira censurável de se relacionar com as roupas, pois se opõe à originalidade. Isso também lembra o comentário de Guilherme:

daí eu comecei a me preocupar assim, porque eu... **eu não me vestia de acordo com nenhuma tribo**, digamos assim, tem aqueles estereótipos na sala: os emos se vestem de certo jeito... os (risos) sei lá, as patricinhas se vestem de certo jeito, os fãs de música country se vestem de certo jeito. Eu percebi que tipo... a minha roupa não *expressava* muito o que eu era. Só que daí eu percebi que acho que... sei lá, acho que não é uma filosofia legal de se viver, acho que é **uma coisa meio consumista** isso, ficar achando que eu tenho que expressar através das roupas que eu consumo, sabe. (...) **Acho que eu diria que eu não quero (risos) que as pessoas pensem que... que acho que eu tô me vestindo só pra talvez me encaixar em certo papel.** E claro que nem sempre eu consigo, né. Acho que às vezes eu cedo a pressões (risos) de padrões de sociedade, mas... de preferência eu queria que eu não passasse essa ideia. De que eu tô me vestindo pra agradar alguém, sabe? (Guilherme)

Ter um estilo estereotipado é algo ruim pois equivale a se vestir para se encaixar em um papel ou rótulo. Por isso, muitas narrativas sobre o amadurecimento falam de uma passagem de um “estilo definido” ou “estereotipado” para um “estilo próprio”, como a de Daniel:

Eu fui me conhecendo mais a ponto de eu me vestir, não melhor, mas me vestir mais de acordo com... é... um estilo próprio, que eu teria. Sabe. Não que quando eu era mais jovem eu não tivesse um estilo próprio, sabe? Só que é como se as coisas a cada ano fossem fazendo mais sentido, sabe? **Eu fui percebendo que eu não precisava seguir um estilo específico**, tipo “ah agora eu vou usar roupas coloridas porque, ai, é o que tá na moda, é Restart”, “ah, agora vou usar roupas pretas, porque...”, não, hoje em dia (...) **eu penso mais no conceito de moda, e de tendências que existem na moda, não como um estilo que você vai seguir (...). Mas sim, algo que você vai se inspirar... pra fazer tua própria, teu próprio processo criativo** de como você quer se vestir, sabe. (Daniel)

Isso também lembra a narrativa de Alice, quando ela fala sobre estar “desconstruindo o estereótipo sapatão” e sobre perceber que não precisava “seguir uma identidade fixa de roupa”, pois ela é “ela mesma independente de suas roupas”.

O “estilo” usado nesse sentido, como um estilo *definido, específico* ou *estereotipado*, é um modo de vestir que associa a pessoa a um certo grupo ou uma “tribo”, como diz Guilherme. Esse uso remete, portanto, ao estilo como sinal de distinção social, nos termos de Bergamo (2007), mas ele adquire, nessas narrativas, uma conotação pejorativa. A razão para isso é que os entrevistados compartilham a valorização de um modo de vestir internamente referido, que

rejeita o laço social e busca afirmar a individualidade e a autonomia da pessoa.

Por isso, o “estilo” só pode significar algo bom quando é entendido como expressão dessa individualidade e, portanto, como um modo de vestir internamente referido. Esse é o segundo sentido possível para o termo, e lembra bastante o que fala Bergamo (2007) sobre o estilo como sinal de distinção pessoal. É essa flexibilidade do sentido do termo que permite a Rafaela dizer que não tem um estilo definido, mas que se considera uma pessoa “com um certo estilo”, e a Larissa dizer que, apesar de não ter um estilo definido, ela tem “o seu próprio estilo”. Ao contrário do estilo estereotipado, o “estilo legítimo”, “autêntico”, “original” ou “próprio” é muito valorizado, justamente como sinal de maturidade, autonomia e autoconhecimento. Tanto que, se a pessoa não tem certeza sobre ter conseguido desenvolver um estilo próprio, ela pode entender isso como um mal sinal, como podemos perceber através dessa passagem do relato de Marina:

Mas uma sensação que eu sempre tive, (...) é que eu **não tenho um estilo**, sabe? (...) tudo bem que o estilo das pessoas muda... com o passar do tempo... e tem fases, assim... mas é que **eu nunca achei que as minhas fases são duradouras o bastante pra falar que esse é o meu estilo**, sabe? É... tipo a minha *irmã* pra mim ela tem claramente um estilo, (...) a Clarice teve *fases*... mas tipo cê sempre sabe, tipo é um estilo muito específico, por exemplo, da Clarice. (...) sei lá, tem tipo características *fortes*, sabe, que dá pra identificar um estilo. Pra mim... eu nunca achei que eu realmente tinha um, sabe? (...) E até hoje assim, tipo... eu não sei, não sei se eu tenho um estilo, sempre foi uma coisa meio assim pra mim.

[Eu perguntei se não ter um estilo incomoda ela] essa pergunta é difícil, mas... é... eu acho que... eu acho que passou a me incomodar... quando eu tava tipo no... sei lá, no terceiro assim. Porque... acho que essa fase de Ensino Médio assim **as pessoas começam a... a achar a própria identidade e o estilo**, tudo bem que muda depois na faculdade, mas é nesse momento, sabe? E, sei lá, eu sempre me senti meio perdida, assim... e depois da época do cursinho, e a época da... da faculdade, parece que eu ainda tô tentando me encontrar, e encontrar minha identidade, e o que eu quero fazer, e **não ter um estilo... parece que também é reflexo... desse... tipo, de eu não saber meio o que que eu sou**, o que que eu quero, entendeu? Eu acho que... o estilo, **eu queria ter um estilo porque eu acho que eu ia me conhecer mais**, ia saber mais sobre mim se eu tivesse um, sabe? E eu nem sei se isso é realmente verdade, mas quando eu olho pra uma... pra uma pessoa que tipo eu acho que tem um estilo definido, que ela sabe tipo exatamente o que ela gosta, o que ela não gosta, como que ela se veste... eu sempre olho pra ela com um olhar de tipo “nossa, essa pessoa é uma pessoa decidida, sabe... sabe o que quer, sabe o que gosta, sabe quem ela é”. E... enfim, é isso. Eu gostaria de ter um estilo, mas mais por causa *disso*, sabe? Eu acho que **seria tipo... um reflexo da minha personalidade... que eu ainda tô tentando encontrar, entendeu? Então se eu tivesse, pra mim seria tipo um sinal de que eu estou encontrando**.
(Marina)

Assim, para quem narra o momento presente como a resolução das tentativas de autodefinição que fizeram com que a adolescência fosse marcada por conflitos e inseguranças, a relação atual com as roupas pode aparecer como a posse tranquila e autoconfiante de um estilo próprio; mas àqueles que não têm certeza sobre terem alcançado essa autodefinição, a incerteza

sobre o próprio estilo pode ser entendida como um sinal dessa insegurança mais geral. Por isso, o desenvolvimento de um estilo que seja mais particular pode ser entendido como *necessário* a um processo de amadurecimento mais geral, como no relato de Eduardo:

Eu acho que um aspecto que sempre foi um pouco... que me restringiu um pouco a minha vida toda, pra... pra ter roupas mais diferentes, é que (...) eu sempre tive uma inércia muito grande pra conseguir roupas novas. (...) é mais porque eu tenho *preguiça* de escolher roupas novas, de sair pra comprar roupa, ou então eu me sinto *mal*, de querer sair e comprar roupa, porque eu acho na minha cabeça que é um gasto desnecessário. (...) Então eu sinto que o meu armário sempre foi limitado em relação a isso. **Porém, mais recentemente, eu tenho tentado explorar melhor, e escolher melhor, as roupas que eu vou usar**, apesar das minhas escolhas serem meio limitadas, ainda.

Eu acho que, mais antigamente, eu tinha muito... aquela ideia de usar roupas simples e... é, que não chamassem atenção, **por ser um cara mais... envergonhado**, mais... introvertido. Eu sinto que é mais... um pouco desse aspecto que fez com que eu sempre escolhesse roupas mais simples, (...) **e apesar de isso ter começado a mudar um pouco**, hoje em dia eu tô mais tranquilo, eu tô gostando mais de usar umas roupas mais diferentes, me arrumar melhor pra sair do que eu fazia antigamente... **eu ainda não tenho toda essa... diferença nas minhas roupas**. As minhas roupas ainda são... é, comuns, então eu não costumo (...) usar qualquer tipo de roupa que chame *muita* atenção. Recentemente eu tenho usado algumas que chamam um *pouco mais*, (...) em vez de só tipo, sei lá, aquele cara com uma calça jeans e um moletom com a mão no bolso, andando de boas, eu tipo... tento (...) enfim, fazer algumas coisas diferentes do que eu costumava fazer. **Eu sinto que isso é um pouco de evolução pessoal, e vem muito da minha... tentativa de me tornar um pouco mais extrovertido e... da minha autoestima ter melhorado nos últimos anos. Que eu não sou mais... tanto aquele adolescente, é... envergonhado**, (...) agora eu sou uma pessoa um pouco diferente, um pouco mais... tranquila com o meu próprio corpo, e com a minha própria aparência e como as pessoas me veem. (...) eu sinto que eu tô lentamente... caminhando... pra tanto um guarda-roupa e uma gama de opções... tanto isso quanto uma mentalidade em que eu quero... que **eu queira escolher roupas mais... voltado pra estética**. Não que eu queira largar o conforto, mas... escolhas mais voltadas pra estética apesar disso não ter sido tanto um foco na... maioria da minha vida.

no início, quando eu penso sei lá, criança, (...) eu usava muito uniforme e... roupas de moletom, coisas bem tipo, digamos, simples (...). Quando eu comecei a ficar um pouco maior, eu... tipo, começando aquela pré-adolescência, (...) eu comecei a engordar bastante, (...) e eu era muito... *consciente* disso, eu era aquele clássico... garoto gordinho da sala que só usa... casaco de moletom, mesmo que esteja verão. (...) **eu também não ligava tanto pro estilo das minhas roupas, mas eu ligava... em mostrar, o que eu tô mostrando do meu corpo através das minhas roupas**. Então eu usava roupas que... eram maiores, tipo casaco, ou calça jeans larga, que tipo escondessem o formato do meu corpo (...) É que era mais ah, eu não ligo pra estética deles, é mais pela... porque eles são uma cor *simples*, não chama *atenção*, é comum, ele vai bem com o moletom preto que eu gosto de usar pra esconder meu corpo (...). Aí eu diria que eventualmente eu fui crescendo, e principalmente quando eu literalmente cresci e ganhei muita altura, eu fiquei mais magro, **mas eu continuei... com essa mesma nóia**, mas eu diria que foi mais uma época que eu tava muito acostumado... com os conjuntos de roupa que eu tinha, e eu não... eu não trocava, não me aventurava, em comprar roupas diferentes (...) Então eu diria que eu sempre prezei um pouco mais pelo conforto... do que qualquer outro aspecto estético. Mas... eventualmente, eu diria que até não tanto tempo... atrás, mais recentemente, eu... comecei a perceber que tipo, principalmente agora que eu não tô mais crescendo, eu tenho roupas, essas mesmas roupas, as mesmas de sempre, que tão... ficando mais deterioradas, (...). Então recentemente eu comecei a... comprar algumas coisas um pouco mais diferentes, prestar mais atenção na... nas estampas de camiseta, ou... como é que ficava meu

visual. Acho que tipo, a partir dos 18 e um pouco mais pra frente, eu comecei a prestar mais atenção no... no *esquema* cromático das minhas roupas quando eu sei lá, ia prum rolê ou coisa assim. É... **comecei a prestar mais atenção em como as pessoas viam as minhas roupas**, e se as minhas roupas tavam mais tipo... na vibe... do ambiente pra onde eu tava indo (...). Agora eu tenho uma variedade maior de cores que eu possa fazer combinações cromáticas diferentes, eu tenho camisas com estampas mais diferentes, é... até algumas estampas que sei lá, é... tipo... sei lá, que meu pai pode encher o saco, tem uma camisa minha que eu comprei recentemente que tem um pedaço de estampa de arco-íris... ou então camisa rosa.

[Eu perguntei que tipo de coisa ele estava procurando nas roupas novas] eu (...) sinto que as roupas que eu tenho, (...) são **camisas genéricas** e sei lá, (...) camisa sem estampa, ou então de umas coisas que não tem nada a ver com nada, porque eram tipo, são mais genéricas e chamam menos atenção e tals, e **o que eu queria mudar era exatamente isso**. Não necessariamente ter coisas mais chamativas, mas coisas que... tipo, por exemplo, nem que fosse tipo *camisa de banda*, que pudesse... **mostrar uma banda que eu gosto**, e usar isso como... um ponto pra conversa com pessoas, pessoas novas, ou então tipo... roupas que eu pudesse fazer um... um outfit que... talvez **me identificasse mais com algum grupo, é... social diferente, que não fosse tão genérico** e tão... igual a tudo o que eu já tenho.

É interessante que várias pessoas falaram da adolescência como um período de “construção de identidade”, onde a pessoa “tenta se encontrar” e “conhecer a si mesma”, e usar o estilo como sinal de distinção social, para tentar se associar a um certo grupo, como os fãs de Restart, os jovens rebeldes, as sapatões, os skatistas-surfistas ou os gays militantes, é geralmente representado como se fosse parte desse processo de construção de identidade. Mas o momento presente, na medida em que é geralmente retratado como um período em que a identidade “já foi construída” (ou seja, onde as tentativas de autodefinição supostamente já foram completas), faz com que o processo de amadurecimento seja um movimento de abandono do estilo como distinção *social* e adoção do estilo como distinção *pessoal*. Por isso, o mais comum é que, no momento presente, a pessoa *não queira* se vestir de forma a se associar a um “estilo definido”.

Parece ser, então, que Eduardo, justamente por *ainda* estar tentando ser mais extrovertido e se libertar das inseguranças que marcaram a adolescência, e ter começado apenas recentemente a encarar seu modo de vestir como um meio de expressão, sente a necessidade de se vestir mais “de acordo com um grupo” e de expressar seus gostos através de suas roupas, de um jeito que remete mais ao estilo como sinal de distinção social do que de distinção pessoal. Essas últimas linhas do trecho que citei contrastam particularmente com o que disse Guilherme algumas páginas atrás, sobre não querer se vestir para se associar a algum grupo.

Para concluir esse subcapítulo, podemos dizer que o termo “estilo” evoca um modo de se vestir que é orientado por algum critério ou princípio, o que o torna em certa medida internamente coerente e diferente do estilo de outras pessoas ou grupos. Porém, esse termo condensa uma série de valores aparentemente contraditórios, e portanto o seu sentido varia de

acordo com o contexto em que é utilizado. Observamos que ele é usado principalmente em dois sentidos: como sinal de distinção social, ou seja, para se referir a um modo de vestir que associa a pessoa a um grupo; e como sinal de distinção pessoal, para se referir a uma forma de se vestir que é muito particular e individual, como se fosse a “marca registrada” da pessoa.

Na medida em que o ideal mais compartilhado pelos jovens entrevistados é a valorização de um estilo internamente referido, que rejeita o laço social, o amadurecimento é frequentemente narrado como a passagem de um estilo como distinção social para um estilo como distinção pessoal. O estilo como distinção pessoal é visto como sinal de maturidade e autoconhecimento, e por isso a incerteza sobre o próprio estilo pode ser sentida por algumas pessoas como uma falha pessoal. Para aquelas pessoas que não narram o momento presente como a resolução das tentativas de autodefinição que marcaram a adolescência, e falam do presente de uma forma ainda insegura, até mesmo a posse de um estilo como sinal de distinção *social* pode ser considerada uma etapa desejada e a ser alcançada em um processo de amadurecimento que ainda não está completo.

5.5. Universidade: um espaço de pessoas individuais

De acordo com Anthony Giddens (2002), o ciclo de vida nas sociedades modernas foi se desritualizando ao longo do tempo: embora a vida seja vivenciada como uma série de passagens, já não há tantos rituais coletivos, institucionalizados e formalizados que ajudam a administrar a ambiguidade dessas transições.

Porém, um ponto que me chamou a atenção nas narrativas das pessoas que entrevistei é a forma como a passagem pelas séries escolares serve como referencial coletivo para a passagem do tempo, e parece em certa medida tomar o lugar desses rituais coletivos de passagem. Quando narram sua própria vida, as referências às séries escolares, ao Ensino Médio, ao cursinho e à universidade são usadas para organizar a narrativa, e uma série de experiências são condensadas nesses marcadores. Assim, se os entrevistados compartilham uma série de noções sobre o significado da adolescência e do amadurecimento, por exemplo, esses significados podem estar condensados na passagem pelo Ensino Médio e pela universidade, na forma como eles se lembram da própria vida.

A centralidade desses referenciais coletivos para a passagem do tempo faz total sentido quando lembramos que todos esses jovens são ou foram universitários, e que embora o mais velho tenha 29 anos, a maioria tem entre 21 e 24 anos. Ou seja, são pessoas que passaram a maior parte de suas vidas, e a maior parte de seus dias, em instituições do sistema de ensino.

Boa parte das suas lembranças são memórias sobre experiências que ocorreram nos corredores e nas salas de aula dessas instituições, e “ser estudante” é (ou foi durante muito tempo) uma parte considerável da forma como eles veem a si mesmos.

Embora as referências às séries escolares sejam muito utilizadas, substituindo a referência à idade na hora de localizar uma experiência no tempo, frequentemente a menção a essas séries têm apenas a função de organizar a narrativa, de forma que geralmente não podemos perceber concepções compartilhadas sobre o significado da passagem por essas séries. Por outro lado, pude perceber formas recorrentes de narrar a passagem pelo Ensino Médio, pelo cursinho e pela universidade, que indicam que esses marcadores condensam em si memórias, experiências e sentimentos sobre toda uma época, que são em certa medida compartilhados por essas pessoas.

As maneiras recorrentes de narrar a passagem pelo Ensino Médio são ambíguas, e parece que a razão para isso é que o Ensino Médio é por excelência o lugar onde a adolescência acontece. Como já discutimos, a adolescência é considerada em si mesma um período ambíguo, pois ela é ao mesmo tempo uma época em que somos mais sensíveis ao olhar do outro, e portanto mais propensos a passar por uma série de conflitos, sofrimentos e frustrações; e uma época importante para a autodefinição da pessoa frente às outras – um momento de “construção de identidade”, nas palavras de várias pessoas. Essa ambiguidade se revela de forma nítida nas narrativas sobre o Ensino Médio, pois se algumas vezes ele é o lugar onde a pessoa considera que mais se importava com a moda, com a opinião dos outros, e com a vontade de se encaixar, outras vezes é justamente aí que a pessoa considera que começou a refletir mais sobre suas roupas e tentar desenvolver um estilo internamente referido. Frequentemente o Ensino Médio é as duas coisas ao mesmo tempo, e ele pode condensar a narrativa sobre o início do processo de amadurecimento: a pessoa entra no Ensino Médio se vestindo de um modo externamente referido, e sai dele começando a se vestir de um modo internamente referido.

Mas é a universidade que reúne as concepções mais compartilhadas entre os jovens entrevistados. Se o Ensino Médio é esse período ambíguo, e pode ser considerado o início do processo de amadurecimento, a universidade é por excelência o espaço onde esse processo se desenvolve plenamente e leva a pessoa ao momento presente. Quer dizer, na forma como narram o momento presente, há a tendência de interpretar seu modo de vestir atual como produto de um processo de amadurecimento que teve lugar sobretudo através das experiências proporcionadas pela universidade. Isso aparece de forma particularmente clara nos seguintes trechos:

Aí conforme eu fui entrando no Ensino Médio, aí começou a mudar. Eu comecei a usar as roupas como uma forma de me expressar, então... tinha dias que eu tava um pouco mais pra baixo, e eu não usava coisas tão chamativas, ou tinha dias que eu tava a fim de ser... mais básico, e eu usava coisas mais básicas. **E aí depois que eu saí do Ensino Médio... que foi a mudança drástica assim da minha... da minha imagem**, porque... tudo o que eu não fazia por alguma insegurança no colégio, porque né, entrando em termos raciais, eu estudei num colégio em que eu só tinha uma amiga negra. Então eu meio que pra me encaixar, eu... muitas vezes seguia padrões de roupa, enfim... mas aí depois que eu saí do Ensino Médio e que eu entrei na faculdade, e tive muitos outros colegas que também são negros, eu comecei a *ver* todo mundo... um diferente do outro, ainda mais no Ceart, né. E... **eu comecei a ver que ali eu tava livre**, no sentido de eu não ia ter ninguém me julgando, eu não ia ter medo de nada... até porque cada um lá... **cada um na faculdade é uma pessoa individual**, ninguém segue padrões assim, à risca, no caso. Então tudo o que eu tinha receio de fazer, eu me senti livre pra escolher. (Fábio)

Acho que pra falar *bem* a verdade, **eu comecei a me importar realmente com o que eu usava, e com... como eu me vestia, quando eu comecei a entrar na faculdade**, quase sei lá, com 17 anos. Tanto que *antes* disso, eu usava sapatênis, e hoje em dia é realmente horrível, é uma tristeza, por que que eu usava aquilo? Não sei. (...) quando eu entrei na faculdade, **todo mundo parecia que tinha uma identidade**, alguma coisa, **se expressava de algum jeito**, e eu era tipo uma batata. Aí eu fiquei tipo tá, eu preciso acho que mudar isso aqui, ou então tentar me... não sei, **tentar me encontrar** sabe, tentar achar... talvez o que que eu sou, e querendo ou não **o jeito que tu se veste, o jeito que tu se mostra, influencia no que as pessoas te veem** né, como elas te percebem. E... eu simplesmente foda-se, eu cagava pra essa outra parte, sabe. Então eu comecei a pensar e refletir um pouco mais sobre isso e... enfim, eu comecei a pesquisar mais e prestar mais atenção no que eu gostava realmente, e o que que... não sei, o que que me levava a usar algumas roupas, sabe. **Aí a partir disso eu meio que fui criando parâmetros, por assim se dizer, do que que eu gosto, do que que eu não gosto**. (Francisco)

Quando eu terminei o namoro e entrei na faculdade, eu acho que eu sofri a questão de... de tá muito... assim, essa quebra né, que eu falei de tentar me adequar mais ao normal, não era muito minha identidade, eu nunca fui de usar cor e essas coisas, eu tenho sempre uma questão... do preto e tal, muito atrelada a mim. Então acho que **quando eu... entrei na universidade, eu conheci muita gente... igual a mim, né, que pensa as mesmas coisas que eu, que tem o mesmo interesse que eu, e que são muito diferentes também**, na forma de se vestir, na forma de se portar. Na Arquitetura tem muita galera diferente, né. **E aí eu acabei... me sentindo mais livre, eu acho, pra adotar um estilo próprio né**, e aí como eu... já tinha essa questão, esse gosto pelo preto e as coisas assim, um pouquinho mais diferentes, eu acabei acho que fundindo as duas coisas né, (...) é um estilo... um pouco normal, mas ainda é um pouco diferente, né. Não é... usual, assim. E... aí eu acho que essa última quebra foi mais por eu encontrar bastante gente diferente, mas que se aceitava por isso né, na Arquitetura. E aí também... teve essa questão de que **eu não precisava mais, é... me sentir parte de alguma coisa, porque eu já tava fazendo parte de alguma coisa, então acho que o ponto em questão era... ao mesmo tempo que eu era parte daquela coisa, é... diferente, essa questão individual assim**. Então acho que o último motivo foi mais pela questão de eu já ter esse círculo social formado, já ter pessoas que são... parecidas comigo mas que têm estilos próprios muito... individuais, e eu acabei adotando “ok, eu também posso me vestir num estilo individual e tá... nesse meio, me sentir mais aceito” pelo diferente, por ter tanta gente diferente junta e... se aceitando. (Pedro)

Fábio, Francisco e Pedro falam de conflitos diferentes, e assim, a entrada na universidade, para cada um deles, adquire um significado particular. Quando pensamos nesse trecho do relato de Fábio no contexto da sua narrativa como um todo, que foi trabalhada

algumas páginas atrás, percebemos que a universidade é o lugar onde ele se sente livre para “abraçar sua negritude”, como ele diz, mas também para experimentar roupas geralmente consideradas femininas e dar vazão ao seu estilo “flamboyant”, sem o medo de ser julgado pelos seus antigos colegas “tóxicos” que queriam “se pagar de hétero top”. Assim, a universidade é o espaço onde ele pode se libertar de uma série de “estigmas”, como ele mesmo diz. Já na narrativa de Francisco, o ingresso na universidade faz com que ele se depare com um espaço onde cada pessoa tem a sua “identidade”, e assim ele começa a pensar sobre suas próprias roupas e o que elas dizem sobre ele, ao passo que antes ele era uma “batata” – ou seja, uma coisa qualquer, sem forma, sem individualidade. No relato de Pedro, o ingresso na universidade é um contraponto em relação à forma como se sentia durante o Ensino Médio, quando queria “se encaixar” e “parecer normal” para agradar a namorada, entre outras coisas. Quando ele entra no curso de Arquitetura, encontra um lugar onde todos são diferentes, mas se aceitam por isso, e então ele pode finalmente se vestir do jeito que prefere.

Apesar das diferenças, podemos notar que para os três a universidade é um espaço caracterizado pela liberdade, diversidade e experimentação, o que faz com que as pessoas possam dar vazão à sua individualidade. Por isso, a universidade é o lugar ideal para “construir” e “descobrir” um modo de vestir internamente referido que é a marca de uma relação madura com as roupas. Vejamos, agora, como isso acontece na narrativa de Davi:

Bom, e aí... depois dessa fase aí, a dos 12, 13 anos, ficou acho que um pouco nisso assim, nesse estilo que eu falei aí, mas também assim, pouca coisa. Afinal até porque eu estudava num colégio... numa escola... particular, onde o meu pai dava aula, e... aí também, na maior parte do dia tinha uniforme mesmo, né? Então... é uma coisa mais restrita, né, sobre uniforme. (...) E... aí eu fui pra UFSC né, quando eu tinha 18, ali em 2016, e ali que **eu comecei a realmente... parar mesmo pra pensar, porque... é aquela coisa né, eu passava a maior parte do tempo de uniforme até os 17 anos.** Boa parte do tempo durante a semana, fora de casa, assim, de uniforme né, e... e aí chega na UFSC essa mudança assim de tipo, eu lembro que eu fiquei na época meio “caraca, agora eu não tenho mais uniforme né, tenho que todo dia...”, o que era até meio... (risos) na época eu ficava meio “putz, tem que todo dia *pensar* uma roupa pra botar né”. Uniforme tem essa facilidade cognitiva, de... ah, sair e pronto né. E... aí foi por ali que eu comecei a pensar um pouco mais e assim, a definir algumas coisas. (...) Mas ali na UFSC, (...) é engraçado que eu olho assim e eu vejo que 2016 que foi esse ano, foi o ano que eu *tentei*, é muito engraçado quando a gente pensa assim, nessas horas, claramente **deu pra ver que eu tava experimentando... experimentando estilos diferentes né... de me vestir né.** Aí isso muda com tudo né, toda a ideia de... identidade visual, assim, cabelo também, deixei crescer (...), e aí a parada é que tinha que todo dia usar alguma coisa né, e aí... “todo dia usar alguma coisa” eu digo assim, sei lá, aquilo que eu te falei, essa mudança de (risos) ali de “eita, agora eu tenho que... usar alguma roupa... pensar um pouco nesse sentido assim, né”. **Ainda mais ali no começo da faculdade né, que a gente tá sei lá, tentando... tentando conhecer as pessoas, tentando se conhecer,** eu acho. (...) mas tem um monte de coisa que eu boto agora e fico meio “ehhh” (tom de desagrado). Fica meio uma salada... uma saladazona assim de coisas... sabe? Acho que na época eu realmente ia tentando muito, (...) na minha cabeça são uns 500 tipos diferentes de se vestir assim... eu fiz naquela época, só

que mais ou menos ali **no final daquele ano eu acho que eu fui chegando numa coisa mais que eu queria**, nessa direção que eu te falei mais do sóbrio (...). Aí eu abri o armário e tô olhando aqui pra ele (...) e tem uma mistura muito louca de coisas que eu usava ali... usei ali em 2016 ali, que eu tava falando, também comecei a usar umas camisas de manga curta... claras, assim, que eu fico meu deus, mas... tem uma jeans, assim eu fico realmente abismado... antes mesmo de eu tá pensando nisso por causa da tua pesquisa, de vez em quando eu ficava pensando “caraca! Mas eu... tentei usar umas coisas diferentes, né?”. Diferentes no sentido umas das outras, né? Algumas me agradam mais, outras me agradam menos, hoje... mas eu fico impressionado o quanto evidente é esse **primeiro momento... de universidade... pelo menos pra mim, essa tentativa de... formar-se, de alguma forma mais específica**. Especialmente... de pessoas assim que vem de fora da cidade, né, que nem eu que não era de Floripa e fui morar lá, então... é total e completamente outra coisa, né... você vai aprendendo assim, eu acho, **você vai aprendendo o que você mesmo gosta**, né? (Davi)

Na narrativa de Davi, o clima de experimentação que caracteriza o ingresso na universidade ganha ainda outra explicação: ele o relaciona ao fato de ter vindo de uma outra cidade para morar em Florianópolis. Se deparar com um ambiente completamente diferente do que aquele em que ele havia estudado até agora, repleto de desconhecidos, fez com que ele experimentasse “500 estilos diferentes” em uma clara tentativa de “formar-se”. Após esse momento de experimentação, ele vai chegando em um estilo “mais próximo ao que ele queria”, ou seja, ao seu modo de vestir atual. Novamente, apesar das particularidades de sua narrativa, vemos que a universidade é caracterizada como um espaço de experimentação, individualidade e amadurecimento, que leva ao momento presente.

Outra coisa que podemos notar no relato de Davi é a questão do uniforme. A necessidade de “formar-se” e “ir aprendendo o que ele gosta” tem a ver com a mudança de cidade e o clima de experimentação da universidade, mas também, com o fato de que, pela primeira vez, ele terá que escolher todos os dias uma roupa diferente para usar. O uniforme tinha essa “facilidade cognitiva”: uma roupa era imposta a ele, que o tornava em certa medida similar a todos os outros alunos do colégio sem espaço para questionamentos, e por isso não era necessário pensar sobre o que suas roupas diziam sobre ele. Assim, o retorno reflexivo sobre as roupas é parcialmente atribuído ao fato de que ele começa a *ser obrigado* a escolher suas roupas. Isso é algo que aparece, também, no relato de Marina:

no cursinho, eu lembro que eu mudei um *pouquinho* assim, tipo porque aí no cursinho você escolhia as roupas que tu ia e podia ir de qualquer roupa, sabe. Então aí tipo **virou uma parte do meu dia pensar na roupa, porque antes não era, sabe? Porque eu ia só pra escola e acabava ficando de uniforme o dia inteiro**, e no final de semana que usava outra coisa. Então no cursinho que realmente roupa virou uma parte da minha vida. É... eu usava... acho que no começo eu me arrumava mais. Tipo, eu ficava pensando muito e no fim eu colocava só uma calça, uma camiseta e ia. Mas tinha dias que eu tava a fim de me emperiquitar assim, que aí eu ia com uma roupa tipo super... mais chiquezinha assim, e todo mundo ficava me olhando (risos). Tipo, estranho sabe,

não tipo “ah que gatinha”, tipo “nossa, que que ela tá vestindo”, sabe? Eu lembro um dia que eu fiz isso e eu pensei “nossa, nunca mais vou fazer isso” (risos). (Marina)

Marina não ingressou direto na universidade, mas é também o fato de ter sido obrigada a escolher suas roupas todos os dias no cursinho que fez com que as roupas se tornassem realmente “parte da sua vida”, quando ela interpreta retrospectivamente suas experiências.

Devemos mencionar, ainda, que se para algumas pessoas o uniforme oferecia uma “facilidade cognitiva”, para outras, ele era experimentado como uma verdadeira opressão, como fica claro no relato de Maria Clara:

as coisas que eu percebo bastante quando eu era menor, era uniforme, porque eu sempre estudei em escola católica, então... e era obrigatório uniforme, então... o *azul* do meu uniforme é muito marcante na minha cabeça. Ahn... e foi uma época que... era sempre a mesma coisa, então era sempre... as mesmas cores, era sempre os mesmos modelos, e **isso me irritava um pouco. E... eu lembro de já naquela época querer mudar um pouco o uniforme, mesmo não podendo**, eu... botava um negócio de outra cor, e daí a professora falava: “não pooooode!”. E coisas assim, sempre querendo... mudar um pouco, nessa época. E aí depois eu fui pra outro colégio. **Ensino Médio. Também era uniforme, mas eu podia usar... calça jeans, e isso pra mim já era uma coisa muito boa** (risos). Coisas pequenas, assim, mas que já... eu lembro que tipo, era... a blusa, tinha que ser do colégio, e a calça você podia escolher. (...) E... deixa eu ver, eu lembro da minha infância, assim, no colégio, coisas do tipo, uniforme, e quando você... saía, assim, um pouco sei lá, aniversário de amigos etc... você queria usar tudo junto, né, porque era uma coisa que você ficava sempre todo dia não podendo escolher, e quando você podia escolher, você queria, né, extravasar. (Maria Clara)

Essa diferença entre a experiência com o uniforme como facilidade cognitiva e como opressão nos traz de volta às narrativas sobre a infância, nas quais esse período pode ser retratado tanto como um momento de passividade frente às escolhas dos pais em matéria de roupa (e no caso, passividade frente ao uniforme), quanto como um momento de desconforto frente a essa imposição e tentativas de se libertar desse domínio (no caso, a revolta que Maria Clara sentia e praticava contra o uniforme).

A questão do uniforme, então, nos permite interpretar as narrativas sobre a infância, o Ensino Médio, o cursinho e a universidade de um novo ângulo. Se esses jovens tendem a narrar a infância como um período de passividade frente à imposição de modos de vestir por outras pessoas, e como uma época em que as roupas não eram objeto de reflexão e não tinham significado, será que isso não se deve, ao menos parcialmente, ao fato de que eles estavam durante boa parte do tempo vestidos em uniformes? Nesse caso, parte da explicação para o fato de que eles não se lembram de gastar tempo pensando sobre as roupas seria devido ao fato de que eles realmente não tinham margem de escolha, nem necessidade de escolher o que usar.

Além disso, algumas pessoas mencionaram, assim como Maria Clara, que no Ensino

Médio as regras sobre o uniforme eram mais flexíveis e davam maior espaço para a manifestação da individualidade através das roupas. Dessa forma, se o Ensino Médio é esse lugar onde um processo de amadurecimento da relação com as roupas pode ter início, talvez parte da razão para isso seja o fato de que as pessoas são obrigadas a escolher um pouco mais, e parar para pensar um pouco mais sobre suas roupas.

Voltando àquele trecho do relato de Marina que mencionei mais acima, podemos discutir também a forma como a passagem pelo cursinho é narrada, relacionando-o ao relato de Luísa:

E daí, aí tá, aí eu fiz um ano de cursinho, e tal... não lembro muito bem no cursinho, acho que eu me vestia meio... sei lá, **não lembro muito bem no cursinho, pra ser sincera**. Eu lembro que tipo, eu sempre... desde lá no começo até hoje em dia, tipo pra mim, acordar de manhã e me arrumar é tipo um ritual, sabe? Tipo, eu adoro, eu acordo até mais cedo pra tipo... me arrumar, porque eu gosto, sabe? (...) Então tipo na época do cursinho eu também fazia isso, mesmo se eu só ia ficar lá o dia inteiro estudando. Tipo... se eu ia tipo... meio desarrumada... meio que eu não me sentia bem, não pelo que os outros iam achar, mas tipo aí, meio que **eu comecei a criar o meu estilo**, sabe? Ali no cursinho. Tipo eu lembro que eu me arrumava muito pra mim, porque tipo... pô, tu vai no cursinho estudar, sabe? Tu não vai se arrumar pros *outros*, sabe? **Tipo tu nem encontrava outras pessoas, tipo era eu e eu mesma ali, sabe? Naquele modulozinho de estudo. Então tipo, eu comecei a realmente acho que me arrumar pra mim**, sabe? Meio que conhecer o meu estilo, que é o de hoje em dia, né. (Luísa)

Se pensarmos na forma como Mariana fala daquele dia em que resolveu “se emperiquitar” e percebeu que todo mundo estava olhando para ela com uma expressão do tipo “o que que *ela* tá vestindo?”, ficamos com uma impressão sobre um lugar onde quase ninguém sabe o seu nome, mas apenas a conhece de vista. Essa sensação é claramente mencionada por Luísa, quando diz que no cursinho “você nem encontra outras pessoas”, pois vai lá somente para estudar, sozinha “naquele modulozinho de estudo”. O cursinho tende a ser narrado, portanto, como um espaço de anonimidade, onde ninguém espera passar tanto tempo a ponto de criar uma rede de relações ali. É um espaço de passagem por definição, pois diferentemente do Ensino Médio e da universidade, o cursinho não parece ter um fim em si mesmo; ele não é uma coisa nem outra, e parece compartilhar algumas das características dos momentos de liminaridade descritos por Victor Turner (1974). Essa sensação é reforçada ainda pelo fato de que nem todas as pessoas passam pelo cursinho, de forma que ele geralmente não faz parte das expectativas compartilhadas sobre o desenrolar da vida.

Por outro lado, para Marina é justamente no cursinho que a roupa se torna algo sobre o que ela pensa cotidianamente, e para Luísa, é pelo fato de que ela não vai encontrar ninguém no cursinho que ela acredita que foi aí que começou a se vestir “para si mesma” e “conhecer o

seu estilo”. Assim, o cursinho parece compartilhar algumas das características das narrativas sobre o ingresso na universidade, na medida em que a necessidade de escolher as próprias roupas abre as portas para o desenvolvimento de um modo de vestir internamente referido, que é o processo de amadurecimento da relação entre pessoa e roupa.

5.6. Negociando a entrada na vida adulta

Até agora, temos falado sobre essa tendência a representar a adolescência como uma época de inseguranças e conflitos motivados por uma sensibilidade maior ao olhar do outro, proveniente das tentativas de estabelecer uma autodefinição frente às outras pessoas, e sobre a tendência a narrar o momento presente como caracterizado por uma relação madura e tranquila com as roupas, que é sinal de que essas tentativas de autodefinição já foram *completas*, e por isso a pessoa já tem sua “identidade”, sua “personalidade” e seu “estilo”.

Porém, uma ressalva deve ser feita a essa altura. Já falamos diversas vezes que estamos falando sobre *narrativas*, ou seja, não estamos lidando com relatos objetivos sobre a vida “como ela é”, mas, sim, com histórias de vida na qual uma pessoa interpreta suas experiências sob a luz do presente e das convenções culturais sobre o que vem a ser uma vida normal. Essa vida que hoje é narrada de uma maneira específica, daqui a alguns anos pode ser narrada de uma maneira diferente. Outras coisas terão ocorrido que podem alterar a forma como a pessoa interpreta sua própria trajetória e o seu próprio “eu”. Como nos lembra Jerome Bruner (2014, p.85), “Nenhuma autobiografia é completada, apenas finalizada”.

Estou falando isso para reafirmar que não estou argumentando que essas pessoas realmente “completaram” o seu processo de autodefinição, que elas se vestirão da mesma maneira até o fim de suas vidas, ou que hoje em dia elas já não sintam inseguranças e conflitos. Se o indivíduo é um *processo*, como coloca Norbert Elias (2001), e está sempre em relações mais ou menos tensas com outros indivíduos, temos razões para acreditar que muitas mudanças no modo de vestir e muitas inseguranças e conflitos ainda estão por vir na vida desses jovens. Eles ainda vão encontrar, e tudo leva a crer que encontram cotidianamente, situações que exigem transformações contínuas nessa autodefinição frente às outras pessoas.

Mas na medida em que estamos lidando com a forma como esses jovens interpretam sua própria história de vida no momento presente, nessa situação de uma entrevista com uma menina da mesma idade que eles, que está prestes a se formar e com quem eles têm mais ou menos intimidade, o momento presente tende a ser narrado dessa forma que eu expus. Seja porque os comportamentos, os pensamentos e os desejos atuais lhes parecem mais maduros,

racionais e justificáveis do que os passados pela distância do tempo; ou porque contar a história da própria vida a outra pessoa envolve uma representação de si que é geralmente uma tentativa de apresentar-se sob uma luz favorável; ou ainda, seja porque a consciência de estar entrando na vida adulta se impõe de forma que se sentir mais maduro é tido como um pré-requisito e como algo esperado dessa fase pela qual eles estão passando - de uma forma ou de outra, a tendência a enxergar o modo de vestir atual como uma relação mais madura e tranquila com as roupas, que é fruto de um maior autoconhecimento e da resolução das tentativas de estabelecer uma autodefinição, é marcante nas entrevistas que realizei com esses jovens.

Por outro lado, observei uma outra tendência que é mais discreta se comparada a essa última, e que parece anunciar um tipo de conflito que seria específico do momento presente, e não da adolescência. Trata-se da *vontade* ou do sentimento de *necessidade* de se vestir de uma maneira mais profissional, formal, séria ou adulta.

Já foi comentado no início desse capítulo que não é comum que os entrevistados se refiram a si mesmos como adultos. Na verdade, o que eles são hoje em dia em termos de faixa etária geralmente não vem em questão - é bem mais fácil rotular o passado do que o presente. Mas podemos notar que a adolescência é sempre tratada no passado (“quando eu era adolescente...”), o que aponta para o fato de que eles não se veem como adolescentes. Mas a adolescência é um passado *recente*. Além disso, embora essa pergunta não tenha sido feita no questionário, sei que boa parte dessas pessoas estão nas últimas fases de um curso de graduação, recém se formaram ou estão fazendo uma segunda graduação, e embora 41,3% tenham respondido que “já trabalharam para buscar desenvolvimento profissional ou para ter um dinheiro extra, mas não porque precisavam”, os empregos citados são geralmente como bolsistas em alguma universidade ou como estagiários, e o segundo maior grupo, formando 23,9%, respondeu que não trabalha. Podemos supor que esses jovens estão tentando entrar no mercado de trabalho ou veem de forma mais nítida essa necessidade no horizonte, o que traz novos conflitos e inseguranças em potencial. Assim, a entrada na vida adulta e o sentimento de ser adulto parecem ser coisas que ainda estão sendo negociadas por boa parte dessas pessoas.

Essa negociação da entrada na vida adulta aparece, como já mencionei, sob a forma de uma *vontade* recente de (ou sentimento de que é *necessário*) se vestir de uma forma mais profissional, formal, séria ou adulta:

hoje eu tô passando por uma transição mais de pensar talvez em roupas que sejam mais profissionais, talvez esteja voltando a ficar mais preocupada de... **ficar mais, ahn... aceitável, assim, pra arrumar um trabalho, ou uma entrevista de emprego, bolsas e etc.** (Laura)

e eu tenho estado mais confortável em vestir roupas formais, assim, né. Tenho achado mais bonito usar uma camisa social, seja ela florida, ou alguma estampa ou lisa mesmo. (...) Ahn... a questão de roupas mais formais, acho que eu sempre... achei bonito, assim, tipo não terno né, mas uma camisa social eu sempre achei bonito, mas eu... **só comecei a me sentir tipo, que eu poderia usar isso e é de boa, também de ver mais pessoas usando na universidade.** (Miguel)

Eu percebo que desde que eu entrei na faculdade, eu comecei a tipo, me ver mais usando roupas... que antes eu botava e me achava muito adulta, nada a ver, sabe? E aí depois que eu entrei na faculdade eu coloco essas roupas e daí eu me enxergo tipo... “ah, tô com cara de arquiteta”, sabe? “Tô com cara de profissional”. Então mudou um pouco essa perspectiva, assim. (Flora)

eu comecei a usar umas roupas um pouco mais arrumadinhas, então, calça de alfaiataria, camisa... até porque eu comecei a pensar “nossa”, **ainda me sinto muito nova né, mas... “ah tô com 22, 23 agora... vou comprar umas roupas mais arrumadinhas, tipo de trabalho, e tals”.** (Beatriz)

Ou seja, há a ideia de que eles chegaram em um ponto da vida onde têm “direito” de usar roupas mais formais, profissionais ou de adulto, enquanto há alguns anos, usá-las teria sido “nada a ver” e “muito adulto”. Essa transição para roupas mais adultas é frequentemente narrada como uma ação deliberada que vem da percepção da pessoa de que “chegou a hora” de começar a se vestir assim. Mas vemos também que essa percepção pode trazer alguma dose de insegurança. Por exemplo, Beatriz diz que, porque tem 23 anos, acha que é hora de começar a se vestir com roupas mais profissionais, mas ao mesmo tempo ela diz que “ainda se sente muito nova”. Ficamos com a impressão de que ela ainda não tem certeza de que tem realmente o “direito” de usar roupas de adulto. Além de Beatriz, outras pessoas também revelam algumas inseguranças sobre esse novo desejo ou necessidade:

no presente eu acho que **eu tento adequar um pouco essa fase de final de graduação pra uma identidade mais... profissional, mas eu não sei se... se eu consigo ainda**, então fica meio... mesclado, assim, com essas roupas ainda que eu guardo do período final da adolescência. (...) acho que às vezes a forma como eu me visto pra tá... pra tá em campo de intervenção, (...) acho que aí eu teria que mudar um pouquinho mais porque eu acho que eu ainda não me visto de forma tão adequada assim. (...). Aí mais pro final da graduação, assim, a gente já começa a atender né, e aí (risos) eu não sei muito o porquê, mas pra atender você tem que tá um pouco mais sério. (...) pode ser bem nóia minha, mas... eu tendo a perceber, assim, uma resistência de mulheres mais velhas. Por exemplo ah, se for atender uma mulher de 40 anos, geralmente **eu tento... me vestir com uma roupa que eu pareça mais velha (risos), não que dê certo né.** Mas... tem isso, assim, “ah, mas você é tão nova, como é que você é uma profissional que já tem experiência ou que pode me ajudar em alguma coisa?”. Isso eu senti algumas vezes quando eu trabalho com mulheres mais velhas. (Lara)

Aí tem dias que eu quero parecer mais *séria*, aí eu coloco... roupas mais adultas (risos), digamos assim. Mas eu... eu acho que... **não importa a roupa que eu coloque eu sempre pareço muito criança.** (Larissa)

Mas eu acho que eu também... mudei muito o meu estilo porque... eu acho que eu... tipo hoje, por exemplo, eu não uso muito tênis, tipo não uso tênis (...). Porque eu acho que é... jovem demais, **adolescente demais, não sei, acho que eu quero parecer...**

mais velha do que eu realmente sou, sabe. E... talvez essa... passar essa seriedade através das minhas roupas... mas não tão sério... tipo, um pouco casual, assim. (Ana)

Esses trechos falam sobre a vontade e a necessidade de parecer mais adulta, mas também sobre a incerteza sobre o sucesso dessa tentativa. Passar de estudante para profissional, por exemplo, coloca a pessoa em uma situação em que se exige que ela aja como uma adulta, mas se ela não tem certeza sobre se sentir adulta, será que ela realmente *parece* uma? Fazendo referência à Goffman (1985), essas narrativas parecem exemplificar os casos em que uma pessoa não se sente totalmente autorizada a desempenhar um papel, e fica sem saber se ela mesma acredita na sua própria representação. À espreita está o medo de se estar desempenhando uma farsa e de ser exposto ao ridículo.

Essa vontade de parecer mais velho do que realmente é, contrasta bastante com o relato de Vinícius, que citei algumas páginas atrás. Vinícius disse que quando era adolescente, se vestia com roupas de surfe, pois via os surfistas profissionais e queria ser “alguma coisa parecida com eles”. Ele explica esse desejo como sendo uma vontade que sentia de parecer mais velho. Depois, falando sobre o momento presente, ele diz:

depois dessa fase, eu vi que **foi formando meio que o meu estilo. Que daí eu digo “o meu estilo” porque eu não visava mais comprar as roupas pra me parecer com alguém especificamente, mas mais porque eu gostava de... de já estar formando uma certa personalidade, não de parecer mais velho.** (...) Então acho que eu tô meio que nessa fase... mais minimalista, predominantemente com roupas que eu consigo combinar facilmente, que eu consiga usar em várias ocasiões, e com algumas peças mais chaves, com mais estampa, mais cor, pra dar mais personalidade. E... deixa eu pensar. Eu vejo que... provavelmente... **esse estilo deve se manter, porque eu não... não tenho mais essas escolhas... como eu te falei, pra me tornar alguém sei lá, mais velho ou mais sério, é mais porque eu gosto,** eu vejo que encaixa muito bem com a minha vida, meu estilo de vida né. (...) Querendo ou não, agora acho que eu tô num momento... de realmente me vestir sério, de ser formal, mas de passar um pouco de respeito também, como arquiteto dentro da minha profissão, então... **eu acho que hoje eu tô naquela fase que desde criancinha eu queria chegar, de realmente parecer mais velho.** Acho que hoje eu tô nesse momento (risos), querendo ou não, sabe. (...) então... **eu me sinto bem completo, em termos de guarda-roupa,** sabe. (Vinícius)

Ao contrário de Ana, Larissa, Lara e Beatriz, Vinícius não se mostra inseguro sobre ter que corresponder a uma imagem mais profissional e adulta. Como já foi comentado, o relato de Vinícius é exemplar do tipo de narrativa onde a pessoa retrata o momento presente como a conclusão das tentativas adolescentes de estabelecer uma autodefinição, o que produz um relacionamento tranquilo e autoconfiante com as roupas. Apesar de *ter* que usar roupas que passem uma maior seriedade para que seja respeitado enquanto jovem arquiteto, ele não acredita estar se vestindo para parecer alguém, nem para parecer mais velho. As roupas que usa hoje em

dia são adequadas para a posição que precisa ocupar, mas ao mesmo tempo, são as roupas que ele gosta e que o fazem se sentir bem.

Isso contrasta com as falas de Ana, Larissa, Lara e Beatriz, que nos passam a ideia de uma relação um pouco mais tensa com as roupas. Já falamos anteriormente que a ideia do “conforto” não remete somente à qualidade daquilo que oferece comodidade física, mas também se refere ao tipo de roupa que faz com que nos sintamos tranquilos e confiantes no nosso próprio corpo e em relação à maneira como ele será interpretado pelas outras pessoas. A fala dessas meninas nos passa a ideia de que elas talvez não se sintam completamente confortáveis nessas roupas “de adulto”. Porém, a sensação relatada por Ana, de que tênis já são peças “adolescentes demais” para ela, e a observação de Lara de que precisa mudar um pouco as roupas que usa para as intervenções porque elas não são totalmente adequadas, revelam que essas meninas também já não se sentem completamente confortáveis usando roupas “de adolescente”.

Dessa forma, podemos concluir que, apesar de muitas pessoas narrarem o momento presente como a resolução das tentativas de estabelecer uma autodefinição frente às outras pessoas, a entrada na vida adulta é algo que deve ser negociado, e esse momento guarda seu próprio potencial de conflitos e inseguranças que são diferentes daqueles vivenciados durante a adolescência. Assim, se o momento presente é geralmente caracterizado por uma relação mais madura, tranquila e confiante com as roupas, essa tranquilidade é o que é apenas se comparada às tensões da adolescência, e não em termos absolutos.

A discussão de Guita Grin Debert (2010) sobre o que ela chama de “dissolução da vida adulta” pode nos ajudar a entender essas inseguranças específicas a esse momento da vida. Segundo a autora, a valorização da juventude ao longo do século XX fez com que os valores e formas de comportamento associados a ela “colonizassem” as outras fases da vida, de modo que a ideia da juventude se descola de uma faixa etária específica e se torna um ideal a ser perseguido em qualquer idade. Além disso, diversas transformações sociais, como o fato de que as pessoas agora se casam, têm filhos, trocam de emprego, etc. em diferentes momentos da vida, fazem com que as experiências que antes marcavam nitidamente a passagem entre os grupos etários possam ser vivenciadas, hoje, em qualquer momento da vida. Debert acrescenta, ainda, que o encarecimento dos custos de vida e o aumento das expectativas sobre um estilo de vida mínimo fazem com que os jovens tendam a demorar mais para deixar a casa de seus pais e levar uma vida autossuficiente. Juntos, esses processos fazem com que o ciclo de vida hoje em dia já não seja marcado por tantos rituais de passagem coletivos, formalizados e

institucionalizados entre os grupos etários, ponto que também é discutido por Giddens (2002), como mencionei algumas páginas atrás.

Arnold Van Gennep (2011) e Victor Turner (1974), em suas discussões sobre os ritos de passagem, nos mostram que a importância desses ritos está no fato de que o deslocamento das pessoas entre diferentes posições e identidades em uma sociedade não se dá sem ambiguidades e ameaças à estabilidade da estrutura social. Por isso, esses momentos de margem ou de liminaridade, em que uma pessoa está passando de uma posição a outra, devem ser vigiados e regulamentados para que a separação em relação à posição anterior e a agregação à nova posição ocorram da forma esperada. Observamos que a passagem pelas séries escolares parece desempenhar nessas narrativas a função de ritos de passagem coletivos. Mas chegando ao final da graduação, nos deparamos com o fim da parte de nossas vidas que é organizada pelas instituições escolares e que já está previamente definida pelas expectativas da classe média. Parece ser, assim, que na nossa sociedade, frente à simultânea expansão da juventude e difusão para outros momentos da vida das experiências que antes marcavam ritualmente a passagem para a vida adulta, os jovens que hoje negociam a entrada nessa fase da vida se veem em um período de margem que é bem mais difícil de ser administrado, e que ameaça se estender indefinidamente.

5.7. Breve comentário sobre se vestir na quarentena

Já mencionamos várias vezes essa valorização compartilhada de um modo de vestir internamente referido, que é mencionada pelos entrevistados como “se vestir para si mesmo”, “vestir o que tiver vontade, sem se importar com a opinião dos outros”, etc. O que diferencia o modo de vestir internamente referido do externamente referido é justamente o fato de que, supostamente, quem se veste da primeira forma não se importa com a opinião dos *outros* sobre suas roupas. Mas observamos também que esse modo de vestir internamente referido é sempre um ideal, algo que a pessoa está se esforçando para alcançar, mas que nunca será plenamente alcançado, pois nessas narrativas, ele existia em termos absolutos somente na infância. Em termos sociológicos, sabemos que é impossível “libertar-se” do vínculo social, pois as normas sociais interiorizadas no próprio indivíduo e reificadas no “olhar do outro” constituem “uma parte integrante do ‘eu’ e do autorrespeito” (ELIAS, 2001, p.227).

O fato de que o modo de vestir nunca será *completamente* internamente referido pode ser observada nas referências à quarentena. É interessante mencionar isso, também, porque podemos ver aí o quanto a reconstrução narrativa de si depende da performance da narrativa, e

portanto, da situação na qual a história é contada. Todas as entrevistas foram feitas em agosto de 2020, quando já estávamos há seis meses em quarentena, uma situação que transformou completamente as formas de sociabilidades às quais estávamos acostumados, entre tantas outras coisas. Por isso, talvez seja surpreendente observar quão raras são as menções dos entrevistados ao contexto da pandemia.

Na verdade, a pandemia transparece sim nessas narrativas, mas geralmente ela o faz através de comentários muito discretos onde a quarentena é representada de maneira auto-evidente como um momento de suspensão da preocupação com as roupas. É o que podemos observar nessa passagem do relato de Talita:

eu gosto de pensar sobre o que eu visto. Atualmente (risos) eu tô meio sem prestar muita atenção sobre isso, mas... gosto, gosto de me vestir bem com o que eu visto, gosto de ver coisas sobre moda. (Talita)

A situação da quarentena geralmente aparece assim, “de passagem”, e Artur é o único que desenvolve um pouco mais esse assunto, de uma forma bastante esclarecedora:

Na pandemia, pfff, tipo mano... *roupas* pra mim, tipo meu deus... nem parece que existe o mercado da... (risos) que existiu na minha vida, assim. Porque nossa, zero vontade de comprar roupa, zero vontade de me vestir bem, inclusive tenho até dó de usar minhas roupas porque... **acabo gastando uma roupa que eu nem vou usar pra sair. Isso é interessante né, porque significa que provavelmente eu me importo com o que as pessoas pensam, porque se não eu ia tá me vestindo pra mim em casa.** E... hoje em dia eu me visto com qualquer coisa, eu... faz tipo 6 meses que eu não uso o mesmo jogo de meias (risos), tipo eu uso duas meias diferentes. Porque ninguém vai ver mesmo né? E... muito interessante. Roupa pra mim agora... nossa, chega a ser até engraçado pensar em comprar roupa, não faz o menor sentido pra minha rotina agora. (...) Agora na quarentena eu me visto com qualquer coisa, em casa, e até tipo vou no mercado, vou na casa do meu namorado, tipo, me visto realmente com qualquer coisa. E eu não me importo, realmente não me importo. E também, eu ganhei peso na quarentena, e... ah enfim, roupa pra mim virou só uma obrigação agora. Não sinto nada por elas. (...) E... eu gosto muito do jeito que eu me visto, tipo abstraindo a quarentena. (...) Enfim, eu tô feliz, daí só tem a quarentena que roupa pra mim virou... todas as roupas pra mim são a mesma coisa, tipo eu não olho mais pra eles e penso “nossa, que bonita”, ou “nossa, que feia”, eu uso qualquer coisa pra qualquer situação. (Artur)

Vemos que o motivo pelo qual a quarentena é considerada de maneira auto-evidente como um período de suspensão da preocupação com as roupas é que não estamos saindo de casa e vendo outras pessoas. Por isso, as roupas perdem grande parte do seu interesse, e temos “dó” de “gastá-las” usando-as em casa. Essa questão também é perceptível na divisão que os entrevistados fazem entre suas “roupas para sair”, “roupas para o dia a dia” e “roupas para ficar em casa”:

Agora uma visão geral do armário né, do que que ele é composto. Ele é composto pela parte das roupas longas, que tem os meus vestidos, (...) e aí depois tem a parte das roupas que ficam dobradas, que **são as roupas não tão importantes, então tem tipo, roupa de andar em casa** sabe? Tipo umas camisetas assim que eu não tenho tanto apreço... umas camisetas meio velhas que eu não gosto tanto assim... A parte de pijamas, que é tipo, eu tenho vários pijamas que eu não uso, eu simplesmente uso pra dormir uma camiseta larga e um short, assim (...). **Então eu basicamente não uso os meus pijamas, só quando eu preciso sair.** (...) eu também tenho o meu moletom do terceiro guardado pra dormir. **Eu não uso ele na rua, acho muito vergonhoso.** Aí eu tenho também as minhas roupas de ginástica, que elas ficam dobradas, e elas... são... Ah e tem também tipo a parte de roupas confortáveis, que ficam junto com as roupas de ginástica, **tipo um shortinho soltinho que aparece a minha bunda na rua: não uso, mas uso em casa.** (Clarice)

Então... ah eu tenho bastante tênis é, até por causa da faculdade, ah! Inclusive em relação à faculdade né, como não tem uniforme, inclusive saudades do uniforme, porque não tinha que pensar em roupa de manhã, é... **eu tenho no meu guarda-roupa, a minha sessão especiais e a minha sessão básica** (tom de brincadeira). Que que seria isso né? Tipo tem uma... uma pilha, eu separo minhas roupas em pilhas. É a pilha de roupa de manga comprida, é a pilha de roupa de blusas básicas que dá pra ir pra faculdade, e a pilha de roupas tipo chiques, entre aspas assim, aquelas roupas para sair, sabe? Ah que coisa besta! Mas tenho, **tenho as roupas pra sair, aquelas roupas que eu não uso pra faculdade**, que eu uso assim, pra tomar um café, (...) sair pra ir no shopping... pra ir no cinema, sair pra comer sushi... tem as roupas especiais e as roupas básicas. (Gabriela)

Isso não somente demonstra a permanência da importância do olhar do outro na nossa relação com as roupas, mas também joga uma outra luz sobre todas as narrativas de vida construídas ao redor do tema da roupa que analisamos até agora. Pois podemos perceber que essas narrativas sobre as transformações nos modos de vestir têm como objeto sobretudo as roupas que são usadas *em público*. Em contraste, as roupas que são usadas em casa podem ter vivido uma trajetória bastante diferente, mas que não vem à mente dos entrevistados como uma história que merece ser contada.

6. RELAÇÕES COM E ATRAVÉS DAS ROUPAS

Nesse capítulo, meu objetivo é falar sobre algumas questões que já apareceram ao longo das narrativas que analisamos nas páginas anteriores, mas que merecem alguns comentários a mais.

Primeiro, falo sobre como a roupa, sendo um elemento fundamental da maneira como os outros nos veem e como nós mesmos nos vemos, é interpretada como um lugar de tensão e conflito ao longo da vida. Apesar de que essa tensão pode tomar várias formas e se transformar no decorrer do tempo, a tensão em si permanece uma característica marcante da maneira como nos relacionamos com as roupas.

No segundo subcapítulo, que se relaciona intimamente com o primeiro, abordo a forma como os entrevistados falam sobre as roupas que fazem com que eles se sintam bem, mobilizando uma concepção ampliada de “conforto” que tem a ver não só com a maneira como a materialidade da roupa envolve nossos corpos, mas também com uma sensação de segurança em relação à imagem de nós mesmos que as roupas ajudam a construir.

Depois, discuto a forma como as roupas circulam entre pessoas e através do tempo e do espaço, sendo resignificadas ao longo dessa trajetória. Meu objetivo é mostrar que a compra solitária de uma roupa e seu uso individual, após o qual ela seria descartada sem segundos pensamentos, não é a única forma de se relacionar com as roupas, e talvez nem seja a principal, uma vez que as práticas ao redor das roupas envolvem redes de sociabilidade variadas.

A circulação de roupas nos leva a outro ponto importante, que é a relação entre as roupas e a memória. Quando as pessoas que entrevistei falam sobre as transformações nos seus modos de vestir ao longo de suas vidas, elas falam de uma série de temas, que são costurados entre si através da roupa. Assim, nessas narrativas de vida, as roupas materializam memórias sobre experiências, períodos, pessoas, lugares e sentimentos.

6.1. Uma relação tensa com as roupas

Diversos pesquisadores têm apontado que durante o século XIX, houve uma relativa democratização do acesso à moda, graças à simplificação do vestuário promovida pelos padrões estéticos burgueses; à invenção da máquina de costura, de um sistema preciso de medidas corporais e de moldes para peças de roupas; e à ascensão das culturas nacionais hegemônicas, que fez da moda uma forma de cultura popular através da qual as pessoas poderiam sinalizar sua integração à cultura urbana (CRANE, 2006).

De acordo com Diana Crane (1999), desse momento até os anos 1960 a difusão de novos padrões estéticos no vestuário era bastante centralizada. A moda consistia em regras claras sobre quais peças, cortes, cores e silhuetas deveriam ser usados em cada ocasião. A autoridade dos costureiros parisienses ditava tanto o tipo de roupas que seriam comercializadas às elites, quanto aquelas que seriam copiadas e adaptadas pelas fábricas de confecção e divulgadas pelas revistas de moldes. A força desse sistema estava no fato de que tais padrões não definiam apenas o que estava “na moda” para um público conscientemente interessado em seguir as tendências; eles definiam, também, os limites da respeitabilidade social para a população em geral.

Contudo, durante os anos 1960, uma série de processos (entre os quais estão a ascensão da classe média, o crescimento da influência cultural da juventude e das subculturas, e o desenvolvimento da indústria do vestuário e dos meios de comunicação de massa) ocasionaram uma profunda transformação nas dinâmicas de criação e difusão da moda. Nesse novo sistema, a autoridade do costureiro cede espaço para outras influências culturais, e há menos consenso sobre o que está “na moda”, justamente porque não há consenso sobre *quem* possui autoridade para delimitar as fronteiras entre o *in* e o *démodé*. Segundo Crane (1999, p.18), a “moda deixou de ser influenciada principalmente por aspirações de status de classe e se tornou um meio para expressar nuances de individualidade baseadas em percepções sobre gênero, orientação sexual, idade, e raça e etnicidade”, e também passou a ser cada vez mais utilizada para expressar a filiação simbólica a certos estilos de vida, de modo que pessoas “de todas as classes sociais consomem cultura material para salientar sua identificação com grupos específicos, mas não com a sociedade como um todo” (CRANE, 2006, p.44). Este novo contexto foi chamado de “moda aberta” (LIPOVETSKY, 2009) e de “pluralismo da moda” (DAVIS, 1992).

Entre aqueles que tentam analisar a forma como nos relacionamos com as roupas nesse novo contexto, muitas vezes surgem metáforas que enfatizam a *liberdade* das pessoas, vistas sobretudo como consumidores em um mercado onde a desigualdade de renda seria o único fator a diferenciar o acesso às roupas. Ted Polhemus, por exemplo, diz que “vivemos num supermercado de estilos onde, como latas de sopa enfileiradas em prateleiras intermináveis, podemos escolher entre mais de cinquenta tribos de estilo” (POLHEMUS, 2016, p.10). Nesse contexto, “tudo é possível” (idem, p.11), e as pessoas supostamente se relacionam com as roupas não através do comprometimento, mas sim, através do “flerte exploratório” (idem, p.10). Esse clima de liberdade e experimentação seria sintomático de mudanças estruturais na sociedade e na forma como as pessoas interpretam a si mesmas, que teriam dado origem a um contexto em que as pessoas estão “adotando e posteriormente trocando de identidades e estilos de vida da mesma maneira fácil e casual com que trocam de roupa” (CAMPBELL, 2006, p.50).

Bem, pensando nos relatos que analisamos ao longo desse trabalho, acredito que podemos responder a essa última frase dizendo que não somente trocar de identidade e estilo de vida não é uma tarefa fácil, como trocar de roupa também não é algo tão fácil e casual assim. Por exemplo, para Bourdieu (2017), o gosto, enquanto propensão e aptidão para a apropriação material e simbólica de certos objetos ou práticas, se relaciona a nosso *habitus*, que por sua vez se relaciona à experiência duradoura de uma posição social. Assim, qualquer escolha no “supermercado de estilos” não seria *nunca* um ato completamente livre, onde “tudo é possível”.

Mas mais do que isso, as narrativas que analisamos até aqui nos mostram que “trocar de roupa” não é fácil, não somente porque nosso gosto é uma propensão socialmente construída, mas também porque as pessoas experimentam e interpretam suas relações com as roupas ao longo de suas vidas muitos mais na chave do *conflito* e da *tensão*, do que na chave da *liberdade*. É verdade que a variedade de estilos que vemos nas ruas e que encontramos à nossa disposição em uma loja de departamentos é muito maior do que a que as pessoas encontravam no começo do século XX, mas daí não decorre que as pessoas sintam que todas as opções estão igualmente abertas a elas.

Uma ilustração desse ponto pode ser alcançada através das conclusões de Alison Clarke e Daniel Miller (2002). A partir de uma etnografia com mulheres comprando roupas em Londres, os autores perceberam que eram acima de tudo a ansiedade e o receio de passar vergonha que definiam o que essas mulheres compravam e usavam, no fim das contas. Apesar da grande variedade de peças disponíveis nas lojas, elas tendiam a comprar e usar tipos de roupas com os quais já estavam acostumadas, e a recorrer ao apoio e à opinião de amigas, de parentes ou do cônjuge quando estavam tentando fazer alguma mudança no seu modo de vestir, em busca de aprovação e suporte emocional.

A partir das entrevistas que realizei com esses jovens, sou levada a concordar com Clarke e Miller (2002), em sua conclusão sobre a centralidade da ansiedade nas relações que as pessoas mantêm com as roupas. Como já observamos, os entrevistados compartilham uma tendência a narrar a infância como um período caracterizado por uma relação “pura” com as roupas, uma vez que essa relação supostamente não seria mediada pelas convenções sociais materializadas pelo “olhar do outro”. A infância seria, então, um período de liberdade e despreocupação, já que as crianças não se importam com o que as outras pessoas pensam sobre suas roupas. Vimos que a ruptura com essa relação tende a ser narrada como um retorno reflexivo sobre os significados comunicados pelas roupas, o que faz com que a pessoa comece a se preocupar com o que os outros são levados a pensar sobre ela, a partir de suas roupas. Assim, a ruptura com aquela relação “pura” com o vestuário que caracteriza a infância marca o

início de uma relação *tensa* com as roupas, pois o “olhar do outro” passa a ser um importante mediador nessa relação.

Além disso, essas narrativas expressam a percepção sobre o “eu” como uma realidade interior oposta à (e oprimida pela) sociedade, e uma vez que a roupa é vista como um elemento importante da forma como esse “eu” se apresenta e é interpretado pelos outros, vestir-se torna-se uma tarefa potencialmente aflitiva, assombrada por dúvidas do tipo: será que eu estou me vestindo para *mim mesma*, ou para os *outros*? Será que eu *realmente* gosto do que eu estou vestindo, ou só estou seguindo alguma moda? Será que as outras pessoas estão me interpretando da maneira como eu gostaria de ser interpretada? Será que eu estou fazendo papel de ridículo usando essa roupa? Essas angústias fazem sentido a partir da valorização de um modo de vestir internamente referido, entendido como expressão de um indivíduo independente do laço social.

Nós também observamos que a adolescência é narrada como o auge dessa preocupação com a opinião dos outros, que é vista como fonte dos conflitos, inseguranças e sofrimentos característicos dessa fase. Essa sensibilidade ao olhar do outro é entendida como sintomática da centralidade das tentativas de autodefinição frente às outras pessoas, que também seriam características da adolescência. A jornada desde a adolescência até o momento presente tende a ser narrada como um processo de amadurecimento que leva a um estado de coisas onde a pessoa já não se importa tanto com a opinião dos outros, pois já está mais segura sobre sua autodefinição. Dessa forma, a relação que a pessoa mantém com as roupas hoje em dia tende a ser vista como mais madura e tranquila, e também, como sendo um modo de se vestir internamente referido.

Por outro lado, essa relação com as roupas é mais tranquila e autoconfiante apenas se comparada à adolescência, mas não em termos absolutos. Nós observamos que a infância, uma vez perdida, não pode ser recuperada, e o mesmo vale para aquela relação “pura” com as roupas que é considerada como intrínseca a essa fase da vida. Assim, o presente é um momento em que a pessoa representa a si mesma como sendo mais capaz de resistir ao medo de ser julgada, mas essa resistência tende a ser trabalhosa e imperfeita. Ao longo das narrativas que analisamos, os entrevistados frequentemente refletem sobre até onde vai sua capacidade de não se importar com a opinião dos outros, o que revela que essa indiferença é um ideal perseguido de uma maneira autoconsciente, em larga medida, e que permanece, na maior parte das vezes, um ideal.

Portanto, essas narrativas sobre as transformações nos modos de vestir ao longo da vida, embora às vezes evidenciem variações entre estilos que a princípio nos parecem desconexos, de maneira alguma podem ser retratadas como um “flerte exploratório”, como propõe Polhemus (2016). De maneira retrospectiva, as pessoas interpretam essas mudanças como sintomáticas de

transformações nas suas relações com outras pessoas, com sua própria imagem e percepção sobre si mesmas, entre outros fatores, e essas relações são lembradas como sendo altamente consequentes para a forma como a pessoa experimenta a vida social, e justamente por isso, como contendo um grande potencial de conflito, tensão e ansiedade.

Lembremos do relato de Daniel, sobre o dia em que comprou seu primeiro tênis da Adidas. Ele diz que queria se enturmar com os “filhinhos de papai” da escola nova, que se vestiam com marcas caras. Mas ao mesmo tempo, ele quis comprar justamente um modelo de tênis unissex, que via mais meninas do que meninos usando. Ele ficou com medo de ser zoadado, mas não podia negar que se sentia atraído pelo estilo mais bonito das meninas, e não pela forma largada com que os meninos se vestiam. Essa narrativa sobre o tênis da Adidas condensa uma série de conflitos vivenciados na escolha de um “simples” sapato, e esses conflitos são profundamente consequentes para a forma como Daniel lembra da sua relação com os meninos do colégio. Para Daniel, escolher aquele tênis da Adidas em vez de outro tênis qualquer, de maneira alguma se assemelha a escolher entre latas de sopa enlatada em um supermercado infinito.

Dessa forma, por mais que o modo de vestir varie ao longo do tempo, a cada momento as pessoas vivenciam sua relação com as roupas a partir do *comprometimento*, e qualquer “flerte exploratório” ocorre dentro de um espaço bastante delimitado, que varia, é claro, de pessoa para pessoa, mas que nunca chega ao “vale-tudo”. E isso porque se vestir é um *investimento sério*. Acredito que a discussão de Goffman (2011) sobre a preservação da fachada seja bastante esclarecedora nesse ponto. Segundo o autor, a forma como nos comportamos nas mais diversas interações depende de uma negociação entre nossa concepção sobre a situação, sobre as pessoas com quem interagimos e sobre nós mesmos. A partir dessa negociação, construímos uma fachada, na qual estão condensadas nossa imagem sobre nós mesmos e a imagem que acreditamos que os outros têm sobre nós. Apesar de representarmos diferentes fachadas em diferentes situações, elas devem manter uma coerência entre si, pois a manutenção de uma fachada através de uma representação coerente do “eu” é essencial ao sentimento de identidade. Isso faz com que desenvolvamos grande apego emocional a essa fachada, de modo que, quando outras pessoas nos flagram em um ato incoerente com nossa representação, nos sentimos envergonhados. Por isso, a escolha das roupas, na medida em que faz parte da manutenção de uma fachada, é um investimento muito sério que se relaciona profundamente à nossa concepção sobre nosso “eu”. Portanto, as roupas que temos no nosso armário, e que estamos acostumados a usar no dia a dia, podem ser relativamente diferentes entre si, e bastante diferentes das que

usávamos há dez anos, mas essa seleção variada exclui muitas outras possibilidades que fariam com que nos sentíssemos ridículos.

Essa necessidade de manter uma representação minimamente coerente através das roupas, que faz com que vestir-se seja um investimento sério, fica particularmente clara na forma como os entrevistados mobilizam uma concepção ampliada sobre o conforto, quando falam sobre as roupas que os fazem sentir bem. Esse é o tema que procuro desenvolver no próximo subcapítulo.

6.2. Roupas que nos fazem sentir bem

Se a tensão, o conflito e a ansiedade são temas frequentes nessas narrativas sobre a vida construídas ao redor do tema da roupa, indicando que esses sentimentos são marcantes da forma como as pessoas se relacionam com o vestuário, isso não significa que eles sejam os *únicos* sentimentos significativos para essa relação. Na verdade, poderíamos dizer que em boa parte do tempo, nos vestimos sem grandes problemas e de uma forma bastante naturalizada. E há momentos, inclusive, em que vestir uma certa roupa pode fazer com que uma pessoa se sinta *incrível*. Basta pensar em tantas cenas de tantos filmes e livros, em que uma mulher veste um novo e espetacular vestido e se sente três vezes mais capaz de fazer qualquer coisa. Em “Anne of Green Gables”, por exemplo, a protagonista passa boa parte do livro sonhando em ter um vestido com mangas bufantes. A uma certa altura, ela finalmente consegue um vestido assim, e o veste para recitar um poema em uma cerimônia na frente de toda a cidade. Contando o que se passou a sua melhor amiga, Anne diz:

Ai, eu estava tão nervosa, Diana. Quando o senhor Allan chamou meu nome eu realmente não sei dizer como eu consegui subir naquele palco. Eu me senti como se um milhão de olhos estivessem olhando pra mim e através de mim, e por um momento horrível eu tive certeza de que eu não iria conseguir começar. Então eu pensei nas minhas adoráveis mangas bufantes e tomei coragem. Eu sabia que eu tinha que viver à altura daquelas mangas, Diana. Então eu comecei, e a minha voz parecia estar vindo de longe.” (MONTGOMERY, 2010, p.282, tradução livre).⁴⁶

Da mesma forma que Anne, muitas vezes retiramos das roupas o suporte emocional

⁴⁶ No original: “Oh, I was so nervous, Diana. When Mr. Allan called out my name I really cannot tell how I ever got up on that platform. I felt as if a million eyes were looking at me and through me, and for one dreadful moment I was sure I couldn’t begin at all. Then I thought of my lovely puffed sleeves and took courage. I knew that I must live up to those sleeves, Diana. So I started in, and my voice seemed to be coming from ever so far away.” (MONTGOMERY, 2010, p.282)

necessário para tomar certas atitudes⁴⁷. Nesse sentido, já foi afirmado que nossa “vestimenta externa tem também uma função interna” (HARVEY, 2003, p.18), e que muitas pessoas “atribuem a suas roupas ‘preferidas’ a capacidade de influenciar suas formas de se expressar e de interagir com as outras” (CRANE, 2006, p.22).

Entre os jovens que entrevistei, embora a tensão seja marcante da forma como eles se relacionaram com as roupas ao longo de suas vidas, eles consideram que existiram, e existem, certas roupas que fazem com que eles se sintam particularmente *bem*. Uma forma bastante frequente através da qual aparece essa ideia é através de uma noção ampliada de “conforto”.

Nós observamos que os entrevistados muitas vezes interpretam as transformações no seu modo de vestir como sendo divididas por fases, e não é raro que eles sejam rápidos em rotular essas fases passadas, associando-as a modos de vestir estereotipados, como “surfista”, “skatista”, “roqueira”, “romântica”, etc. Mas na hora de descrever o modo como se vestem hoje em dia, o envolvimento prático com as roupas e a ausência da distância do tempo fazem com que rotular o estilo atual seja bastante difícil - e poderíamos dizer, indesejável. Assim, na hora de descrever a forma como se vestem hoje em dia, as pessoas que entrevistei costumam ser um tanto vagas. Uma maneira recorrente de descrever o modo de vestir atual é dizer que se vestem com roupas que acham *confortáveis*:

acho que a maior manifestação de personalidade minha agora, tá sendo a partir da meia, que são meias divertidas, e... eu não usava isso antes. Porque de novo, eu achava que era enfim, coisa infantil, e “por que que eu tô fazendo isso? Ahhhhh. Quero parecer uma pessoa séria e... adulta e não sei o que lá”. Mas... eu rompi, percebi que isso não tem muito sentido e **eu quero usar coisas que me deixam confortável e... que de certa forma... fazem referência... ao que eu sou**, talvez, ou que sei lá, seja um pouco mais descontraído e não... sério. (Francisco)

Em outra parte de sua entrevista, Francisco explicou a forma como se vestia durante a adolescência recorrendo principalmente ao consumo cultural que realizava, dizendo que se vestia com camisetas de banda e de anime, seguindo uma estética do *rock*. Quando passa a falar sobre o momento presente, as explicações já começam a ficar um tanto imprecisas: ele explica seu modo de vestir dizendo que veste o que o deixa “confortável”, o que ele “gosta” e o que “faz referência ao que ele é”. Essa ideia de conforto se relaciona de maneira mais ampla à ideia

⁴⁷ Outro ótimo exemplo do poder das roupas em oferecer suporte emocional é dado por Stallybrass, ao citar o drama vivenciado pela protagonista Sasha no livro “Bom dia, meia-noite”: “trabalhando em uma loja de roupas elegantes em Paris, ela fantasia que vai comprar o vestido que vai endireitar tudo: ‘É um vestido preto, com mangas largas, bordadas em cores vívidas: verde, vermelho, azul e púrpura. É meu vestido. Se eu o estivesse vestindo, nunca teria gaguejado nem teria parecido idiota, estúpida. Começo a desejá-lo loucamente, furiosamente. Se pudesse obtê-lo, tudo seria diferente” (RHYS, Jean, apud STALLYBRASS, 2012, p.34).

de *se sentir bem* usando uma roupa:

[as roupas que eu mais gosto de usar] são roupas que eu tenho que é mais confortável, assim, eu já tô mais acostumada de vestir e tal, então eu acho que eu fico bem nelas. (Maria Clara)

Mas... eu me visto assim com o que eu me sinto bem, sabe. Que eu me olhe no espelho e... e goste do que eu esteja vendo. (João)

Prestando atenção nessas falas, percebemos que a ideia de conforto não se refere somente às características físicas da roupa e da forma como ela envolve nossos corpos, como fica bem expresso no comentário de Gustavo:

eu sempre tive um objetivo de... ter o maior conforto *possível* independente da roupa que eu tava utilizando, sabe. **“Conforto” eu digo... em *me sentir confortável*... tipo *entre a roupa me sentir confortável*, e *eu me sentir confortável usando ela*, sabe?** (Gustavo)

Se sentir confortável e se sentir bem usando uma roupa envolvem sensações bem complexas e sutis. Observei que, nessas narrativas, as roupas capazes de garantir essas sensações costumam ser aquelas que a pessoa está acostumada a usar; que a pessoa usou e usa muito; que a pessoa acha que “caem bem”; e roupas que a pessoa acha que são “a sua cara”. Todas essas ideias se condensam em volta das roupas que nos fazem sentir bem.

Vamos começar pela ideia das roupas preferidas como aquelas que usamos mais, ou que estamos acostumados a usar:

eu acho que as roupas preferidas são tipo... as coisas que eu consigo usar *mais*, e eu uso *muito*, tipo, eu repito muitas coisas, e... aí acho que essas são minhas peças preferidas, sabe. (Sofia)

eu sempre fui de ter peças favoritas. Tipo... peças que eu uso uso uso até tipo... elas estragarem, e normalmente eu não consigo tipo substituir elas por outras, sabe? É... são peças que não são tipo tão específicas, são peças que eu comprei e que... **se tornaram favoritas**, sabe? Não é tipo ai, calça preta, que eu consiga atualizar. É tipo algum casaco específico, alguma camisa... e normalmente são peças que... **eu me sinto confortável**, e... acho que isso é a *primeira* coisa, (...) e a segunda é que são peças que tipo... elas servem pra qualquer ocasião. Então tipo... eu tenho um casaco que eu amo, e que no meu dia a dia eu consigo usar ele tanto na universidade... no estágio, mas também tipo... numa festa, sabe? Tipo, dependendo da roupa que eu usar embaixo, por exemplo, eu consigo usar em várias ocasiões. E eu acho que *todas* as minhas peças favoritas, desde tipo sapato até calça, têm essa característica, sabe? Eu acho que... é isso que faz pra mim, tipo ser uma peça favorita, sabe? **Uma peça que tipo fique bem no meu corpo, e que eu possa... usar em diferentes ocasiões e me sentir bem em todas**, sabe? (Luísa)

Tem um outro casaco também, (...) um casaco cinza que tem umas *faixas* vermelhas (...). E ele tem zíper nos bolsos, eu gosto muito disso porque... **eu acabei aprendendo muito a usar, e eu... sei lá, me sinto mais seguro**. Mas ele é o único casaco que eu

tenho com zíper no bolso. E... ele também é um dos meus casacos mais antigos. Eu acho que (...) ele é o meu casaco mais antigo. E... sei lá, eu gosto bastante dele. **Também por essa... pelo fato de ele ser antigo, pelo fato de eu usar ele há muito tempo, pelo fato de eu me sentir... seguro com ele.** (Eduardo)

Eduardo nos conta sobre esse casaco que tem zíper nos bolsos, e que o faz sentir-se seguro. A princípio podemos pensar que essa peça tem esse poder porque o zíper impede que as coisas caiam do seu bolso. Mas a sensação de segurança transmitida pela materialidade do casaco parece ir além disso; parece ser efeito também do fato de que esse é o seu casaco mais antigo, que ele foi “aprendendo a usar” ao longo do tempo. Usar muito uma roupa pode fazer com que a pessoa se acostume com a visão de si mesma vestindo aquela peça, com a forma como o tecido roça sua pele e com a maneira como essa roupa molda seu corpo e lhe permite experimentar esse corpo. A vivência com uma roupa ao longo do tempo, circulando entre diferentes espaços, situações e pessoas, no decorrer da qual ela prova sua capacidade de nos fazer sentir bem nas mais diversas situações, pode fazer com que aquela peça, assim como os casacos de Luísa e de Eduardo, seja capaz de nos transmitir uma sensação de segurança por si mesma. Essa segurança, conforto e tranquilidade parece ser alcançada através de uma fusão entre a pessoa e a roupa:

Através do uso contínuo dos mesmos itens de vestuário, é como se eles envelhecessem junto com a pessoa, se transformando em uma segunda pele. (...) Bayly (1989) apontou para os vínculos entre biografia e vestuário, onde a porosidade das roupas, como algo vestido pelos indivíduos próximo ao corpo, possibilita uma fusão entre a pessoa e a roupa. Através da capacidade das roupas de envelhecer, sendo ao mesmo tempo algo durável, essa relação simbiótica entre a pessoa e a roupa é criada, na qual a pessoa se sente confortável em suas roupas. (WOODWARD, 2005, p.33, tradução livre).⁴⁸

Essa fusão entre a pessoa e a roupa nos chama atenção para o fato de que certas peças são capazes de nos transmitir um tipo de segurança ontológica (GIDDENS, 2002)⁴⁹: a pessoa passa a acreditar que certa roupa é “a sua cara” e que ela só é “ela mesma” quando usa essa roupa. Assim, a roupa assegura um senso de coerência e identidade à pessoa:

⁴⁸ No original: “Through perpetually wearing the same items of clothing it is as if they age with the wearer, becoming like a second skin. (...) Bayly (1989) has pointed to the links between biography and clothing, wherein the porosity of cloth, and as something worn by individuals next to the body, enables a fusion between person and clothing. Through clothing’s capacity to age, yet being similarly durable this symbiotic relationship between person and clothing is created, where the wearer feels comfortable in her clothing.” (WOODWARD, 2005, p.33).

⁴⁹ Sobre isso, Anthony Giddens diz que: “Do outro lado do que poderiam parecer aspectos bem triviais da ação e do discurso cotidianos, o caos espreita. E esse caos não é só a desorganização, é também a perda do sentido da realidade mesma das coisas e das outras pessoas. (...) A atitude natural põe entre parênteses perguntas sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo dos objetos que devem ser dadas como respondidas para que se possa enfrentar a atividade cotidiana” (GIDDENS, 2002, p.40). Essa atitude natural é alcançada por meio da sensação de segurança ontológica, que pressupõe uma aceitação tácita da identidade dos objetos, das outras pessoas e do eu.

eu tenho roupas que realmente são a minha cara e eu uso com mais frequência porque eu comprei justamente por essa razão, assim. (Fábio)

Essa ideia também fica expressa na declaração de Francisco de que as roupas que o deixam confortável são aquelas que “fazem referência ao que ele é”. O fato de que certas roupas são “a nossa cara” significa, também, que existem vários outros tipos de roupa que poderíamos usar, mas que não usamos porque eles não tem “nada a ver” conosco, como fica evidente através do relato de Maitê:

Mas... eu diria que a... as peças assim que eu mais sou apegada... um é um sapato. É um creeper que se chama, né. (...) na minha cabeça ele combina com todas as roupas que eu tenho. Então assim, se na hora eu não consegui pensar no que eu vou usar como sapato, **eu uso ele porque eu sei que sempre vai dar**, sabe? Então ele é como se fosse assim: o coringão. E... adoro ele, simplesmente. A outra coisa é um quimono, tipo um casaco tipo quimono que eu tenho assim, azul. Que pra mim é a mesma coisa, eu gosto muito dele (risos) porque eu consigo usar ele por cima de muita coisa, ele é muito versátil, assim, então... se eu também coloco uma coisa e fico tipo ai, quero dar um incrementada aqui, **eu boto ele porque eu sinto que... é ótimo**. Além dele me esquentar, porque eu sou muito friorenta, né. Então eu diria que ele, também é uma das minhas roupas favoritas. (...) E a razão pela qual... eu sou apegada a essas coisas, eu acho que é porque... eu uso muito elas. É a versatilidade delas. Eu uso muito, **eu me identifico né, eu acho elas a minha cara, como se fosse assim. Se eu pudesse colocar em roupa, né, a minha personalidade, seria no meu creeper com certeza (risos). É evidente, eu fico muito com ele**. Então é isso: a versatilidade e porque eu... me sinto... bem expressa através dessas roupas.

Eu falei que eu não gosto muito de roupas assim românticas e tals, porque... porque eu não acho que eu sou muito assim, sabe? **Eu acho que eu tento me vestir meio que... de acordo com aquilo que eu entendo quem eu sou**, sabe? E... normalmente eu ligo, né, tipo assim, (...) acho que a gente foi ensinado também a isso (risos), mas eu ligo a roupa româaaaantica e tals, com uma pessoa mais assim: fofa, né, que gosta dessas coisas. Eu não sou assim. Sabe, eu sou... essa pessoa meio assim: escrachada, eu sou... informal, eu gosto de coisas divertidas, então **eu gosto de botar minhas roupas junto com essas coisas que eu acho que me definem melhor**, sabe. Normalmente então eu não me identifico com roupas assim românticas, né. Que eu não sei dizer muito bem o que é, mas a roupa romântica é que quando você olha você sabe que é, né? (risos) (...) Outras coisas que eu não gosto também, são... uma roupa mais formal, sabe assim? (...) Não curto muito porque eu me acho uma pessoa muito informal, sabe? Muito informal, tanto que pra ir pra festa, por exemplo, festa de casamento, 15 anos, pra mim assim é uma luta, porque... eu normalmente não gosto dos vestidos, das roupas, né, que tem de festa e tals, porque **eu me sinto estranha nelas. Parece que eu não tô sendo eu**, sabe? É... então pra mim às vezes é muito difícil achar uma roupa que seja mais arrumada que eu goste, sabe. Porque normalmente tem brilho, eu não sou muito de brilho, lantejoulas, babado (...). Então normalmente... não é o meu gosto, essas coisas. (...) **E a maior razão pela qual eu não uso essas coisas é porque eu não me identifico**. Eu me sinto estranha assim, usando, porque eu não sou, né, eu não sou uma pessoa formal, nem muito chique, assim. Até o meu chique eu tento ser assim mais... divertiida, tals. (Maitê)

As roupas preferidas de Maitê são aquelas com as quais ela “se identifica”, que sempre fazem com que ela se sinta bem, e justamente por isso, são as que ela mais usa. Essas roupas

são “a sua cara”, e se ela pudesse “colocar a personalidade dela em uma roupa”, seria no seu *creeper*. Ao contrário, as roupas românticas e formais fazem com que ela se sinta estranha, pois transmitem a sensação de que ela “não está sendo ela mesma”, já que ela não é nem romântica, nem formal.

A diferença que Maitê percebe entre as roupas que são “a sua cara” e as roupas que a fazem sentir-se estranha lembra muito a discussão de Sophie Woodward (2005) sobre o *aesthetic fit* e o *aesthetic disjuncture*, que poderíamos traduzir grosseiramente como encaixe estético e disjunção estética, respectivamente. Woodward faz referência à noção de “pessoalidade distribuída” (*distributed personhood*) de Alfred Gell, segundo a qual o “eu” é externalizado e distribuído no espaço através de diferentes objetos materiais, que são fundamentais na mediação e externalização da agência e da intencionalidade. O *aesthetic fit*, na perspectiva de Woodward, seria uma sensação alcançada por meio de roupas que “externalizam de maneira eficaz a intencionalidade da pessoa através da sua materialidade” (FISHER; WOODWARD, 2014, p.8, tradução livre), e que são consideradas confortáveis justamente por sua capacidade de fazer a pessoa se sentir “como ela mesma”. O *aesthetic disjuncture*, pelo contrário, é a sensação de que uma roupa não tem “nada a ver” conosco, o que pode fazer com que nos sintamos desconfortáveis com sua materialidade, com a forma como ela envolve e molda nosso corpo. E vice-versa: a sensação de desconforto em relação à maneira como a roupa envolve nosso corpo pode fazer com que sintamos que ela não tem “nada a ver” conosco, como na narrativa de Matheus algumas páginas atrás, em que ele conta sobre a dificuldade que tinha durante a adolescência em encontrar roupas que o faziam sentir-se bem, pois sua vergonha sobre seu próprio corpo fazia com que ele só se sentisse confortável em roupas absolutamente ideais na forma como elas o envolviam.

Essa oposição entre o *aesthetic fit* e o *aesthetic disjuncture* e sua relação com a materialidade da roupa e com essa noção ampliada de conforto também é bastante perceptível no relato de Maria Clara:

Até agora, tipo, eu não tô mais no Brasil, eu tô morando na Irlanda, e eu sinto muito que o jeito que eu me visto aqui é... tende um pouquinho mais puxado pra eles, assim. Eu me vi comprando umas coisas que eu acho que eu não compraria (risos) no Brasil, casaco, coisas assim, mas... uns tipos de casaco que eu *nunca* compraria, tipo aqueles casacos que são realmente térmicos. Mas se eu não comprar, tipo pfff, eu vou passar muito frio. (...) eu acho que muito de como a gente se veste, de como *eu* me visto também, é muito adaptado... da onde a gente tá no momento, obviamente... frio, etc., mas também tipo, **a gente tenta tirar alguma coisa... do lugar, a gente percebe como é que as pessoas tão se vestindo e a gente quer ficar, não “parecido”, mas tipo... ser incluído, né.** E... eu vejo bastante isso. É... não sei, eu acho que por ser de Florianópolis, eu... tenho essa parte mais do *despojada*, entre aspas, de me vestir. (...) E eu estando aqui na Irlanda, onde as meninas, tipo, fazem *mega produções*, assim, pra

sair, pra jantar fora e tal, eu vejo muito tipo... que eu carrego isso comigo, ainda, sendo de Floripa. Mesmo eu passando um pouquinho mais de maquiagem, é... **eu consigo ver assim, que o jeito de eu me vestir... de Floripa, assim, me acompanha.** (risos)

Acho que é uma questão de gosto também... **eu não conseguiria... me vestir da maneira que eu vejo muitas delas se vestindo porque eu não acho bonito, não me atrai nem um pouco, ter vontade de fazer igual.** É... eu acho que é questão muito de gosto, eu sempre gostei de coisas mais... em certo sentido mais minimalistas e tal... e eu acho que as linhas mais minimalistas em mim caem melhor, também. Então eu não acho que estampas gigantescas me favorecem. Ahn... e sei lá, eu acho que... **acho que nem eu (risos) conseguiria me levar muito a sério assim.** Sei lá, eu acho estranho em *mim*, pensar desse jeito, tipo... muitas estampas, coisas extremamente coloridas, coisas bufantes e sei lá. **Não consigo me ver desse jeito.** É... não sei, acho que é isso, assim. **Eu continuo me vestindo mais ou menos... como eu me sinto,** e eu acho que... tem dias que a gente que alguma coisa diferente, mas eu sempre mantenho a mesma linha de me vestir, que é um pouco mais... minimal, mais... sei lá, discreta, não sei. Ahn... acho que isso é muito mais também... das coisas que eu gosto, das **coisas que eu acho que fica melhor em mim.** (Maria Clara)

Apesar de acreditar que o seu modo de vestir varia um pouco de acordo com o ambiente onde está, já que ela é influenciada a experimentar estilos que antes achava estranhos, Maria Clara considera que continua em larga medida se vestindo da forma como já estava acostumada. Comparando suas roupas com as das meninas irlandesas, ela diz que “não conseguiria se levar a sério” vestida como elas, e que “não consegue se ver” assim, pois esse tipo de roupa não a “favorece” e não “ficaria bem” nela. Assim, ela continua se vestindo “da maneira como ela se sente”.

Dessa forma, nos referindo ao diálogo que realizamos com Goffman (2011) no último subcapítulo, percebemos novamente o quanto as pessoas conectam seus sentimentos (ou seu “autorrespeito”, para usar os termos de Norbert Elias⁵⁰) às suas roupas enquanto elementos essenciais de sua fachada, que por sua vez é um elemento essencial da forma como elas interpretam a si mesmas. Mais uma vez, fica evidente o quanto o ato de se vestir é um *investimento sério* vivenciado a partir do comprometimento, muito mais do que um “flerte exploratório” (POLHEMUS, 2016).

Por fim, a capacidade de certas roupas de nos transmitir uma sensação de segurança, conforto e bem-estar pode até mesmo criar um vínculo de dependência, quando passamos a acreditar que *precisamos* usar aquela roupa para nos sentir bem:

veio um flashback aqui, (...) **eu tinha uma blusa que eu a-ma-va. Que eu, eu só usava ela em todos os rolês. Que era a minha roupa preferida** (...), ela era cinza meio... meio estragadinha, assim, ela tinha um leão na frente dela, e cara, eu *amava* aquela blusa, eu usava ela o tempo inteiro, e a combinação do look perfeito dela pra mim, era: aquela blusa, com uma calça. E aí eu usava aquele look pra *todos* os aniversários meus e todos os *eventos*, até que um dia aquela blusa ficou *tão* desgastada que eu tive que

⁵⁰ Elias, 2001, p.227.

jogar ela *fora* e eu fiquei tipo “meu deuuus eu não *quero*, nunca mais vou encontrar uma *roupa* que eu goste taaanto” (voz fingindo choro de brincadeira). Enfim, só um detalhe. **Isso é uma coisa que eu tendo a fazer muito. Eu geralmente *combino uma blusa com uma calça que eu acho muito bonita, daí eu uso aquele look sempre em conjunto sabe, eu nunca troco ele***, tipo, o resto das roupas que eu não gosto tanto eu vou fazendo várias combinações assim, mas... se tem uma roupa que eu gosto muuuuito, e eu acho ela muito bonita com uma *outra* roupa... eu acabo sempre usando elas juntas.

Às vezes eu gosto de uma roupa tipo assim, se eu gosto de uma blusa e do jeito que ela fica com a minha bolsa de abacaxi, quando eu usar a bolsa de abacaxi eu *vou* usar aquela blusa sabe, porque **eu acho que é o melhor look**. Tipo, eu tinha uma época que eu achava que era muito bonito usar uma blusa verde que eu tenho com (...) uma blusa (...) que ela tinha aquela coisa blusa social da gola sabe, aí eu usava a minha blusa verde longa, é, que ela era de manga comprida, com só a golinha pra fora, e ela era verde e a golinha era azul, e daí com um coraçãozinho, bem branquinho bem transparente quase, aí eu usava aquilo, *toda* vez que eu usava a minha blusa, é... de coraçãozinho e de gola, eu usava a blusa verde, sabe. **Era tipo, obrigatório. E existem várias outras roupas que eu poderia usar mas eu nunca me sentia tão bem, quanto eu me sentia quando eu colocava aquela roupa sabe?** (Clarice)

Clarice divide o seu guarda-roupa entre as peças que ela não gosta tanto, e as peças que ela ama. Essas últimas são aquelas que têm o poder de fazê-la sentir-se especialmente bem, o que faz com que ela sinta vontade de usá-las para todos os eventos importantes. E enquanto as roupas que ela não gosta tanto podem ser combinadas entre si de várias formas, as roupas que ela ama só podem ser usadas umas com as outras. Woodward (2005), em sua etnografia sobre a maneira como as pessoas se relacionam com suas roupas, encontra essa mesma relação entre suas informantes: elas dividem seu guarda-roupa a partir de um senso de ordem particular, e a sensação de que certas roupas só podem ser vestidas *juntas* chama nossa atenção para o poder dos objetos, ou seja, para nosso sentimento de que certas roupas *nos obrigam* a usá-las de uma maneira específica e para certas ocasiões específicas.

Se voltarmos para aquele trecho de “Anne of Green Gables” que citei no início desse subcapítulo, podemos perceber que a maior parte dos relatos que citei desde então falam de como certas roupas podem nos transmitir uma sensação de segurança ontológica, expressa nessa noção ampliada de conforto, que tem muito mais a ver com sentir-se tranquilo no seu próprio corpo, ou crer na própria representação, como diria Goffman (1985). As mangas bufantes de Anne, porém, são um pouco diferentes do casaco com zíper nos bolsos de Eduardo, pois elas não fornecem à Anne aquela sensação de tranquilidade alcançada por meio do costume de usar uma roupa por muito tempo, de forma que ela se torna uma segunda pele. Na verdade, as mangas bufantes de Anne fornecem uma nova imagem dela mesma: é um vestido novo, que apresenta a melhor versão dela mesma, e por isso Anne sente que tem que “viver à altura” do vestido, de forma a corresponder às expectativas contidas nele. Assim, as mangas bufantes de Anne lembram muito mais os “looks perfeitos” de Clarice, pois esses *looks* também são capazes

de construir a melhor versão dela mesma, à qual ela recorre quando precisa desse suporte emocional para ir a algum evento especialmente importante.

No subcapítulo passado, vimos que vestir-se é um investimento sério e conflituoso, o que faz com que as pessoas não sintam que todos os tipos de roupas estão igualmente à sua disposição. Nesse subcapítulo, meu objetivo foi desenvolver esse ponto um pouco mais, e mostrar que a liberdade das pessoas em relação às roupas também é restringida pelo fato de que elas só se sentem confortáveis usando certos tipos de roupa. Mas essa ideia de conforto envolve tanto a materialidade da roupa quanto uma sensação de segurança ontológica ou de *aesthetic fit*, graças a qual só conseguimos nos sentir como “nós mesmos” quando estamos vestidos de um certo modo.

6.3. A circulação de roupas

De acordo com Saulo Cwerner (2001), as pesquisas sobre moda tendem a focar nas roupas *vestidas*, dando a impressão de que as roupas só existem enquanto objeto de estudo *enquanto* elas estão sendo vestidas, quando na verdade, durante a maior parte do tempo, elas estão “descansando” no nosso armário. Prestar atenção nisso nos faz perceber que existem ao redor das roupas uma rede complexa de práticas que não se limitam ao momento de vesti-las. Nos termos de Arjun Appadurai (2008, p.17), é “seguindo as coisas” que podemos perceber a forma como seu significado está inscrito nos seus usos e trajetórias; e se considerarmos que as coisas, assim como as pessoas, possuem biografias (KOPYTOFF, 2008), podemos começar a pensar na forma como as roupas são compradas, recebidas como presente ou como doação, guardadas, esquecidas, perdidas, recuperadas, doadas ou jogadas fora - enfim, podemos perceber como as roupas circulam, e são ressignificadas ao longo dessa trajetória.

Prestar atenção na forma como as roupas circulam tem ainda o efeito de nuançar o enfoque individualista que às vezes corremos o risco de desenvolver, quando pesquisamos sobre a forma como as pessoas se relacionam com as roupas. Ainda segundo Cwerner (2001), podemos notar que as pesquisas sobre moda tendem a focar no porquê de *uma certa pessoa* usar uma certa roupa. Isso pode fazer com que a primeira imagem que vem à nossa mente, quando pensamos sobre esse tema, seja a de um consumidor solitário, em uma loja, comprando uma peça que é expressão de seu gosto particular.

É verdade que ao longo desse trabalho, temos percebido que, ao interpretar as transformações no seu modo de vestir ao longo da vida, as pessoas desenvolvem narrativas de história de vida onde o modo de vestir é visto como produto das relações entre o “eu” e o

“mundo”. Vimos, também, que concepções individualistas são marcantes nessas narrativas, nas quais um modo de vestir internamente referido aparece como o ideal máximo a ser perseguido. Assim, podemos concordar com Cwerner quando este fala sobre o guarda-roupa como um eficiente veículo para a “individualização moderna”:

O quarto de dormir se tornou, ao menos entre as sociedades mais abastadas, o refúgio do self, e a roupa vem sendo instrumental na modelagem dessa personalidade. Nesse processo, o guarda-roupa se tornou um depositário dos signos e imagens que definiram em larga medida o “eu” ao longo dos anos, constituindo-se em um tipo de biografia vestimentária. (...) Diferente de muitos objetos em uma casa, as roupas são normalmente para consumo individual, ajudando a detectar a individualidade de cada um dos membros da família (...). (CWERNER, 2001, p.87, tradução livre)⁵¹.

Sem contrariar essa perspectiva, e sem contrariar o enfoque individualista que as pessoas dão às suas próprias interpretações sobre suas relações com o vestuário, meu objetivo nesse subcapítulo é mostrar que as roupas, nessas narrativas de vida, são muitas vezes utilizadas para falar das transformações nas relações entre o “eu” e as *outras pessoas* ao longo do tempo. Entender como as roupas *circulam* entre as pessoas é um bom ponto de partida para percebermos isso.

E isso porque a compra individual, o uso individual e o descarte irreflexivo não são as únicas maneiras de se relacionar com o vestuário. O que notei nesses relatos é que as roupas são frequentemente recebidas como presentes ou como doação, ou recuperadas de um estado de esquecimento do guarda-roupa dos pais ou de outros conhecidos; que mesmo quando compradas, elas podem ter sido compradas *junto* com outras pessoas; elas podem fazer parte de um guarda-roupa compartilhado, por exemplo, com irmãs e amigas; podem ser guardadas pensando em outra pessoa que talvez vá vesti-las no futuro; elas podem ser trocadas com amigos e, por fim, doadas para alguém. Esse enfoque, além de nuançar novamente o foco na liberdade individual frente ao vestuário, nos revela redes de intensa sociabilidade ao redor das roupas.

Para começar, vamos prestar atenção nesse trecho do relato de Rafaela, onde esse ponto se revela de uma maneira particularmente clara:

eu lembro que eu... eu sempre fui pequenininha né, **então eu sempre ganhei muita roupa das minhas primas, dos meus primos, do meu irmão** (risos), então... não tinha muito um *estilo* definido, assim, pra uma criança (risos). Aí (...) quando eu comecei a ir pra escola... eu lembro que a minha avó costurava pra mim. **Minha mãe pedia,**

⁵¹ No original: “The bedroom has become, at least in more affluent societies, the refuge of the personal self, and clothing has been instrumental in fashioning this personality. In this process, the wardrobe has become a depository of the signs and images that have largely defined the self throughout the years, constituting a kind of sartorial biography. (...) Unlike many other objects in the home, clothes are usually for personal consumption, helping to track the individuality of each of the members of the family (...)” (CWERNER, 2001, p.87).

separava os... as revistas, assim, os modelos que ela queria, e minha avó fazia principalmente vestido e saia, tal, pra mim. E era de panos normalmente floridos, e de algodão, né. Eu sempre tava um pouco meio fora da moda, né, porque... aquela coisa da avó costurando. Ficavam muito fofos os vestidos, mas era bem artesanal. (...) Eu lembro que mesmo também nessa idade eu recebia bastante roupa. Eu lembro que teve a fase, quando a gente tava na escola ainda, de meio surfista (risos). Então... queria ter umas bermudas, assim, e eu lembro que eu gostava também de me vestir um pouco de moleca, né. Então... **por causa do meu irmão**, talvez. Gostava de umas bermudas, umas regatas, assim, aquele colarzinho de prancha que todo mundo tinha (risos). **Aí eu lembro... da primeira vez que eu comparei... a roupa de uma criança com a minha...** que foi pra acessórios, eu lembro que eu queria acessórios das outras crianças. Que era uma touquinha, não sei se cê lembra, uma touquinha... de crochê, assim, vazada, tipo um quepezinho. E eu queria *muito*, eu fiz minha avó fazer (risos), eu lembro que *não ficou* igual o da outra menina, eu fiquei chateada... mas enfim. Foi a primeira vez que eu queria uma coisa... de outra criança, assim, em relação à roupa. (...) É... aí quando eu fui crescendo, né, foi tendo as festinhas, tal. Eu lembro que eu me baseava bastante naquela revista (risos) Capricho, tinha Atrevida, né? Atrevidinha, e a Capricho. E eu me considerava um *estilo romântico*, então... eu tentava fazer meus looks... baseados nesse estilo. Eu acho que **ainda muito influenciada pela minha mãe**, assim, em relação a isso, de ser ah, mocinha, colarzinho, sainha, sapatinho, tipo tudo florzinho (risos).

Aí quando... quando a gente começou a sair pra festa, tal, **eu... me agarrei muito ao estilo das minhas amigas**. Que era realmente um estilo mais, eu diria... não é cocota, um estilo... convencional? Lembro *muito* da moda da saia justa, coladinha, preta, com uma blusinha regata de renda por baixo, e uma batinha solta por cima. Nossa, isso a gente usava muito. E eu nunca, tipo, nunca *tive* muito, assim, roupas de sair, comparada às minhas amigas, então sempre que a gente ia numa... festinha, e tal, **a gente se trocava na casa de alguma amiga, que raramente era a minha casa, e eu acabava pegando emprestado delas**. Então eu tinha essa de querer... querer fazer parte do grupo, assim, pelas roupas, mesmo não sendo minhas. (...) Ah, e nessa época, (...) eu comecei a ter contato com maquiagem. Minha mãe nunca se maquiou, é uma coisa que ela não faz. (...) então todo esse lado... *vaidoso*... da mulher convencional, né, **eu desenvolvi com as minhas amigas, e com as mães delas**. E foi nessa época, mais ou menos com uns... uns 15 anos, 16, 14, **eu comecei a rejeitar o estilo da minha mãe**. Minha mãe era mais romântica barra hippie, né. Então... eu comecei a... tipo, ir contra, muitas vezes o que ela me ajudava a escolher roupa.

Aí voltando quando eu tava falando que eu tinha quebrado laços com o estilo de roupa da minha mãe. É... ah, fui desenvolvendo, assim, buscando referências de estilo, por fora. Eu confesso que eu sempre fui meio a ovelha negra, assim, das minhas amigas, em relação a estilo. Sempre... não acompanhei elas, sabe, tipo, tanto em estilo de roupa quanto estilo de vida. (...) Aí teve um momento... acho que isso já foi com uns 18 anos? Que **eu voltei... a me interessar pelas roupas da minha mãe** (risos), e aquilo que eu achava *super* brega, minha mãe sempre foi muito colorida né, nas roupas, eu comecei a linkar algumas peças com... coisas que... enfim, que não tinha muito nada a ver, e eu tendia, assim, ficava no *limite*... eu ainda não sei se às vezes eu passava ou não, entre o *brega* e o *autêntico*. Então comecei a ter isso, né, de tipo, cruzar estampas, e pegava coisas da minha mãe, misturava com coisa de brechó. (...) Então acredito que até hoje eu tenho... tenho essa pegada. (...) **Mas acho que a trajetória é essa, tipo tem muito... querer agradar a mãe, na infância né, depois... copiar das amigas, e de revistas e tal.** (...) E voltar depois a mesclar coisa da mãe misturada com... referências de fora.

Se notarmos a forma como as roupas chegam à Rafaela, podemos identificar uma variedade de práticas além da compra: ela recebe roupas usadas dos primos, das primas e do irmão; usa as roupas costuradas por sua avó, baseadas nos modelos selecionados pela mãe; pega

roupas emprestadas das amigas; recupera roupas do armário da mãe e as mistura com peças usadas compradas em brechó. A cada momento, as roupas que ela tinha à disposição não eram *apenas* aquelas que ela possuía no armário, e por outro lado, as que ela tinha no armário não eram *sempre* as que ela realmente gostaria de ter, uma vez que estavam parcialmente limitadas ao que ela recebia dos parentes e ao que sua avó conseguia costurar, como nos mostra sua frustração em relação à touquinha de crochê.

O que percebi, a partir das entrevistas, é que esses modos de ter acesso às roupas não estão diretamente relacionados à privação material - pelo menos entre as 46 pessoas que entrevistei, que compõem, no fim das contas, um escopo bem limitado para investigar esse tipo de relação. Como já foi comentado, apesar dos indicadores de classe imperfeitos que utilizei, as pessoas que participaram da pesquisa podem ser localizadas, em sua maioria, nas camadas médias escolarizadas, uma vez que a maior parte não trabalha para se sustentar enquanto cursa o Ensino Superior, estudou a maior parte da vida em escola particular, e vem de famílias bastante escolarizadas - assim como a própria Rafaela. E mesmo nesse meio relativamente abastado, comentários sobre receber roupas usadas são muito frequentes, assim como menções ao fato de que as roupas devem ser usadas por bastante tempo, de modo a “fazer valer” seu preço, e que devem ser conservadas com o objetivo de serem doadas a outras pessoas (irmãos mais novos, primos, ou pessoas desconhecidas). Assim, as roupas são vistas como coisas que fazem parte de uma economia ou de uma contabilidade, que define o modo como elas serão compradas, usadas, guardadas e dispensadas:

Mas falando nisso também, eu não... eu nunca fui de... *trocar* roupa, de jogar as coisas fora, também, então... trocar de roupa todo ano. Porque de novo, eu nunca comprei nada... nunca comprei as coisas com muita frequência, né? Então eu tenho camiseta que eu tenho, enfim, camiseta, calça, e jaqueta que eu tenho há quase sei lá, 5, 6 anos sabe, **e eu continuo usando porque foda-se (risos), tá boa ainda e dá pra usar.** (Francisco)

Eu tenho que falar também, (...) que eu gosto muito de... de usar uniformes e roupas um pouco parecidas, assim. (...) É uma coisa a menos que você tem que pensar no dia, e **você salva suas outras roupas**, assim. Pra *mim*. Por exemplo, se eu vou na escola e eu tenho duas camisas de uniforme e duas calças iguais, aí **eu não preciso ficar usando as minhas outras roupas que eu podia usar pra fazer outras coisas.** (Gustavo)

Tipo, acho que uma roupa favorita que eu uso muito é essa roupa da Farm que eu comprei no meu aniversário, que é uma blusa de golinha com umas estampinhas de animais e flores que eu *sempre* quis uma blusa assim e nunca achava. **Me senti muito culpada de comprar na Farm porque é tipo extremamente caro** sabe, custou 250 reais uma blusa e eu não tenho esse tipo de dinheiro, mas eu tenho tipo, acho que duas ou três peças da Farm no meu guarda-roupa inteiro, e... é, essa é uma das blusas que eu mais uso na minha vida sabe, **eu uso ela di-re-to, então realmente valeu a pena** sabe. (Clarice)

Nas falas de Francisco, Gustavo e Clarice, percebemos esse “cálculo” ao redor das roupas, que define a maneira como elas entram e saem dos seus armários. As roupas de Francisco podem ser usadas por anos a fio, pois ele não tem uma justificativa para se desfazer delas se ainda estão em boas condições. Isso quer dizer que as roupas *duram* para além daquelas mudanças na trajetória de vida de cada pessoa: se o “eu” presente nos parece muito diferente do nosso “eu” de 16 anos de idade, quando refletimos sobre ele retrospectivamente, muitas das roupas que usamos hoje são as mesmas que usávamos lá atrás, apesar de que hoje nós as vestimos de maneiras um tanto distintas, para ocasiões diferentes, e combinando-as com novas roupas.

Na fala de Gustavo, percebemos que justamente pela capacidade da roupa de durar, ao mesmo tempo que corre o risco de se decompor, ela exige um cálculo entre as situações nas quais “vale a pena” usar uma peça específica, e as situações nas quais é melhor “economizá-la”. Já a fala de Clarice nos mostra esse cálculo feito na hora da compra entre nossa projeção sobre a diferença entre o preço e as oportunidades de uso que encontraremos. Uma roupa cara, como essa blusa da Farm, deve “pagar a si mesma” através de um uso frequente, através do qual ela prova que “valeu a pena” comprá-la.

Esse imperativo de que as roupas “se paguem” e sejam usadas enquanto estão boas, pode fazer com que elas permaneçam no nosso armário por anos a fio, mesmo quando já não sentimos vontade de usá-las, e quando elas já não cumprem o papel do *aesthetic fit* sobre o qual falamos no subcapítulo passado. Essas peças ficam lá no fundo do armário, ou nos sentimos obrigados a vesti-las mesmo se elas já não nos fazem sentir bem. Podemos desenvolver em relação a elas um sentimento de culpa, justamente porque sentimos que as roupas *devem* ser usadas:

Na Arquitetura às vezes eu fico pensando “ah, como vai ser minha casa no futuro, que eu vou fazer pra mim mesmo?”. Ela não vai ter um closet, tipo acho um... **acho um absurdo um closet**, pra mim né, porque mano, não quero ter muita roupa, não vou conseguir usar... nossa... (...) eu fico pensando tipo “mano, é muita roupa, eu tenho que dar pra outras pessoas”, tipo... e hoje em dia, (...) eu pego uma roupa e fico pensando “tá, tudo bem, **paguei caro, não tô usando ela, então tipo, preciso doar ela**”, não tenho mais apego emocional de tipo “vou guardar essa roupa porque eu paguei caro”, tipo... paciência, se eu comprei uma roupa e usei uma vez, tipo tenho que aceitar isso e passar pra frente, sabe, ao invés de ficar tipo “não, usei uma vez, vou guardar porque eu vou usar mais”, daí passa um ano e eu não usei. (Artur)

Assim como o *hau*, o “espírito da coisa” de que fala Marcel Mauss (2003), *obriga* o seu dono a retribuir o presente, as roupas não usadas nos assombram com o fantasma do consumo irresponsável, de modo que Artur se sente *obrigado* a doar as roupas que ele não usa. Isso quer

dizer que, pelo menos entre os jovens entrevistados aqui, o *imperativo moral* de doar roupas parece ser largamente compartilhado:

E... normalmente quando eu compro a coisa, eu doo, na mesma quantidade, né. (...) É uma meio que sei lá, filosofia que eu... criei pra mim mesma pra evitar também o acúmulo de... de roupas porque enfim, acho que já tem roupa o suficiente no mundo. Se a gente for rodando as roupas (risos), eu acredito que todo mundo vai ficar feliiiz, vai né, ter experiências diferentes com roupas diferentes e é isso aí. (Maitê)

Nessa economia das roupas expressa nas entrevistas que realizei, portanto, a doação das roupas é parte evidente da sua “carreira ideal” (KOPYTOFF, 2008, p.92), e doar as roupas é a última fase da trajetória da pessoa com uma peça, assim como recebê-las de alguém pode ser o início dessa trajetória:

uma coisa que sempre foi presente na minha vida foi tipo, receber roupas de primos mais velhos. Apesar de eu ser o irmão mais velho, entre os meus irmãos, e eles acabaram recebendo muito mais roupas minhas... que não cabiam mais em mim, do que eu receber de outras pessoas. Obviamente eles receberam mais que eu, mas eu também recebi alguma coisa. (Eduardo)

Essa experiência de receber roupas usadas, em conjunto com a perspectiva de que elas serão algum dia doadas, pode se refletir na própria maneira como a pessoa se relaciona com as suas roupas atualmente:

Hoje... eu acho que eu ainda recebo algumas roupas de doação, uma quantidade bem menor do que naquela época, claro, porque as pessoas... pararam de crescer, e aí pararam conseqüentemente de doar roupas. Eu comecei a comprar bastante em brechó, eu acredito bastante... em moda sustentável, em dar uma segunda vida às peças. Acho que eu também indiretamente fui ensinada a isso, né, recebendo tanta doação assim, e eu sempre recebia peças bem cuidadas, então eu nunca vi... problema em receber uma peça doada, ou... agora em comprar em brechó, sabe. (...) Sobre as peças que eu recebi doadas, é... acho que isso me influenciou bastante, tanto na forma como eu cuido das minhas roupas, porque quando tu recebe uma roupa que tu vê que ela foi cuidada, e tipo bem com todo carinho, então isso te estimula a cuidar da mesma forma das tuas roupas, não só as que tu ganha, mas também as que tu compra... enfim, pra que quando tu doar, se tu doar né, a pessoa que receber também... sinta esse carinho né, que a peça veio nova, veio bem cuidada, que a pessoa que... usou antes de ti, cuidou. (Isadora)

Dessa forma, parece que entre as pessoas que entrevistei, as roupas são vistas como parte de uma economia ou de uma contabilidade que define os modos *corretos* de ter acesso às roupas, de usá-las, guardá-las, cuidar delas e se desfazer delas. Poderíamos dizer que se trata de uma *economia moral* das roupas, pois o não-econômico e não-utilitário têm papel central aqui (THOMPSON, 1998). Nessa economia moral, a circulação das roupas entre as pessoas é vista como um elemento evidente e correto.

A única variação de classe que percebi a esse respeito, é que as pessoas que vêm de famílias menos abastadas e escolarizadas costumam atribuir a experiência de receber roupas usadas à condição econômica da sua família, enquanto as que vêm de famílias de camadas médias não tentam dar nenhuma explicação ao fato de receber roupas, considerando isso como um não-problema. Mas mesmo entre os entrevistados que vêm de famílias menos abastadas, a experiência de receber roupas usadas geralmente não é lembrada como algo ruim, apesar de ser vista como expressão da condição financeira. Somente uma menina, Bárbara, disse que se sentia mal sobre isso:

logo que eu soube como é essa pergunta, já me vem uma história, assim, na minha cabeça. Que a minha infância, a minha pré-adolescência sempre foi *muito* humilde, então **eu ganhava roupas usadas**. Minha roupa íntima também. E... a maioria era dos meus parentes, então eu tinha primo homem (risos), então **era roupa... mais masculina, né, não era aquela coisa que... as meninas da minha idade usavam**. Não era... *colorido*, não tinha *brilho*... né, das minhas colegas do pré, ou do primário. Então... nunca *gostei* de... daquelas roupas, os calçados, nunca gostei. Ahn... e conforme foi... economicamente falando, *melhor* pros meus pais, a gente começou... a poder *comprar*, roupas, roupa íntima... **eu podia escolher se era feminina (risos) a roupa, o estilo da roupa, né, pra parecer mais com as minhas colegas de classe... com as meninas da minha idade. (...) Então na minha infância, com aquelas roupas usadas, por causa disso, eu (risos) hoje detesto ganhar algo usado**. Principalmente roupa ou calçado, eu *não gosto*. Não gosto. Quando eu cresci, agora comecei a trabalhar, os meus pais tiveram mais ganho financeiro, a gente pôde comprar roupa. Então eu pude *escolher*, eu pude decidir que estilo era o meu, né? Se era mais casual, se era mais esportivo, né, eu podia ter *cores*, eu podia ter textura, tamanho... conforme a minha idade, tamanho da roupa. (...) Esse processo de poder... escolher a roupa, primeira coisa é uma sensação de alegria. E depois de... **saída do sufoco**, sabe, porque eu sempre fui uma criança, uma adolescente, jovem, mais consciente, **eu ficava observando... como era a situação da minha casa, dos meus pais**. Nunca fui aquela pessoa birrenta, que não entendia o motivo de não poder comprar. Então... sabe aquele *alívio* de você saber que “ahh, agora eu posso escolher uma simples camisa”. Nossa, me dava um... *alívio*. **Significava que as condições financeiras estavam melhores, né. O clima da casa também tava melhor**.

Mas uma questão interessante, é que também entrevistei a irmã de Bárbara, Talita, e a forma como ela se lembra da experiência de receber roupas usadas é bastante diferente:

Bom eu... sobre minha forma de me vestir, né. Tem um lado dessa forma que tem a ver um pouco com... a condição econômica da minha família, então... desde pequena, era muito comum a gente *herdar*, assim, as roupas... da irmã ou do primo mais velho, né. **Então eu tava sempre usando em alguma medida roupas reutilizadas, né. E isso... acredito que tenha afetado hoje, porque... continuo me relacionando um pouco com um consumo mais... consciente de roupas**, né. Procuo comprar em brechó, roupa reutilizada, fazer troca, enfim... E outro aspecto de como eu me vestia que também me vem à cabeça é uma questão estética de... no início da minha infância, eu não tinha... não era tão... digamos assim, *sapatão* (risos), mas conforme foi chegando a adolescência, assim, **eu fui... acabei me sentindo confortável em me vestir em roupas masculinas também**, né, não *só*, mas *também*. (...) E sobre ganhar roupas, nunca foi algo que eu... escolhi muito na época, assim, eu... achava legal, nunca ganhei nada caindo aos pedaços, assim, eram sempre roupas em muito boa condição. **E era**

um hábito, assim, sempre foi um hábito, né. Na minha família, na família dos meus amigos... interior, assim. (...) Nunca me senti... diminuída por isso, assim. Sempre foram roupas em muito boa condição, assim, e que... duraram bastante tempo, sei lá.
(Talita)

É interessante, porque Talita lembra da experiência de receber roupas usadas como algo que vivenciava de uma forma naturalizada, dizendo que era um hábito na sua família e na de seus amigos no interior. Ela diz, também, que isso a influenciou de uma maneira positiva, pois fez com que ela desenvolvesse uma tendência a um consumo consciente. Comparando as duas narrativas, poderíamos até nos perguntar se o desconforto de Bárbara em relação a receber roupas usadas não tem mais a ver com uma questão de *gênero*, uma vez que as roupas que ela recebia eram masculinas, o que a diferenciava das colegas da sala. Começar a comprar as próprias roupas, nessa narrativa, não tem a ver apenas com poder ter roupas *novas*, mas também com poder ter roupas *femininas*. Talita, ao contrário, relata que se sentiu cada vez mais confortável para usar roupas masculinas, e mais à frente em seu relato ela diz que “se identificava com alguns símbolos do masculino” e que “flertava com o corpo masculino”; assim, para ela, vestir as roupas usadas dos primos não parece ter sido vivenciado, e não é interpretado retrospectivamente, como uma experiência violentadora.

Fiz essa digressão para falar dessa economia moral que envolve as roupas, na qual a circulação é um elemento visto como evidente, o que não parece estar conectado à experiência de privação financeira. Entender que as roupas são recebidas e doadas, além de simplesmente compradas, é um primeiro passo para percebermos essa rede de sociabilidade ao redor das roupas. Pois ao mesmo tempo que as roupas usadas podem ser recebidas de pessoas relativamente desconhecidas (por exemplo, Luana e Felipe se lembram de receber roupas doadas pelas famílias para as quais suas mães trabalhavam como empregadas domésticas), e do mesmo modo, doadas para pessoas desconhecidas, elas podem passar de mãe para filha, de irmão para irmão, de amiga para amiga. Nessa circulação entre conhecidos, as roupas são especialmente eficazes na materialização de vínculos entre as pessoas, como Peter Stallybrass (2012) conseguiu expor de forma tão bonita.

Segundo este autor, o poder particular das roupas na materialização desses vínculos está na combinação entre a sua capacidade para ser permeada, e a sua capacidade para durar no tempo. A roupa é permeada por aqueles que a usam pois “ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma” (STALLYBRASS, 2012, p.10). Ao mesmo tempo, as roupas *duram*: “os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem”

(STALLYBRASS, 2012, p.11)⁵². Assim, enquanto objetos que duram no tempo, as roupas podem ser reutilizadas, mas elas carregam sempre algo do seu antigo proprietário, seja na sua própria materialidade, através do cheiro, das manchas, dos puídos, seja porque elas evocam, para o novo proprietário, lembranças sobre a pessoa que a vestiu antes dele:

Ahn... até tipo, a minha mãe, ela tem o corpo parecido com o meu, assim. Quando ela era mais nova e até hoje. Aí ela tinha bastante roupas que ela usava na adolescência que eu herdei, assim. **E eu gosto dessas roupas que tipo não são compradas, assim, que elas acabam... chegando, e eu me aproprio delas.** (...) a minha postura hoje em dia é buscar ter mais consciência mesmo, de onde vem essas roupas, e... pra onde elas vão, (...) se elas vão estragar rapidamente, sabe. E... e eu tento achar umas alternativas, assim, de comprar roupas de brechó, ou tipo, gastar um pouco mais em alguma roupa, mas que eu sei que ela vai durar, (...) alguma coisa que eu vou poder usar... prolongadamente, assim. **E que eu possa até tipo... guardar, futuramente, pra ser utilizada pelos meus filhos, filhas,** enfim. Porque tipo eu tenho bastante roupa que veio das minhas tias, da minha mãe, então... eu acho legal isso, de ter essa **memória afetiva das roupas.** (Melissa)

Melissa se volta para o guarda-roupa da mãe, e se “apropria” das roupas que ela usava na juventude. Rafaela, no começo desse subcapítulo, também fala da maneira como ela mistura as roupas da mãe com as que encontra nos brechós, fazendo combinações que ficam “no limite entre o brega e o autêntico”. O movimento narrado por Rafaela, entre querer agradar a mãe durante a infância, romper com seu estilo durante a adolescência, e retomar esse vínculo nos últimos anos, é uma narrativa na qual as relações com as roupas da mãe servem para falar sobre a relação com a própria mãe enquanto referência para ela. Essas roupas materializam o vínculo com a mãe, elas carregam uma “memória afetiva”, como diz Melissa, pois carregam *algo* da mãe. Ao mesmo tempo, a forma como Melissa se “apropria” das roupas, e as combinações “autênticas” feitas por Rafaela, indicam que no movimento de vestir as roupas da mãe, elas também deixam suas próprias marcas nas roupas. Assim, poder se apropriar das roupas da mãe faz com que Melissa queira cuidar das peças que ela mesma possui, para que um dia seus próprios filhos possam se apropriar das roupas que ela lhes deixará como herança. A roupa materializa não somente seu vínculo com sua mãe, mas um vínculo imaginado com os filhos que ainda estão por vir, conectando três gerações da mesma família.

Portanto, podemos falar sobre a circulação de roupas (e talvez, podemos falar *especialmente* sobre a circulação de roupas) aquilo que Mauss (2003, p.212) falou sobre a troca de modo geral: “Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se

⁵² Esse fato faz com que Stallybrass (2012) questione aquela visão (que se quer crítica) que descarta a importância das roupas relacionando-as a meras modas passageiras.

as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam”.

Essa mistura de coisas e almas nos traz a outro elemento importante em relação à circulação de roupas, que apareceu bastante nas entrevistas que realizei, e que também é citado por Rafaela - trata-se do hábito de *compartilhar* roupas:

passando pra adolescência, assim, eu lembro que uma parte dela foi bem marcada pelas roupas né, igual todo mundo, mas... eu lembro que eu trocava *muitas* roupas com as minhas amigas, e... então era tipo ah, tal tênis, tal saia, então... o guarda-roupa da minha adolescência era tipo, “ah vou pegar uma roupa de uma amiga”, **era tipo tudo... misturado, assim, a gente misturava tudo, até hoje em dia, eu acho.** (Lara)

a coisa que eu mais tenho gostado, (...) que eu passei *muito* a usar, de uns três anos pra cá (...) é pano, de forma geral, não necessariamente só cachecol, (...) que eu divido... **eu sempre divido com a minha namorada.** E pelo menos é uma coisa legal que... porque ela usa, ela consegue usar roupas minhas, porque eu sou maior do que ela, mas eu basicamente não consigo usar nada dela... aí a coisa dos panos eu consigo usar, **é uma coisa legal nesse sentido... acho que também tem a ver com essa afetividade** assim, e... realmente acho bonito, assim, de forma geral. (Davi)

O compartilhamento de roupas também materializa um vínculo afetivo entre as pessoas, mas de uma maneira um pouco diferente do recebimento de roupas usadas. Embora as roupas usadas carreguem marcas do seu antigo proprietário, depois de lavadas e guardadas em meio às nossas outras roupas, elas vão ganhando nosso próprio cheiro e nossa própria marca. Usar uma roupa que é de outra pessoa, por outro lado, é usar uma roupa que *ainda* pertence a outra pessoa, que ainda contém o seu cheiro, o que pode ser perturbador, como coloca Elizabeth Wilson (2003):

Roupas fora dos corpos, seja em uma barraca de roupas usadas, em uma redoma de vidro, ou simplesmente as roupas de um amante espalhadas no chão, podem nos afetar de uma maneira desagradável, como se uma cobra tivesse deixado sua pele para trás (...). Uma parte desse estranhamento em relação ao vestuário deve-se ao fato de que ele vincula o corpo biológico ao ser social, e o público ao privado. Isso o torna um território perturbador, pois nos força a reconhecer que o corpo humano é mais do que uma entidade biológica. Ele é um organismo na cultura, um artefato cultural, até, e suas próprias fronteiras são confusas (...). As roupas marcam ambigualmente uma fronteira confusa, e fronteiras confusas nos perturbam. (WILSON, 2003, p.2, tradução livre).⁵³

⁵³ No original: “Clothes without a wearer, whether on a secondhand stall, in a glass case, or merely a lover's garments strewn on the floor, can affect us unpleasantly, as if a snake had shed its skin (...). A part of this strangeness of dress is that it links the biological body to the social being, and public to private. This makes it uneasy territory, since it forces us to recognize that the human body is more than a biological entity. It is an organism in culture, a cultural artefact even, and its own boundaries are unclear (...). Clothing marks an unclear boundary ambiguously, and unclear boundaries disturb us.” (WILSON, 2003, p.2).

Assim, justamente por serem coisas que envolvem nossos corpos, sendo *parte* desses corpos na maior parte do tempo, as roupas estão entre os objetos mais íntimos que podem ser compartilhados. Usar uma roupa de outra pessoa é se mostrar disposto a borrar as fronteiras entre os corpos, e por isso sua conexão com o vínculo afetivo é tão forte. Quando Rafaela e Lara compartilham suas roupas com as amigas, e quando Davi compartilha esses panos com a namorada, além de atestar o compartilhamento de referenciais estéticos (e sociais) comuns, esse ato ao mesmo tempo *expressa* e *constrói* seu nível de intimidade, servindo de comprovação dessa intimidade aos seus olhos.

Justamente pela intimidade da roupa, devido a sua conexão com o corpo individual, o compartilhamento das roupas pode ser fonte também de uma tensão entre o “eu” e os “outros”:

A gente também trocava muita roupa, porque eu, a minha irmã e a minha mãe, a gente tem mais ou menos o mesmo tamanho. (...) E aí eu meio que me acostumei com isso de a gente utilizar as mesmas roupas. Eu e a minha irmã, depois que a minha mãe... ela se mudou, eu e a minha irmã a gente trocava muita roupa, então... **uma não comprava a roupa se a outra não gostasse, sabe? Então era sempre um guarda-roupa compartilhado.** (...) E agora... ano passado eu tava na Alemanha, então mais uma vez foi um... momento de quebra, assim, e... quando eu fui decidir fazer o meu guarda-roupa, a minha mala né, como eu e a minha irmã a gente dividia muita roupa, nossa! **Foi uma briga fudida assim, né. Porque ela queria ficar com umas roupas, e eu queria ficar com outras roupas, e... daí a gente teve que dividir,** e até no último dia que eu fechei a mala, ela descobriu que eu tinha levado uma roupa dela (risos) pra Alemanha, que eu ia levar né, mas a mala já tava fechada, não tinha mais como tirar de lá, e ela nem foi no aeroporto, assim (risos), pra me ver. (Beatriz)

a minha mãe sempre comprou coisa pra gente [ela e a irmã], sabe. (...) teve uma época, tipo assim, adolescência até os 15 anos que a minha mãe fazia isso muito, sabe, ela comprava as coisas e levava lá pra casa. E ela começou a comprar coisa pra nós duas, (...) sem falar o que é de quem, sabe. Então, essas coisas que a minha mãe comprava, era... *nossa*, sabe. Nós duas podíamos usar. Aí tinha por exemplo, (...) entre essas roupas que a minha mãe comprava tinha as que eu mais gostava e tinha as que a Vanessa mais gostava. **Aí as que a Vanessa mais gostava iam pro guarda-roupa dela e as que eu mais gostava iam pro meu, mas nós duas podíamos usar o das duas, entendeu?** E aí tipo... a gente cresceu *mais* um pouco, e eu e a Vanessa a gente gosta de fazer compras juntas, sabe. E aí tipo, acaba que **a gente escolhe muitas coisas que nós duas gostamos pra nós duas usar.** Óbvio que tem coisas que eu escolho e que tipo eu gosto mais, e que vai ficar no meu guarda-roupa. É a mesma coisa, sabe? Tipo quando a gente faz compra juntas, cada uma tem o seu, sabe? Mas nós duas usamos. E eu acho ótimo isso. (...) Acaba que a gente fica com muito mais roupa no fim das contas. **E... não é tudo, porque eu e a Vanessa temos um estilo diferente, sabe?** Então tipo não é todas as coisas que a gente pega emprestado. **Tem tipo... um meio tempo entre o meu estilo e o dela que combina os nossos dois estilos.** (...) Só tem uma questão nesse negócio de que é bem liberado de a gente dividir roupa. É quando a gente *acaba* de comprar (risos). Tipo assim, *eu* fui lá, na loja, não fazendo compras juntas, eu fui lá, fui comprar uma roupinha sei lá, (...) e tipo tô apaixonada por aquela roupa, e eu ainda *nem usei*, tá lá em casa sei lá há uma semana e eu ainda nem tive a oportunidade de usar, aí a Vanessa tem um rolezinho e ela pede emprestado. Aí tipo, é uma questãozinha assim, pra mim, e vice-versa, isso acontece também quando é com ela (risos). **Tipo sabe aquele sentimento assim tipo “aiiii eu nem usei isso ainda, isso é meu, acabei de comprar”,** e... aí às vezes a resposta é “não” e às vezes a resposta é “sim”. É tipo, eu sei que nós duas tentamos ser mais flexíveis e deixar a outra usar mesmo nessas situações, mas esse é o *único* tipo de situação que pode rolar um certo conflitozinho,

assim. Mas nós duas sabemos, sabe, tipo eu sei que se eu for pedir emprestado uma coisa pra minha irmã que ela *acabou* de comprar e ela tá apaixonada, eu sei que a resposta talvez vai ser “não”, sabe. E vice-versa, ela também sabe que isso pode acontecer. Então existe um conflitozinho, assim, mas não uma *briga*, sabe? (...) **Mas depois que uma já usa, sabe, por exemplo, acabei de comprar uma coisa e usei e não quis que ela usasse, mas depois de um tempo usando, aí já vira das duas já.** (Marina)

O que Beatriz e Marina revelam é que, enquanto as roupas estão sendo compartilhadas, elas podem materializar esse vínculo e essa intimidade entre as irmãs, mas existem momentos em que elas são retiradas desse espaço de circulação e devem se tornar novamente posses individuais, o que não ocorre sem conflitos.

Além disso, esses relatos sobre o compartilhamento de roupas nos mostram, mais uma vez, que mesmo comprar e usar uma roupa não são sempre atos individuais e individualizantes. Tanto Beatriz quanto Marina falam que compram roupas *junto* com suas irmãs com o objetivo de criar um guarda-roupa compartilhado. Na perspectiva de Marina, isso faz com que elas escolham peças que *as duas* vão gostar, criando um “meio-tempo entre os dois estilos”. Isso nos mostra, portanto, que as escolhas de roupas muitas vezes não são experimentadas como expressão de um gosto estritamente individual.

Tanto através das brigas entre Marina e Beatriz e suas respectivas irmãs sobre quem vai ficar com uma roupa no fim das contas, ou ter direito de usá-la primeiro, quanto nos comentários de Melissa e Rafaela sobre se “apropriar” das roupas da mãe e fazer combinações “autênticas”, vemos que os aspectos individualizantes e desindividualizantes das roupas estão sempre em diálogo. As roupas ora marcam o espaço da singularidade, ora expressam e constroem vínculos sociais. E não é isso mesmo o que podemos observar, nos outros capítulos desse trabalho? As narrativas de vida construídas ao redor do tema da roupa, desde a maneira como abordam a infância, a adolescência e o momento presente, e todas as transformações no modo de vestir ao longo dessa trajetória, falam sempre de um diálogo contínuo (e tenso) entre o “eu” e os “outros”, no qual as roupas cumprem sempre um papel de mediação. Dessa forma, a maneira como as pessoas se relacionam com as roupas não pode ser compreendida nem a partir da liberdade individual, nem a partir da imitação, mas sim a partir desse diálogo contínuo entre a individualização e a desindividualização, como já disse Simmel (1957) há mais de cem anos atrás.

Assim, no decorrer dessa circulação de roupas, embora as roupas usadas e as compartilhadas que passam de mão em mão sejam supostamente as mesmas, conectando as pessoas através da sua própria materialidade, a maneira como elas são apropriadas pelos indivíduos é repleta de práticas produtivas que ressignificam as roupas e abrem espaço para a

individualidade. Isso quer dizer que o consumo (no sentido de “uso”, e não somente de “compra”), não pode ser visto como uma ação passiva, mas como uma segunda produção que cria significado através das *maneiras de usar* um objeto que à primeira vista nos parece homogêneo e fechado em si mesmo (De Certeau, 1996):

como lá em casa, de menina tinha só eu e a minha mãe, e a nossa numeração é diferente, a gente acabava não dividindo roupa, a gente dividia muito era os cachecóis né, que eu comentei, e sapato. **É engraçado até que eu costume usar 36 e ela 37 mas às vezes a gente comprava 37 porque dá pras duas usarem e a gente dividia.** Mas, eu dividi muita roupa com a minha tia, porque ela tem um tamanho mais parecido com o meu. Então eu pegava muita roupa dela, e ela de vez em quando ia lá em casa e pegava minhas roupas, e depois que o [irmão] começou a namorar a Vitória, a gente também fazia essa troca. Eu já usei roupa da Vitória, a Vitória já usou minhas roupas... assim, pra sair... até, às vezes a gente ia sair e ela ia lá pra casa se arrumar e ela já ia com uma roupa, e às vezes acabava que ela usava uma roupa minha, **engraçado até que tinha um casaco meu... que eu tinha usado uma vez e a Vitória já tinha usado umas dez vezes,** então... em relação a... compartilhar roupa, assim, eu gosto, acho legal, porque... **é até diferente ver como uma peça fica em ti, como uma peça fica em outra pessoa, e... às vezes até um jeito que tu se acostuma muito a usar e a outra pessoa vai lá e pega e usa, só que no estilo dela,** então eu gosto bastante. (Gabriela)

Eu fui da Seleção Brasileira de Rugby, então... maior parte do dia, (...) a gente só treinava, comia e dormia, então... dois terços do dia eu utilizava roupa de treino, as roupas que a Seleção fornecia. Então era short de rugby, lycra, top, regata, isso tudo... estilo Seleção (...). Eu não me incomodava na época, e era uma coisa que eu gostava, porque... eu amava o que eu tava fazendo, sabe. Eu treinava o dia inteiro... ia jogar, viajava, então... era uma roupa onde... eu fazia as coisas que eu gostava de fazer com elas, (...) e eu gostava de me vestir assim. **Hoje eu já não gosto mais, porque é um outro momento da minha vida, também. Acho que não cabe mais usar essas roupas,** assim, não faz muito sentido, sabe. E é muito louco isso, porque a Alice adora usar roupa esportiva, ela bota uma calça de tactel que eu tinha, assim, com uma blusa que fica super estilosa. **E ela fala “não, isso aqui é estilo”, mas eu falo “que estilo?”, é o estilo que eu ficava usando de trabalho, sabe? Pra mim não faz muito sentido isso** (...). Exemplo é o que a Alice tá usando hoje, que é uma calça de moletom com uma blusa minha da seleção. Tipo (risos) pra mim isso é uma roupa de ficar no dia-a-dia da Seleção, sabe. Pra ela é uma roupa que é estilosa pra sair. E pra mim já não faz muito sentido, assim. Se eu colocar uma roupa dessa eu vou me sentir “nossa, não estou arrumada”, porque... pra mim era uma coisa... que era uma roupa do dia-a-dia. E... pra ela já não é. (Isis)

Gabriela gosta de observar a forma como suas roupas são usadas por Vitória de uma maneira que ela não tinha pensado em usá-las, já que Vitória as veste com o toque singular do seu “estilo”. Já Isis reflete sobre como certas roupas “fazem sentido” e depois “deixam de fazer sentido” ao longo de sua própria trajetória, para encontrar um novo sentido através do estilo de Alice. Ou seja, da mesma forma que Melissa se “apropria” e que Rafaela faz “combinações autênticas” com as roupas de suas respectivas mães, as roupas de Gabriela e Isis vão sendo ressignificadas no ato de serem usadas por Vitória e Alice.

Na capacidade da roupa para durar e ao mesmo tempo ser permeada pelas pessoas que as usam, na sua capacidade para materializar vínculos afetivos enquanto carrega algo do seu

antigo dono e é ao mesmo tempo ressignificada pelo novo proprietário, possibilitando uma mistura entre coisas e almas que é na verdade uma mistura entre pessoas, chegamos ao último ponto que merece ser estudado mais profundamente antes de nos encaminharmos para as conclusões dessa pesquisa: a relação entre as roupas e a memória.

6.4. Roupas que ficam guardadas na memória

O tema principal dessa pesquisa é o lugar que as roupas ocupam em narrativas de vida. Temos observado que, ao falar sobre o vestuário e sobre as transformações nas suas relações com ele ao longo do tempo, as pessoas constroem interpretações nas quais as roupas são usadas para falar das mudanças nas relações entre o “eu” e tudo o que é considerado o “mundo exterior”, e também, sobre as transformações pelas quais passa esse “eu”, em sua personalidade e autopercepção.

A memória, enquanto reconstrução retrospectiva sobre os acontecimentos vividos, que busca lhes atribuir coerência e sentido, de modo a conectar o passado, o presente e nossa perspectiva sobre o futuro (ROSENTHAL, 2014), só pode ter uma relação muito íntima com tudo isso. Nós passamos boa parte da nossa vida vestidos, e boa parte das memórias que temos são recordações nas quais estávamos vestidos de uma forma ou de outra. As roupas nos acompanham, e nossa biografia se mistura e se confunde com a biografia das nossas roupas. O que faz, então, com que as pessoas se lembrem do modo como se vestiam na infância e na adolescência de uma certa forma? Por que elas lembram de certas roupas, e esquecem de outras? De que maneira elas se lembram dessas roupas?

A relação entre roupa e memória é muito complexa, mas nesse subcapítulo, eu gostaria de abordar três aspectos dessa relação: 1) o fato de que as roupas, enquanto estão sendo usadas, carregam memórias, ao mesmo tempo que nos acompanham nos acontecimentos presentes que serão posteriormente reconstruídos como memórias; 2) o fato de que algumas roupas são guardadas, mesmo quando já não são mais vestidas, justamente por sua eficácia em materializar memórias, e 3) o fato de que algumas roupas ficam guardadas na memória por muito tempo, apesar de sua ausência material.

Esse primeiro aspecto (o fato de que as roupas que usamos hoje carregam memórias, ao mesmo tempo que *estão sendo* carregadas de experiências que serão posteriormente reconstruídas sob a forma de memórias) se relaciona intimamente à discussão que fizemos no subcapítulo passado acerca da capacidade das roupas de serem permeadas e de durarem no tempo. Ao longo dos anos, as roupas vão sendo permeadas por memórias em um duplo sentido:

por um lado, elas são capazes de evocar lembranças sobre as pessoas que as usaram antes de nós, sobre a situação em que as compramos ou ganhamos, sobre as experiências que vivemos ao vesti-las, etc.; por outro lado, elas carregam a memória na sua própria materialidade, como nos lembra Stallybrass (2012, p.65-66):

Na linguagem das pessoas que trabalhavam com confecção e conserto de roupas, no século XIX, os puídos nos cotovelos de uma jaqueta ou numa manga eram chamados de “memórias”. Esses puídos lembravam o corpo que tinha habitado a vestimenta. Eles memorizavam a interação, a constituição mútua, entre pessoa e coisa.

É justamente por sua capacidade de ser permeada por memórias, mas também de evocar e realmente *criar* memórias, que as roupas são tão eficazes em materializar vínculos e conectar o presente e o passado, como fica tão bem expresso na narrativa de Isadora:

desde que eu tenho assim uns... 10 anos até hoje, (...) eu recebia muitas roupas doadas. (...) a minha prima, ela *sempre* ganhou muita roupa, e... ela era 4 anos mais velha que eu, então geralmente **a época em que as roupas deixavam de servir nela, as roupas começavam a servir em mim.** (...) lembro de receber assim, doação de roupa... em malas *enormes* (...) ela... mostrava as roupas que ela tava doando e a gente podia escolher as que a gente atraía.

E... acho que uma coisa que eu não comentei também... Há uns 4 anos, a minha prima, que me doava as roupas, a filha da irmã do meu pai, ela... faleceu, e ela sempre gostou muito de doar as roupas pra mim e pra minha irmã, né, então ela sempre separava com bastante carinho, doava pra gente tudo lavadinho... bem bonitinho, assim. E quando ela morreu, **algum tempo depois, assim, depois que passou o luto da minha madrinha, ela decidiu doar todas as roupas da minha prima,** então... um dia quando a gente foi pra lá, ela simplesmente abriu o armário... e falou que a gente podia levar tudo que a gente gostasse, tudo o que nos servisse, o que a gente quisesse do armário era nosso, né. Então foi uma época... acho que foi a época em que eu mais coloquei roupa no meu armário, (...) e são peças que eu tenho até hoje e que eu uso assim com... **com bastante carinho né, porque querendo ou não me traz uma lembrança afetiva boa dela,** porque sempre foi uma coisa... que ela fez muito de coração pela gente, então... sempre... sempre significou bastante pra mim.

As roupas sobrevivem à prima de Isadora, e para a sua tia, elas estão assombradas pela perda. Para Isadora, essas roupas que agora são suas carregam e evocam a memória da prima e da sua relação com ela - como diz Stallybrass (2012, p.26), uma “rede de roupas pode efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia”. Ao mesmo tempo, Isadora devolve a vida a essas roupas, “ativando-as”, pois agora elas serão permeadas pelo seu próprio corpo e por suas próprias experiências com outras pessoas.

Além de evocarem memórias sobre nossas relações com outras pessoas, as roupas que usamos hoje também criam uma conexão entre o passado e o presente, nos auxiliando na

manutenção do sentimento de coerência e continuidade da pessoa através do tempo, que é constituinte do sentimento de identidade (POLLAK, 1992):

É, outra peça de roupa que eu tenho hoje que eu uso muito que eu *adoro*, que é digamos... meu casaco favorito, é o meu casaco do terceiro. **Aí eu não preciso nem explicar da onde vem o apego emocional dele né (risos), porque foi... uma época muito boa, um ano muito bom, é um casaco que... os meus melhores amigos até hoje (...) também têm, e usam muito (...)**, não só a gente, como todo mundo da sala tem esse casaco, e ele é *muito* bom. Ele é muito quentinho, eu gosto muito dele, ele é muito confortável. (...) Eu tô usando ele (risos) exatamente nesse momento. Então eu tenho outros casacos e moletoms também, eu tenho o meu casaco do meu curso, que é um moletom praticamente *igual*, só que eu não uso tanto quanto esse. E sei lá, **a cada ano que passa eu gosto mais dele, eu gosto de olhar “2015” e sentir aquela nostalgia de pensar “cara, já fazem cinco anos” (...)**. E... não sei, dá uma emoçãozinha nisso. É... eu gosto muito desse casaco. (Eduardo)

O moletom do terceiro de Eduardo materializa memórias sobre toda uma época da sua vida, que ele pode carregar no corpo. Ao mesmo tempo, ele sabe que seus melhores amigos, que já não estudam com ele, também têm e usam muito esse moletom, e dessa forma essa peça é capaz de conectar simultaneamente o presente e o passado relacional de Eduardo. Assim, a “superfície” do corpo se torna o lugar para a construção e apresentação do *self*, “constituído biograficamente e relacionalmente” (WOODWARD, 2005, p.26)⁵⁴.

Por outro lado, para que as roupas que usamos hoje sejam capazes de evocar memórias que nos possibilitam um sentimento de coerência e continuidade entre passado e presente, nem sempre é necessário que essas roupas sejam exatamente as mesmas que usamos no passado:

Eu acho que também eu sempre gostei muito... de oxfords. Eu lembro que... quando eu era pequena, eu fazia... muita coisa do colégio, assim, sabe, e os sapatos do colégio, tipo quando você se apresentava, tipo, eram específicos. Não sei, mas a minha mãe sempre tinha alguns sapatos pra quando eu fosse me apresentar, ou... assim, mais bonitinhos, pra sair, eram... sapatos, entre aspas, tipo de... de boneca, assim sabe. Mais masculinos, tipo oxfords. **E eu adorava aqueles sapatos, porque me lembrava uma coisa bem boa que era quando eu me apresentava.** Quando eu era criança eu não tinha vergonha disso, eu gostava de me apresentar em coisas de dança, coisas assim, e... **hoje em dia também gosto muito, continuo gostando de oxfords**, e sapatos mais... entre aspas, masculinos, que têm cara de masculinos. (Maria Clara)

Talvez outra pessoa veja Maria Clara com um par de *oxfords* novos e modernos, e os associe somente às últimas tendências da moda. Mas para Maria Clara, esses novos sapatos são capazes de evocar memórias sobre a maneira como ela se sentia quando era pequena e gostava de se apresentar na escola. Nos remetendo à discussão sobre o *aesthetic fit*, podemos dizer que

⁵⁴ No original: “The ‘surface’ of her body here is the site for the construction and presentation of her self, constituted biographically and relationally” (WOODWARD, 2005, p.26).

Maria Clara se sente bem usando esses *oxfords*, ela se sente “como ela mesma”, porque apesar de eles não serem os mesmos sapatos usados no passado, eles a lembram da maneira como outros pares de sapato similares faziam com que ela se sentisse, e portanto, eles contém a potencialidade de fazê-la sentir-se assim novamente. Nesse caso, o *aesthetic fit* vem do fato de que um novo par de *oxfords* é capaz de materializar boas memórias, conectando o passado e o presente e possibilitando aquela sensação de segurança ontológica.

Em contraposição, as lembranças evocadas por uma roupa podem fazer com que ela não seja eficaz em garantir o *aesthetic fit*, quando elas não conseguem conectar o passado e o presente de uma forma coerente e agradável:

Aí depois, sei lá, as coisas que eu lembro mais de... relevante, eu acho, foi... foi no último ano do Ensino Médio, ali... a primeira vez que eu tava namorando, e aí uma vez eu tipo, tava com a minha namorada e a gente foi... tipo ela foi escolher uma coisa pra eu... tipo um casaco, uma coisa assim. Eu não sei por que isso ficou meio marcado assim, quando tu fala nessa história de vestimenta, assim... aí eu lembro que ela escolheu uma parada lá (risos), e eu até... falei “ah, vamo nessa”, na hora eu achei maneiro, **aí depois que a gente terminou (risos) no final do ano, eu achei mais ou menos aquele casaco... ele é confortável, assim, ele é bem... é um moletonzinho gostoso, mas eu não acho ele muito bonito. E... nem combina comigo, assim.** (Davi)

Enquanto Davi ainda estava namorando, o casaco materializava seu vínculo com sua namorada; mas depois do rompimento da relação, apesar de a peça continuar sendo “um moletonzinho gostoso”, as memórias associadas a ela fazem com que ele não sinta vontade de usá-la, pois ela já não “combina” com ele.

Mas se Davi não sente vontade de *usar* esse casaco, já que ele não é capaz de garantir o *aesthetic fit* devido à associação com a ex-namorada, será que ele ainda o *guarda* no seu armário? Em sua pesquisa sobre o porquê de as pessoas guardarem roupas que já não usam, Maura Banim e Ali Guy (2001) perceberam que nem sempre as roupas guardadas evocam memórias *boas*. Algumas vezes, elas estão ali pois a pessoa acha que um dia poderá usá-las novamente, ou porque ela acha que ainda não as vestiu o suficiente para ter compensado o seu preço (mantendo em mente, aqui, aquela economia moral das roupas que discutimos no subcapítulo passado).

Outras vezes, porém, essas roupas são guardadas porque, apesar de evocarem memórias amargas ou agrídoces, elas ainda servem para conectar o passado e o presente, não só em uma relação de continuidade, mas também de *descontinuidade*. Assim, talvez Davi guarde esse casaco porque ele remete a uma época e a uma pessoa que ficaram definitivamente no passado, mas que são importantes na reconstrução retrospectiva da sua trajetória (o que nos faz pensar, por sua vez, que nada fica *definitivamente* no passado, uma vez que o passado continua a viver

no presente através da memória). Banim e Guy (2001) entrevistaram apenas mulheres, mas podemos estender suas observações, e dizer que pode ser difícil para Davi se desfazer desse casaco que ele não usa mais, porque “as roupas-que-já-não-são-usadas possibilitam às mulheres manter uma conexão com aspectos anteriores e importantes delas mesmas e de suas vidas (...) porque as histórias das roupas guardadas lhes auxiliam a estabelecer uma história pessoal através de suas imagens em transformação” (BANIM; GUY, 2001, p.2017, tradução livre).⁵⁵

Chegamos, aqui, ao segundo aspecto da relação entre roupa e memória mencionado no início desse subcapítulo: o fato de que algumas roupas são guardadas, mesmo quando já não são mais usadas, justamente por sua eficácia em materializar memórias. Banim e Guy (2001) observam que o costume de manter roupas que já não são usadas é muitas vezes entendido como sintoma dos excessos da cultura do consumo - as pessoas supostamente deixariam de vestir peças que ainda estão em boas condições porque elas não estão mais “na moda”, dando origem a uma acumulação “irracional”. Não pretendo duvidar da realidade e dos malefícios do consumismo, mas concordo com Banim e Guy (2001) quando elas argumentam que devemos ouvir o que *as próprias pessoas* têm a dizer sobre o porquê de guardarem roupas que não usam mais, pois só assim poderemos entender a variedade de significados possíveis do ato de guardar roupas.

Como já foi mencionado, os jovens que entrevistei falam das roupas como objetos inseridos em uma economia moral onde a circulação é um elemento considerado evidente e moralmente correto. Assim, na “biografia ideal” (KOPYTOFF, 2008) de uma roupa, a relação física entre uma pessoa e uma roupa deve terminar no ato de doá-la. Lembremos do desprezo de Artur pelos *closets* que permitem o acúmulo de vestuário, e a “filosofia” que Maitê criou para si mesma de doar sempre na mesma proporção que ela compra. Porém, também observei nessas entrevistas que algumas coisas são retiradas dessa circulação prevista pela economia moral das roupas, pois as pessoas sentem que essas coisas *devem* ser mantidas devido às memórias que evocam. Essas peças são guardadas porque as pessoas ainda *se relacionam* com elas, apesar de não as vestirem mais, o que nos atenta para o fato de que a vida social das roupas se estende para além dos momentos em que são vestidas (BANIM; GUY, 2001). Esse é o caso da pilha de camisetas antigas de Eduardo:

E tem uma coisa interessante no meu armário, que (...) **tem... uma pilha de camisetas, que... estão aqui puramente pelo valor emocional, e eu nunca uso**, que (...) são

⁵⁵ No original: no-longer-worn clothes allow women to maintain a connection with former, important aspects of themselves and their lives (...) because the stories from kept clothes help women establish a personal history across their changing images. (BANIM; GUY, 2001, p.207).

camisas... das olimpíadas da escola, (...) eu tenho uma camisa... do terceirão 2015, que tem as fotos dos funcionários, dos professores, eu nem lembro dessa camisa na real, mas ela tá aqui. (...) uma camisa da... do Fundamental que é alguma coisa de uma campanha anti-cigarro... e aí entre isso também tem as minhas camisas de uniforme, (...) a maioria delas são aquelas camisas que a gente assinava no último dia de aula, que... ali mais no final do Ensino Médio a gente não fazia mais tanto isso, mas no Fundamental fazia muito isso, e eu adorava fazer isso. Então é literalmente uma *pilha* de camisetas... que **só estão aqui pela nostalgia, porque eu não uso elas.** (Eduardo)

Cada uma dessas camisetas materializa memórias específicas sobre um evento da escola, uma turma, uma fase na sua vida, e juntas elas compõem uma “biografia indumentária” (CWERNER, 2001, p.87) que possibilita a Eduardo reconstruir sua trajetória. Mais uma vez, a materialidade da roupa constrói um vínculo tangível e sensorial entre passado e presente (SLATER, 2014), de forma que mesmo se ele não as veste, ele ainda assim se relaciona com elas, e não pode pensar em doá-las.

Enquanto essa pilha de camisetas compõe em conjunto uma biografia indumentária, o seu primeiro par de tênis da Mizuno é capaz de condensar uma série de memórias em uma única peça:

Sobre isso aqui, eu posso comentar já logo de cara, de um tênis que eu tinha da... o primeiro tênis que eu ganhei da Mizuno, que é uma marca dessas de tênis esportivo que eu gosto. Que eu gosto muito dessa marca, até hoje eu gosto de tênis deles. Mas foi o primeiro que eu recebi que **meu pai comprou pra mim aleatoriamente, quando eu era mais jovem**, eu nem lembro... e eu sei que tipo, **eu fiquei muito encantado com ele porque, justamente foi o primeiro dessa marca** e essa marca eu gosto muito. **E ele é muito confortável, eu usei ele por muito muito tempo, tipo, só ele basicamente.** E... chegou um momento que ele tava completamente ferrado e... desgastado, e minha mãe tava brigando comigo (risos), tipo “para de usar esse tênis, ele tá feio, tem que comprar um novo”, e não sei quê não sei quê, **e eu não queria porque eu tinha esse apego emocional com ele, mas eu diria que é um apego que veio mais... tipo de força do hábito de tanto usar**, e de não ter nenhum outro. E porque ele era tipo simples, cinza, combinava... “combinava” entre aspas, porque isso ainda era na época que eu não prestava muita atenção nisso, **ele não... não ficava muito ruim com nenhuma combinação de roupa que eu fizesse.** E... acabou que eu usei ele por muito muito tempo, até eu não conseguir mais. **E aí no final eu usei ele no meu trote, quando eu entrei no IFSC, e aí ele ficou manchado de tinta, e aí eu tenho ele meio que como um memorial até hoje.** Eu só uso tipo em situações que eu possa usar um tênis extremamente feio e ferrado e manchado, ou seja, basicamente nunca. **Mas eu não consigo me livrar dele, por causa dessa carga emocional.** (Eduardo)

O tênis da Mizuno chega para ele de uma maneira “aleatória” e inesperada, como um presente do pai. Ele fica “encantado” com ele, e na sua memória ele permanece como um tênis “encantado” porque foi o primeiro entre todos os tênis da Mizuno que viriam depois. Ele combinava com todas as suas roupas, sendo portanto eficaz em lhe transmitir segurança ontológica, e por isso ele o usou para as mais diversas situações, durante anos. A fusão entre a pessoa e a roupa é alcançada através do hábito de vesti-la ao longo do tempo, e essa fusão faz

com que Eduardo sinta um apego emocional muito grande a esse tênis que é uma parte dele mesmo e de sua história. O tênis tem o seu triunfo final no trote que marca entrada de Eduardo na faculdade, e portanto, em uma nova fase da sua vida, na qual o tênis não será mais usado, mas será guardado, com as manchas de tinta, “como um memorial” que condensa as memórias sobre toda uma época de sua vida.

Banim e Guy (2001), ao falarem sobre a forma como certas roupas são guardadas por sua capacidade de evocar memórias sobre nossa própria história, dizem que algumas são guardadas pela peça *em si* (isto é, pela capacidade daquele item específico ter feito a pessoa se sentir de um jeito que ela quer lembrar), enquanto algumas são guardadas com o objetivo de fazer a pessoa se lembrar de *coisas que estavam acontecendo* enquanto aquela roupa estava em uso. No primeiro caso, a roupa seria guardada como uma “criadora de memória sobre o eu”, e no segundo caso, como uma “testemunha para o eu”. Enquanto a pilha de camisetas antigas de Eduardo parecem funcionar mais como uma “testemunha” da sua própria história, o tênis da Mizuno ultrapassa os limites entre essas duas funções. Por um lado, o tênis é para ele uma testemunha de toda uma época da sua vida; por outro lado, ele também é um “criador de memória sobre o eu”, pois o lembra da maneira como ele se sentia em perfeita fusão com o tênis ao usá-lo. Talvez seja justamente pela capacidade do tênis da Mizuno de condensar *tanto* em apenas um objeto, que ele é a primeira peça que lhe veio à mente quando perguntei se ele tinha roupas preferidas, e também deve ser por isso que ele diz que guarda o tênis “como um memorial”.

Além disso, assim como as roupas que usamos hoje em dia podem nos remeter a memórias sobre nossas relações com outras pessoas (tal como as roupas que Isadora herdou de sua prima), as roupas que guardamos apesar de não as usarmos mais também podem ser mantidas por sua eficácia em materializar nossos vínculos com outras pessoas, nos lembrando que, se as roupas guardadas servem para reconstruir uma história pessoal, essa história é sempre relacional:

Na minha formatura do meu Ensino Médio, foi a minha vó que fez o meu vestido, eu amo demais aquele vestido, acho que... **muito por ter sido ela que fez né, então fiquei com carinho muito grande**... o vestido, a parte de cima, **ele foi feito... da renda do vestido de casamento da minha madrinha**, que ela gostava muito daquela renda... e ela guardou, e quando eu me formei ela perguntou se eu queria, e aí quando eu vi eu gostei *bastante*, eu lembro que eu pedi pra ficar e aí a minha vó incorporou na parte de cima do meu vestido, no corpete. (Isadora)

Embora esse vestido tenha sido usado por Isadora em sua formatura, esse evento ocupa um lugar secundário no seu relato sobre essa peça. Em vez disso, o foco da narrativa é a forma

como o vestido veio a existir graças ao esforço conjunto da sua avó e da sua madrinha - é isso o que o torna especial. O vestido, costurado por sua avó a partir da renda do traje de casamento da madrinha, lembra as colchas feitas com retalhos das roupas antigas dos membros de uma família, de que fala Stallybrass (2012), e tal como elas, ele não é nem um “criador de memória sobre o eu”, nem uma “testemunha para o eu”, mas, sim, uma materialização do vínculo afetivo entre Isadora e essas mulheres.

Para finalizar essa discussão sobre por que algumas roupas são guardadas mesmo quando não são mais usadas, pode ser útil lembrarmos da discussão de Igor Kopytoff (2008) sobre o impulso de singularização. Segundo o autor, o pensamento ocidental contemporâneo costuma considerar que os objetos compõem o universo natural das mercadorias, enquanto as pessoas compõem o universo natural da individualização e da singularização. Mas essa polaridade é recente e, em termos culturais, excepcional, já que em muitas sociedades, as coisas não são consideradas inertes, mudas e genéricas, de modo que a dicotomia entre sujeito e objeto não faz sentido. Já nas sociedades capitalistas, as coisas tendem a se tornar mercadorias, e nesse processo que Marx chamou de “fetichização”, elas passam a ser definidas não por suas particularidades, mas por seu valor de troca abstrato.

Sobre isso, Stallybrass (2012) aponta que o emprego do termo “fetiche” por Marx só pode ser irônico. O conceito de “fetiche” foi elaborado pelos europeus em um contexto colonialista, para demonizar o apego supostamente arbitrário de certos povos africanos aos objetos materiais que eram carregados sobre o corpo, e que possuíam poderes especiais. Em contraposição, o sujeito ocidental foi constituído através da denegação do objeto, pois supostamente teria reconhecido seu “verdadeiro valor” - isto é, seu valor de mercado. Fetichizar a mercadoria é esvaziá-la de seu caráter de coisa e de sua conexão com as relações materiais das quais ela é produto, transformando-a em mero valor de troca - é, portanto, “fetichizar o invisível, o imaterial, o suprassensível” (STALLYBRASS, 2012, p.42). Por isso, a fetichização da mercadoria é exatamente o oposto da forma como os europeus entendiam que os africanos fetichizavam seus objetos, de forma que, ao “atribuir a noção de fetiche à mercadoria, Marx ridicularizou uma sociedade que pensava que tinha ultrapassado a ‘mera’ adoração de objetos” (STALLYBRASS, 2012, p.46).

Mas se o capitalismo tende a mercantilizar as coisas, homogeneizando-as, Kopytoff (2008) argumenta que nenhum objeto consegue ser puramente uma mercadoria - ou seja, algo definido apenas por seu valor de troca. Para o autor, a cultura e os indivíduos, através de sua tendência a discriminar, classificar, comparar e sacralizar, agem como forças contrárias que impedem que as coisas sejam reduzidas a meras mercadorias. Portanto, se o capitalismo enfatiza

o potencial dos objetos enquanto valores de troca, as pessoas, em contato diário com as coisas, experimentando *as* coisas e experimentando *com* as coisas através do tempo, as singularizam.

Toda roupa se torna uma coisa singular através da relação que desenvolvemos com ela. Mas certas roupas, por sua eficácia particular em condensar uma série de vínculos entre passado e presente, e entre o eu e os outros, materializando assim uma parte de nós mesmos e da nossa história, se tornam *especialmente* singulares, e em certa medida, sentimos em relação a elas aquilo que Mauss (2003, p.219) falou sobre os colares e braceletes do Kula: “cada um tem seu nome, uma personalidade, uma história, até mesmo um romance”. Assim, as roupas, que em algum momento foram fetichizadas “à la europeia” (ou seja, enquanto valores de troca), são refetichizadas⁵⁶, agora de um modo diferente, que as devolve sua qualidade de coisas particulares, coisas vivas e amadas, e que ao borrarem a fronteira entre sujeito e objeto, tornam impensável nossa separação com elas. Através de nosso relacionamento com a roupa, ela se torna eficaz em materializar uma série de vínculos, e dizer que ela se torna *eficaz* é dizer que ela se torna capaz de *criar* uma experiência específica (MALUF, 2012), que é esse poder de nos prender a elas.

Esse poder que certas roupas têm sobre nós fica particularmente evidente quando elas são perdidas:

À medida com que... fui crescendo, assim, eu tinha **algumas roupas que tinham um valor emocional muito grande pra mim**, assim. Que eu tinha ganhado de alguém, que eu tinha... gasto um dinheiro, e era uma roupa que... tinha um tema que eu adoraava, sabe. Então *essas aí* eu valorizava muito mais, (...) **inclusive eu já perdi algumas roupas, assim, por alguns motivos aleatórios, e... isso... quando eu lembro me deixa com um sentimento assim poxa**, eu... por exemplo, teve uma jaqueta que eu comprei quando eu tinha 7 anos de idade, que ela... ela *vestiria* em mim *hoje*, assim, o tamanho seria pra vestir hoje, assim. Só que na época que eu vi, eu achei *tão* sensacional a roupa, assim, ela era *muito* legal, e eu falei “nossa, eu tenho que pegar isso aqui”. *Implorei* pra minha mãe comprar pra mim, e eu passei *anos* usando ela... com o *dobro* de tamanho (risos), dobro, triplo, sei lá... e até ela vestir e até eu perder ela (risos) por uma razão muito estúpida. **E hoje eu sinto falta daquela roupa**, só porque ela era muito, muito muito boa mesmo, assim, muito legal, eu gostava muito dela assim. (Gustavo)

⁵⁶ Nas palavras de Kopytoff (2008, p.113): “Dessa forma, mesmo as coisas que claramente têm valor de troca (...) acabam absorvendo o outro tipo de valor, que é não-monetário e vai além do valor de troca. Podemos considerar que esse é o lado ausente e não-econômico daquilo que Marx chamou de fetichismo. Para Marx, o valor das mercadorias é determinado pelas relações sociais ocorridas na sua produção; mas a existência do sistema de troca faz com que o processo produtivo se transforme em algo remoto e mal entendido, e ele ‘mascara’ o valor real da mercadoria (...). Isso permite que a mercadoria seja socialmente dotada de um ‘poder’ de fetiche que não se liga ao seu valor real. No entanto, a nossa análise sugere que parte desse poder é atribuída às mercadorias depois que são produzidas, e que isso ocorre por meio de um processo autônomo, cognitivo e cultural de singularização.”

A jaqueta continua a exercer poder sobre Gustavo, apesar de sua ausência física. Ao longo dos anos, Gustavo foi literalmente crescendo dentro da jaqueta, mas quando ela finalmente serve nele, ele a perde. Perdê-la é perder uma coisa que conecta tão bem seu presente ao seu passado, uma coisa que na sua relação física com o corpo de Gustavo, materializa seu crescimento e a passagem do tempo. “Por uma razão muito estúpida”, a jaqueta é perdida, e resta a Gustavo lembrar-se dela, desconsolado, da maneira como ele a viu pela primeira vez: como uma jaqueta “sensacional”, que ele “implorou” para levar pra casa.

Através desse poder que a jaqueta ainda exerce sobre Gustavo, chegamos, por fim, ao último aspecto sobre a relação entre roupa e memória que abordaremos aqui. Trata-se do fato de que algumas roupas ficam guardadas na memória por muito tempo, apesar de sua ausência material. Cheryl Buckley (1998) e Alison Slater (2014), ao entrevistar mulheres idosas, observaram que, embora elas tivessem esquecido de muitas coisas, e frequentemente se confundissem sobre a ordem e a conexão entre os acontecimentos vividos, elas lembravam nitidamente de artigos específicos de vestuário, e podiam descrever minuciosamente sua textura, sua cor e seus detalhes. Em relação às práticas da memória feminina durante o século XIX na França, Michelle Perrot vai em uma direção semelhante:

Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço. A monotonia dos anos se diferencia pela toailete que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração: “Naquele dia eu usava...” ela diria. A memória das mulheres é trajada. (PERROT, 1989, p.14).

O argumento de Perrot (1989) é que as práticas da memória feminina estavam ligadas ao seu lugar em meio à família e à sociedade, e que por isso se direcionavam ao privado e ao íntimo. Frequentemente excluídas do mundo da escrita e do registro documental, elas muitas vezes recorriam ao “mundo das coisas” enquanto suporte material para suas lembranças. Assim, a memória das mulheres estaria particularmente ligada a uma memória sobre as roupas, porque o vestuário era um dos únicos meios considerados apropriados para a manifestação da sua individualidade.

Slater (2014) desenvolve essa ideia da “memória vestida” de forma a enfatizar dimensão da materialidade. Para essas mulheres cujas lembranças começam a ficar nubladas, a memória sobre a materialidade das roupas dá *realidade* às suas recordações. Certas peças, que tiveram um significado especial na época em que foram vestidas, insistem em permanecer na memória em cores, detalhes e textura. Através da lembrança sobre a sensação que essas roupas

provocavam sobre sua pele, e sobre a forma como essas roupas as faziam sentir, elas se lembram das experiências que viveram com elas, e das pessoas, dos momentos e dos lugares que estão associados a elas. Assim, essas roupas condensam memórias que se tornam mais nítidas através da lembrança sobre a sua materialidade, apesar de que, enquanto objetos físicos, elas estão ausentes.

Nas entrevistas que realizei, também pude perceber que, muitas vezes, a narrativa sobre uma época da vida, uma experiência, uma relação, um lugar, se constrói ao redor de uma peça de roupa específica. O exemplo mais claro disso talvez seja a narrativa de Daniel sobre o seu primeiro tênis da Adidas, sobre o qual falamos várias vezes. O tênis da Adidas foi comprado após o ingresso em uma escola onde todas as crianças tinham alguma coisa de marca. Assim, para Daniel, falar sobre o tênis é falar sobre o sentimento de exclusão e a vontade de se encaixar, e também significa falar sobre seu desconforto frente às normas de gênero, sua relação tensa com os outros meninos e o *bullying* que sofreu. A lembrança sobre o tênis condensa a memória sobre toda uma época da sua vida, e sobre os conflitos e sofrimentos vividos aí. Apesar de Daniel não ter guardado o seu primeiro tênis da Adidas, o tênis continua guardado em sua memória, e a lembrança sobre a sua materialidade (ausente) age de modo a comprovar e dar realidade aos conflitos vividos por ele.

Também podemos notar o poder das coisas ausentes sobre a memória no relato de Davi sobre seu tênis:

Aí eu lembro que justamente, quando eu tinha... 13 anos, é... eu lembro até onde: no shopping de Balneário Camburiú, eu... a gente tava passando com algum tio meu junto, (...) aí a gente comprou um tênis, minha mãe comprou pra mim, no caso, né, da... da Nike, naquele estilo também meio de skatista mais *gordão* assim, sabe? (...) um tênis verde meio estranho assim, um... um verde meio, como é que a gente diz, aquele verde de marca-texto assim, entre o verde e o amarelo, coisa meio neon assim só que meio fosco. E... eu lembro que esse tênis aí, eu usei *muito* tempo. **É o tênis que eu mais usei assim, um tênis relativamente bom assim, e... e confortável, e depois ele ganhou o formato do meu pé, certinho** assim, dava pra ver, usei ele até não dar mais, (...) cheguei a usar esse tênis na UFSC. Então esse tênis aí, se eu tinha uns 13, durou assim, muito tempo... **foi uma coisa bem marcante assim... que ficou desse primeiro momento e ficou me acompanhando durante muito tempo.** (Davi)

A narrativa de Davi sobre o tênis lembra muito a de Eduardo, pois aqui a eficácia do objeto em condensar memórias sobre toda uma época da sua vida também vem da fusão entre pessoa e roupa produzida pelo uso contínuo ao longo do tempo - como ele mesmo diz, o tênis permanece algo marcante pelo fato de o ter “acompanhado” durante anos. Ao contrário de Eduardo, porém, Davi não parece ter mantido o tênis; ele parece estar guardado apenas em sua memória. Mas a lembrança sobre a sua materialidade, a particularidade da cor e o formato do

seu pé na palmilha do sapato, reconstrói o tênis na sua memória e garante o seu poder apesar de sua ausência física.

A continuidade do poder da roupa apesar de sua ausência física também pode ser provocada pela maneira como a peça nos fazia sentir:

Eu lembro também uma coisa aleatória, assim, que eu lembro de... quando eu era muito criança, eu gostava muito de coturno, eu lembro que a minha mãe tinha me dado um coturno, da... tipo coturno de criança, né, coturno da Angélica. E eu amava aquilo, achava muito *massa*, porque era uma bota *preta, pesada*. **Eu me achava muito maneira com aquilo. É... eu lembro que eu fazia tudo com aquilo.** Eu andava de bicicleta com coturno, eu fazia de *tudo* com aquilo, é uma coisa que eu lembro bastante também. (Maria Clara)

Eu me lembro especialmente de uma *blusa* que eu usei num *aniversário*, que era da Lilica Ripilica (risos), eu acho, e que **eu me achei muito maneira usando ela**, assim, ela era meio... brilhante, e tal. Que foi uma roupa que eu gostei *muito*. (Laura)

Assim como as mangas bufantes de Anne e os “*looks* perfeitos” de Clarice que discutimos algumas páginas atrás, a blusa de Laura e o coturno de Maria Clara faziam com que elas se sentissem incríveis - nas suas próprias palavras, elas faziam elas se sentirem “muito maneiras”. Diferentemente dos tênis de Davi e Eduardo, que através da fusão entre roupa e pessoa, lhes transmitiam segurança ontológica, essa blusa e esse coturno faziam com que elas se sentissem como as melhores versões delas mesmas. É esse poder que as roupas tinham sobre elas no passado, que fazem com que o poder da roupa se perpetue em sua memória.

Por fim, podemos dizer ainda que, da mesma forma que o poder de certas roupas faz com que seja trágico perdê-las, há também uma angústia na possibilidade de perder as *memórias* sobre as roupas, e na possibilidade de que as roupas percam seu poder de se perpetuar na memória. É pensando nisso que podemos ler novamente a narrativa de Júlia, que discutimos no capítulo sobre a infância:

quando eu era uma criança, eu me vestia muito... livremente, sabe, tipo ah, a minha mãe (...) *sempre* deixou a gente se vestir do jeito que a gente queria, sabe, tipo ah, o *nosso* estilo, assim. (...) Aí eu amava muito o amarelo, eu sempre usei *muito* amarelo quando eu era pequena. E tinha até uma *bolsa* amarela que eu, cara, assim, eu andava por tudo com ela, tipo, não soltava ela nenhum segundo. Então as roupas eram muito mais tipo... o que eu gostava, assim, e tipo o que... deixa eu pensar. Não, eu não me importava com o que as outras pessoas pensavam, sabe? (...) Daí tem uma... uma jaqueta, que quando eu era criança eu queria muito, que era uma jaqueta muito vermelha, assim, tipo um vermelho bem forte, assim, que aí ela [a irmã] ficou me zoando porque parecia do Michael Jackson. Aí... mas era um estilo bem... *livre*, assim, sabe. E o que eu vejo é tipo, que a gente... agora na quarentena, a gente pegou umas fitas antigas, pra ver, assim, os vídeos, e cara, **eu lembro de todas as roupas, sabe? Cara, eu tava falando com a minha irmã, e todas elas significavam muito pra mim**, sabe? Tipo, eu ficava “caaaara!”, e toda hora que a gente via um vídeo, uma roupa específica, a gente ficava falando “mano! Essa roupa! Nossa, esse casaco! Eu adoraava

esse casaco!”. Então acho que antigamente, assim, **eu tinha um apreço muito, muito grande pelas roupas, sabe? E eram completamente diferentes, assim, uma das outras**, e tinha uma coisa de tipo... “**essa é minha roupa**”, sabe, tipo não tinha... acho que antigamente, pra mim pelo menos, **não tinha essa visão de... roupa... tipo igual à outra** sabe, das outras pessoas, assim, ah, modelo igual e tal. (...) E eu vejo também que as roupas hoje... que eu uso, assim... é algo que eu vou, por exemplo, daqui a *dez anos*, ou talvez até menos, cinco, três anos, daqui pra frente, quando eu não use mais elas, tipo quando eu doe elas, ou jogue fora, sei lá, eu vejo que **eu não vou reconhecer as roupas**, sabe? Tipo eu vou sei lá, por exemplo, se eu passasse numa vitrine, e olhasse essa roupa, eu não reconheceria ela, tipo não lembraria que eu já tive ela, ou que eu comprei uma igual àquela e tudo mais. Então acho que... no passado, as roupas... tu vê que tipo, já passou uns quinze anos das roupas do vídeo que eu vi essa semana, **e ainda eu me olhava exatamente com aquela roupa**, sabe? Ficava tipo “nossa! Essa roupa! Eu adorava! Nossa!”. Ah! E também, tá meio confuso (risos), mas... antigamente eu via muito assim... eu pensava... olhava pra uma roupa, quando a gente ia doar ou jogar fora quando eu era pequena né, cara eu *não*, eu ficava *surtando* assim, porque eu gostava *muito*, eu tinha *muito* apreço, muito... como é que é? *Carinho*, acho que é? A palavra certa, não sei. Apreço, assim, pelas roupas. Eu ficava “noooooossa não queeero não queeero jogar fooodora, não sei o quêeee”. Ai, nossa, tem um vestidinho que eu lembro que cara, (...) eu e a minha irmã a gente é gêmeas né, então ela... ela tinha um igual ao meu, quando a gente tinha uns seis, sete anos. Era um vestido *rosa*, muito diferente, assim, muito... *criancinha*, assim, sabe? E nossa, eu adorava adorava adorava. Ai quando a gente jogou fora eu fiquei, nossa, fiquei *muito* triste, muito triste, muito triste. (...) eu fiquei com o sentimento que cara, acho que **até assim, quando eu tiver muito idosa, assim, eu vou lembrar daquele vestido, sabe? Exatamente como ele é, assim. Eu acredito que a memória que eu tenho das minhas roupas quando eu era pequena, são muito maiores do que as memórias das roupas que eu tenho hoje, sabe? E hoje também, as roupas eu acredito que, as roupas que eu uso, assim... são muito, tipo... sem significado**, assim, não são algo que eu olhe... pela... tipo aparência, não pela aparência, mas tipo, pelo... pelo como eu vou tá vestindo ela, ou por ela... *em si*, assim, mas *sim... como eu vou tá vestindo ela, que que as outras pessoas vão ver*, quando me verem usando aquela roupa, e tal. Então acho que são roupas muito... que tipo, passam batido entre as outras, sabe? Acho que é isso a palavra. É. Que passam... que não se percebem... que **não ficam na memória guardada**, sabe? (Júlia)

Nós já discutimos sobre como a narrativa sobre a infância pode adquirir um tom de nostalgia romântica. Quando refletimos sobre a maneira como Júlia lembra de suas roupas de criança, contrastando-as com suas roupas atuais, vemos que, através das lentes dessa experiência romântica, a infância é narrada como o lugar das singularização (KOPYTOFF, 2008) das roupas, ao passo que o presente é narrado como o lugar onde a roupa é uma “presença fantasmagórica” (WOODWARD, 2005), imaterial, genérica e “sem significado”. Isso está expresso na sua declaração de que, durante a infância, ela se relacionava com a roupa “em si”, ao passo que hoje em dia ela se relaciona apenas com a *imagem* que a roupa passará para as outras pessoas. As roupas da infância que ficaram guardadas na sua memória existem enquanto objetos muito singulares - elas eram muito diferentes das roupas de todas as outras crianças, eram as “roupas *dela*”.

A bolsa amarela, a jaqueta vermelha e o vestido rosa permanecem na memória de Júlia pois são capazes de condensar o sentimento de liberdade que para ela está relacionado à

infância. As suas lembranças sobre a materialidade dessas roupas, sobre a maneira como se sentia ao usá-las, e sobre as anedotas relacionadas a elas, dão *realidade* à sua narrativa sobre a infância aos seus próprios olhos. O fato de que essas roupas permanecem tão reais e tão significativas na sua memória faz com que elas sejam coisas a partir das quais Júlia pode reconstruir sua própria história, conectando passado, presente, e futuro - pois ela acredita que o poder dessas roupas é tão forte, que ela se lembrará delas até quando estiver muito, muito idosa.

Jerome Bruner (2014, p.96) nos diz que “é através da narrativa que nós criamos e recriamos a individualidade; que o eu é produto de nosso contar, e não uma essência a ser perscrutada nos recônditos da subjetividade”, e que por isso, “se nos faltar a capacidade de fabricar histórias sobre nós mesmos, não existirá uma coisa como a individualidade”. Se a memória é essencial à essa criação narrativa do “eu”, e se a memória sobre as roupas tem esse poder de condensar uma série de sentimentos, relações e experiências, e dar *realidade* à narrativa, parece ser, então, que o medo de Júlia de que suas roupas atuais não fiquem guardadas na memória é o medo de perder recursos valiosos para a sua reconstrução sobre sua própria vida.

Meu objetivo, nesse subcapítulo, foi discutir diferentes aspectos da relação entre roupa e memória, e mostrar que é através de nossa relação com as roupas ao longo do tempo que elas se tornam objetos singulares. Essa relação que desenvolvemos com as roupas é um verdadeiro engajamento corporal, emocional, sensorial, relacional e biográfico. Ao abrirmos nosso guarda-roupa, nos deparamos com uma “paisagem multissensorial” (CWERNER, 2001, p.88), onde cores, estampas, cheiros e texturas nos remetem a significados mais ou menos compartilhados e secretos, a momentos, pessoas e lugares. As roupas circulam para dentro e para fora do nosso armário, e depois de elas o terem deixado pela última vez, elas ainda assim podem ficar guardadas na nossa memória, pois o poder desse engajamento que sentimos em relação a algumas roupas pode se perpetuar para além de sua presença física. Assim, como coloca Stallybrass (2012, p.12), pensar sobre roupa significa verdadeiramente pensar sobre memória:

É apenas, acredito, num paradigma cartesiano e pós-cartesiano que a vida da matéria é relegada à lata de lixo do “meramente” - o mau fetiche que o adulto deixará para trás como uma coisa infantil, a fim de perseguir a vida da mente. Como se a consciência e a memória dissessem respeito a mentes e não a coisas, ou como se o real pudesse residir apenas na pureza das ideias e não na impureza permeada do material. (STALLYBRASS, 2012, p.30)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um artigo sobre memória e identidade social, Michael Pollak (1992) conta que numa série de entrevistas realizadas na Normandia sobre a experiência local da invasão alemã em 1940, ele e sua equipe encontraram várias pessoas que lembravam dos soldados alemães usando capacetes pontudos. O estranho é que, na verdade, esses capacetes haviam sido usados pelos soldados *prussianos* durante a *Primeira* Guerra Mundial, e haviam sido deixados de lado por volta de 1917. Acontece que essas pessoas eram apenas adolescentes durante a Segunda Guerra Mundial, e portanto, não poderiam estar confundindo as memórias das duas guerras, já que não haviam presenciado a primeira. Pollak conclui que a razão para esse curioso “erro” de memória é que essas pessoas haviam misturado suas próprias memórias com as narrativas dos pais sobre a invasão prussiana durante a Primeira Guerra, pois era apenas aquela geração que poderia realmente lembrar dos capacetes pontudos dos prussianos.

Esse tipo de ocorrência permite a Pollak dizer que a memória é constituída por acontecimentos de três tipos: aqueles vividos pessoalmente; aqueles vividos “por tabela”, ou seja, pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer e que ganham tamanha presença no imaginário que a pessoa já não consegue saber se os viveu ou não; e os acontecimentos que ultrapassam o espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo, mas que são objeto de uma identificação tão forte, que podemos falar numa memória quase herdada. Esses elementos a partir dos quais a memória é constituída não se referem apenas a acontecimentos; também podem ser pessoas, lugares, objetos e sensações.

Porém, ao escutarmos ou lermos uma narrativa pessoal, podemos perceber que as memórias que servem de base para ela raramente podem ser encaixadas em uma dessas três categorias de forma clara. Como saber se nós vivemos *realmente* uma experiência, ou se na verdade, a reinterpretemos de tal forma à luz de nossas conversas posteriores com outras pessoas que a forma como nos lembramos dela a torna praticamente uma *outra* experiência?

Parece ser que a razão para essa dificuldade em separar na prática o que é uma memória puramente individual de uma memória coletiva é que, na verdade, não existem memórias *puramente* individuais nem *puramente* coletivas. Uma narrativa de vida é feita com base em três momentos ou níveis intimamente relacionados: experienciar, recordar e narrar. Mas nenhum desses momentos é uma ação em “estado bruto” na qual está envolvida apenas uma pessoa sozinha no mundo. Uma vida é experienciada, lembrada e narrada sempre em meio a uma cultura, e esses três momentos são processos interpretativos através dos quais os significados compartilhados por uma cultura são produzidos e reproduzidos.

Esse me parece ser o primeiro apontamento que podemos retirar dessas narrativas de vida construídas ao redor do tema da roupa. Ao ouvir as histórias contadas por essas pessoas sobre as transformações nos seus modos de vestir ao longo do tempo, estamos ouvindo a cada momento uma história muito pessoal e particular. Se a experiência, a memória e a narrativa são os três momentos a partir dos quais se constrói uma narrativa de vida, o seu efeito é a construção retrospectiva de uma identidade, que é o que é justamente devido à sua singularidade.

Por outro lado, cada narrativa tem também um aspecto que ecoa tantas outras, e temos por vezes um sentimento de *déjà-vu* ao ouvi-las. Percebemos que a infância, a ruptura com a infância, a adolescência, o amadurecimento, a entrada na universidade, a “construção” e a “descoberta” de um modo de vestir pessoal, as relações possíveis entre pessoas e roupas, são lembradas e narradas de formas particulares e compartilhadas *ao mesmo tempo*. Algumas vezes, os próprios entrevistados deixam claro que consideram suas experiências como casos particulares das experiências vividas por “todo mundo”. Outras vezes, nos relatos sobre as memórias que eles consideram como as mais íntimas, podemos ouvir mesmo assim o eco de outras vozes, e perceber que nenhuma pessoa é uma ilha.

Mas a reunião dessas vozes não é um todo harmonioso; não é uma imagem de *communitas*. Percebemos o conflito e a oposição entre as narrativas e entre os valores veiculados por elas. Mais do que isso, percebemos o conflito *dentro* de cada narrativa. Se o objetivo da narrativa é reconstruir a história vivida impondo ordem e coerência, a fim de criar um “eu” fechado e consistente, ela é ainda assim humana, e por isso tropeça em si mesma, gagueja, vacila e se contradiz.

Nós discutimos como o “estilo”, a “moda”, o “conforto” e a “personalidade” condensam em si significados por vezes contraditórios, e se expandem para abarcar sentidos que à primeira vista não parecem estar lá. É por isso que é possível dizer “eu não tenho um estilo específico, mas tenho um certo estilo”; “eu me interesso por moda, mas não consumo a ideia de moda”; “eu me visto com roupas confortáveis, mas não me sinto confortável usando moletom” ou “minhas roupas expressam minha personalidade, mas minha personalidade é o oposto das minhas roupas”. É claro que às vezes esses significados aparentemente contraditórios podem estar bem separados nas narrativas de duas pessoas diferentes, e assim elas se fazem porta-vozes de dois discursos concorrentes sobre as roupas. Mas acontece muitas vezes de essas narrativas serem usadas pela mesma pessoa, para falar de aspectos diferentes de sua história, porque embora ambas pareçam contraditórias no nível lógico, elas *fazem sentido* no nível prático, quando se trata de interpretar a própria experiência.

Por isso, se a capacidade de perceber o sentido das coisas é a habilidade humana por excelência, temos de nos lembrar que ela envolve a possibilidade de ver sentido em coisas que de outro ângulo podem parecer absurdas e contraditórias. E isso porque, se a cultura é um conjunto de significados, esse não é um conjunto sistemático, pacífico e organizado como um daqueles guarda-roupas que aparecem nos encartes da Casas Bahia, onde todas as roupas combinam perfeitamente entre si e descansam comportadas, cada uma em seu devido lugar – ou seja, um guarda-roupas que só existe no papel. A cultura se assemelha mais a um armário com roupas novas, roupas velhas, roupas rasgadas, roupas que ficarão adormecidas por um tempo e depois serão usadas novamente, roupas que brigam entre si mas que talvez serão usadas juntas em um futuro distante, organizadas segundo diferentes princípios que, dependendo do ângulo, podem se assemelhar ao caos. Enfim, a cultura se parece mais com um guarda-roupas verdadeiramente *vivo*, com espaço para combinações e conflitos inusitados e inesperados. E é ao se referirem aos enquadramentos compartilhados pela nossa cultura, às formas de experienciar, lembrar e narrar que acontecem sempre novamente, mas também ao expandirem e atualizarem esses significados, que as pessoas vão criando a cultura enquanto narram a si mesmas.

Temos de nos lembrar, também, que uma narrativa de vida é uma forma de construir a si mesmo através da linguagem, e que a linguagem é “a vigia da angústia”, como disse Claude Olievenstein (apud POLLAK, 1989, p.8). Se a linguagem afasta o que está perto e aproxima o que está distante (como me disse inúmeras vezes meu orientador), através dela podemos projetar na infância nossos anseios atuais e nossas esperanças sobre o futuro; podemos projetar na adolescência aqueles sentimentos que recebemos sentir até hoje; podemos ocultar do presente as ameaças que estão à espreita e que às vezes, sem querer, espiamos de canto de olho. Mas a linguagem não exaure a experiência, e esses sentimentos que não encontram expressão articulada ainda assim podem irromper na narrativa através dos vacilos, das inseguranças, das reticências, dos movimentos de vai e volta e das autocorreções.

Esses sentimentos que parecem tão distantes na narrativa, mas que na prática estão muito presentes, também não são puramente individuais apenas pelo fato de que não estão sendo expressos através da linguagem (no sentido estrito). Se a cultura nos ensina a interpretar nossos sentimentos e a falar sobre eles, ela também nos ensina a sentir: parte do trabalho da cultura é, como diz Clifford Geertz (2008, p.210), o de oferecer uma “educação sentimental”.

Tudo isso pode parecer exageradamente dramático para uma conclusão de uma pesquisa sobre a forma como as pessoas interpretam as transformações no seu modo de vestir ao longo do tempo. Afinal, as roupas são aquelas coisas que cotidianamente nos cansam de tanto que

precisam ser lavadas, estendidas, recolhidas, dobradas e guardadas. Às vezes temos vontade de jogá-las fora todas de uma vez. Nos filmes, os homens reviram os olhos e bufam quando são obrigados a acompanhar as mulheres nas saídas de compras. Será que as relações com as roupas podem realmente ser dramáticas?

Na escrita desse texto, meu objetivo foi mostrar que quando esses jovens estão falando sobre as roupas que vestiram ao longo de suas vidas, eles estão falando de suas relações com outras pessoas e de memórias sobre experiências, períodos, lugares, conflitos, sentimentos bons e ruins. Falar sobre as roupas vestidas ao longo do tempo lhes permite costurar seu passado, seu presente e suas expectativas sobre o seu futuro. Isso quer dizer que as pessoas se relacionam com suas roupas a partir de um engajamento corporal, emocional, sensorial, relacional e biográfico - embora em boa parte do tempo esse engajamento seja silencioso e irrefletido. O fato de que as roupas e as memórias sobre as roupas condensam em si uma série de relações faz com que falar sobre elas seja um caminho por meio do qual podemos interpretar retrospectivamente a nossa própria vida e o nosso lugar no mundo. E por mais desimportante ou comum que seja uma vida particular nos redemoinhos da história, sabemos que as pessoas acreditam intensamente nas narrativas que constroem sobre sua própria existência e se levam profundamente a sério, e é por isso que mesmo um “mero” objeto como a roupa pode ser o fio condutor de uma narrativa verdadeiramente dramática.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, 1997, pp. 25-36.

ANDERSON, Benedict.. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. **Introdução**: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (Org.) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

AUSTIN, Linda. Children of childhood: nostalgia and the Romantic legacy. **Studies in Romanticism**, vol. 42, n. 1, pp. 75-98, 2003.

BANIM, Maura e GUY, Ali. **Dis/continued selves**: why do women keep clothes they no longer wear? In: GUY, Ali; GREEN, Eileen; BANIM, Maura (orgs.). *Through the wardrobe: women's relationship with their clothes*. Nova York: Berg, 2001.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BERGAMO, Alexandre. Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda. **Cadernos Pagu**, n. 22, pp. 83-113, 2004.

_____. **A experiência do status**: roupa e moda na trama social. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BLUMER, Herbert. Fashion: From Class Differentiation to Collective Selection. **The Sociological Quarterly**, vol. 10, n. 3, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 2008.

_____. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2017.

BRUNER, Edward. **The opening up of Anthropology**. In: BRUNER, Edward (org.). *Text, play and story: the construction and reconstruction of self and society*. Proceedings of The American Ethnological Society, 1983.

_____. **Experience and its expressions.** In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward (orgs.). *The Anthropology of experience.* Champaign: University of Illinois Press, 1986.

BRUNER, Jerome. **A criação narrativa do eu.** In: *Fabricando histórias: Direito, literatura, vida.* São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BUCKLEY, Cheryl. On the margins: theorizing the history and significance of making and designing clothes at home. **Journal of Design History**, Vol, 11, No. 2, pp. 157-171, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno.** In: BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (orgs.). *Cultura, consumo e identidade.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CLARKE, Alison e MILLER, Daniel. Fashion and Anxiety. **Fashion Theory**, vol. 6, n. 2, pp. 191-213, 2002.

CRANE, Diana. Diffusion models and fashion: a reassessment. **The Annals of the American Academy of Political Science**, Vol. 566, 1999.

_____. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.** São Paulo: Editora Senac, 2006.

CWERNER, Saulo. Sociology of the wardrobe. **Fashion Theory**, vol. 5, n. 1, pp. 79-92, 2001.

DAVIS, Fred. **Fashion, culture and identity.** Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, ano 16, n. 34, pp. 49-70, 2010.

DE CERTEAU, Michel. **La invención de lo cotidiano**, vol. 1: Artes de hacer. México: Universidad Iberoamericana, 1996.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, vol. 2, Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O processo civilizador**, vol. 1, Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIOT, George. **Middlemarch: A Study of Provincial Life**. Estados Unidos: The Project Gutenberg, 1994. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/145/145-h/145-h.htm>>. Acesso em: 14 de mar. de 2021.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, pp. 155-161, 2005.

FISHER, Tom; WOODWARD, Sophie. Fashioning through materials: material culture, materiality and processes of materialization. **Critical Studies in Fashion and Beauty**, vol. 5, n. 1, pp. 3-23, 2014.

FIUZA, Silvia. Identidade jovem em camadas médias urbanas. **Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ**, n. 18, 1990.

GÉLIS, Jacques. **A individualização da criança**. In: CHARTIER, Roger (org.). História da vida privada, vol. 3: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRUMICHÉ, Mônica Cristina. **Da ideia de infância em Jean-Jacques Rousseau ou “do sono da razão”**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas histórias de vida. **Educação & Sociedade**, vol.26, n.91, pp. 509-534, 2005.

HALL, Catherine. **Sweet home**. In: PERROT, Michelle (org.). História da vida privada, vol. 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2011.

_____. O ocidente e o resto: discurso e poder. **Projeto História**, n. 56, pp. 314-361, 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, vol. 5, pp. 7-41, 1995.

HARVEY, John. **Homens de preto**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JACOB, Christian. **Ler para escrever: navegações alexandrinas**. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

KOPYTOFF, Igor. **A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo**. In: APPADURAI, Arjun (Org.) *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **A autobiografia dos que não escrevem**. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. São Paulo: Vozes, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MALUF, Sônia Weidner. **Eficácia simbólica: dilemas teóricos e desafios etnográficos**. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca (orgs.). *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAUSS, Marcel. **Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, Vol. I. São Paulo: Edusp, 1974.

_____. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003a.

_____. **Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003b.

MELLO E SOUZA, Gilda de. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987).

MILLER, Daniel. **Por que a indumentária não é algo superficial**. In: MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne of Green Gables**. Londres: Penguin Books, 2010.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: FAPESP/AnnaBlume, 2009.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, vol. 9, n. 18, pp. 9-18, 1989.

_____. **Figuras e papéis**. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada*, vol. 4: *Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

POLHEMUS, Ted. No supermercado de estilos. **Contracampo**, vol. 35, n. 02, pp. 7-12, 2016.

POLKINGHORNE, Donald. Narrative configuration in qualitative analysis. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, vol. 8, n. 1, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, 1992.

_____. A gestão do indizível. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, vol. 2, n. 1, 2010.

ROSENMAN, Ellen Bayuk. Fear of fashion; or, how the coquette got her bad name. **A Quarterly Journal of Short Articles, Notes and Reviews**, vol. 15, n.3, 2002.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, vol. 14, n. 2, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REYNOLDS, Kimberley. Perceptions of childhood. **The British Library**, 2014. Disponível em: <https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/perceptions-of-childhood#>. Acesso em: 11 de jan. de 2021.

REZENDE, Claudia Barcellos. Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias urbanas. **Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ**, n. 18, 1990.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 26, n. 2, 2010, pp. 227-234.

SIMMEL, Georg. Fashion. **The American Journal of Sociology**, vol. 62, n. 6, 1957.

_____. **O indivíduo e a liberdade**. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold (Orgs.). Simmel e a modernidade. Brasília: UnB, 1998.

SLATER, Alison. Wearing in memory: materiality and oral histories of dress. **Critical Studies in Fashion and Beauty**, vol. 5, n. 1, pp. 125-139, 2014.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

STRATHERN, Marilyn. **Sujeito ou objeto?** As mulheres e a circulação de bens de valor nas terras altas da Nova Guiné. In: STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo, Cosac & Naify, 2014.

STROUP, William. The Romantic child. **Literature Compass**, vol. 1, pp. 1-5, 2005.

THOMPSON, Craig; HAYTKO, Diana. Speaking of fashion: consumers' uses of fashion discourses and the appropriation of countervailing cultural meanings. **Journal of Consumer Research**, vol. 24, pp. 15-42, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOREAU, Henry David. **Walden and on the duty of civil disobedience**. Estados Unidos: The Project Gutenberg, 1995. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/205/205-h/205-h.htm>. Acesso em: 11 de abr. de 2021.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Dewey, Dilthey, and drama**: an essay in the anthropology of experience. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward (orgs.). *The Anthropology of Experience*. University of Illinois Press, 1986.

VANCE, Carole. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**, vol. 5, n. 1, pp.7-32, 1995.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. Individualismo e juventude. **Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ**, n. 18, 1990.

_____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo. **Romeu e Julieta e a origem do Estado**. In: VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WAIZBORT, Leopoldo. Erich Auerbach sociólogo. **Tempo Social**, vol. 16, n. 1, pp. 61-91, 2004.

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais**. In: COHN, Gabriel (Org.). *Weber - Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n. 13. São Paulo: Ática, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **O Círculo de Bloomsbury**. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011.

WILSON, Elizabeth. **Adorned in dreams**: fashion and modernity. Nova Iorque: I. B. Tauris, 2003.

WOODWARD, Sophie. **Looking good**: feeling right - aesthetics of the self. In: MILLER, Daniel e KÜCHLER, Susanne (orgs.). *Clothing as material culture*. Oxford: Berg, 2005.

ANEXO A - Modelo do questionário

O seguinte questionário feito através do Google Forms foi enviado a (e respondido por) todos os participantes, após o término da entrevista:

Título: Origem e trajetória social

Descrição: Esse formulário complementa os áudios que você me mandou, pois a partir dele posso saber algumas coisas sobre a posição que você ocupa no espaço social. Lembre-se que o seu nome verdadeiro não será usado na pesquisa. Aqui, quando eu pergunto o seu nome, é para que eu possa relacionar a pessoa que respondeu o questionário com a pessoa que enviou os áudios. Mais uma vez, obrigada por participar da pesquisa!

1. Qual é o seu nome completo? [Resposta: texto de resposta curta]
2. Quantos anos você tem? [Resposta: texto de resposta curta]
3. Como você se identifica quanto ao gênero? [Resposta: texto de resposta curta]
4. Como você se identifica quanto à cor/raça? [Resposta: texto de resposta curta]
5. Como você se identifica quanto à orientação sexual? [Resposta: texto de resposta curta]
6. Você estudou... [Resposta: múltipla escolha]
 - a. Sempre em escola pública
 - b. Em escola pública durante a maior parte da vida
 - c. Mais ou menos metade da vida em escola pública e metade em particular
 - d. Em escola particular durante a maior parte da vida
 - e. A vida inteira em escola particular
7. Qual é o seu nível de escolarização? [Resposta: múltipla escolha]
 - a. Ensino fundamental incompleto
 - b. Ensino fundamental completo
 - c. Ensino médio incompleto
 - d. Ensino médio completo
 - e. Ensino superior incompleto
 - f. Ensino superior completo
 - g. Pós-graduação incompleta
 - h. Pós-graduação completa
8. Se você faz/fez graduação, qual é/foi o seu curso? [Resposta: texto de resposta curta]
9. Qual é a profissão da sua mãe ou figura parental nº 1? Tente ser específica(o). [Resposta: texto de resposta curta]⁵⁷
10. Qual é a profissão do seu pai ou figura parental nº 2? Tente ser específica(o). [Resposta: texto de resposta curta]
11. Qual é o nível de escolarização da sua mãe ou figura parental nº 1? [Resposta: múltipla escolha, com as mesmas opções oferecidas na pergunta nº 7]
12. Qual é o nível de escolarização do seu pai ou figura parental nº 2? [Resposta: múltipla escolha, com as mesmas opções oferecidas na pergunta nº 7]
13. Você cresceu em: [Resposta: múltipla escolha]⁵⁸
 - a. Uma cidade pequena (menos de 100 mil habitantes)
 - b. Uma cidade média (100 mil a 500 mil habitantes)
 - c. Uma cidade grande (mais de 500 mil habitantes)
14. Você trabalha? Considere a situação anterior à quarentena. [Resposta: múltipla escolha]
 - a. Não⁵⁹
 - b. Já trabalhei para buscar desenvolvimento profissional ou para ter um dinheiro extra, mas não

⁵⁷ Boa parte das pessoas ofereceu como resposta categorias bastante amplas e vagas como “vendedor”, “empresário”, etc. Ou seja, não foi um bom indicador de classe social.

⁵⁸ Percebi que várias que eu sei que cresceram em Florianópolis marcaram opções diferentes entre si, de forma que apesar de eu ter especificado a quantidade de habitantes em cada categoria, ainda há muita margem para interpretação. Ou seja, os dados trazidos por essa pergunta não foram muito significativos. Ficamos sabendo, porém, que se tratam majoritariamente de pessoas que cresceram em áreas urbanas.

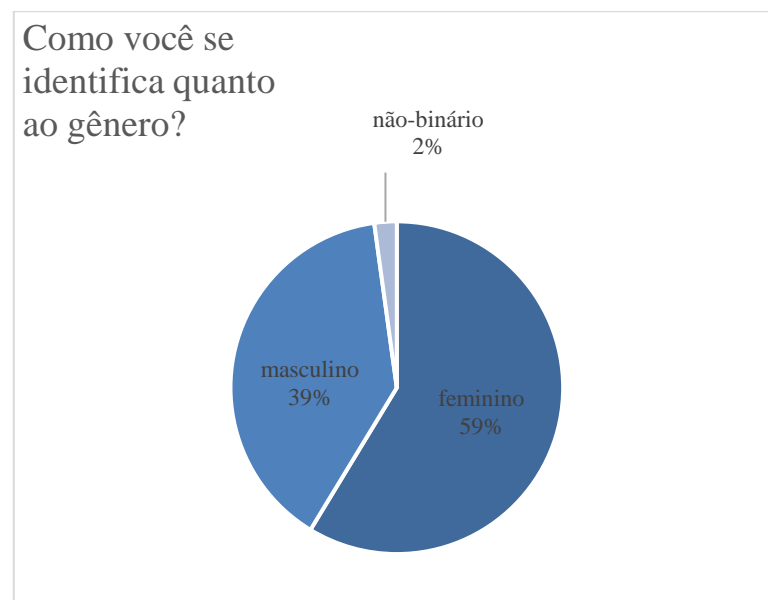
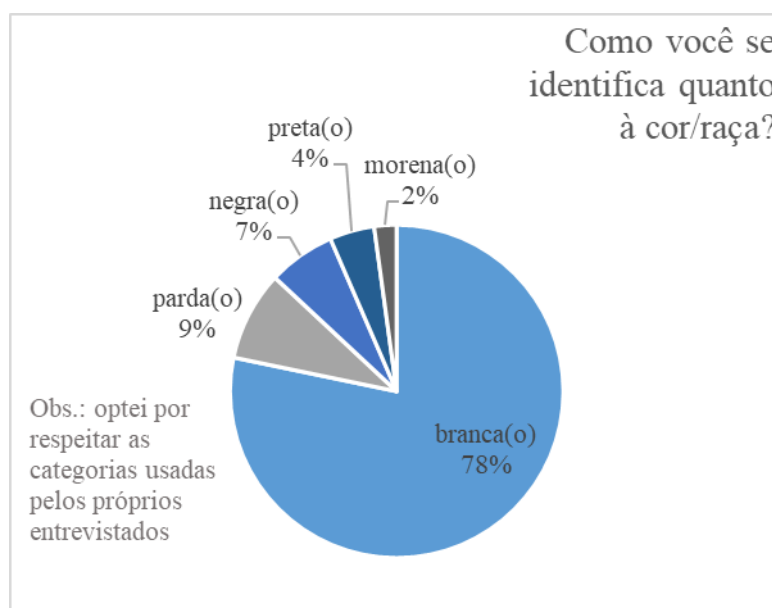
⁵⁹ Teria sido mais significativo e específico oferecer como opção “nunca trabalhei”, ao invés de simplesmente “não”.

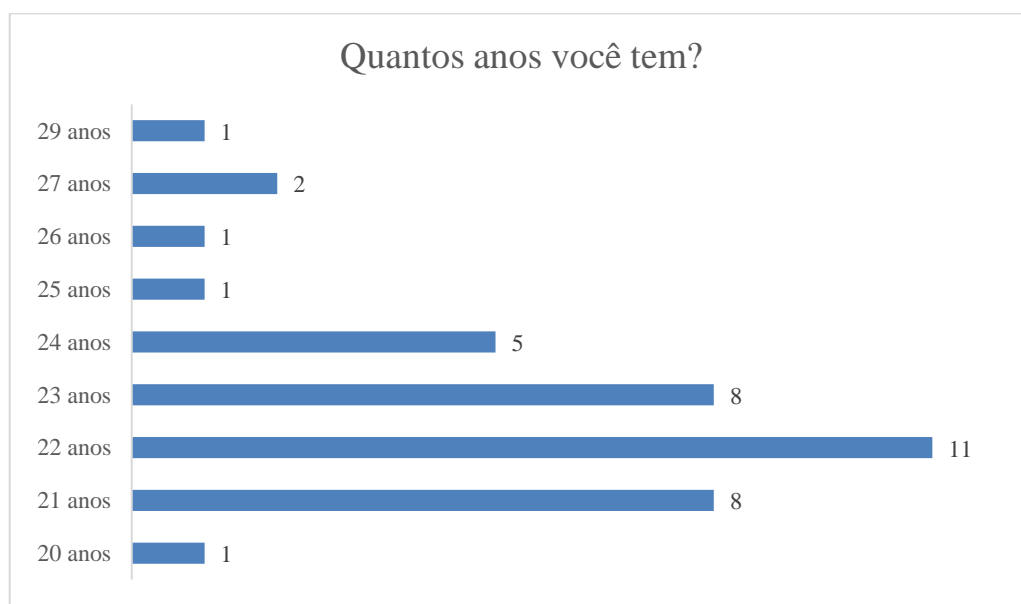
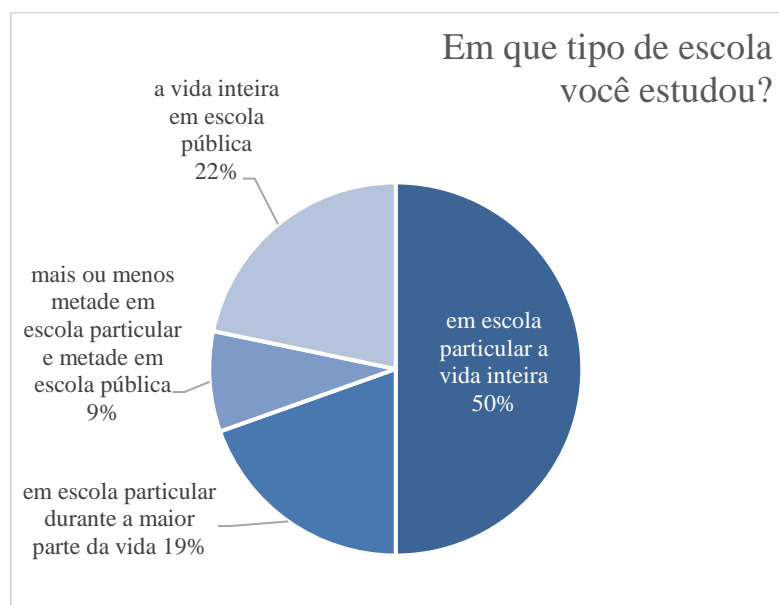
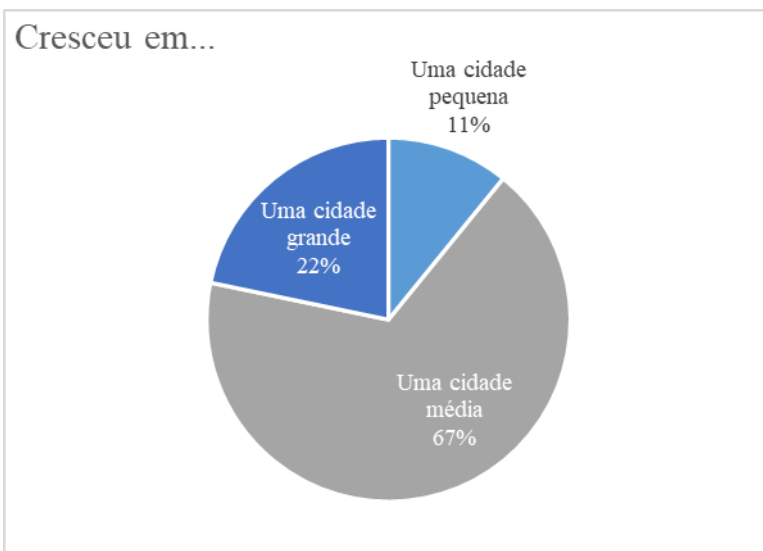
- porque precisava
- c. Trabalho para complementar a renda que meus familiares me dão
 - d. Trabalho para me sustentar
15. Se você trabalha atualmente ou já trabalhou, quais são os empregos que você teve? [Resposta: texto de resposta longa]⁶⁰

⁶⁰ Essa pergunta só foi adicionada depois de eu já ter enviado o questionário para algumas pessoas. Como as respostas não foram muito significativas, resolvi desconsiderar essa pergunta e não enviá-la àquelas pessoas que não a haviam respondido. Os trabalhos mencionados foram quase sempre relacionados à universidade, como estagiário ou bolsista.

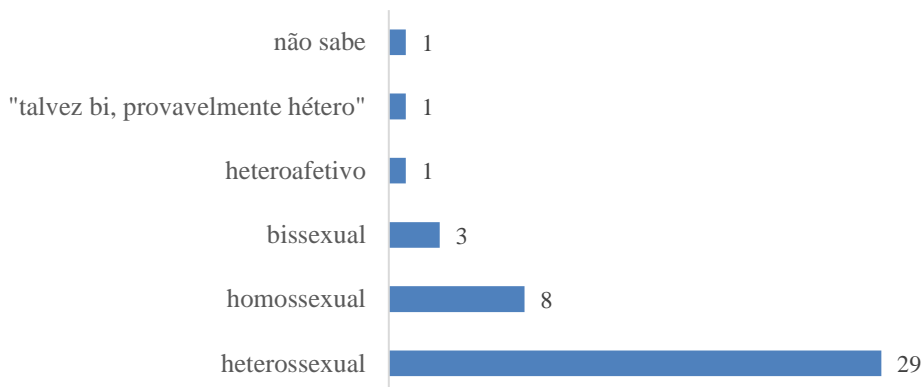
ANEXO B - Dados gerais sobre os participantes

Gráficos feitos com base nas respostas das 46 pessoas que responderam ao questionário:

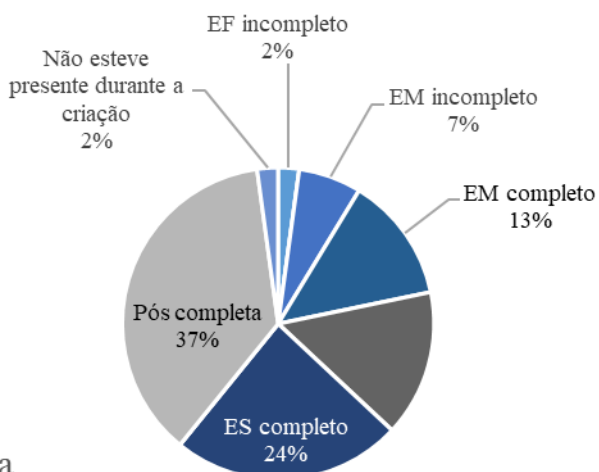




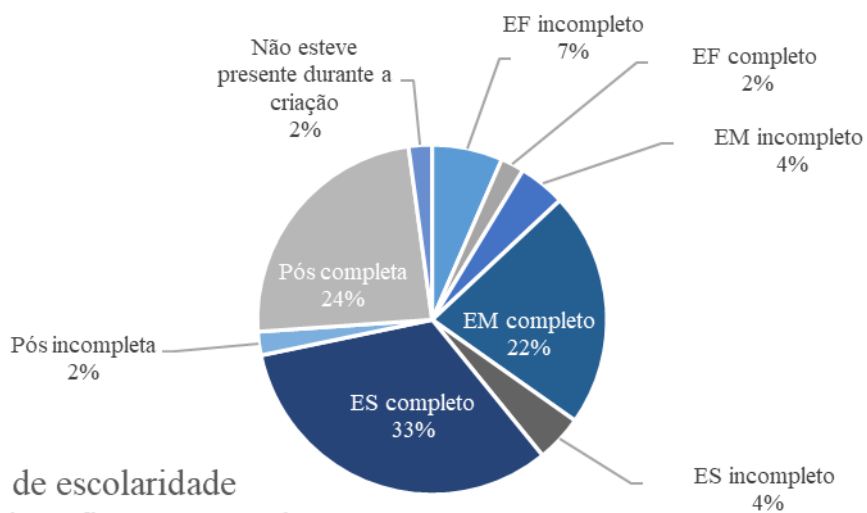
Como você se identifica quanto à orientação sexual?

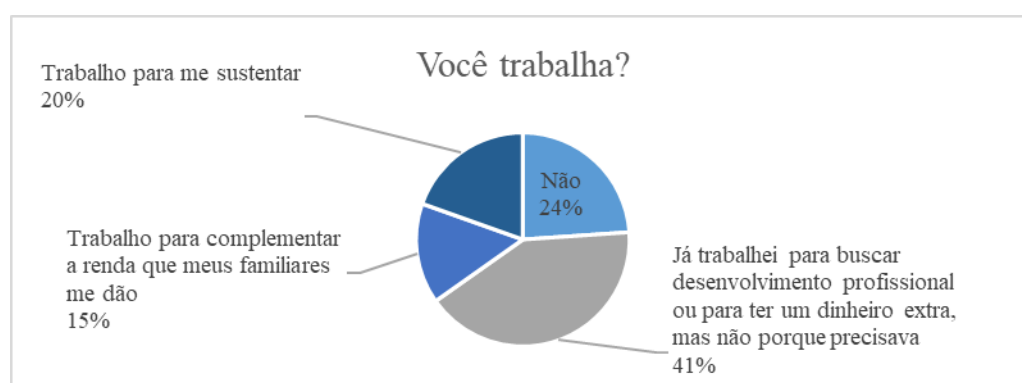
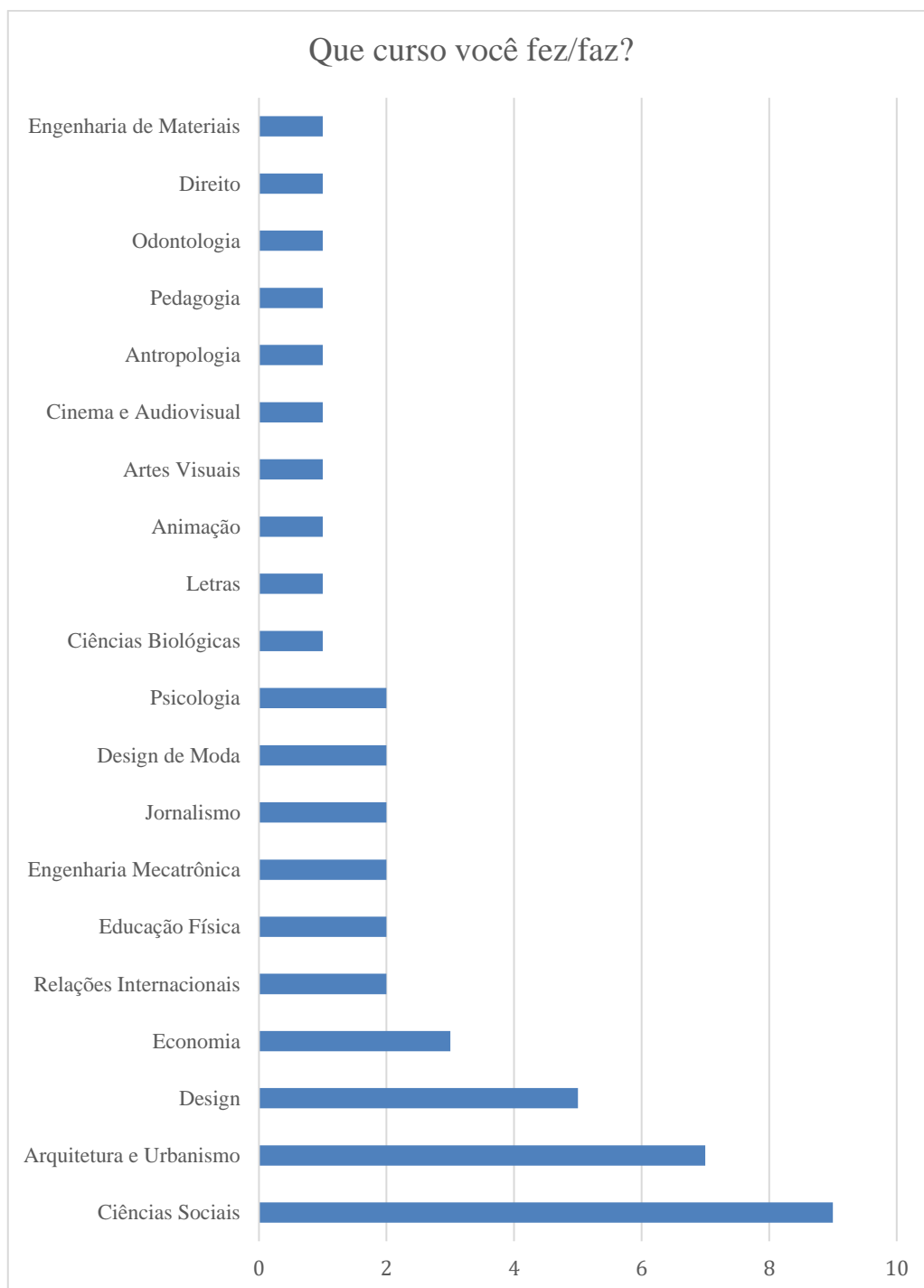


Grau de escolaridade da mãe ou figura parental 1



Grau de escolaridade do pai ou figura parental 2





ANEXO C - Dados individuais sobre os participantes

Na seguinte tabela estão organizados de forma esquemática os dados individuais sobre os entrevistados. A primeira linha contém as respostas para as perguntas sobre idade, identificação quanto a gênero, cor/raça e orientação sexual, respectivamente, e foram respeitadas as nomenclaturas usadas pelos próprios entrevistados, uma vez que se tratava de uma pergunta com resposta aberta, e não múltipla escolha (apenas substituí abreviaturas pela palavra completa). Onde se lê “mãe”, leia-se “figura parental 1 ou mãe”, e onde se lê “pai”, leia-se “figura parental 2 ou pai”; usei apenas o primeiro termo para esquematizar a apresentação dos dados. Nota-se que as profissões respondidas pelos entrevistados são muitas vezes vagas. Algumas especificações sobre as profissões que não tinham muita relevância foram ocultadas para minimizar a chance de que os entrevistados possam reconhecer-se entre si. Não reproduzo aqui as respostas à última pergunta do questionário, uma vez que nem todas as pessoas responderam-na, e que as respostas não pareceram muito significativas.

<p>Pedro</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; masculino; branco; heterossexual ● Estudou: metade em escola pública e metade em particular ● ES incompleto em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: agente comunitária de saúde, ES completo ● Pai: empresário na construção civil, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Beatriz</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Relações Internacionais ● Mãe: vendedora de cosméticos, ES incompleto ● Pai: administrador na área de RH, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Ana</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: escola pública a vida inteira ● ES incompleto em Design ● Mãe: professora de artes visuais, pós-graduação completa ● Pai: microempresário, EM completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Clarice</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: bancária (assistente de negócios), pós-graduação completa ● Pai: desempregado, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Tomás</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; masculino; caucasiano; heterossexual ● Estudou: em escola particular a vida inteira ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: dona de casa, EM completo ● Pai: informática, ES completo ● Cresceu em: cidade grande ● Não trabalha 	<p>Davi</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; masculino; branco; heterossexual ● Estudou: em escola particular durante a maior parte da vida ● Pós-graduação incompleta em Antropologia Social ● Mãe: professora de EJA e em faculdade privada (aposentada), pós-graduação completa ● Pai: professor de EM e em faculdade privada (aposentado), pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava

<p>Marina</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; feminino; branca; bissexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Educação Física ● Mãe: estudante, ES incompleto ● Pai: médico, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Isabel</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; mulher cis; negra; lésbica ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Pedagogia ● Mãe: professora, ES incompleto ● Pai: aposentado, EF incompleto ● Cresceu em: cidade grande ● Trabalha para se sustentar
<p>Júlia</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Relações Internacionais ● Mãe: terapeuta, ES completo ● Pai: dentista, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Gabriela</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: escola particular durante a maior parte da vida ● ES incompleto em Engenharia Mecatrônica ● Mãe: funcionária pública na área de pedagogia, pós-graduação completa ● Pai: motorista, EM completo ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para se sustentar
<p>Laura</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; feminino; branca; homossexual ● Estudou: escola particular durante a maior parte da vida ● ES completo em Ciências Sociais ● Mãe: professora universitária, pós-graduação completa ● Pai: professor universitário, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Talita</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 25 anos; feminino; branca; lésbica ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: desempregada, EM incompleto ● Pai: autônomo na construção civil, EF incompleto ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para complementar a renda que seus familiares lhe dão
<p>Artur</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; masculino; branco; homossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: não tem contato, não esteve presente durante a criação ● Pai: fazenda, EF completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Luísa</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: professora de Educação Física, pós-graduação completa ● Pai: psicólogo, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Mariana</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; feminino; caucasiana; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Odontologia ● Mãe: empresária de petshop, ES completo ● Pai: administrador, ES completo ● Cresceu em: cidade pequena ● Trabalha para complementar a renda que seus familiares lhe dão 	<p>Alice</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; mulher cis; branca; lésbica ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: publicitária, ES completo ● Pai: lojista, EM completo ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para se sustentar
<p>Vitor</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 26 anos; homem; branco; heterossexual ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Jornalismo ● Mãe: farmacêutica, ES completo ● Pai: autônomo, EM completo ● Cresceu em: cidade média 	<p>Matheus</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; homem; branco; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Ciências Econômicas ● Mãe: funcionária pública, pós-graduação completa ● Pai: professor universitário, pós-graduação

<ul style="list-style-type: none"> ● Trabalha para se sustentar 	<p>completa</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Cresceu em: cidade média ● Não trabalha
<p>María Clara</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 27 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● Pós-graduação completa, ensino superior em Design de Moda (completo), Ciências Sociais (incompleto) ● Mãe: aposentada, ES incompleto ● Pai: engenheiro eletricitista aposentado, ES completo ● Cresceu em: cidade grande ● Trabalha para se sustentar 	<p>Bárbara</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 27 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: sempre em escola pública ● ES completo em Design de Moda ● Mãe: cozinheira, EM incompleto ● Pai: mestre de obras, EM incompleto ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para complementar a renda que seus familiares lhe dão
<p>Sofia</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Economia ● Mãe: professora de administração EaD, pós-graduação completa ● Pai: professor de engenharia de telecomunicações, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade grande ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Ísis</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 29 anos; mulher cis; branca; lésbica ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● Pós-graduação incompleta em Educação Física ● Mãe: trabalhava no comércio, depois dona de casa, ES completo ● Pai: auditor fiscal aposentado, ES completo ● Cresceu em: cidade pequena ● Trabalha para complementar a renda que seus familiares lhe dão
<p>Henrique</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; masculino; pardo; homossexual ● Estudou: em escola particular durante a maior parte da vida ● ES incompleto em Direito ● Mãe: diretora de presídio, pós-graduação completa ● Pai: autônomo, não esteve presente durante a criação ● Cresceu em: cidade grande ● Não trabalha 	<p>Francisco</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; homem; branco; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Design ● Mãe: gerente de supermercado, EM completo ● Pai: serviços gerais de supermercado, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Elisa</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; feminino; branca; bissexual ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: montadora mecânica de aeronaves, ES completo ● Pai: técnico de métodos e processos de aeronaves, EM completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Fábio</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; masculino; preto; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Design ● Mãe: cabeleireiro, EM completo ● Pai: assistente financeiro em uma escola de cabeleireiros, EM completo ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Eduardo</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; masculino; caucasiano; bissexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Engenharia Mecatrônica ● Mãe: dentista, pós-graduação completa ● Pai: engenheiro aposentado, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Não trabalha 	<p>Guilherme</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; masculino; branco; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Design ● Mãe: professora universitária, pós-graduação completa ● Pai: administrador empresarial, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para se sustentar

<p>Miguel</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; masculino; branco; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: enfermeira e professora universitária aposentada, pós-graduação completa ● Pai: médico aposentado, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Não trabalha 	<p>Lucas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; masculino; negro; heterossexual ● Estudou: mais ou menos metade da vida em escola pública e metade em particular ● ES incompleto em Ciências Econômicas ● Mãe: lojista de roupas, ES incompleto ● Pai: autônomo, EM completo ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para se sustentar
<p>André</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; homem cis; branco; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Design ● Mãe: empresária, EM completo ● Pai: empresário, ES incompleto ● Cresceu em: cidade grande ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>João</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; masculino; branco; heteroafetivo ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Psicologia ● Mãe: terapeuta, ES completo ● Pai: empreendedor, EM completo ● Cresceu em: cidade grande ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Isadora</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: em escola particular durante a maior parte da vida ● ES incompleto em Engenharia de Materiais ● Mãe: administradora em empresa, ES completo ● Pai: corretor de imóveis, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Não trabalha 	<p>Lara</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Psicologia ● Mãe: dona de casa, EM completo ● Pai: comerciante, EM completo ● Cresceu em: cidade pequena ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Vitória</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; feminino; parda; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● Pós-graduação incompleta em Jornalismo ● Mãe: pedagoga, pós-graduação completa ● Pai: economista que atua como analista judiciário, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Maitê</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 22 anos; mulher cis; negra; heterossexual ● Estudou: em escola particular durante a maior parte da vida ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: funcionária pública, ES incompleto ● Pai: militar, ES completo ● Cresceu em: cidade grande ● Não trabalha
<p>Gustavo</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; masculino; branco; heterossexual ● Estudou: metade da vida em escola pública e metade em escola particular ● ES incompleto em Ciências Biológicas ● Mãe: enfermeira, pós-graduação completa ● Pai: vendedor, EM completo ● Cresceu em: cidade pequena ● Não trabalha 	<p>Ágata</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 21 anos; feminino; caucasiana; “talvez bi, provavelmente hétero” ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Letras ● Mãe: atleta aposentada e empresária, EM completo ● Pai: empresário, ES incompleto ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava
<p>Felipe</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 26 anos; masculino; preto; heterossexual ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Animação ● Mãe: faxineira, EF incompleto ● Pai: pedreiro, EF incompleto ● Cresceu em: cidade grande ● Não trabalha 	<p>Vinícius</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; masculino cis; moreno; heterossexual ● Estudou: metade em escola pública e metade em particular ● Pós-graduação completa em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: psicóloga, pós-graduação completa ● Pai: engenheiro químico, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média

	<ul style="list-style-type: none"> ● Trabalha para complementar a renda que seus pais lhe dão
<p>Melissa</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 20 anos; feminino; branca; bissexual ● Estudou: em escola particular durante a maior parte da vida ● ES incompleto em Artes Visuais ● Mãe: administradora, pós-graduação completa ● Pai: advogado, pós-graduação completa ● Cresceu em: cidade média ● Já trabalhou (...) mas não porque precisava 	<p>Luana</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 26 anos; feminino; parda; bissexual ● Estudou: sempre em escola pública ● Pós-graduação incompleta e ES em Ciências Sociais ● Mãe: auxiliar de limpeza, EM incompleto ● Mãe: pintora, EM incompleto ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para se sustentar
<p>Flora</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 23 anos; mulher; branca; heterossexual ● Estudou: a vida inteira em escola particular ● ES incompleto em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: auxiliar administrativa, ES incompleto ● Pai: farmacêutico, ES completo ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para complementar a renda que seus pais lhe dão 	<p>Daniel</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; não-binário; branco; homossexual ● Estudou: sempre em escola pública ● ES incompleto em Ciências Sociais ● Mãe: pedagoga, ES completo ● Pai: contador, ES completo ● Cresceu em: cidade pequena
<p>Rafaela</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; feminino; branca; heterossexual ● Estudou: em escola particular a maior parte da vida ● ES incompleto em Arquitetura e Urbanismo ● Mãe: psicopedagoga, pós-graduação completa ● Pai: professor de geografia da rede pública, ES completo ● Cresceu em: cidade grande ● Não trabalha 	<p>Larissa</p> <ul style="list-style-type: none"> ● 24 anos; mulher; parda; não sabe sua orientação sexual ● Estudou: em escola particular a maior parte da vida ● ES incompleto em Cinema e Audiovisual ● Mãe: jornalista, ES completo ● Pai: contador, pós-graduação incompleta ● Cresceu em: cidade média ● Trabalha para se sustentar

ANEXO D - Mapa de acesso aos participantes

O traço horizontal (----) indica que o grupo de pessoas indicado pelo traço e agrupado pelos traços verticais (|) foi indicado pela pessoa de onde parte o traço:

<i>Pessoas que convidei para participar na etapa de testes</i>	Clarice -----	Flora	
	Marina	Pedro	
	Tomás	Luísa	
	Daniel	Artur	
	Gabriela	Vinícius	
<i>Pessoas que convidei para aumentar a representatividade masculina</i>	Guilherme -----	Francisco -----	Gustavo
	Matheus		Fábio
	Eduardo		André
	Miguel -----	Lara	Lucas
<i>Pessoas que responderam meu story no Instagram</i>	Beatriz		
	Ana		
	Davi		
	Isabel		
	Júlia		
	Laura		
	Talita -----	Bárbara	
	Mariana		
	Alice -----	Isis	
	Vitor		
	Maria Clara		
	Sofia		
	Henrique		
	Elisa		
	João		
	Isadora		
	Vitória		
	Maitê -----	Felipe	
	Ágata		
Melissa			
Luana			
Rafaela			
Larissa			

ANEXO E - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O seguinte Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviado por e-mail para cada pessoa que se demonstrou interessada em participar da pesquisa, antes do início da entrevista. As entrevistas só ocorreram após o recebimento da resposta, por e-mail.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa "**A transição da costura à mão para a confecção industrial: memória e experiência**", que será realizada por **Clara Calazans Espindola**, estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, com a orientação do professor Alexandre Bergamo Idargo. Para confirmar seu consentimento em participar da pesquisa, responda esse email dizendo "concordo".

Para que serve esta pesquisa?

Em linhas gerais, a pesquisa aborda a relação entre roupas, memória e narrativa. Inicialmente a pesquisa tinha como tema a passagem da costura à mão para a costura industrial, como demonstra o título, e seria feita com mulheres idosas, mas devido à pandemia da Covid-19 a pesquisa teve de ser modificada para que pudesse ser realizada com jovens. Você está participando dessa segunda versão da pesquisa, que é sobre a maneira como as pessoas narram suas relações com as roupas que costumavam vestir no passado e com as que costumam vestir no presente. O objetivo é entender o papel que as pessoas atribuem às roupas na sua história de vida, e de que maneira interpretam as transformações no seu modo de vestir, quando convidadas a contar a "história do seu guarda-roupa". A pesquisa vai servir para discutir temas importantes para a Sociologia, e vai ser usada em publicações e eventos científicos.

Como eu posso colaborar com esta pesquisa?

A sua participação será através de uma entrevista e de um breve questionário. Você está convidada(o) a falar sobre o modo como você se vestia no passado e o modo como você se veste no presente, enviando um ou mais áudios para mim através do Whatsapp. A forma como você responderá essa pergunta é livre, você pode falar o que quiser e abordar qualquer tema que considerar relevante, contar histórias, falar sobre roupas ou situações específicas, mandar fotos que ilustrem o que você está falando, etc. Quanto mais você desenvolver sua resposta, mais interessante ela será para mim. Não se preocupe em falar coisas que "não tenham a ver" com o assunto. Tudo o que você considerar relevante, é relevante. Você pode responder a pergunta em tantos áudios quanto quiser; não precisa se preocupar em "falar demais".

Esta pesquisa envolve algum risco?

Esta pesquisa não envolve riscos físicos nem financeiros, pois ela será feita apenas através de comunicação via Whatsapp. Existe o risco de que você se sinta emocionada(o), triste ou constrangida(o) contando certas memórias. Além disso, como seu relato será usado para um trabalho acadêmico, existe o risco de que outras pessoas (estudantes e professores) fiquem sabendo das suas memórias, mas eles não saberão seu nome verdadeiro. Todas as suas informações estarão protegidas por um compromisso de sigilo por parte da pesquisadora. Mas pode existir o risco de quebra de sigilo em casos que estão fora do controle da pesquisadora: por exemplo, roubo do computador ou do caderno de anotações onde seu relato será registrado.

As pessoas saberão o meu nome quando lerem as entrevistas?

Quando eu for escrever meu trabalho não usarei o seu nome verdadeiro, para respeitar sua privacidade, pois é isso que determina a legislação, de acordo com a Resolução 510/16. A pesquisadora se compromete a respeitar todos os termos da Resolução 510/16. Mas se você quiser que eu escreva seu nome verdadeiro, é só me avisar.

E se eu não quiser mais participar da pesquisa?

Você tem total direito de dizer que não quer responder a alguma pergunta, ou que quer terminar a conversa, ou que quer que o seu relato seja retirado da pesquisa, não importando a fase em que ela esteja, sem problema algum.

Nessa pesquisa as pessoas ganham algum dinheiro?

A legislação brasileira não permite que as pessoas recebam qualquer compensação financeira por sua participação. Da mesma forma, embora para esta pesquisa não estejam previstos gastos de nenhum tipo, se você tiver algum custo com ela, como transporte e alimentação, por exemplo, você tem direito ao ressarcimento. E se você sofrer algum dano (material ou imaterial) comprovadamente relacionado à pesquisa, você tem direito à indenização. E se for necessário, em função de qualquer eventualidade que possa ocorrer durante as entrevistas, você tem direito a acompanhamento e assistência, que serão providenciados pela pesquisadora.

Eu recebo algum documento que comprova minha participação e meus direitos?

Sim, você pode consultar o presente documento sempre que quiser, onde está anotado meu número de telefone. Você pode me ligar, mandar um áudio ou mensagem a qualquer momento para fazer uma pergunta ou contar alguma história de que se lembrou. Você também tem direito de ter acesso ao resultado final da pesquisa e acesso ao registro do consentimento sempre que solicitar.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos

O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Endereço: Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br.

Endereço da pesquisadora Clara Calazans Espindola:

Rua Campolino Alves, 636, Capoeiras, Florianópolis

Telefone: (48) 996005538

Email: clara.c.e@hotmail.com

Para declarar que leu e compreendeu todas as informações contidas neste documento e que concorda em participar desta pesquisa, responda este email dizendo “concordo”.